





2011



2011

Lissa



CHRONICA

CHRONICA

de l'histoire de la France

de l'histoire de la France

Tom III

Paris, chez la Citoyenne

D. J. L.

de la Citoyenne

F. J. L.

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

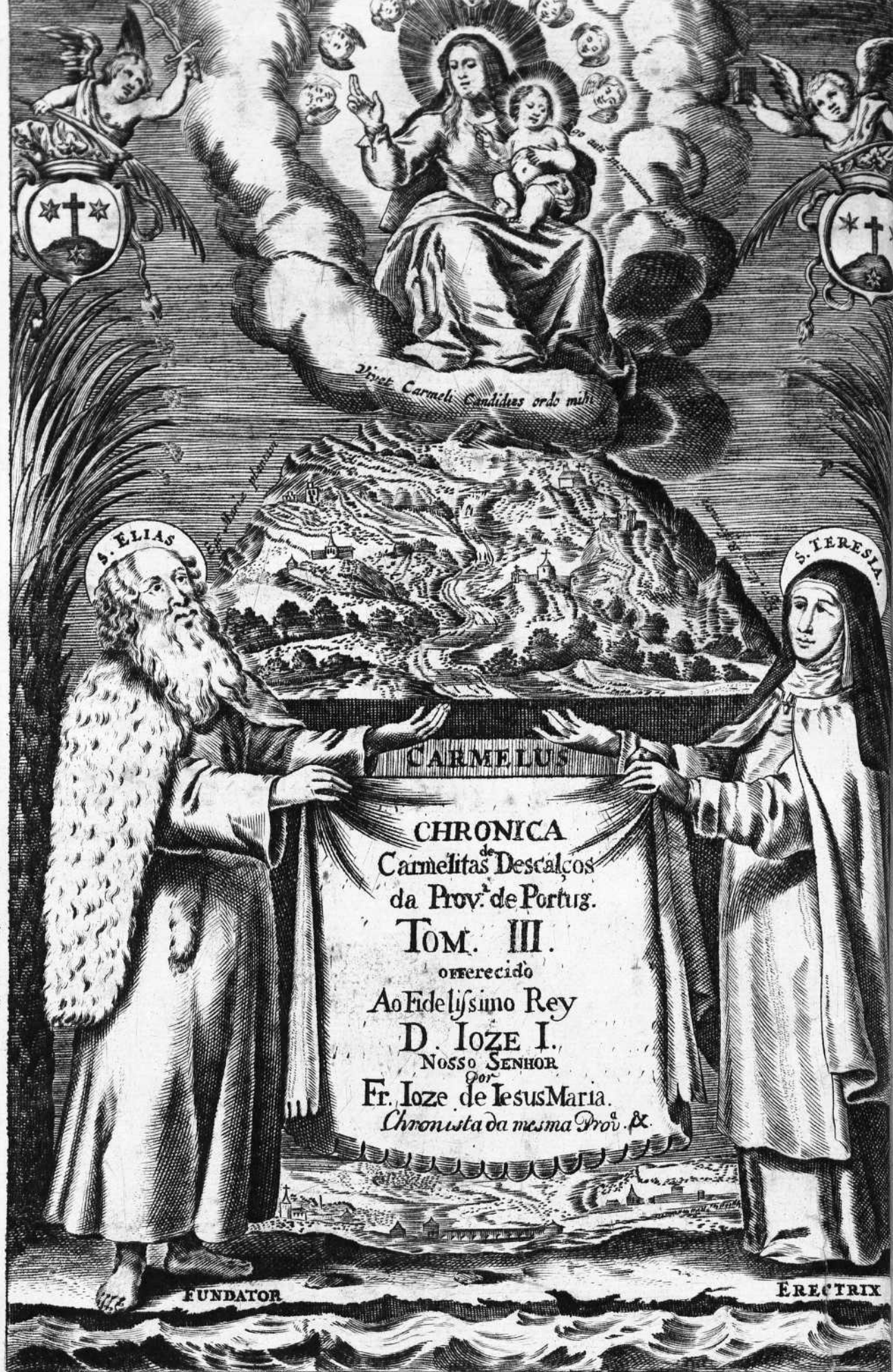
de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

de la Citoyenne

PEPERUXI VOS IN TERRAM CAR ME LI VT COMEDIBETIS BONA ILIC



CHRONICA D E CARMELITAS DESCALCOS,

PARTICULAR DA PROVINCIA DE S. FILIPPE
dos Reynos de Portugal , Algarve , e suas Conquistas.

TOMO TERCEIRO,
OFFERECIDO

A' SEMPRE AUGUSTA, E FIDELISSIMA MAGESTADE DELREY

D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR

POR SEU AUCTOR

FR. JOSEPH DE JESUS MARIA,

Leitor de Artes , e de Theologia Especulativa , e Moral ,
Chronista da mesma Provincia , e natural da Villa de Al-
mendra no Bispado de Lamego.



LISBOA:

Na Officina de BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA.

Anno de M. DCC. LIII.

Com todas as licenças necessarias.

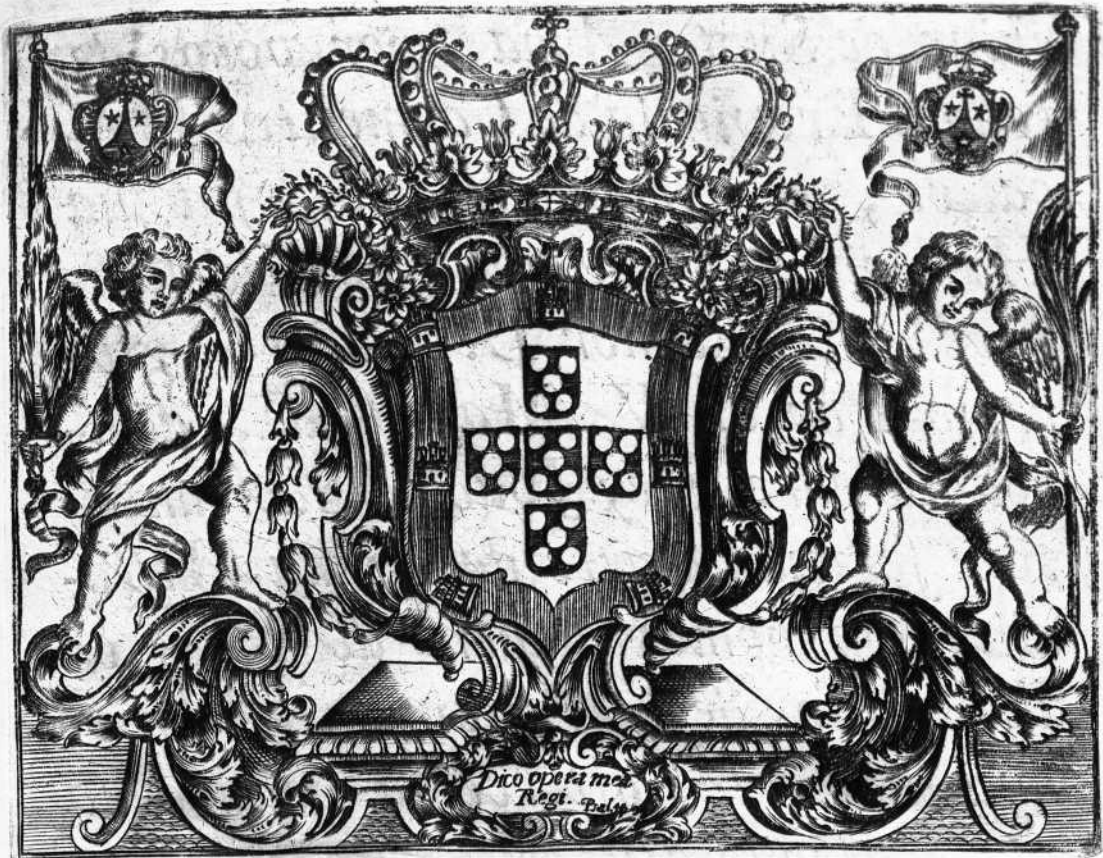
CHRONICA

E. C.

OFFICE FIELD

1890

1. The first step is to identify the problem or question that needs to be answered. This involves understanding the context and the specific requirements of the task.



SENHOR.



SERENISSIMA Raí-
nha, a Senhora **D. Luí-**
za, segunda Avó Paterna de V. Ma-
gestade, offereceo o Padre Frey Bel-
chior

chior de Santa Anna, por vótos de toda a Provincia de Carmelitas Descalços, o primeiro Tômo desta sua História de Portugal. Ao Fidelissimo Rey, e Senhor D. João o V, glorioso Pay de V. Magestade, dedicou o Padre Frey João do Sacramento a segunda Parte da mesma História, em nome tambem de todos os Religiosos desta Provincia. Agora, que sahe á luz o terceiro volume, a quem, senão a V. Magestade, o havia de consagrar a nossa fidelidade, o nosso amor, e o nosso agradecimento? O faustissimo anno de Quarenta he o primeiro, que se historia neste livro. Aqui se mostra recopilada a felicissima Restauração destes Reynos; e se vê a Santa Teresa de Jesus empenhada na sua conservação. Tambem se dá noticia da celebre Profecia do Veneravel Padre Frey Francisco da Cruz, o qual (não obstante ser Castelhana por nascimento, por educação, e por affecto

affecto) vaticinou em nome do Senhor, que Portugal nunca se havia de unir a Hespanha, por mais, que o procurasse a potencia, a industria, e o interesse daquella Monarchia. Muitas outras Revelações, respectivas a estes Reynos, e Dominios de V. Magestade, se vêm mencionadas neste volume. E se cada huma destas cousas bastava, para que elle pertencesse a V. Magestade, juntas todas, são multiplicados os titulos, para que V. Magestade se digne de o aceitar, e receber juntamente debaixo da sua Real Protecção. Os Carmelitas Descalços deste Reyno, depois que se vio livre de estranhas Dominações, sempre foraõ muito do agrado de seus Reis naturaes, Augustissimos Progenitores de V. Magestade. V. Magestade, que herdou delles, com a piedade, a devoção a Santa Teresa de Jesus, não tem mostrado, que os ama menos, fazendo-lhes a incomparavel

mercê

mercê de os enriquecer, e honrar com
o seu Real conceito. Para que este,
pois, se dilate pelo mundo, e saiba
até as Nações mais remótas del-
le, que temos a inestimavel honra da
aceitação benigna de hum Monarcha,
a quem são ingénitas as virtudes Re-
aes, Políticas, e Cathólicas; digne-
se V. Magestade de tomar á conta
da sua Soberana Protecção hum livro,
em que vão estampados os louvaveis
procedimentos de tantos filhos de San-
ta Teresa de Jesus, que estão (como
piamente crêmos) pedindo a Deos no
Céo, que prospere, conserve, e aug-
mente a vida de V. Magestade, pe-
los annos, que tambem lhe pedimos
contínua, e incessantemente os que
ainda vivemos na terra.

PROLOGO.

Cortada a continuação desta História no anno de 1721, em que sahio á luz do mundo o segundo Tomo della por beneficio da Estampa, ficou suspenso o seu Curso até este de 1753, em que se offerece o terceiro Volume por força do mesmo beneficio. Varias tem sido as providencias, que os Superiores pusêrao no decurso de tão largo tempo, para que se proseguissem estas Memorias: porque sentidos vivamente na alma, que as acçoens virtuosas, e exemplos edificativos dos Veneraveis Alumnos desta Provincia ficassem sepultados vilmente entre o pó do esquecimento, nada mais os despertava a pôr-lhe remedio, que a magoa de os ver deixados, como ao defampáro, sem outro motivo, que o que apontava David, quando suppunha vulnerados os defuntos com as settas, que lhes atiravao os vivos nas faltas de lembrança: *Sicut vulnerati dormientes in sepulchris, quorum non est memor amplius.* Psalm. 87.
6. Para acudir, pois, a esta omissão, e consolar aquella queixa, que parece estavao fazendo nossos Veneraveis Irmaos de entre as cinzas das suas mesmas sepulturas (feridos desta, que se póde dizer inhumanidade da razaõ, e do nosso agradecimento) designárao os Prelados successivamente a dous Religiosos de talento, capacidade, e erudição evidentemente proporcionada para desempenhar a empreza. Encarregárao-lhes com as expressoens mais encarecidas, que examinando os Cartórios, revolvendo os Archivos, e indagando exactamente as noticias dos Coventos, de todas as memorias, que achassem desembaraçadas, e expeditas, continuássem este louvavel trabalho em consequencia do grande, que tivêrao os Chronistas seus antecessores. Póde bem ser, que a grandeza do argumento, o exquisito, e importuno das diligencias, que deve fazer hum Historiador, e sobretudo a falta de tempo (porque o levaõ todo as obrigaçoens do nosso Instituto) fossem as rémoras, que fizerao entorpecer as mãos, ou deter as pennas daquellas duas Aguias, para não fatisfazerem, ou não cooperarem com os votos da Obediencia, e de se renderem a tão grave peso, não escre-

escrevendo cousa alguma no particular, que se lhe enco-
mendou.

Assim se contemplava detida a corrente desta História por espaço de vinte e quatro annos, quando no de 1745, por Patente do N. M. Reverendo Definitório Geral, se me pôz este immenso trabalho aos hombros. Confesso ingenuamente, que ao ver-me ligádo com o precei-
to deste supremo Prelado da Religião: *Pavor tenuit me, & tremor, & omnia ossa mea perturbata sunt, & inhorruerunt pili carnis meæ.* Quero dizer, que não pude menos, nem estive mais na minha mão, que temer, tremer, e desmayar; porque a difficuldade de escrever em hum Século, em que assim os Zóilos, como os Aristarcos, tem afiada mais, que nunca, a mordacidade, para ferir sem commiseracão com a Vára Censória da sua mal informada Crítica, póde, e deve horrorizar o animo do mais alentado coração. Bem verdade he, que nesta parte facilmente locogues o meu, lembrando-me, que semelhante casta de examinadores de Escriptos alheyos (sendo, como são ordinariamente, do numero daquelles nescios, que condemnão o que não entendem, desapprovaão o que lhes não agrada, e róem o que não podem mastigar, nem degerir) pouco, ou nenhum medo devem metter a quem sabe, que até o Cozinheiro do Emperador Valente teve a audácia, e entrou na confiança sacrilega de desprezar a Theologia do Grande Basilio, como vianda sem sal, sabedoria sem sabor, e condimento sem outro algum tempero, que o que foubes, ou lhe quiz dar o paladar estragado deste verdadeiramente imitador daquelle jumento, que tendo acostumada a boca a sylvados, e espinhos, fez em bocados toda a Iliada de Homéro. Por este ládo, pois (como eu dizia) não me custou muito a pacificar o animo, e a assentar, que de Leytores mal instruidos, impertinentes, e apaixonados, se não devia fazer mais caso, que o que fez Virgilio das petulantes injurias, com que publicamente lhe insultava os seus Poêmas o pedante Cornificio, dando-lhe esta resposta: *De malis Græcus ille intellexit: nam boni eruditiores amant.* Porisso, deixados estes Calumniadores á sua mesma confusão, e vergonha: *Erubescant, & reveereantur simul, qui gratulantur*

tulantur malis meis. Induantur confusione . . . qui loquuntur super me. Passo a dizer ao Leytor sincero, candido, intelligente, e politico, que a superioridade do emprego, a dignidade do assumpto, e a gravidade da materia forão a causa total daquelles temores, que apenas pude focegar com as mais sérias reflexoens, que fiz, quando me vi obrigado pela obediencia a continuar a História particular desta Provincia.

He a História o magnifico Templo, em que necessariamente se haõ de collocar as Estátuas mortas dos Varoens assinalados, para que, restituídas á segunda vida da memoria as suas acçoens heróicas, perpetuem na vista dos simúlacros outros tantos Cultos, quantos forão os desesperadores, que nos deixaraõ para a imitação em seus illustres exemplos. Deve o Historiador (que he o Artifice) dispôr desorte as symmetrias, ordenar as proporçoens, dividir as partes, organizar o corpo, copiar semelhanças, e desenhar com tal industria, e primor da Arte o aggregado todo, que, vista por todos os lados a figura, não fique, que desejar ao agrado, e menos, que appetecer á admiração. E que Phídias, que Lyssippo, que Praxíteles não desmayaria, vendo-se com a obrigação de esculpir (melhor, que nos troncos, nos bronzes, e nos marmores) em a simplez táboa de huma narraçãõ todas aquellas perfeiçoens da alma, com que se adornaraõ, não as Estátuas mortas, mas os vivos Originães daquelles eminentes Varoens, e famigeradas Heroínas, que com as suas virtudes fouberaõ calcar as grandezas do mundo, pisar as vaidades do século, e que até a si mesmos se fouberaõ pisar, e vencer? Fazer huma Imagem, dispôr huma Figura, e fabricar huma Estátua com o finzél, ou com o boril, tomando medidas, copiando semelhanças, advertindo perfeiçoens, e imitando os movimentos da Natureza, póde-o conseguir a Arte, ajudada do trabalho, da destreza, e da applicação do Artifice. Mas fazer tudo isto nas Obras da Graça, copiando as potencias interiores, que se não vêm, e tirando a luz a grandeza da alma, ataviada de dotes Celestiães, que se não percebem pelos sentidos exteriores; que cuidado, que acerto, que industria, e que perspicacia não he necessaria para fahir o

Artefacto com perfeição? Em fim, escrever as vidas de tantos filhos, e filhas de Santa Tereza de Jesus, Geração de homens novos, puros em carne, Anjos em corpos mortaes, Apostolos contra os Idólatras de si mesmos, Doutores da verdade antiga, offuscada com opinioens de largueza, a quem não poderá opprimir os hombros, ainda que sejaõ como os daquelle Atlante, de quem fabulizou Virgilio, que carregára com todo o Glóbo, ou Esphéra Celeste ás suas costas?

Virgil. *Æ-*
neid. l. 6.

----- *Ubi cælifer Atlas*

Axem humeros torquet stellis ardentibus aptum.

Affim he; e porisso desanimado, e quasi vencido do grande peso, que me faziaõ estas, e outras muitas consideraçoes (nascidas precisamente daquella judiciosa advertencia de Horacio:

Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus.....)

Consultey a prudencia de alguns homens doutos, propondo-lhes todos os motivos do meu receyo, para que me tirassem a salvo com o fio da razão deste labyrintho de confusoes. Ouviraõ-me elles com a sincera, e ingenua benignidade, que lhes era natural, e sem que o affecto lhes preoccupasse o juizo, uniformemente me responderaõ todos, que devia fazer o que me mandavaõ os meus Superiores; porque essa era a efficacia da heróica, e religiosa virtude da Obediencia (como dizia Enódio) transformar em Lynces aos Cegos para os acertos: *Coactus sermo, prætium, quod non habet, ex eloquentia ab impacta necessitate subripuit.* Em fim, sujeitei-me ao sacrificio; porque não podia resistir a quem devia obedecer. Mas, porque me não succedesse como aos outros, puz logo as mãos á Obra, que he a mesma, que offereço, e exponho agora neste Tomo.

Enod. E-
pist. 77.

Qual haja sido o trabalho, para reduzir a estes termos esse pouco, que te apresento, amigo Leytor, escuso de to encarecer, se es douto, e tiveste algum dia a paciencia de escrever para dares á Estampa. Mas se nunca passaste por esta afflicção, nem es versado, asseguro-te, que
custa

custa huma morte cada palavra, que se ha de exarar para o Prélo. A Paulo Manúcio, Escriptor famoso, succedia-lhe muitas vezes acabar pelo Outôno huma Carta Latina, que havia começado pela Primavéra, deixando ordinariamente nas que escrevia quatro dedos de intervallo entre regra, e regra para as emendas, que lhe fossem occorrendo depois. O celebre Poéta Sanázaro gastou vinte annos em polir o seu poêma *de Partu Virginis*: e o discreto Conde Manoel Thesauro quarenta em compôr o seu livro *de ingeniosa elocutione*. Eu não galtey tanto tempo em organizar este Volúme: mas posso certificar-te, que em seis annos, que andey com elle entre mãos, me tem custado muitas vigílias, e apurado a paciencia, quanto Deos sabe. Isto não he dizer-te, que por conta deste meu trabalho, e vigilancia vay tudo muito ao ponto, e com a perfeição, que merecia, que fosse hum tal genero de Escriptura. Não digo isto, nem he bem que se diga; porque sey, que não ha Homéro, que não tenha algumas vezes as suas dormitaçoens. Os homens mais sábios, por aquella parte que são homens, tem quanto basta para se deslizar em mil descuidos, e dar em algum dos muitos tropeços, em que costuma cahir o entendimento sem advertencia da vontade; porque (como disse Quintiliano) ainda que sejaõ eminentes, são homens por fim: *Summi enim sunt: homines tamen*. Sómente quero lembrar-te com este meu ingénuo reconhecimento, que estudey quanto pude para evitar erros, assim na substancia da narração, como no accidental da frásé, de que uso. Não te recommendo esta; porque sey, que não has de dar credito senão aos teus olhos; e mas que me mate por te persuadir, que he pura, elegante, e sem affectação reprehensível, sempre em fim ha de ser o que tu quizéres. Seja pois assim: mas adverte, que, em quanto á verdade, póssô, e devo assegurar-te, que não escrevi cousa, que não tirasse de Documentos, dignos de toda a fé: porque todos foraõ jurados, ou debaixo de formal preceito da Obediencia. As vidas dos Varoens notaveis, e illustres filhos, e filhas desta Provincia de Portugal, são o principal assumpto, e o mais agradavel emprego desta Obra. Imita-os nas virtudes, segue-os nos exemplos, e aprende delles a mortificar

Quintil.
 Inst. Orat.
 lib. 10. cap.
 1.

tificar as tuas paixões; porque este, e não outro he o fim das Histórias Monásticas, servir á utilidade commua, e despertar ao melhoramento dos costumes com os exercicios da perfeição, que se referem nellas.

Se os teus olhos topárem com algumas pedras de escandalo, ou com alguns objectos reprehensiveis (como sem duvida os encontrarás neste Tomo) lembra-te, que nem ainda o Paraíso se eximio de hum Adão, e de huma Eva, que lhe contaminassem a innocencia com as suas prevaricações. E se até nos seus Anjos achou Deos faltas, que reprehender: *In Angelis suis reperit pravitatem*: como se podem livrar os homens, por natureza defectiveis, de semelhante Labéo? *Quanto magis hi, qui habitant domos luteas, qui terrenum habitant fundamentum, consumentur velut à tinea*? Pudéra não escandalizar-te com estas narrações: mas não quiz, que em mim se continuassem as queixas, em que ordinariamente rompes, de que nas Chronicas das Religioens sómente se escreve o edificativo, e não o escandaloso. Quero, que entendas, que assim como a minha Religião não he mais perfeita, que a dos Apostolos, cujo Patriarcha era Christo; tambem eu não devo ser mais zeloso do meu, e do seu crédito, que os Sagrados Chronicistas o forão da sua, e do seu: e bem sabes, que estes nunca dissimuláram com as traições de Judas, com as negações de Pedro, com as incredulidades de Thomé, com as contendas, preferencias, e imperfeições de todos os outros Condiscipulos, e Irmaos, quando por ellas se fizéram reprehensiveis. A verdade ha de se dizer, ainda que seja contra nós; porque disto se infere, que não sabemos negar, que somos homens, e por este lado (como disserão Salomão, e o Evangelista) bastantemente peccaminosos: *Non est enim homo justus in terra, qui faciat bonum, & non peccet*: disse o primeiro. *Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, & veritas in nobis non est*: disse o segundo.

Não tenho mais, que te advertir: e nem ainda isto te différa, se soubesse, que me não havias de censurar, vendo em mim esta falta com as muitas, que acharás em toda a Obra: porque sey, que as satisfações dos Prólogos nada

nada grangeaõ com os Leytores, que não são benignos: e os que o são em si mesmos trazem os motivos para prevenir, e desculpar os erros. Se os acháres (como não duvido) peço-te, que os emendes; porque na minha docilidade experimentarás aquelle mesmo reconhecimento ingénuo, que Cicero confessava da sua: *Si ea, quæ in his libris expomuntur, tantopere eligenda fuerunt, quanto studio electa sunt; profectò neque nos, neque alios industriæ nostræ pænitebit. Sin autem temerè aliquid alicujus præterisse, aut non satis eleganter sicuti videbimur; docti ab aliquo, facilè, & libenter sententiam commutabimus. Non enim parum cognosse; sed in parum cognito stultè, & diu perseverasse turpe est: propterea quod alterum communi hominum infirmitati, alterum singulari uniuscujusque vitio attribuendum.* Assim conclue o Principe da Eloquencia, e eu tambem concluo assim com o mesmo motivo.

Cicer. lib. 2.
de Invent.

Vale.

Frey Francisco da Purificação
Procurador.

Lugar do Sello

Frey Paulo de Jesus Maria
Secretario.

LICENÇAS

DA RELIGIAÕ.

J. M. J.

Frey Francisco da Purificação , Provincial dos Descalços de N. Santissima Mãy , e Senhora do Carmo nesta Provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal &c. Por Commissão , que temos do nosso Capitulo Geral , e na fórma della , damos licença ao Padre Chronista Frey Joseph de Jesus Maria , para que , havidas as mais , que se requerem , possa imprimir o terceiro Tomo da Chronica desta nossa Provincia : por quanto de mandado nosso foy revisto , examinado , e approvado por pessoas graves , e doudas de nossa Ordem , que nos asseguraõ , não haverem visto em elle cousa alguma contra nossa Santa Fé , ou bons costumes. Em fé do qual lhe mandámos passar a presente , firmada de nosso nome , refrendada por nosso Secretario , e sellada com o Sello do nosso Officio. Dada neste Convento de N. Padre S. Joaõ da Cruz de Carnide aos 9. de Novembro de 1752.

*Frey Francisco da Purificação
Provincial.*

Lugar  do Sello.

*Frèy Paulo de Jesus Maria
Secretario.*

DO SANTO OFFICIO.

Censura do M. R. P. M. Frey Joseph Pereira de Santa Anna, Carmelita Observante, Doutor Theologo pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Ex-Provincial, e Chronista Geral da sua Ordem nestes Reynos, e seus Dominios.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

VI o Tomo terceiro da Chronica dos nossos Carmelitas Descalços desta sua reformadissima Provincia de Portugal, doutamente escripta pelo M. R. P. M. Frey Joseph de Jesus Maria da mesma Ordem, Lente que foy de Artes, Theologia Especulativa, Moral &c. Nesta occasião se admira hum singular effeito da Soberana Providencia; porque lamentando aquelles Religiosos a perda do seu insigne Padre Chronista Frey Belchior de Santa Anna, que delineou, e deo a luz com especial credito seu, e da Religião o Tomo primeiro da dita Chronica, sem passar adiante pelo inevitavel embaraço da morte: e chegando o sentimento a ser queixa na falta do Padre M. Frey João do Sacramento, digno substituto, que com alto estilo proseguio a escrever, e publicou impresso o Tomo segundo da mesma Obra; depois de varias disposições, veyo o Veneravel Definitorio Geral a conseguir neste bem instruido Padre Mestre hum consumado Talento com as particularidades necessarias para continuar esta empresa de tanta gloria, quanta costuma resultar ás Religioens dos illustres, e santos procedimentos dos seus distinctos Alumnos; e não menos de ficarem perpetuadas nos Séculos futuros, sem fallencia na posteridade, todas as outras memorias, merecedoras de immortal estimação. Não faltará a quem pareça, que semelhantes Escriptos no Idioma patrio ficão sendo menos louvaveis, do que se constituirião impressos, ou na lingua

lingoa Latina , como universalissima , ou em outras estranhas mais commuas entre as Naçoens do Mundo. Mas o certo he , que deste errado conceito procede a pouca intelligencia , que ha do Idioma Portuguez ; porque se neste dessem todos os nossos Escriptores a ler as noticias , que os Estrangeiros appetecem saber , indubitavelmente se segue , que para effeito de as perceberem , se fariaõ scientes dos termos proprios da nossa locução. Haverá tambem sujeito , que julgue ser menos authorizada (a respeito de outras materias) a composiçaõ da História. Mas facilmente se vencerá , reflectindo na differença , que vay de se escreverem outros assumptos com liberdade nos discursos , e com authoridades achadas em livros commumente impressos ; ao mesmo tempo , que na História não ha mais que sujeiçaõ ao rigor das Chronologias , difficultosas de se ajustarem ; á variedade das tradiçoens , que custão a serem admittidas ; ás noticias vocaes ordinariamente confusas ; e mais que tudo com a laboriosa applicaçaõ de penetrar as memorias extrahidas de caracteres , ou mal formados , ou desconhecidos , ou finalmente gastos com o tempo. Fallo com a experiencia ; e com a mesma julgo , que o Auctor neste Volume desempenha com vantagens todas as circumstancias de perfeito Historiador. Segue a recta Chronologia sem desordem ; escreve com erudiçaõ , sem preverter as noticias do assumpto principal ; divide com clareza ; falla com boa harmonia ; não excede do estylo natural ; protesta Religiosamente a verdade dos factos ; edifica aos Leytores com os exemplos das vidas de tantos Varoens virtuosissimos , que faz conhecidos em beneficio da refórma dos costumes Christãos , para que sejamos imitadores dos que os exercitaraõ com perfeiçaõ : e sobretudo se acha o seu Livro escripto com tanta pureza , que por não conter cousa alguma contra a nossa Santa Fé , e pela singularidade , com que he composto , merece a licença , que se pede para se imprimir. Carmo de Lisbõa 15 de Dezembro de 1752.

Doutor Frey Joseph Pereira de Santa Anna.

*Censura do M. R. P. M. Frey Francisco Xavier de Le-
mos, Religioso da esclarecida Ordem do Grande Patri-
archa S. Domingos, Presentado na Sagrada Theologia,
Lente de Prima da mesma Faculdade, Qualifica-
dor do Santo Officio, e Examinador das tres
Ordens Militares.*

mos mos
ILLUSTRISS. E REVERENDISS. SENHORES.

O Tomo terceiro da Chronica dos Carmelitas Descal-
ços desta Provincia de Portugal, escripta pelo M. R.
P. M. Frey Joseph de Jesus Maria, Alumno da mesma
Provincia, que VV. Illustrissimas me mandaõ ver, he hum
fertilissimo Rio, que dividido em tres crySTALLINAS corren-
tes (quães saõ o Settimo, Oitavo, e Nono Livro, de
que se compõem) está persuadindo ao Mundo, que aquel-
le mesmo Carmelo, que o Propheta chorava estéril, secco,
e infecundo : *Exsiccatus est vertex Carmeli* : tem floreci-
do com flores de taõ suavissimas virtudes, e com fructos
de taõ proveitosas, e Celestiães doutrinas, quantos saõ os
Herões, e Heroínas, de que tracta esta gostosissima, e util
lição. Se não receara inquietar do seu profundo, e natural
silencio os Sagrados Claustros da Descalcêz Carmelitana,
seria esta a occasião, em que se desfizera em vãos a minha
penna para sublimar até as Estrellas os Filhos desta Sagra-
da, Exemplar, e Douta Familia: porém, como a humil-
dade Religiosa tem escondido estas brilhantes luzes na es-
phera de seus mesmos Claustros, de donde só nos commu-
nicaõ os seus reflexos nos Escriptos, com que esta Vene-
ravel Religiaõ tem mostrado no theatro do Mundo a uni-
versalidade de suas singulares prendas, por não offender os
sagrados ardores da sua modestia, ainda que os considere in-
extinguiveis a toda a aura popular da vaidade (bem ao
contrario daquellas lucernas, que ardiaõ nas Sepulturas dos
Antigos, que tiradas do subterraneo receptaculo, em que
jaziaõ, logo ao primeiro contacto do ar se apagavaõ) não
refiro o que o affecto me está dictando, e a veneração, e
respeito me estaõ persuadindo; sendo o silencio, com que
nesta

nesta occasiã me pórtio , o mayor sacrificio , que lhe dedico. E voltando , revestido da Ceremonia de Cenfor , ao Auctor do Livro , que se me apresenta , digo , que se *in ore duorum , vel trium testium stabit omne verbum* , sendo este douto Escriptor o terceiro Chronista , que emprende huma Obra de tanta fadiga , e trabalho , será este seu terceiro Tomo da Chronica hum compendio da verdade , a que só deve attender , e ter diante dos olhos nos seus Escriptos hum perfeito Chronista. Em fim , se na Sentença de Ptholomeu o homem , que tiver a fortuna de nascer naquella feliz Constituição do Céu , em que influem o Sol , Bellona , e Mercurio , será o mais adornado dos dotes da Sabedoria , e da verdade ; devendo este Grande Padre Mestre , e insigne Escriptor , o seu nascimento no luzidissimo Céu do Reformado Carmelo ao benéfico influxo do Sol Eliano , da Sagrada Bellona da Graça a Seraphica Tereza , e do Mercurio das Sciencias o nosso Thomás Angélico , quem duvida , que tudo nelle será Sabedoria , tudo verdade , tudo pureza ? Com todos estes dotes escreve este Chronista do primeiro grito da Fama este seu terceiro Tomo da Chronica , onde se não acha regra , que não tenha por medida a pureza da Santa Fé , nem letra , a que não sirvaõ de norma os dictames dos bons costumes : e assim dignissima julgo esta Obra de fahir a luz ; e , *O' utinam ! dilate o Supremo Numen o precioso fio da vida deste Egregio Escriptor , para de tudo a completar.* Este o meu desejo , e aquelle o meu parecer. VV. Illustrissimas mandarão o que forem servidos. Convento de S. Domingos de Lisbõa 19. de Janeiro de 1753.

2. ad Cor.
13. 1.

Ptholom. l.
3. de Judic.
Cap. 12.

Frey Francisco Xavier de Lemos.

Vistas as informaçoes , pode-se imprimir o Livro , de que se tracta , e depois voltará conferido para se dar licença , que corra , sem a qual não correrá. Lisbõa 19 de Janeiro de 1753.

Fr. R. de Alencastre. Pães. Trigoso. Sylveiro Lobo.

DO

DO ORDINARIO.

Censura do M. R. Doutor Diogo Barbosa Machado , Abade da Igreja de Santo Adriaõ de Sever , e Academico da Academia Real Portugueza.

EXCELLENTISSIMO SENHOR;

Para Reformadora do Instituto Carmelitano , que pela ancianidade de tantos Seculos , que contava , tinha perdido o vigor da sua primitiva Observancia , elegeo a Divina Providencia a famosa Heroína , no entendimento Angelica , e no coração Seraphica Santa Teresa , a qual , desmentindo a fragilidade do Sexo , e animando no peito varonis espiritos , heróicamente intentou , e felizmente conseguiu tão ardua , e edificativa empreza. Que máchinas não levantou o Principe das trevas , colligado com os Potentados do mundo , para derrubar este edificio , delineado pela sua sublime idéa? Porém , quanto mayores foraõ os obstaculos , mais célebres foraõ as victorias , com que se Coronou triunfante. No seu coração , officina de sagrados incendios , forjou as armas para debellar inimigos tão poderosos , e com a sua penna , movida pelo Espirito Santo , se constituiu Cathedratice de Celestiaes Doutrinas. Com admiracão do Céu , e espanto do mundo conservou illesa a flor de Virgem com a fecundidade de Mãe , gerando em cada Filho , e Filha huma perfeita Copia da perfeicão Evangelica: e se Elias , primeiro Pay do Carmelo , deixou unicamente herdeiro do seu Espirito a Eliseu , Teresa com mayor excessso fez depositaria do seu a innumeravel multidão de Filhos , e Filhas , que professando a Refórma do seu Instituto se dividiraõ pela circumferencia do mundo , para Exemplares da vida Monástica , e Oráculos da Theologia Mystica. E'mulos das penitencias dos Paulos , Arsénios , e Hilarioens buscáraõ para habitaçãõ os Desertos de Bussáco , e Batuécas , onde voluntariamente fugitivos do commercio huma-

humano retumbaõ na concavidade dos rochedos os golpes ; com que reduzem os corpos ás Leys do espirito ; inflamaõ o ar com o fogo dos seus suspiros , e correm mais copiosas as fontes com as lagrimas destilladas de seus olhos. O silencio , que inviolavelmente observaõ , os converte em Estatuas , e a parca porçaõ , com que se alimentaõ , os transforma em Espiritos. Dilatado este austéro Instituto pelos mais florentes Reynos da Európa , mereceo Portugal , entre todos , a incomparavel gloria , de que a sua Seráphica Fundadora quizeffe pessoalmente lançar os fundamentos á Provincia Portugueza , de cujo intento foy prohibida por seu Divino Esposo. Chegou , finalmente , o felíz anno de 1581 , e na Capital do Reyno se levantou o primeiro Edificio , que havia de ser cabeça da Reformada Provincia do Carmélo , Seminario de Varoens Santos , e Eschola de insignes Letrados. Para revelar ao mundo as suas memoraveis acçoens , occultas no silencio dos Claustros , foraõ eleitos tres Grandes Chronistas , quâes foraõ os Reverendissimos Padres Frey Belchior de Santa Anna , Frey Joaõ do Sacramento , e agora ultimo o Padre Frey Joseph de Jesus Maria , alcançando entre este Triumvirato da Historia do Carmélo Reformado o Principado , que lhe vaticinou David : *Sapientissimus Princeps inter tres*: pois nella se admiraõ exactamente praticados todos os preceitos , que promulgaõ os rígidos Legisladores de taõ difficil Arte. Firme nos seus dous Pólos , quâes saõ Chronologia , e Geographia , compúta os annos , e demarca as terras sem o menor erro. Para fazer mais delectavel , e appetecida a liçaõ , elegeo o estylo Lacónico , fugio do Asiático. Nem o affecto , devido aos seus Religiosos , de que escreve , lhe preoccupou o juizo para usar de hyperbolicas expressoens em obsequio das suas virtudes : antes , amante da verdade (que quanto mais despida , he mais ornada) relata sincéramente os successos para achar mais prompta a credulidade nos Leytores. Observa religiosamente a pureza da lingua materna , que sendo taõ fecunda não necessita de pedir emprestados vocabulos estranhos para explicar os seus conceitos. Destas taõ insignes partes se organiza o Corpo desta Historia , merecendo seu Auctor não sómente a licença , que pede para a publicar , mas que

a Fama canse as suas cem bocas em o applaudir. Lisbôa
13 de Fevereiro de 1753.

Diogo Barbosa Machado.

V Ista a informação , pode-se imprimir o Livro , de
que tracta a petição , e depois de impresso tornará
conferido para se dar licença para correr. Lisbôa 27 de Mar-
ço de 1753.

D. J. Arcebispo.



DO PAÇO.

*Censura do M. R. P. M. Frey Manoel Rodriguez , Re-
ligioso da Observantissima Religião do Seraphico Patri-
archa S. Francisco , e dignissimo Filho da Santa
Provincia de N. Senhora da Conceição.*

S E N H O R.

P Or Ordem de V. Magestade examiney , e li com a
mayor attenção o terceiro Tomo da Chronica dos
Religiosos Carmelitas Descalços desta Provincia de Portu-
gal , escripta pelo Padre Mestre Frey Joseph de Jesus Ma-
ria , Alumno da mesma Provincia , e hum dos mais bene-
meritos professores daquella virtuosissima Refórma : e antes
de dizer o que sinto deste Sentencioso Volume , que illu-
stra sem controversia a Bibliotheca Lusitana , devo ponderar
o acerto do Auctor em offerecer nas Aras do Soberano
Respeito as excellentes produçoens do seu fertilissimo en-
genho. Remonta-se este Sabio Escriptor a tão luzida Es-
phera , para livrar dos golpes da Critica o animado Cor-
po da mais profunda erudição. Assim o fizeram com os seus
Escriptos Aristoteles , e Virgilio , este buscando a Augusto
Cesar , e aquelle ao Magno Alexandre : mas eu , por par-
te do Auctor , descubro mais justificado motivo. No Li-

vro Settimo deste terceiro Tomo li com affombro, que a Veneravel Serva de Deos Leonor Rodriguez (que pelas suas heroicas virtudes, ainda vivendo no mundo, parecia em tudo Celeste) vira, hum anno antes da feliz Restauroção deste Reyno, ao Serenissimo Duque de Bragança sentado em hum luzido Throno; e que a milagrosa Mão da Gloriosissima Santa Teresa de Jesus lhe collocava na mão hum Sceptro. Aqui, Senhor, me lembrey, que se o Throno do Rey mais Sabio o sustentavaõ duas mãos: *Et duæ manus hinc atque inde tenentes sedile*: o Excelso Throno de V. Magestade o seguraõ outras duas: a Mão do Espoço Christo, que baixou da Arvore da Cruz para exaltar o Throno Portuguez, e a Mão da Esposa Teresa, que prevendo antes o milagre, se quiz antecipar com o auxilio. Por este tão sagrado motivo, nem devia a penna do Auctor remontar-se a outra Esphera, nem em distinctas Aras accender os seus aromas; por ser justo, que ampare as pennas dos filhos hum Monarcha, que deve o Scepto á Mão poderosa da May. Sendo este o juizo, que formo na acertada eleição de tão Alto, e Sublime Mecenas, direy agora o que alcanço da contextura do Livro.

3. Reg. 10.
12.

Para inflammar os coraçoes na Sagrada chama do Amor Divino, em que sempre ardeo o Seraphico espirito de Teresa, escreve o Auctor as vidas daquelles eminentes Varoens, e famigeradas Heroínas, que com as suas virtudes souberaõ vencer os embarços do Seculo, assim como Eliseu a corrente do Jordão com a milagrosa Capa de Elias. A verdade, que, no sentir de Tacito, he a alma da Historia, deve incluir tres potencias: a elegancia do estilo para deleitar, o ornato da erudição para attrahir, e a efficacia dos exemplos para se imitarem. Tão exactamente segue o Auctor aquelle methodo, que em todas as paginas deste eruditissimo Volume se admiraõ observados aquelles scientificos preceitos. A verdade da sua Historia são os antigos, e irrefragaveis Documentos, que da Urna do passado Seculo refuscitou com fadigas o seu incomparavel zelo. O estilo he tão elegante, e sentencioso, que contemplo escreverem de novo os Tullios, e que com os Demosthenes, e Aristarchos são reproduzidos os Homéros. A erudição das bellas
letras

Hug. in A.
poc. 2, 19.

Cicer. lib. 2.
de Orator.

letras he tão genuinamente applicada, que julgo vaticínios para os successos, os que, se não foraõ, pareceraõ acaços da Providencia. A efficacia em persuadir a imitação daquellas virtudes, que com o orvalho da Graça fizeraõ mais odorifera a formosura do Carmelo, he no Auctor tão natural, que vem a conseguir no honroso Officio de Chronista o mesmo, que tem lucrado no Magistério das Sciencias: sendo aquelle o fim, a que devem encaminhar os Escriptores a composição dos seus Livros, como disse o Cardeal Hugo: *Ministerium tuum imple, vel in libris scribendis, quod est opus pietatis, ut in illis doceantur posteri.* Com tanta prudencia, e discrição governa o Padre Mestre Chronista a sua douta penna, que, para se venerar por unico na scientifica Classe dos Escriptores, se offerece tributaria a Fama com os gritos das cem bocas; porque quando informa o publico dos prodigios, das revelações, das austeridades, e mais virtudes, de que fizeraõ azas para se remontarem ao Empyreo os Alumnos da sua inclyta Refórma, não deixa de referir aquella menos observancia dos que, por atropellarem as Leys do seu Sagrado Instituto, foraõ huns errantes Estrellas, que cahiraõ daquelle luminoso Céu; outros humas murchas flores, que, recluzando-as a prudencia no Carcere dos seus Jardins, ainda se reconheceo na emenda darem fructos, porque fizeraõ voluntario o castigo. Assim obedece o Auctor ás bem promulgadas Leys da Historia: *Prima Historiæ lex, nequid falsi dicere audeat: secunda, nequid veri non audeat, nequa suspicio gratiæ sit in scribendo, nequa simultatis.* Por todas estas razoes julgo ser digno o presente Livro da licença, que o seu Auctor pede para se imprimir, tanto pela sua formalissima contextura, como por não conter cousa, que se opponha ás Regalias da Coroa. Este o meu parecer, V. Magestade mandará o que for servido. S. Francisco da Cidade. Lisbôa 23 de Março de 1753.

Fr. Manoel Rodriguez.

Que se possa imprimir; vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisbôa 23 de Março de 1753.

Atayde,

Castro,

Mouraõ,

Correa,

E Stá conforme com o feu Original. Carmo de Lis-
bôa 7. de Janeiro de 1754.

Fr. Joseph Pereira de S. Anna.

P O'de correr. Lisbôa 8. de Janeiro de 1754.

Fr. R. de Alencastre. Silva. Abreu. Paes.

Trigofo. Sylveiro Lobo. Castro.

E Stá conforme com o feu Original. Lisbôa 9. de Ja-
neiro de 1754.

Diogò Barbosa Machado.

P O'de correr. Lisbôa 9. de Janeiro de 1754.

D. J. Arcebispo.

T Axaõ este Livro em dezaseis tostoens em papel para
correr. Lisbôa 11. de Janeiro de 1754.

Marquez Prezidente.

Fr. Sebastiaõ. Lucas Siabra. Antonio Velho da Costa.



PROTESTAÇÃO

DO AUCTOR.



Onformando-me em tudo com o Decréto de N. Santissimo Padre Urbano VIII, publicado em 13 de Março de 1625 na Sagrada Congregação de Ritos, e explicado em 5 de Junho de 1631 pelo mesmo Beatissimo Padre, protesto, que não he meu intento dar outra qualificação, e certeza ao que refiro, e escrevo neste Volume, que a que se contém dentro dos limites da fé humana, e merece o credito de qualquer prudente Escriptor. Salvo naquellas cousas, que já estão declaradas, e definidas pela Santa Universal Igreja Apostólica Romana: porque a estas, e a todas as mais, que nos propõem, como Regra infallivel da Fé, e Fonte clarissima da verdade, professo Catholicamente rendido huma prompta, obediente, e profunda sujeição. Este meu protesto, que huma, e mil vezes ratifico em obsequio, e veneração daquelle respeito, que se deve á Soberana Authoridade do Supremo Oráculo, e Vigario de Christo na terra, e seus Ministros, firmo aqui com o meu proprio nome, em fé de que assim o confesso, e assim o sinto.

Frey Joseph de Jesus Maria.

IN.



INDICE PREVIO

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M NOS TRES LIVROS
desta Terceira Parte da Historia de Carmelitas Descalços,
particular da Provincia de S. Filippe dos Reynos de
Portugal, Algarve, e suas Conquistas.

LIVRO SETTIMO.

- C**AP. I. *Dá-se a razão de começar esta Historia pela felicissima Restauração deste Reyno ; e aponta-se os motivos, porque deve pertencer a ella com singularidade a sua noticia.* pag. 1.
- CAP. II.** *Succede a deploravel perda d'ElRey D. Sebastião nas Campanhas de Africa : he acclamado Rey successor á Coroa de Portugal o Cardeal D. Henrique ; e morrendo este sem determinar a quem pertencia o Reyno, toma posse delle Filippe II. de Castella, e a continuação os seus Descendentes por espaço de sessenta annos successivos.* pag. 8.
- CAP. III.** *Resolve-se a Nobreza de Portugal a pôr a Coroa na cabeça do Serenissimo Duque de Bragança D. João : conta-se o caso, como succedeo ; e referem-se algumas Profecias, conducentes a este mesmo fim.* pag. 13.
- CAP. IV.** *Dá-se noticia de hum tração, e de hum assassinio, que se determinou contra a pessoa d'ElRey.* pag. 23.
- CAP. V.** *Confirma-se a justiça da Acclamação com o feliz successo de muitas victorias : referem-se alguns vaticinios a respeito dellas, e da conservação perpetua deste Reyno.* pag. 30.
- CAP.

CAP. VI. *Patria* ; e primeiros louváveis procedimentos do Ven. Diogo do Santissimo Sacramento até entrar na Religião. pag. 41.

CAP. VII. Recebido o habito, orna-o com admiráveis virtudes ; e passados os annos do Noviciado, faz em E'vora as duas profissoens , que acredita , e desempenha com o perfeito cumprimento dos seus votos. pag. 51.

CAP. VIII. Continua-se a mesma materia, e propõem-se individualmente a observancia dos dous votos de pobreza, e Castidade do Veneravel Irmaõ. pag. 57

CAP. IX. Fê sobrenatural do Ven. Irmaõ Diogo, acreditada com hum prodigio, que obrou Deos por sua mediação. pag. 61.

CAP. X. Esperança Theologica , e Caridade ardentissima, que em ordem a Deos, e ao proximo se divisou no Veneravel Irmaõ Diogo do Santissimo Sacramento. pag. 65.

CAP. XI. Prosegue a mesma materia, e referem-se alguns casos maravilhosos, que testificaõ a ardentissima Caridade do Veneravel Diogo para com seus proximos. pag. 70.

CAP. XII. Exercita-se o Veneravel Diogo na Oração ; e declaraõ-se os maravilhosos effeitos, e luz sobrenatural, que recebo nella. pag. 78.

CAP. XIII. Humildade rara, e algumas outras virtudes insignes do Veneravel Irmaõ Diogo, pelas qudes foy tido, e venerado universalmente por homem Santo. pag. 83.

CAP. XIV. Prosegue a materia do antecedente. pag. 89.

CAP. XV. Illustra o Senhor ao Veneravel Diogo com o sobrenatural conhecimento das cousas futuras ; e acaba felizmente em E'vora com sinâes evidentissimos de predeterminado. pag. 93.

CAP. XVI. Vida, e virtudes do Veneravel Irmaõ Thomé da Trindade, até morrer felizmente no Convento de N. Senhora dos Remedios da Cidade de E'vera. pag. 100.

CAP. XVII. Santa vida, e morte felicissima do Servo de Deos Diogo de S. Josoph, Portuguez de Nação, e professô na nossa Congregação de Italia. pag. 110.

CAP. XVIII. Celebra-se por ordem do Vice-Colleytor de Sua Santidade hum Definitorio com poderes de Geral, para occorrer a alguns inconvenientes, que se experi-

men-

~~~~~

- mentavaõ na falta de recurfo aos Prelados Superiores de Castella. pag. 118.
- CAP. XIX. Primeiros principios , e sólidos fundamentos do Real Convento de Santa Teresa de Jesus no lugar de Carnide. pag. 131.
- CAP. XX. Descreve-se o Lugar de Carnide , e continua-se a materia do Capitulo antecedente. pag. 147.
- CAP. XXI. Presegue o Demonio as Religiosas deste Convento , vendo a sua muita observancia , e perfeição : referem-se casos particulares , em que mostrou Deos o quanto zelava huma , e outra , castigando algumas faltas ; e dá-se noticia da efficaz Oração da Communidade em dous successos , que se individuaõ pag. 157.
- CAP. XXII. Continúa a materia do precedente. pag. 164.
- CAP. XXIII. Convoca-se ao Collégio de Figueiró dos vinhos o primeiro Capitulo Provincial , depois da Restauração deste Reyno : recorre-se ao Vice-Colleytor Apostólico para tractar algumas cousas , fóra da Ley do dito Capitulo ; e determinaõ-se as mais importantes ao estabelecimento do novo governo da Provincia. pag. 176.
- CAP. XXIV. Dá-se breve , e compendiosa noticia da materia , e razoes mais principaes , que continha o papel , que por ordem do Vice-Colleytor se mandou ler ao Capitulo , de que se faz menção no antecedente. pag. 186.
- CAP. XXV. Dá-se huma compendiosa noticia da reposta , que o Padre Frey Sebastião da Conceição deo ao papel antecedente , por ordem , e mandado particular do Capitulo. pag. 229.
- CAP. XXVI. Morre no Convento de Cascaes o Veneravel Padre Frey Estevão de Jesus com evidentes sinaes de predestinação. pag. 268.
- CAP. XXVII. Acompanha ao precedente , neste mesmo anno , o Veneravel Padre Frey Amador de S. Joseph com iguaes indicios de predestinado. pag. 274.
- CAP. XXVIII. Offerece esta Provincia o Padroado á Serenissima Rainha D. Luiza : faz aceitação delle , e applicaõ-lhe os Religiosos algumas obras meritorias em sinal de agradecimento a tanta mercê. pag. 283.
- CAP. XXIX. Passa do Convento de Santo Alberto de Lisboa



bôa à Fundação do de Santa Teresa de Carnide a Madre Anastasia de S. Francisco, e acaba neste os seus dias com memorias veneraveis de huma perfeita, e religiosa vida. pag. 290.

CAP. XXX. Por authoridade Apostólica, e ordem do Sere-  
nissimo Rey D. João o IV. parte para a India o Pa-  
dre Frey João de Christo, com mais oito Religiosos  
Portuguezes, a tomar posse dos Conventos, que a nossa  
Congregação Italiana tinha erigido naquelles Esta-  
dos. pag. 295

CAP. XXXI. Continua-se a mesma materia, e dá-se conta  
do modo exemplar, com que procederão os Padres na  
viagem, fructo, que fizeram no Oriente, e outras noti-  
cias, dignas de attenção. pag. 305.

CAP. XXXII. Occupaõ-se os nossos Religiosos Portuguezes na  
Conquista das almas, e fazem innumeraveis conversoens,  
correndo para isso muitas terras de infieis com ardente  
desejo de os reduzir á nossa Santa Fé. pag. 312.

CAP. XXXIII. Continuaõ os progressos dos nossos Religiosos  
pelos Estados da India: entraõ em algumas Cidades:  
saõ bem recebidos nellas: fundão Conventos, e fazem  
a Deos agradaveis serviços. pag. 325.

CAP. XXXIV. Continua-se a materia do precedente. pag. 333.

CAP. XXXV. Casos notaveis, que succedêrão, por estes an-  
nos, em diversas partes da India a favor dos nossos  
Missionarios, e em damno dos que os perseguirão. pag. 338.

CAP. XXXVI. Conclue o Padre Frey João de Christo a  
occupação de Visitador: volta a Lisbôa: dá conta do  
que achou á Magestade: infôrma aos Prelados da neces-  
sidade de continuar aquella Cultura: desvanece-se por  
fim, e apontaõ-se os motivos. pag. 347.

## L I V R O O I T A V O.

CAP. I. Convocaõ-se os Gremides para o Convento de  
Figueirò, e celebraõ nelle o segundo Capitulo Provin-  
cial, depois da Restauração deste Reyno. pag. 353.

CAP. II. Maravilhas, obradas pelo Santo Escapulario Carme-  
litano. pag. 362.

CAP.

- CAP. III.** *Obra Deos alguns prodigios, mediante as Imagens, Breves, e Reliquias de N. Madre Santa Teresa de Jesus.* pag. 370.
- CAP. IV.** *Patria, pays, e primeira educação do Irmão Frey Antonio das Chagas, chamado vulgarmente o Salinas.* pag. 377.
- CAP. V.** *Austeridades, e penitencias, com que se affligia Antonio Nidrophe, antes de entrar no Estado Religioso.* pag. 383.
- CAP. VI.** *Amor de Deos, profunda humildade, e exacta obediencia, em que se exercitava Antonio Nidrophe antes de tomar o habito da Religião.* pag. 387.
- CAP. VII.** *Resolve-se a pedir esmolas para os necessitados: sente grande repugnancia em isso; e padece algumas mortificaçoens.* pag. 391.
- CAP. VIII.** *Entra na pertença de ser Religioso de S. Bento: procura dar-lhe o seu habito os de S. Domingos; e recebe o de Carmelitas Descalços no nosso Convento dos Remedios de Lisbôa.* pag. 396.
- CAP. IX.** *Consolação, e fervores, com que o Irmão Frey Antonio das Chagas abraçou os exercicios da vida Religiosa em todo o tempo do seu Noviciado.* pag. 403.
- CAP. X.** *Professa o Irmão Frey Antonio das Chagas, e illustra a sua profissão com o exercicio de singulares virtudes.* pag. 409.
- CAP. XI.** *Continúa a mesma materia do precedente, deduzindo o testemunho de alguns Religiosos, e outros documentos, que confirmão, e declarão as virtudes do Servo de Deos, e os favores, que delle recebeo.* pag. 414.
- CAP. XII.** *Ultima enfermidade, morte preciosa, e gloriosa fama do Veneravel Irmão Frey Antonio das Chagas no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisbôa.* pag. 423.
- CAP. XIII.** *Recommendavel memoria do Ven. Padre Frey Joáo Baptista, e sua felicissima morte na Cidade de Moçambique.* pag. 428.
- CAP. XIV.** *Continúa a mesma materia.* pag. 440.
- CAP. XV.** *Acompanha ao precedente, assim na jornada da India, como da Eternidade, o Veneravel Servo de Deos Diogo de Jesus.* pag. 444.
- CAP.**

- CAP. XVI. Depois de huma vida , adornada de virtudes ,  
morre no Convento de Aveiro o Irmão Gonçalo de Je-  
sus com opiniaõ de homem verdadeiramente Santo. pag. 450.
- CAP. XVII. Responde o Padre Frey Antonio da Encar-  
nação ao chamamento de Deos : entra no Noviciado :  
caminha com aproveitamento ; e faz a seu tempo a pro-  
fissão. pag. 460.
- CAP. XVIII. Passa aosestudos ; continúa no das virtudes ;  
e depois de alguns cargos honrosos na Religião , acaba  
os períodos desta vida mortal com sinões evidentes de  
conseguir a eterna. pag. 465.
- CAP. XIX. Toma o habito , e professa a Irmã Margarida  
da Conceição em S. Joseph de Sevilha : passa com as  
segundas Religiosas deste Convento á fundação do de  
Santo Alberto de Lisbõa ; e dá em ambos singular ex-  
emplo de excellentes virtudes. pag. 476.
- CAP. XX. Prosegue a mesma materia , e refere-se hum en-  
contro trabalhossissimo , que a Veneravel Margarida teve  
com o Demonio. pag. 483.
- CAP. XXI. Ardentissimo amor de Deos , e do proximo ,  
que a Veneravel Margarida alcançou na pratica das  
suas virtudes ; por cuja causa he perseguida notavelmen-  
te pelo Demonio , ficando sempre victoriosa das suas  
astucias. pag. 487.
- CAP. XXII. Dá-se Margarida fervorosamente á Oração :  
recebe nella mimosos favores do Senhor ; e continúa o  
Demonio em persegui-la. pag. 493.
- CAP. XXIII. Chega-se o tempo de partir desta para a ou-  
tra vida , e morre felicissimamente , obrando maravi-  
lhas. pag. 497.
- CAP. XXIV. Memoria veneravel do Irmão Antonio dos  
Anjos, que faleceo no Convento de N. Senhora do Car-  
mo da Villa de Viãna com opiniaõ de Santidade. pag. 502.
- CAP. XXV. Abbreviada noticia da Santa vida , e louva-  
veis costumes do Padre Frey Miguel de S. Jeronymo ,  
até morrer no Convento de Viãna com a opiniaõ , que  
sempre lhe merecêraõ as suas virtudes. pag. 511.
- CAP. XXVI. Virtuosos empregos do Padre Frey Louren-  
ço Graciano da Madre de Deos , até professar na Reli-  
gião ,



*gião, e passar a Portugal.*

*pag. 516.*

**CAP. XXVII.** *Refere os motivos, que houve para passar de Castella a Portugal, e o que aqui obrou em beneficio da Provincia, sendo Lente, e Prelado duas vezes em ella.*

*pag. 522.*

**CAP. XXVIII.** *Parte de Portugal para Sevilha o Veneravel Padre: lê Theologia Moral em Ocanha: exercita-se no sagrado ministerio de Prêgador Apostólico; e recolhido ao Convento de Critana, morre alli com demonstraçoens da sua eterna felicidade.*

*pag. 534.*

**CAP. XXIX.** *Patria, e primeiros empregos de D. Bernarda Ferreira de Lacerda até entrar na violenta resolução do estado de Matrimonio.*

*pag. 542.*

**CAP. XXX.** *Exercita-se D. Bernarda, depois de casada, em louvaveis acçoens de piedade, com os proximos: educa seus filhos em santo temor de Deos; e perde a seu marido, passados oito annos de matrimonio.*

*pag. 552.*

**CAP. XXXI.** *Continúa D. Bernarda no estado de Viuva em muitas obras de virtude: occupa-se em apartar as almas do caminho de offender a Deos; e dá-se a Poesias espi-rituâes com applauso commum.*

*pag. 557.*

**CAP. XXXII.** *Pela cordial devoção, que professou a N. Madre Santa Teresa ama, patrocina, e defende D. Bernarda a sua Reforma em muitas occasioens, e depois de encher felizmente as clausulas desta vida mortal, passa á Eterna a gozar do merecido premio de suas virtudes.*

*pag. 571.*

**CAP. XXXIII.** *Memoria encomiástica da vida, e virtudes do Doutor Ignacio Ferreira Leitaõ, filho benemerito da Veneravel Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo, e pay meretissimo da insigne Matrona D. Bernarda Ferreira de Lacerda.*

*pag. 581.*

**CAP. XXXIV.** *Vay Ignacio Ferreira estudar a Coimbra: doutora-se naquella Universidade: entra no Real Collégio de S. Paulo; e despachaõ-no para o Desembargo do Porto.*

*pag. 588.*

**CAP. XXXV.** *Resplendece Ignacio Ferreira na rectidão da Justiça: zêla ardentemente a sua observancia; e acode com grande liberdade pelos interesses, e regalias do*

*Reyno.*

Reyno.

pag. 593.

CAP. XXXVI. *Refere a grande confiança ; que teve em Deos , por este tempo , que esteve na Mesa da Consciencia.*

pag. 602.

CAP. XXXVII. *Exercita-se em virtudes : cuida em se fazer Religioso : não o consegue ; e tem morte felicissima.*

pag. 606.

## L I V R O N O N O.

CAP. I. *Celebra a Provincia em Lisbôa o seu terceiro Capitulo , depois da Restauração deste Reyno , e he eleito Provincial della o Padre Frey André da Annunciação por votos unânimes dos Capitulares.*

pag. 615.

CAP. II. *Funda nossa Reforma Convento de Religiosos na Villa de Santarém com gosto , e plausivel aceitação de todos os seus moradores.*

pag. 627.

CAP. III. *Tomaõ os fundadores posse da fundação : entraõ logo a ministrar os Sacramentos com muito fructo das almas: padecem grande pobreza , sem prejuizo da observancia ; e conclue-se ultimamente o contraçto do Padroado com as excellentissimas Senhoras Condêssa de Faro , e Duquêza de Caminha.*

pag. 638.

CAP. IV. *Tomada a posse , contradizem-na alguns emulos : corre litigio ; e dá-se Sentença a favor da fundação.*

pag. 645.

CAP. V. *Muda-se o Convento para o sitio , em que de presente está : lança-se a primeira pedra ; e colloca-se na nova Igreja o Santissimo Sacramento com alegria notavel dos Religiosos , a que concorrem com plausiveis festejos os moradores da Villa , por desempenho da sua devoção.*

pag. 654.

CAP. VI. *Resplendem os Religiosos desta Casa na pontual Observancia Regular , e acredita-a o Senhor com algumas assistencias milagrosas da sua Providencia.*

pag. 664.

CAP. VII. *Heróico desengano , e generosa resolução do Padre Frey Antonio da Madre de Deos em deixar o Século , vestir o habito , e abraçar o nosso Instituto.*

pag. 672.

CAP. VIII. *Recebe o habito acredita-o com grandes fervores ; e passado o anno do Noviciado professa com incomparavel*

paravel

- paravel gozo seu, e de todos os Religiosos. pag. 682.
- CAP. IX. Dá Frey Antonio principio ao estudo da Sagrada Theologia: ordena-se de Sacerdote; e imprime com o Carácter mayores esmaltes nas virtudes, fazendo admiraveis progressos em santa vida. pag. 688.
- CAP. X. Sahe do Collégio para Superior do Porto: he eleito Prior da mesma Casa; e faz o seu Officio com raros exemplos de perfeito Prelado. pag. 692.
- CAP. XI. He eleito Reytor de Coimbra: zéla a perfeição do Collégio, e consegue a redução de dous peccadores. pag. 702.
- CAP. XII. Entra o Veneravel Padre Frey Antonio em Bussaco, e depois de tres annos de assistencia, sahe delle para Prior de E'vora, e do Porto, aonde morre com opiniao de perfeito, e Santo Religioso. pag. 714.
- CAP. XIII. Memoria de alguns successos exemplares em observancia dos tres votos da nossa profissão. pag. 727.
- CAP. XIV. Refere alguns successos lamentaveis de Religiosos desobedientes, e os seus castigos. pag. 739.
- CAP. XV. Em que se dá noticia de alguns Exemplares insignes no Angélico Voto da Castidade. pag. 744.
- CAP. XVI. Continúa os Exemplares da observancia do voto da Castidade. pag. 754.
- CAP. XVII. Menciona dous casos cõtra o voto da Castidade. pag. 764.
- CAP. XVIII. Dá-se noticia da exactissima observancia, que no voto da pobreza se praticou nesta Provincia pelos annos; em que vay correndo a Chronologia. pag. 772.
- CAP. XIX. Observancia do voto da pobreza nos Conventos de E'vora, Figueirò, e Coimbra. pag. 779.
- CAP. XX. Continúa com a materia do precedente. pag. 787.
- CAP. XXI. Observancia da pobreza nos Conventos de Aveiro, Porto, e Viána. pag. 795.
- CAP. XXII. Milagrosos favores, com que por estes annos assistio Deos á pobreza dos Conventos de Lisbõa, Cascaes, e E'vora. pag. 802.
- CAP. XXIII. Continuaõ-se os prodigios da Providencia em soccorro da pobreza dos Conventos de Figueirò, e Coimbra. pag. 817.
- CAP. XXIV. Leva Deos adiante os favores da sua Providencia em soccorro da pobreza dos Conventos de Aveiro, Porto, e Viána. pag. 825.





LIVRO SETTIMO  
D A  
CHRONICA  
D E  
CARMELITAS  
DESCALCOS,  
PARTICULAR DA PROVINCIA DE S. FILIPPE;  
do Reyno de Portugal, Algarve, e suas  
Conquistas.  
CAPITULO I.

*Dá-se a razão de começar esta Historia pela felicissima  
Restauração deste Reyno; e apontão-se os motivos,  
porque deve pertencer a ella com singulari-  
dade a sua noticia.*



E a singulari-  
dade dos acõ-  
tecimentos,  
pela sua es-  
tranheza, foy  
sempre o carácter indelevel, q̃  
fez distinguir os seculos, cele-  
brar os annos, e perpetuá-los  
na lembrança da Posteridade;  
eterno, celebre, e distincto  
Tom. III.

entre todos deve ser na recõ-  
mendação desta o Seculo de  
1600., e nelle o anno de Qua-  
renta, em que entramos, por  
disposição particular da Pro-  
videncia, a pôr a primeira mão  
a este terceiro Tomo da nossa  
Historia. São os annos na  
ordem da natureza huma por-  
ção de tempo, que põem,  
A e

## 2 LIVRO SETTIMO

e gasta o Sol em correr com o seu movimento regular as doze Casas do Zodíaco , que o Supremo Architecto fabricou , como Palacio , sobre a Ecliptica , para habitação magestosa deste Soberano Monarcha das luzes. Dahi, como Principe universal , attende ao governo despótico do vasto Imperio , que nos Orbes inferiores lhe fundou a Mão poderosa do Altissimo. Mas como não ha Dominio tão independente , em que a administração dos vassallos corra só por conta da direcção dos Soberanos , até o mesmo Sol , ainda que tão unico nos luzimentos , se não pode ver isento deste dezár , com o qual , ou a Natureza , ou a Providencia quiz defenganar as Magestades : porque logo , que se vio sahir das mãos de Deos , lhe assignalou este Senhor , como por Ministros adjunctos , outros tantos Planetas , quantos são os que adornaõ as esféras , em que foraõ postos na primeira organização , ou producção do mundo.

2 Destes Planetas , ou Asterismos , huns são , e se chamaõ benéficos , outros

maléficos , e indifferentes outros. Porém ainda que todos ( como dissemos ) se ordenaõ a ajudar o Sol no bom governo dos seus inferiores ; são com tudo tão diversos os effeitos da sua administração , quantas as opposições das suas influencias. De forte que vem o Sol a governar mais benéfica , ou maléficamente , conforme os diferentes aspectos dos Planetas , a que se ajunta : porque se se ajunta aos benéficos , tudo conforta , tudo vegeta , tudo vivifica. Mas se a sua conjunção he com os maléficos , ou tudo esfria , ou tudo queima , ou tudo perturba : vindo por este modo a serem os annos felices , ou infelices , segundo os successos , mais , ou menos favoraveis , com que o Sol corre o Zodíaco na Ecliptica , que he a Casa , que o Senhor lhe destinou para o seu governo , e administração.

3 Esta regularidade , com que se fazem memoraveis os annos na ordem da natureza , pelos effeitos do Sol , e innatos influxos dos Planetas , que o acompanhaõ inseparavelmente , se vê com mysteriosa allusão observar

nos annos civis, e moraes, discorrendo attentamente pelo estado da vida social, e politica. São as Monarchias o publico theatro, em que se representaõ todos aquellos successos, que a beneficencia, ou maleficencia dos Astros racionais, que as dominão, fazem inseparaveis das suas parciaes influencias. Muitas vezes succede, que a primeira Luz Dominante dos Imperios, pela regulada natureza da sua inclinação, seja tão benéfica com os seus inferiores, quanto pede a razão de estado, a justiça do governo, e o amor, que generosamente se produz no coração dos Soberanos. Mas como pela limitada comprehensão destes ( porque não podem ser independentes em tudo ) se lhes faz indispensavel a conjunção dos seus influxos com os de outros Astros, ou Luminares menos observadores das suas obrigações; são tão diversos os acontecimentos, e tão deploraveis os successos, que não só deixaõ muito que sentir, mas que meditar na successiva contemplação da Posteridade, se se não chega a mudar a scena a influxos de

Tom. III.

mais alta Providencia: como se vê neste anno de Quarenta, em que a nossa Historia entra a atar o fio, que lamentava quebrado ha mais de vinte.

4 Bem publico, e notorio foy a todas as nações do mundo o lamentavel estado, a que se vio reduzido o Imperio Lusitano com o governo de Castella. Ainda hoje estaõ soando com pavoroso estrondo os lastimosos éccos, que formáraõ os sentidos ays, com que se chorára escurecida, por espaço de sessenta annos, aquella gloria, que fizeraõ immortal as acções dos Varoens Portuguezes, logo desde a sua primeira fundação. Não deve o nosso respeito attribuir os effeitos de tantas, e tão successivas calamidades aos Soberanos Astros, que naquelle tempo dominavaõ a nossa Monarchia; porque o genio docil, e a politica Christã, com que se persuadiaõ governá-la, nos dá fundamento para assentarmos, que tantos desconcertos de governo sómente procediaõ dos influxos daquelles Planetas errantes, que menos reguladamente os acompanhavaõ na administração. Po-



## 4 LIVRO SETTIMO

rem, fosse qualquer que fosse a fontal origem, de que nascerão as agoas das nossas tribulaçoens nos sessenta annos de tão pesada escravidão, o certo he que neste de Quarenta se virão mudadas as scenas da funestissima tragédia, que nos fizeram representar no theatro do mundo os capitaes, e inexoraveis inimigos da nossa liberdade.

5 Este pois he o faustissimo anno, para que eraõ necessarias muitas pedras brancas, aonde se gravasse com caractéres de ouro a singularidade das venturas, e felicidades, que viêraõ a Portugal com a gloriosissima Acclamação de seu legitimo Monarcha o Senhor D. João o IV. de saudosa memoria. Mas na supposiçãõ de que agora nos faltaõ aquelles Pórfidos transparentes, que a antiguidade pedia para eternizar a felicidade dos seus annos; não pôde a nossa penna deixar de escrever no frontispicio desta Historia humana acção, que, por mais que esteja muitas vezes recomendada na memoria dos seculos, nunca pôde, nem deve ser vituperavel o escreverê-la, e recommendá-la

tambem em nossos Annaes. Porque o amor da liberdade da Patria, e o agradecimento, com que ingenuamente se confessa obrigada esta nossa Provincia ás Reaes mercês do Soberano Libertador da antiga gloria Portugueza, devem não reputar alheyo da nossa obrigação o louvavel intento, com que determinamos demarcar tambem aqui neste anno de Quarenta, como em abbreviado Mappa, algum pouco daquelle muito, que gloriosamente conduzio para a liberdade da nossa Monarchia, e sua felicissima Restauroação.

6 E para que se conheçaõ ainda mais os relevantes motivos desta indispensavel obrigação, será preciso lembrar aqui o celebre vaticinio de N. Madre Santa Teresa de Jesus, pelo qual annunciou a este Reyno as felicidades, que lhe trouxe na restitução o seu efficaz, e poderoso patrocínio. Estando a Santa muito afflicta, e magoada com a triste noticia da perda do exercito Portuguez nas Campanhas de Africa (em que Portugal com o Rey perdeu a sua liberdade) para mitigar esta grande pena, recor-

reo á Oração, e nella a seu Divino Esposo, como a unico allivio das suas afflicções; e entre lagrimas, e suspiros se lhe queixou amorosamente assim: *Ay Dios mio, como permitistes a los vuestros tal perdida, y a los inimigos tal victoria!* Já a este tempo estava Teresa pacificamente possuindo as chaves do Coração de Christo; e assim não querendo este Senhor occultar-lhe hum tal segredo, lhe respondeo benignamente nesta fórma: *Si yo los hallè dispuestos, para traher-los a mi, de que te affliges tu?* Com esta misericordiosissima resposta não só ficou a Santa consoladissima, mas tão affecta, e inclinada aos Portuguezes, que logo pedio a Sua Divina Magestade a mercê de vir fundar algumas Casas do nosso Carmelo Reformado a este Reyno: porque lhe pareceo que, quando os Soldados, dissolutos em outras naçoens, estavam tão bem dispostos em a nossa; não podia fazer duvida, que resultaria grande gloria a Deos, e augmento da Religião, com os sujeitos Portuguezes, que se lhe representavao tão bons, e inclinados á virtude. Qual fosse o despacho desta sup-

plica, refere a mesma Santa Matriarcha, contando tudo com estas memoraveis palavras: *Despues que Dios nuestro Señor, para consolarme de la pena, que tuve con la perdida del exercito Portuguez en los Campos Africanos, me dixó, que la permitiera por hablar a los Portuguezes dispuestos, para llevarlos para si, quedè con tan gran estima de aquella nacion, en la qual hasta los Soldados, desgarrados en las otras, estaban tan bien dispuestos, que me sobrevinieron grandes deseos de ir a fundar algunas Casas de nuestro Carmelo Reformado en aquel Reyno. Pareciame que resultaria de ello grande gloria a Dios, y aumentò de la Religion, con los sujetos Portuguezes, que se me representavan tão buenos, e inclinados a la virtud: pedi a Su Divina Magestad, con la mayor instancia, que pude, que me hiciesse esta merced; y el dia de la Assumpcion de la Reyna de los Angeles me dixo el Señor: Tu, Hija, no irás a fundar Casas de tu Reforma a Portugal, mas irán tus hijas, y tus hijos; porque quiero aumentar el numero de los buenos Religiosos, que hay en aquel Reyno, con los tuyos, y que crezca*

Fr. Belch.  
de S. Ann.  
Chronic.  
Portug. to-  
mo 1. l. 1.  
c. 12.

Cardol. Ag.  
Luf. tom. I.  
pag. 155.

Fr. Man.  
de S. Jeron.  
Chron. Ger.  
tom. 6. pag.  
436.

F. Joao de  
Christ. Fôr.  
de Elias.  
M. S. Favor  
23. cap. 5.  
pag. 980.

## 6 LIVRO SETTIMO

*crezca el motivo de suspender  
yo el castigo , que le di , y  
uzar de misericordia con él.  
Tambien será llevada a él tu  
mano esquierda , que le quie-  
ro dar la mano de una tan a-  
mada Esposa , para levantar-  
lo de la miseria , en que está  
cahido , y restituirlo a las fe-  
licidades antiguas , y darle  
una prenda de otras más avan-  
tajadas.*

7 Quatro favores ; to-  
dos grandes , e incompara-  
veis todos , prometteo Chri-  
sto á Santa nella Revelação  
para Portugal. Primeiro: que  
assim os seus filhos , como as  
suas filhas virião a fundar  
Conventos da Reforma a este  
Reyno. Segundo: que  
mandaria a elle a Mão es-  
querda da mesma Santa. Ter-  
ceiro: que por este meyo  
queria levantar a Portugal da  
miseria , em que estava ca-  
hido, e restituí-lo ás antigas  
felicidades, que possuira Quar-  
to finalmente: que nesta Mão  
de sua querida Esposa lhe da-  
va hum penhor , ou a me-  
lhor prenda , para outras ven-  
turas mais avantajadas. O  
primeiro favor cumprio-se  
( em quanto aos filhos ) a 4.  
de Outubro de 1581. , quan-  
do na Cidade de Lisboa , e  
sitio da Pampulha , entrou o

Veneravel Padre Frey Am-  
brofio Mariano de S. Bento  
a fazer a primeira Casa desta  
Provincia. E em quanto ás  
filhas , cumprio-se tambem a  
19. de Janeiro de 1585. , quan-  
do a insigne Madre Maria de S.  
Joseph com as suas tres Vene-  
raveis Companheiras, Marian-  
na dos Santos , Branca de  
Jesus , e Ignez de Santo Eli-  
feu , professas do Convento  
de S. Joseph de Sevilha , en-  
tráraõ no de Santo Alberto  
de Lisboa , para estabelece-  
rem a Vida Reformada , de  
que ainda hoje se vem os cla-  
rissimos exemplos da sua ob-  
servancia. O segundo benefi-  
cio verificou-se no referido  
anno de 1585. , em que o Ve-  
neravel Padre Frey Jeronymo  
Graciano da Madre de Deos ,  
sendo Prior de S. Filippe , e  
Vigario Provincial neste Rey-  
no, trouxe do de Castella a  
dita santa Mão , e a collo-  
cou no Mosteiro de Santo  
Alberto , em que ainda hoje  
existe , e se venéra com os  
cultos , e resguardos , que  
merece hum tão Sagrado The-  
souro. A terceira graça des-  
empenhou-se effectivamente  
no primeiro dia , e Sabbado  
de Dezembro do faustissimo  
anno de 1640. , em que os  
Portuguezes , favorecidos da  
Mão



Maõ direita de Christo , e da esquerda de Teresa , facudirão o jugo de Castella , acclamando Rey natural no Serenissimo Duque de Bragança , o Senhor D. João , que foy o IV. entre os nossos Monarchas deste felicissimo nome. A quarta mercê já se tem verificado , e vay perennemente verificando na Augustissima Posteridade deste Grande Rey ; porque contando-se quatro , depois d'elle , com tantas prosperidades , assim Bellicas , como Politicas , esperamos nas efficacias poderosas da Maõ de Teresa , que se continuem os augmentos da Monarchia Lusitana ; se felicitem as Augustissimas Pessoas dos seus Fidelissimos Monarchas ; e por ultimo complemento de todas as felicidades Portuguezas , se assegurem na Real Descendencia todos aquelles affortunados auspicios , que se estão promettendo de hum taõ alta , taõ segura , e taõ efficaz protecção.

8 A' vista , pois , de hum testemunho taõ authorizado , e authenticico , contestado pela boca de Christo , e de Teresa sua querida Esposa , bem se deixa conhecer a razão , que nos assiste de justiça , pa-

ra não faltarmos nesta Historia com a particular lembrança da felicissima , e verdadeiramente milagrosa Acclamação do Senhor Rey D. João o IV. de gloriosa memoria. Porque se este nosso trabalho , ou a occupação da nossa penna se encaminha precisamente ( depois da gloria de Deos ) a expôr aos olhos do mundo devoto quanto succedeo em Portugal , por força dos singulares soccorros , e benéficos influxos da poderosa Maõ de Teresa ; experimentando tantos este Reyno , quando quebrou as cadêas , que lhe fazia arrastar a Dominação Castelhana , nenhuma duvida póde haver , que será infame delicto da nossa obrigação , se aqui não dèmos noticia de hum accção , que por todos os titulos se deve á prodigiosa Maõ de N. Santissima Matriarcha. E esta , e não outra , pode ser a causa , porque o Padre Frey Belchior de Santa Anna , depois de referir , e ponderar a sobredita Revelação no I. Tomo desta Historia , prometteo fazer memoria especial de taõ gloriosa Acclamação , quando chegasse a este felicissimo anno de Quarenta , em que ella aconteceo.

## 8 LIVRO SETTIMO

ceo. Mas como a morte lhe cortou os fios da vida, antes de chegar com as da chronologia a este lugar; nós, que lhe substituímos o emprego de escrever os successos mais particulares da Provincia de Portugal, devemos entrar logo com este, em que tanta parte teve aquella Maõ, que deo principio á sagrada Reforma Carmelitana, de que nos confessamos indignamente filho. Não será porém com todas as individualidades, que precedêraõ, acompanháraõ, e seguíraõ a milagrosa execução deste inaudito Portento; porque na supposição de estarem já manifestos aos olhos do mundo em diversos, e excellentes Escriptos, por não carregar a paciencia dos leyttores com tantas repetições, só daremos noticia do que baste, para formar idéa do muito, que concorreo Santa Tereza, mediante a sua protecção, e o cuidado de seus filhos, para que tivesse feliz exito a gloriosa resolução, que celebraõ ainda hoje com alvoroço os Portuguezes.

### CAPITULO II.

*Succede a deploravel perda d'ElRey D. Sebastião nas Campanhas de Africa: he acclamado Rey Successor á Coroa de Portugal o Cardeal D. Henrique; e morrendo este, sem determinar a quem pertencia o Reyno, toma posse delle Filippe II. de Castella, e a continuão os seus Descendentes por espaço de sessenta annos successivos.*

9 **A** Ssentando, como certo, em que não ha condição mais infallivel nas cousas creadas, que o terem todas, depois do principio, o seu estado, augmento, e declinação; ainda he mais incontestavel a fatalidade de nascerem debaixo deste infeliz Horóscopo todas as Monarchias, e Imperios, que na terra fez levantar a Providencia do Ceo, ou para o bom governo dos homens, ou para o justo castigo de seus peccados, mediante a crueldade dos Tyrannos. Recorde-se a memoria daquelles quatro mayores Dominios, que houve nos seculos passados, (e póde ser que

que não haja semelhantes nos futuros ) e achar-se-ha verificada esta fatal condição, com que nascêraõ ainda aquellas grandezas, que no mundo se chamaõ verdadeiramente felices. A Monarchia dos Assyrios, fundada por Nemród ( ou mais propriamente por Nino, filho de Bélo, e néto de Jupiter ) que augmentos não teve em mil duzentos e oitenta e tres annos, que foy crescendo no esplendor! Mas, acabado este prazo, não pode durar mais; porque começou a declinar desorte, que, cahindo pouco a pouco, veyo por ultima infelicidade a perder-se de todo naquelle monstro da impudicia Sardanapálo. A Monarchia dos Pérsas, que fundou Cyrus, e foy tambem hum portento da Soberania humana, a que auges não chegou com a sua potencia! Mas, não podendo já com o peso da sua mesma grandeza, acabou por fim em Dario, fatal despojo de Alexandre Magno. A Monarchia dos Gregos, cujos alicerces lhe lançou o mesmo Alexandre, e a amplificou ainda mais, que ás outras, de que foy Senhor, não veyo ultimamente a perder-se de todo, sem

Tom. III.

ficar della, senão o nome, para eterna memoria da sua ruina? Finalmente a Monarchia dos Romanos, estabelecida por Julio César, que felicidades não teve até a morte de Trajão! Passou na mayor magestade aos filhos de Theodósio o Grande: porém, começando nelles a cahir precipitadamente, depois de quatrocentos e trinta e nove annos de prospera, e felice duração, chegou em fim a perder-se, sem esperanças de tornar a recuperar-se. Desorte, que crescem os Imperios, dilataõ-se as Monarchias, e depois de chegarem ao auge da summa potencia, logo por si mesmas começaõ a declinar, e a cahir. Procede este inseparavel accidente, ou da inconstancia, e instabilidade das cousas humanas, que nunca permanecem no mesmo ser; ou da propria grandeza desses Imperios, os quaes, em chegando á mayor eminencia, cahem logo, como os mais altos edificios, a quem o peso da sua mesma maquina violentamente os inclina a huma total destruição.

10 Sendo, pois, esta a fatal condição, que nunca faltou, como ás mais cousas, a todas as Monarchias da ter-

B

ra,



ra, era infallivel que abrangesse tambem á nossa Lusitania: porque tendo, como as outras, o seu principio, a sua consistencia, e o seu augmento, necessariamente havia de ter, como ellas, a sua declinação. Nasceo este felicissimo Imperio nos braços daquelle Heróe, não menos celebre pelo valor, que famoso pela santidade, o Magnanimo, o Grande, e incomparavel D. Affonso Henriques. Pôs-lhe os primeiros limites com a sua espada; e vindo nos seus Augustissimos Successores a tanta grandeza, que não havendo já terra descoberta, aonde se não arvorassem as suas gloriosas Bandeiras, até foy necessario descobrir hum mundo novo, para tirar a gloria ao Grande Alexandre, que só pode conquistar o antigo. Não acabaõ de encarecer os Historiadores a prosperidade de successos, com que a Monarchia Portugueza se vio correr pelo espaço de quatro para cinco seculos, no dominio de quinze Reys successivos, até D. Sebastião. Porém, como por fatal circumstancia da gloria humana seja infallivel vaticinio da sua decadencia o mayor auge da

sua exaltação; permittio a Providencia, que no breve espaço de poucas horas se perdesse toda esta felicidade, e entrasse Portugal a sentir os golpes daquelle espada de fogo, que sobre elle vio desembainhada Santa Tereza de Jesus, como pronostico infallivel da sua destruição. Em huma palavra: Sepultou-se com este Rey a gloria Lusitana, sendo para tão grande ruina pequeno Mausoléo o dilatado ambito daquellas adústas campanhas da Africa, aonde se convertêraõ as palmas em cyprestes, os obeliscos em urnas, e as inscrições em epitaphios.

II Choráraõ os Portuguezes a lastimosa desgraça deste faudoso Principe, sem que lhes pudesse enxugar as lagrimas o Infante Cardeal D. Henrique; porque se achava inhabil, não só pelos annos, mas pelo estado, para dar successão ao Reyno. Porém, como não podia deixar de empunhar o Ceptro, servio sómente a sua posse de lembrar a todos os Vassallos a funesta Tragédia que se ficava representando na Monarchia com hum velho decrépito, Successor de hum Rey moço, e voluntario,

rio ; que havendo sacrificado com a sua pessoa tanta parte da primeira Nobreza do Reyno , o deixára totalmente exangue , e , como tal , na ultima decadencia.

12 Posto no Throno este Cadáver , sem alma pelos annos , e sem viveza pelo estado , para resolver o que era mais conveniente ao bem da Monarchia , entráram varios Principes pertencentes á sua Coroa. Mas como entre elles prevaleceffe Filippe II. de Castella ( ou pelo mayor terror das armas , ou pela mayor negociação dos inconfidentes ) logo , que morreo o Cardeal Rey , tomou posse do Reyno , não obstante a justiça clara da Senhora D. Catharina , que se achava representando a pessoa de seu Pay , o Serenissimo Infante D. Duarte , Irmao do mesmo D. Henrique , e filhos ambos do memoravel Rey D. Manoel. Com hum Exercito de dezoito mil Infantes , e mil e quinhentos cavallos entrou Filippe II. em Portugal ; havendo tido primeiro a prevenção de mandar vir de Flandes os Mestres de Campo , e Capitaens de mayor reputação , com os Soldados mais

Tom, III.

veteranos , e de melhores experiencias militares : porque vindo , como vinha , a ser Rey dos Portuguezes , parecia-lhe que não entrava a dominar homens , senão Leoens , e que tudo seria pouco para os deter na sua obediencia. Não se enganára neste conceito ElRey Catholico , se o Reyno tivéra a uniaõ , que se desejava : mas a infelicidade , com que entrou a dividir-se , fez degenerar aos Portuguezes daquella generosidade de animo , que os tinha empenhado tantas vezes a emprender , e resistir em mayores acçoens.

13 Nesta , pois , em que a fortuna de Portugal esteve tão opposta , procedeo Filippe II. com cautelosa prudencia. Tinha-se deixado persuadir a grande Politica deste Monarcha , que não poderia fazer dobrar os joelhos aos verdadeiros Portuguezes , se primeiro lhes não obrigava os corações. Principiou esta cortezia pelos Duques de Barcellos , e de Bragança , a quem tratou com tão evidentes signaes de benevolencia , que resentidos della os Grandes de Hespanha , rompêram naquellas queixas , em que costuma sabir a emulação nas

ocasiões de semelhantes preferencias. Mas ElRey, que sabia diffimular as conjunturas do tempo, e aproveitar-se delle nas urgencias de mayor peso, sem fazer caso destes sentimentos proseguio nas mercês, e nos respeitos, que se deviaõ a huma Casa de Carácter taõ illustre. Lançou o Tusaõ de ouro ao Duque de Bragança: confirmou-o na Dignidade de Condestavel; e admittia-o ao interior da cortina em a Missa. Todas estas honras seriaõ estimaveis, se Filippe as fizesse a outros Senhores, que não fossem desta Real Casa. Porém como ha tempos, em que vem a ser graciosas as justiças, sempre os Duques as foubéraõ agradecer com serem os primeiros, que beijáraõ a mão a ElRey.

14 Com esta acção, que os Grandes de Castella chamáraõ vassallagem, não sendo mais que huma méra cortezia, nascida da condescendencia do tempo, assentou ElRey Catholico, que tinha preoccupadas as pertençaens da Serenissima Casa de Bragança á Coroa Portugueza. E assim, nesta falsa supposiçaõ, continuou no estabelecimento do novo governo; con-

vocou Cortes; jurou liberdades; firmou exempçoens; e por ultima consequencia de tudo, nada cumprio do que prometteo. Se a curiosidade dos Leytores quizer renovar os sentimentos, e tornar a pôr nos olhos as lagrimas, que chorou todo Portugal no dominio absoluto assim deste, como dos dous Filippes, que lhe succedêraõ, recorra á extensaõ, com que os Auctores referem em seus Escriptos a Tragédia mais funesta, que se vio representar em este Reyno: porque para a obrigação, e desaffogo da nossa penna, basta que digamos, que os procedimentos, com que o governo de Castella se houve em Portugal, foraõ verdadeiramente effeitos daquella espada de fogo, que sobre elle vio desembainhada N. Madre Santa Teresa, como dissemos acima. Tudo foraõ chãmas, que abrazáraõ a nossa liberdade: mas não podemos deixar de dizer, que tambem foraõ luzes, que abrixaõ os olhos aos verdadeiros Portuguezes, para facudir o jugo; para quebrar as cadêas; e para se resolverem a acclamar hum Rey natural, que os governasse



nasse como Senhor, favorecesse como Irmao; e amasse como Pay. Hiaõ-se acabando os sessenta annos, que a Justica de Deos tinha determinado de captiveiro á Nação Portuguesa. Clamavaõ os vaticinios por boca de tantos Oraculos da virtude, quantos eraõ os que instantemente pediaõ ao Ceo mitigasse a ira, embainhasse a espada, e olhasse com olhos de piedade para hum Reyno, cheyo de angustias, de afflicçoens, e de misérias. Ouvio Deos os clamores; porque tambem ouvio os ecos, que formáraõ as vozes dos innocentes, perseguidos sem causa, castigados sem culpa, e obrigados com violencia. E se he certo, que até a artilheria, ainda que seja de bronze, se a esquentão com tiros, arrebenta com estragos; não he muito, que a paciencia dos Portuguezes rompesse os diques ao soffrimento, e se animasse a huma heroicidade, que se não conta semelhante nos Annaes da fama, por mais que se escreva nos Fastos da admiracão.

## CAPITULO III.

*Resolve-se a Nobreza de Portugal a pôr a Coroa na cabeça ao Serenissimo Duque de Bragança D. João: Conta-se o caso, como succedeo; e referem-se algumas Profecias, conducen-tes a este mesmo fim.*

15 **C**Om a espada dessem- Anno 1640.  
bainhada contra este  
Reyno entrou Filippe IV:  
no seu governo. Não refe-  
rimos com miudeza as ex-  
torsoens, e violencias, que  
padeceo; porque seria lem-  
brar os motivos das nossas  
queixas em hum tempo, que  
já estaõ esquecidas pelo con-  
curso, e felicidade de taõ fir-  
mes Alianças. Mas o certo  
he, que, apuradas todas as  
industrias de Castella, para  
vexar, e abater a Portugal,  
despertou este do lethargo,  
e reconheceo não só os ex-  
cessos da dominação, mas o  
miseravel estado, e vil aba-  
timento, a que precipitada-  
mente se hiaõ reduzindo as  
suas glorias. Vio, que aquel-  
las armas, com que deo no  
mundo taõ espantosos bra-  
dos o seu valor, se lhe tirá-  
vaõ das mãos, por lhe tirá-  
rem

Anno  
1640.

rem juntamente com o nome a reputação. Contemplou no Throno daquelles seus amados Reys assentada humia mulher, para o governar com o despotismo, que lhe inspirasse a irregularidade dos Castelhanos. Observou que estes, para mais escurecer a gloria Portugueza, determinavaõ reduzir todos os seus Estados a humia só Provincia. Considerou, finalmente, que com tão repetidas affrontas, e com tão manifesto quebrantamento de seus fóros, e privilegios, morriaõ aquellas testemunhas, e aquelles pregoeiros de suas obras heroicas, que foraõ premio de serviços, e finezas de verdadeiro amor: e nesta consideração, que tanto lhes feria a alma, e penetrava os coraçãoes, começáraõ todos, assim Nobres, como plebeos, assim Ecclesiasticos, como seculares, a assentar comfigo, que mais piedosamente acabariaõ por suas mãos, que pelas alheyas; e que feria menor mal acabarem-se para se conservarem, que conservarem-se para os acabarem com vil infamia do seu valor.

16 Vacillava sómente a resolução na escolha dos meios mais convenientes, para

conseguir a liberdade da Patria. Foraõ diversos os discursos sobre a pessoa, que deviaõ eleger para sustentar o Ceptro, e as consequencias, que necessariamente se haviaõ de seguir. Se olhavaõ para o Duque de Bragança, a quem assistia direito incontestavel á Coroa, receavaõ, que não fosse capaz de a conservar na cabeça; porque já a experiencia lhes tinha mostrado, que nas alteraçoes de Evora não só desprezara as repetidas offertas dos Povos, e persuasoens da Nobreza; mas que se justificára com ElRey de Castella, de que nunca fora o seu animo usurpar-lhe esta Coroa. O Infante D. Duarte, seu Irmão, pelo reconhecerem ornado de excellentes virtudes, valor, e experiencias militares, era tambem hum dos objectos, em que muitos punhaõ os olhos para sustentar a deliberação. Mas como entre outras, que se apontáraõ, fosse menos exposta a inconvenientes a de se lançar mão do Duque, facilmente se uniraõ, e deliberáraõ em que fosse elle o desempenho das suas esperanças.

17 Faltava só, depois de assentar na empresa, consultar

Anno  
1640.

Anno 1640. fultar os Oraculos da virtude, e da sabedoria, para ver se na execucao della podia haver alguma duvida, que encontrasse, ou se oppuzesse á consciencia. Porque na supposicao, de que o negocio levasse consigo escrupulos, determinavao os Confederados deixar-se antes morrer, arrastando as cadeas da escravidao, que expor as suas almas a perigo de offender a Deos, por mais que assegurassem a liberdade no expediente. Entre os muitos, pois, que se consultarao em outras Religioens (homens todos de espirito, e literatura conhecida no Reyno) foy em a nossa o Veneravel Padre Frey Thomaz de S. Cyrillo, cuja vida se escreverá no anno de 1652., que foy o de seu felicissimo transito. Era elle actualmente Provincial desta Provincia, e conhecido de todos os Senhores da Corte por hum dos Varoens mais doutos, e virtuosos, que naquelle tempo se veneravao em ella. Por estas duas qualidades, tao necessarias para o conselho de hum accao tao heroica, recorrerao os confederados a este Oraculo (já dentro, e já fóra da Confissao) instan-

do-lhe, que pedisse a Deos luz para os aconselhar rectamente na empreza, que intentavao pôr em execucao, se fosse do Divino beneplacito. Naõ causou novidade ao Veneravel Prelado esta resolucao dos Fidalgos, quando lha communicarao a primeira vez; porque já, dous annos antes, recebêra elle humma carta, em que se lhe dizia nesta formalidade: *V. P. encomende a Deos, e faça que a sua Communidade lhe encomende tambem este Reyno; porque naõ tardará muito tempo, que tenha Rey Portuguez, e mais naõ ha de ser ElRey D. Sebastiao.* Prevenido com esta noticia, e com a que de novo lhe davao os Confederados sobre a Pessoa, que determinavao subir ao Throno, recorreo o Veneravel Padre á Oracao, em cuja aula se aprendem as mais difficultosas sciencias, e sahio tao noticioso da vontade de Deos, que logo a persuadio, e caminhou com seguranca a resolucao, e a empreza. Em todo o tempo, que ella se tratou, assistia o Veneravel Padre com o seu conselho para os me-yos, que se deviao tomar na execucao; porque como era, sobre



fobre virtuoso, peritissimo no  
Anno 1640. manejo, e expedição dos ne-  
gócios, vinha tambem a ser  
naquelle generoso, e nobilís-  
simo Congresso de Heróes  
Portuguezes, como a alma,  
que dava vida a todas as de-  
liberaçoens.

18 Asssegurados; pois,  
da vontade do Senhor, assim  
por este, como por outros  
Ministros seus, entráão os  
quarenta Fidalgos Confede-  
rádos a pôr os ultimos esfor-  
ços á execução. Porém, co-  
mo esta era huma das ma-  
yores acçoens, que em tem-  
po algum corrêra por conta  
dos applausos da fama, e con-  
seguentemente exposta a pe-  
rigo de vida; com Catholica,  
e religiosa piedade determi-  
náão armar-se dos Sagrados  
Escudos, que defendem, e  
foccorrem os verdadeiros fi-  
lhos da Igreja. Confessáraõ-  
se todos, e Commungáraõ,  
como por Viatico, o Sacra-  
tissimo Corpo de Christo Se-  
nhor Nosso no dia antes da  
facção; pedindo humildemen-  
te a Deos, que amparasse  
huma empreza, em que não  
entrava a vingança culpavel,  
fenaõ a justiça, de que en-  
tendiaõ poderem ser elles li-  
citamente os executores.

19 Com tão bellas dispo-  
ziçoens da alma, amanheceo Anno 1640.  
em fim o dia primeiro de De-  
zembro deste faustissimo anno  
de Quarenta, em que, reite-  
radas por muitos as Confis-  
soens, acudiraõ todos os  
Christianissimos Cõfederados  
por diversas ruas aos postos,  
que se lhes tinhaõ demarca-  
do. Era signal fixo, que ao  
mesmo ponto, que o relo-  
gio desse a primeira das no-  
ve horas, sahisssem todos dos  
coches, e avançassem ao Pa-  
ço. Haviaõ-se ajuntado no  
terreiro delle algum tempo  
antes; e como o fidalgo ani-  
mo destes generosos Cam-  
peoens só respirava valentias,  
cada momento de espera lhes  
parecia huma eternidade de  
duração. Com effeito che-  
gou o prazo: investem a Guar-  
da dos Soldados Castelhanos:  
vencem a sua resistencia com  
impulso verdadeiramente Por-  
tuguez: sobem ao Paço, e  
executaõ todas aquellas he-  
roicidades, que são mais pa-  
ra a admiração dos seculos;  
que para as vozes dos ap-  
plausos. Em hum instante se  
ouvio retumbar nas fâlas, e  
soar das janéllas de Palacio:  
*Liberdade, Portuguezes. Vi-  
va ElRey D. João o IV.,  
atégora Duque de Bragança.*  
*Viva*

*Viva, e morraõ os traidores,*  
 Anno 1640. *que nos arrebatrdaõ tyrannica-*  
*mente a nossa liberdade.*

20 A estes clamores, que enchiaõ de alegria os coraçoens dos verdadeiros Portuguezes, ao passo que feriaõ de temores aos Castelhanos, acudio hum Clerigo da Cidade com hum Imagem de Christo Crucificado em hum maõ, e com a espada desembainhada em a outra; e animando ao mesmo tempo áquelles, acutilava a estes, como se fossem huns inimigos da Fé. Outro Clerigo, natural da Azambuja, vendo, que os do partido de Castella se punhaõ em disposiçaõ de resistir, pegando de hum alfanje, e de hum escudo, fez por meyo delles caminho franco aos Fidalgos, com tanto estrago, e valor, que lhes pode ficar em Proverbio: o Clerigo da Azambuja, bem assim como lhes tinha ficado, muitos annos antes, a Padeira de Aljubarrota. Era Miguel de Vasconcellos o primeiro Tyranno, que queriaõ sacrificar á justissima vingança do seu valor; porque, sem attençaõ aos sagrados fóros da Patria, se tinha (qual outro Catalina) conjurado contra ella,

Tom. III.

desprezando as suas regalias, anniquilando as suas liberdades, e abandonando todos os respeitos, que se deviaõ á Fidalguia, aos Povos, e á Naçaõ inteira. Em fim, morto este inimigo commum, e lançado por hum ja nella do Paço o seu infame cadaver, he incrível o tropél de injurias, que a plebe executou nelle, como em desaffogo do mortal odio, com que abomináraõ sempre as suas desordens, as suas injustiças, as suas tyrannias.

21 No dia antes a esta morte teve della noticia superior a Veneravel Madre Maria do Espírito Santo, natural de Vianna, e Religiosa do nosso Convento de Santo Alberto de Lisboa. E foy o caso: Andava a Veneravel Madre Michaéla Margarida de Santa Anna, filha do Imperador Mathias, muito afflicta, e desconsolada no dito Convento; porque havendo alcançado licença d'El Rey de Castella para fundar o de Camide, o tal Miguel de Vasconcellos lha impedia em Portugal, como Arbitro que era de todas as Ordens daquella Monarchia. Mas como em dia de Santo André deste mesmo anno se queixasse a

C Vene-

Anno 1640. Veneravel Madre mais viva-  
mente desta injustiça, lhe dis-

*Calle-se N. Madre, e não se afflija, que bem cedo ha de morrer Miguel de Vasconcellos, de má morte, e V. R. terá logo a licença. E como esta era huma cousa, que nem ainda passava pelo pensamento ás Religiosas, e o desejo de conseguir a fundação lhes fazia crer, que o demonio a embarçaria, quanto pudesse, por este seu Ministro; replicárao com donaire de desconfiadas: Que visse o que dizia; porque era hum disparate, segundo todas as apparencias humanas, por onde sómente se deviao guiar as creaturas. Assim he (respondeo a Veneravel Maria) assim he: mas torno a ratificar o meu dito, e não tardará muito, que Vossas Reverencias o vejaõ verificado. No outro dia succedeo a Acclamação, e com ella sem vida o Ministro da impiedade: verifican-se, que a Madre tivéra luz superior de hum, e outro acontecimento; porque humanamente era impossivel, que se soubesse, pelo inviolavel segredo, que os Confederados observárao neste particular. E para que tudo*

se cumprisse, bem assim como a Serva de Deos o pro-  
fetizára, logo o novo Rey  
concedeo a licença para a  
fundação de Carnide, que  
teve a honra de fer a primeira do seu Reynado, e juntamente a Casa, em que recolheo sua Filha a Senhora D. Maria, como diremos em seu lugar.

22 Debellado já inimigo tão pernicioso, subiraõ os Confederados ao quarto da Duqueza de Mantua, para lhe tirarem das mãos o governo, que queriaõ pôr nas do seu legitimo Dominante. Com decoro, e comedimento procurárao os Fidalgos persuadir a esta Senhora, que demittisse livremente o mando, e se não expuzesse ás vulgaridades da plebe, que já andava discorrendo pelo terreiro, e seria facil romper as immunidades do Paço com alguma irrupção menos decente á sua grandeza, e carácter. Parece, que, á vista de moderação tão fidalga, devera a Duqueza reportar-se dos excessos, em que a fizeraõ sahir os primeiros movimentos da soberania. Mas como estava preocupada da paixão, foy tão desordenado o seu furor, que se pôs no eviden-



# CAPITULO III. 19

Anno 1640. evidente perigo de padecer a mesma conducta de Vasconcellos, se mais moderada não viesse no que se lhe propunha.

23 Socegado o Paço, e dadas pela Duqueza todas as ordens, que se julgáram precisas, para com menos violencia se disporem as cousas da liberdade, partíram os Confederados a tomar posse do Castello, que entregáram logo os Castelhanos sem resistencia. Tambem os presos neste felicissimo dia sevirão livres dos carceres; porque se assentou, que não era razão, que se misturasse o jubilo com o pranto; ou que houvesse quem chorasse no meyo de tantas, e tão bem fundadas alegrias. Quaes fossem as do Povo de Lisboa a este tempo, são mais para callar, que para escrever. Assim nas ruas, como das janellas, não se respiráram outras vozes, que vivas, e acclamações da liberdade: Já lá vay o tempo (diziaõ huns) já lá vay o tempo, em que a mal aconselhada politica de Castella procurou desafiar crueldades contra nós. Quebrou-se o jugo: acabou-se a escravidão: restituiu-se a liberdade; e amanheceo

Tom. III.

Anno 1640. para Portugal aquelle suspirado dia, que a Bondade de Deos tinha decretado para evidente demonstração da sua Providencia. Hoje se começa a verificar os vaticinios, que nos promettíam o allivio de tantas calamidades, (diziaõ outros.) Agora he que se verifica a palavra do Senhor dos Exercitos, quando no campo de Ourique assegurou ao Santo Rey D. Affonso Henriques, que, depois da decimajesta geração attenuada, havia de olhar ao seu amado Reyno de Portugal com olhos de commiserção, para o encher de felicidades. Oh! Sejaõ ellas taes (diziaõ finalmente todos) sejaõ ellas taes, e tantos os annos, que viva o nosso desejado Rey, o Senhor D. João o IV., que os chegue a contar pela arithmetica dos nossos dezejos. Não sejaõ menos os períodos, que goze de vida a sua Augustissima Descendencia: e attendaõ até as nações mais remotas do Universo, que já temos hum Monarcha, dado pelas mãos daquelle Senhor, que sabe levantar os Imperios de entre as mesmas cinzas da sua anniquilação, e abatimento. Seja o nosso coração a cithara, a cujas consonancias se entoem os festivaes Cantos da nossa

C ij liber-

*liberdade. Liberdade : viva*  
 Anno 1640. *ElRey D. João o IV. nosso*  
*Senhor. Viva, e mil vezes vi-*  
*va este felicissimo Restaurador*  
*de Portugal, viva, viva.*

24 Vendo os Confederados tão bem approvada pelo Povo Portuguez a sua generosa resolução, seguidos delle, forão á Cathedral processionalmente, para darem a Deos as graças, que se lhe deviaõ em huma empreza, que não podia ter o desejado successo, se elle a não encaminháya, e defendia até o fim. Já a este tempo sahia o Arcebispo da Sé, precedido de hum Capellaõ, que levava arvorado o Estandarte da Cruz, e nella pregado o Nosso Redemptor. Com a Bandeira da Cidade, tremolando pelos ares, se encorporaõ os dous Concurfos, para caminharẽm ao Paço. Mas ainda bem não tinhaõ chegado á Igreja de Santo Antonio ( que fica junto da mesma Sé) quando na presença de todos se vio despregar o Braço direito de Christo Senhor Nosso. Gritou a multidão, que era maravilha, e não casualidade; porque os prodigios de Deos não vinhaõ por accidente. Muito mais, quando havia presente algum,

que sabia, e publicava a mysteriosa Visão, que tivéra, annos antes, nossa Veneravel Irmãa Leonor Rodrigues. Representava-se-lhe, todas as vezes que sahia da porta de Alconchel para a Igreja do nosso Cõvento de Eyora, pendente no ar huma Imagem de Christo Crucificado, virado para a parte de Lisboa, com a Mão direita despregada da Cruz. E como não podia figurar outra occasião, que aquella, em que se verificasse; com esta tacita approvação do Ceo, e na confiança de que tudo era do seu agrado, continuáraõ a Procissão, e por fim todas as mais disposicoens, que parecêraõ precisas para a conclusaõ da empreza.

25 Faltava só avisar do bom successo della ao Soberrano Atlante, que havia de sustentar sobre seus hombros o peso da Monarchia. Partiraõ logo pela pósta dous Fidalgos da primeira nobreza, com a alegre noticia da Acclamação. Recebeo-a Sua Magestade em Villa-viciosa sem os alvoroços, que pudéra causar huma tal fortuna em animos menos Régios; porque era mais dilatada, que os Dominios, a esfêra do seu coração, para se

Anno 1640. *le encher de semelhante vaidade. Com tudo, por não mostrar, que defattendia ao amor de hums. tão fieis, e reverentes vassallos, logo com os dous Embayxadores partito para Lisboa, mais sobornado da felicidade da empresa, que da Acclamação da Monarchia. Chegado á Corte, e desembarcado á ponte da Casa da India, se verificou pontualmente a Profecia, que tinha feito a já mencionada Leonor Rodrigues. Havia ella dito, dous annos antes, ao Marquez de Ferreira D. Francisco de Mellos: *Que o via ir com hum Rey de Portugal em hum barco, e dar-lhe a mão para sahir em terra. E succedeo assim; porque sendo o tal Marquez hum dos quatro Senhores, que viérao de Villa-viçosa para Lisboa com o novo Rey, ao saltar este em terra lhe pedio a mão, dizendo: Agora me lembra a revelação de Leonor Rodrigues. Ao que respondeo o Marquez: E a mim tambem, Senhor, me estava lembrando agora a mesma revelação.**

26 Não he facil de conceber o alvoroço, com que recebêrao ao seu desejado Principe, assim a Nobreza,

como o Povo; porque nas demonstraçoens alegres da Anno 1640. sua fidelidade davao a entender os jubilos, em que se banhavao os seus coraçoens. Não houve excessso de alegria, que não fosse o mais fiel testemunho do muito, que estimavao esta felicidade. Tudo era gozo, tudo applauso, e tudo hum final evidentissimo dos gloriosos auspicios, que se presagiavao com hum Rey, que entrava protegido da mão de Deos. Determinou-se para quinze de Dezembro o Acto de coroar a ElRey, e dar-lhe em nome de todo o Reyno juramento de obediencia, e fidelidade. Neste dia tornarao-se a ouvir as expressoens de gozo, ainda com mayores impulsos, e mais affectivas demonstraçoens, que ao principio; porque persuadidos cada vez mais os vassallos da justiça, com que subia ao Throno Portuguez tão amavel Monarcha, todo o jubilo, que mostravao a este respeito, lhes parecia pequeno tributo, igualmente do seu amor, que da sua obrigação.

27 Não podemos deixar de referir aqui, como em seu proprio lugar, o que deixou escrip-



escripto o Excellentissimo Bispo de Pátara D. Frey Joseph de Jesu Maria, da Ordem de S. Domingos, o qual, prégando do muito, que a Mão de Santa Teresa ajudára as prosperidades deste Reyno na felicissima Acclamação do Senhor D. João o IV. diz assim: Na Era de 1639., hum anno antes da Acclamação deste Reyno, teve esta visão a Veneravel Serva de Deos Leonor Rodrigues: Vio ao Duque de Bragança sentado em hum Throno Real, e a Santa Teresa, que com a mão esquerda lhe punha hum Ceptro na mão: dando-se-lhe a entender, que dalli a hum anno teriaõ os Portuguezes Rey natural por intercessão da Santa. E porque estava a sua mão esquerda em Portugal, por isso com ella, e não com a direita, lhe punha o Ceptro. Assim se vio então, e assim se cumprio depois no anno seguinte de 640. na felicissima, e verdadeiramente milagrosa Acclamação do Senhor Rey D. João o IV. de gloriosa memoria. Isto foy o que fez a mão de Santa Teresa: e que mais faria, ou poderia fazer ella, do que fez a sua mão? Estava o Ceptro de Portugal nas mãos de Castella: gemiaõ

os Portuguezes na violenta sujeição de hum tão rigoroso, e tão dilatado jugo: e que fez a mão de Teresa? Tirou o Ceptro das mãos de Filippe, e pôs o Ceptro nas mãos de João; verificando-se assim o que Christo lhe promettera, dando a sua mão a Portugal, levantando-o por meyo della da miseria, em que estava cahido, e restituindo-o áquellas antigas felicidades, porque tanto suspirava o seu desejo. Referimos o testemunho authenticos deste Veneravel Prelado, para que com elle, e a relevancia da sua materia, se conheça com evidencia a razão, e a justiça, que tem esta Historia, para tornar a pôr nos olhos do mundo huma acção tão propria do patrocínio de N. Santissima Matriarcha. Velou ella sempre pelas felicidades de Portugal, depois, que este teve a fortuna de possuir a sua Mão. Com ella o levantou da miseria, em que estava cahido na sujeição de Castella. Mas, porque isto não podia ter feliz effeito sem coroar hum Rey, que o defendesse de tornar a cahir na mesma escravidão, põem-lhe a coroa na cabeça, hum anno antes, para se verificar no Acto da Coroação, que

Anno 1640. que acabámos de referir. Desta prodigiosa Maõ recebeo o nosso felicissimo Restaurador o Ceptro: pertenderaõ tirar-lho a malevolencia, e a injustiça com mil artificios da iniquidade: mas, porque nenhuma há, que possa prevalecer contra as forças de taõ grande Braço, a mesma Maõ, que fez a entrega, lhe seguiu o deposito com tal firmeza, que, por mais que forcejáraõ para o despojar da posse, nunca chegáraõ a conseguir os effeitos da violencia, como já veremos no Capitulo, que se segue.

## CAPITULO IV.

*Dá-se noticia de hum traizão, e de hum assassinio, que se determinava fazer contra a Pessoa delRey.*

28 **J**A' o nosso felicissimo Monarcha se considerava pacificamente possuidor de hum Reyno, que lhe talhára, mais que a fortuna, a Providencia; quando, para inquietá-lo, se levantáraõ, de entre os seus mesmos vassallos, alguns menos observadores das obrigaçoens de taes. Ou fosse por emulação, ou por temor de que não

poderiaõ subsistir as venturas de Portugal neste levantamento, estando taõ exaustos de forças, entrou o Arcebispo Primáz D. Sebastião de Mattos a ser artifice de hum conjuraçaõ taõ perniciosã, como mostráraõ os seus deploraveis effeitos. Treme a penna na precisaõ de escrever a fatal desgraça, em que cahio o Marquez de Villa Real, D. Luiz de Menezes, por ser o primeiro, que se deixou penetrar das caviolas persuasoens do Arcebispo, fabricando com ellas a ruina daquella grande Casa, conservada em taõ illustres Ascendentes por espaço de 267 annos, que floreceo. Mas a mesma fatalidade, que entaõ pode ser justo motivo de commiseraçaõ, vendo arruinado hum edificio, de que tinhaõ sido os primeiros Architectos, não menos que hum Rey de Castella, e outro de Portugal, D. Henrique II., e D. Fernando I., nos obriga tambem a fazer trágica memoria deste successo, ou para horror, e abominação do delicto, ou para magoa, e sentimento da Posteridade.

29 Cinco eraõ as pessoas principaes, sobre que rodáva

Anno  
1640.

va esta detestavel conjura-  
ção: o Arcebispo de Brága,  
o Marquêz de Villa Real,  
o Duque de Caminha, o  
Conde de Armamar, e D.  
Agostinho Manoel. Anima-  
va este corpo sedicioso a in-  
fluencia do Conde Duque  
de Oliváres, que no Rey-  
nado de Philippe IV. fora o  
Arbitro de todas as suas reso-  
luções, para ruina de Por-  
tugal. Não podia imaginar-  
se acção mais execranda, nem  
facto mais abominavel nas  
circunstancias desta conjura-  
ção, que idear-se nella huma  
total extinção da Casa Real.  
Intentavaõ, que no dia cin-  
co de Agosto ( oito mezes  
depois da Acclamação ) se  
mandasse pôr fogo ao Paço,  
e ao mesmo tempo a diver-  
sas casas da Cidade; para que,  
divertidos os moradores com  
este accidente, pudessem os  
conjurados entrar mais desem-  
baraçadamente em Palacio,  
e executar no Rey, Rai-  
nha, e sua Augustissima Def-  
cendencia todas aquellas mor-  
tandades, que desejava Ca-  
stella, para se restituir á Co-  
roa. Se este Reyno, e a Ac-  
clamação do seu novo Prin-  
cipe não estivesse tão pro-  
tegida da mão de Deos, se-  
ria quasi impossivel não ter

Anno  
1640.

prompta, e effectiva execu-  
ção huma idéa tão horroro-  
sa, e abominavel. Mas co-  
mo o Senhor dos Exercitos  
veláva tanto sobre a conser-  
vação da Casa Real, para  
que nella se fossem seguindo  
os planos, que tinha forma-  
do a sua Providencia para o  
futuro, ordenou, que se des-  
cobrisse a conjuração, e se  
castigassem os seus Auctores.  
Assim succedeo. Averiguou-  
se o caso: prendêraõ-se os  
conjurados; e achando-se cri-  
minaes, e delinquentes pe-  
las mesmas confissoens, fo-  
raõ sentenciados na Relação  
de Lisboa com as penas, que  
estão prescritis pela Ley aos  
crimes de lesa Magestade  
de primeira cabeça. Excep-  
tuou-se desta sentença o Ar-  
cebispo de Braga; porque a  
sua Dignidade Pontificia o  
eximía de semelhante Juizo.  
Mas não obstante esta immu-  
nidade, não pode livrar-se de  
ser preso em huma das salas  
interiores do Forte do Paço.  
Na primeira carta, que es-  
creveo a ElRey, em que  
confessava de plano o seu de-  
licto, pedio-lhe com muitas  
lagrimas, que, para descargo  
da sua consciencia, permit-  
tisse, que entrasse a assistir-  
lhe na prisão o Padre Frey  
Simaõ



Anno  
1640. Simão dos Anjos, nosso Carmelita Descalço, para seu Confessor, e com quem receberia particular allivio. Era ElRey Clementissimo, e concedeo-lhe este desaffogo, attendendo á Grandeza da sua Dignidade, reduzida á ultima das desgraças humanas. E não foy de pouco fructo para a sua alma esta eleição do Arcebispo; porque nas boas persuasivas do Padre, e frequentes conversações, em que o metia sobre o Eterno, encontrou este Prelado tantos desenganos, que, para castigo de seus erros, mandou, que o enterrassem no adro de qualquer Igreja em campa rasa, sem mais epitaphio, que o da sua mesma infelicidade, e infortunio.

30 Postos na precisaõ inevitavel de morrerem degolados os outros quatro Fidalgos, sequazes do Arcebispo, forão levados no dia 27 de Agosto a humas casas do Rocio, para dali sahirem ao cadafalso. Já o prazo da sua vida se lhes não contáva por dias, senão por horas; e assim nas vinte e quatro, que lhes restavaõ precisamente, cuidaõ em dispôr as suas consciencias, como quem estava proximo a dar conta del-  
Tom. III.

las ao Supremo Juiz de todas. Para este fim mandaraõ chamar ao nosso Convento dos Remedios dous Religiosos doutos, e espirituaes, para que fossem os pilotos, que lhes governassem as almas, até passar aquelle tormentoso estreito, em que he facil encalhar, senão assopraõ os Favónios da Divina Graça para sahir. Antes de sahir o Marquez de Villa Real para o patibulo, fez huma acção tão heróica de humildade, e conhecimento proprio do seu erro, que he bem a lembremos aqui, ou para a admiração, ou para o exemplo. Postrou-se aos pés de hum dos nossos Padres, pedindo com lagrimas, e rogando com suspiros, que o pisasse, e lhe abatesse aquella soberba, com que procurára negar obediencia a hum Monarcha, que estava tão posto das mãos de Deos. Causou ternura, e edificação ao Religioso hum acto tão grande de virtude: mas repugnando o respeito condescender com a supplica, forão tão vivas as instancias, e as lagrimas tão copiosas, e effectivas, que assentando o Padre, que era moção daquelle Senhor, que não despreza o coração contrito,  
D trito,

trito, e humilhado, como dizia David; pelo não de-  
 Anno 1640. fraudar do merecimento de  
 Psalm. 50. humma acção tão edificativa,  
 19. pisou com effeito aquelle  
 Grande Homem, mais illu-  
 stre ainda por se vencer a si  
 mesmo naquelle abatimento,  
 que pelo sangue Real, que  
 pulsava nas veas, menos pa-  
 ra o desprezo, que para a  
 elevação.

31. Sacrificadas já estas vi-  
 ctimas á justiça da Magesta-  
 de offendida, ficáraõ os cor-  
 pos de tão illustres Padecen-  
 tes lastimosamente expostos  
 no theatro, sem que se atre-  
 vesse a piedade Christãa a ti-  
 rá-los, menos que não fosse  
 com ordem positiva d'ElRey.  
 Alcançou-a com humildes in-  
 stancias o nosso Provincial  
 Frey Thomaz de S. Cyril-  
 lo, e foraõ levados a sepul-  
 tar ao nosso Convento dos  
 Remedios, servindo-lhes de  
 pompa assim as lagrimas, co-  
 mo a commiseracão. Enter-  
 ráraõ-se na Capella do Capi-  
 tulo, que entaõ era a que ho-  
 je serve de Sacristia. O Mar-  
 quez ficou immediatamente  
 ao Altar: o Duque no meyo  
 da Capella: o Conde junto  
 á porta; e D. Agostinho Ma-  
 noel mais abaixo, pela mesma  
 ordem. Os ossos do Conde

foraõ traslados depois, no  
 anno de 1678, para humma  
 Capella, que hoje effaõ no  
 Claustro, e fundou D. Filip-  
 pa de Mattos de Noronha,  
 como consta da inscripção,  
 que se vê lavrada na parede  
 da parte do Evangelho, e  
 diz assim: *Esta Ermida man-  
 dou fazer D. Filippa de Mat-  
 tos de Noronha, como herdei-  
 ra, e testamenteira do Bispo  
 de Martyria, D. Francisco  
 de Faria, para satisfacão do  
 seu voto, e promessa, que ti-  
 nha feito em sua vida a S.  
 João de Deos, e a S. Ma-  
 thias, a quem se dedica. Nel-  
 la estaõ enterrados os ossos do  
 Conde de Armamar, e de D.  
 Catharina da Silva, sua mãy,  
 e será jazigo perpetuo de todos  
 os Descendentes da sua Casa,  
 por a dita D. Filippa haver  
 comprado este sitio aos Reve-  
 rendos Padres deste Convento,  
 com licença do Reverendissimo  
 Provincial, e Geral, anno de  
 mil seiscentos e settenta e oi-  
 to.*

32. As Excellentissimas Se-  
 nhoras D. Magdalena de Lan-  
 castro, Condessa de Fâro,  
 e sua filha D. Joanna Maria  
 Maxima, Duqueza de Ca-  
 minha, vendo o excessõ da  
 sua desgraca, e desengana-  
 das do em que paraõ todas  
 as

Anno 1640. as grandezas do mundo, se retiráraõ á Villa de Aveiro, para cuidar sómente em agradar áquelle Supremo Rey, que sabe distribuir os premios, conforme a condignidade dos nossos merecimentos. Communicavaõ naquelle Villa com os Carmelitas Descalços, a quem protestando dever a piedade de acompanhar ao Marquez, e ao Duque na mayor fatalidade, para segurar o Eterno, e livrar-lhes juntamente os corpos dos mayores opprobrios do theatro; religiosamente agradecidas nos fundáraõ o Convento de Santa-rêm, que elegêraõ para sepultura sua, e de seus illustres Descendentes, como diremos no anno de 1646., em que se effeituou a fundação.

33 Tal fim, como o referido, teve a conjuração, que inspirou o Conde Duque de Olivares, sendo Arbitrista universal de todos os interesses de Hespanha. Ainda que detestâmos os meyo, que tomou, para conseguir este fim, desculpâmos em parte o cuidado de recuperar hum Reyno, que elle pôs na precisaõ de quebrar o jugo, que a violencia lhe fazia levar com tanto des-

Tom. III.

prezo. Mas, que á vista de huma Tragédia tão funesta, Anno 1640. como acabâmos de representar acima, não aprendessem os seus faccionarios a viver com cautela, e a não se deixarem persuadir das promessas daquelle Ministro! Que ainda assim houvesse hum Portuguez tão cego, que, ficando-lhe sómente olhos para ver as conveniencias, que lhe offerencia o mesmo Valido, não prevenisse no exemplo dos outros conjurados o justo castigo, que o esperava tambem a elle, mettendo no atroz, e horroroso empenho de matar hum Rey, a quem a Providencia Divina amparava com a sua protecção! He desgraca do coração humano, posto nella por peccados, que o Senhor costuma castigar com semelhança cegueira.

34 Achava-se Domingos Leite Pereira, Escrivaõ do Cível da Corte, tão descontente com o novo governo, que se determinou a fazer fortuna mayor, se a procurava entre os mesmos inimigos da sua Patria. Passou a Madrid com o depravado animo de se offerecer ao Conde Duque de Olivares, Valido muito privado d'ElRey

D ij

Ca-



Anno  
1640. Catholico, para vir matar ao de Portugal, na hora, e occasião, que levava premeditada. Estava o coração deste Ministro tão preoccupado de sentimento, que ainda os meyoos mais barba-ros, e exorbitantes lhe pareciaõ os mais justos, e racionaveis, na supposiçaõ, de que só com elles podia conseguir a restituicaõ de hum Reyno, que elle mesmo puzera na precisaõ de buscar a sua liberdade: e assim, estimando por fineza, que Domingos Leite tivesse o valor de querer remediar-lhe esta grande magoa, concertou com elle, que, vindo a Lisboa, procurasse dar a morte a ElRey, mas que fosse á custa de commetter o sacrilegio mais execrando. Veyo com effeito o Assassino: alugou casas na rua dos Torneiros; e estando já preparado com bálãs ervadas, para na Procissãõ do Corpo de Deos as empregar no da Magestade humana, não permittio a Divina que achasse a morte a quem tão reverentemente acompanhava a mesma vida: porque representando-se-lhe ao sacrilego na pessoa d'ElRey (como depois confessou) huma Soberania mui-

to Magestosa, desalumbrado da luz, que imaginava, perdeo o tino, e com elle o effeito da sua depravada, e execranda resoluçaõ. Anno  
1640.

35 Frustrada esta, e recolhido o traidor a Madrid com o sentimento de não ter executado o que queria, foy tal a sua temeridade, que, cego com ella, tornou a tomar segunda deliberaçaõ, por não faltar ao que tinha promettido. Sahe com effeito de Madrid com outro Portuguez, que se chamava Manoel Róque, e tinha sido seu companheiro a primeira vez, sem saber delle o depravado intento. Mas, como já a experiencia lhe tinha mostrado a sua fidelidade em outras cou-  
sas, determinou Domingos Leite abrir-se com elle no delicto, que intentava, persuadindo-o vivamente, que quizesse cooperar, e concorrer para a sua execuçaõ com ardor; porque no premio podia affiançar todas aquellas fortunas, que se promettiaõ de huma tal acçaõ, se a chegavaõ a conseguir com felicidade. Causou grande horror a Manoel Róque a proposta do infame Assassino; porque a atrocidade do crime, e o não estar ainda totalmen-  
te

Anno 1640. te extincto em seu coração o amor da Patria, lhe fazia olhar o attentado, como humma das mayores abominações, a que podia chegar hum homem despido de piedade, de respeito, e de Religião. Com tudo, ainda que no seu interior abominava a enormidade do delicto, procurou com prudente diffimulação mostrar exteriormente, que consentia nelle, para ter melhor commodidade de atalhar a execucao, e prevenir-lhe promptamente o remedio. Affim foy: chegaõ ambos á Póvoa de D. Martinho, tres legoas de Lisboa, e fingindo Manoel Róque que se adiantava, por motivo de alugar casafas, logo, que entrou na Cidade deo parte a ElRey, e este a alguns Ministros, que, indo ao dito lugar, acháraõ ao delinquente, e o prendêraõ.

36. Posto no Limoeiro, e mettido em perguntas, confessou de plano a sua culpa, declarando as circumstancias della com toda a individualidade. Naõ obstante, porèm, esta sua confissão, procedêraõ os Dezembargadores aos outros exames, e averiguaçoens, que em taes casos ordenaõ as Leys; e conven-

ido por tudo juridicamente, condenáraõ o Reo á morte de forca, sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no Pelourinho, arrastado pelas ruas publicas da Cidade, e o seu corpo reduzido a cinzas, para que naõ ficasse delle outra memoria, que a da sua infamia. Executou-se pótualmente este castigo, e mandadas dar graças a Deos em todo o Reyno por beneficio taõ assignalado, a Serenissima Rainha, ensinada do seu agradecimento, ordenou com devoto zelo, que no mesmo lugar, em que Domingos Leite havia intentado executar o seu perverso designio, se fundasse hum Convento com a invocação de *Corpus Christi*; para que até no nome se renovasse perpetuamente a memoria de taõ grande mercê. Entregou-se este Convento á nossa Ordem, pela muita devoção, que a mesma Senhora professava a N. Madre Santa Teresa, e a seus Filhos, que sempre estimou com demonstraçoens de particular amor. Tomámos posse da Igreja, e de doze cellas, com algumas poucas officinas, a 12. de Junho de 1661., em que se disse a primeira Missa com assistencia dos Serenissimos

simos Infantes D. Pedro, e Anno D. Catharina, e toda a No- 1640. breza da Corte. Não se acabou o Convento, segundo a planta, que estava ideada; porque a morte levou antes á Augustissima Fundadora, sem deixar rendas estabelecidas para este fim. Esperamos, porém, na Catholica piedade, e Real gandezza de seus Augustissimos Descendentes, que, lembrados do mesmo motivo, gratifiquem a Deos este inestimavel beneficio, mandando, se continue, e aperfeiçoê huma Casa, que se erigio, e dedicou ao mayor dos Mysterios da nossa Fé, em memoria da mayor mercê, que a sua infinita Bondade tem feito a esta Monarchia.

## CAPITULO V.

*Confirma-se a justiça da Acclamação com o feliz successo de muitas victorias: referem-se alguns vaticinios a respeito dellas, e da conservação perpetua deste Reyno.*

37 **D** Esenganada Castella, de que as suas maquinas, ideadas por via de traçoens, e enganos, não podia ter contra este Reyno a

execução, que desejava a mesma pena de o haver perdido; Anno 1640. recorreo ás armas, como a unico meyo, que lhe ficava, para nos deturbar a bem fundada posse, em que já estavamos da nossa liberdade. Durou a guerra quasi vinte e oito annos successivos: mas com tanta infelicidade da parte de Hespanha, que nunca chegou a fazer acção, que não fosse mais hum descredito do seu valor: sendo tão grande o dos Portuguezes, que sempre com inferior partido alcançou victorias muito dignas de se recomendar, para eterna lembrança da Paternal Providencia, com que Deos justificou a causa da felicissima Acclamação do Senhor Rey D. Joáo o IV. de gloriosa fortuna. De boa vontade nos detivemos em escrever aqui (ao menos em summa) as sette mais notaveis batalhas, que a Monarchia de Castella apresentou á de Portugal, para que se lessem ao mesmo tempo outras tantas victorias, que as armas desta alcançaraõ contra as daquella com incomparavel valor. Mas, como a narração de todos estes triunfos ande já publica aos olhos do mundo em diversos, e excellentes



lentes Escriptos, e para o  
 intento da nossa Historia ba-  
 ste o que fica referido; só da-  
 remos noticia de alguns Re-  
 ligiosos nossos, cujas Ora-  
 ções ajudárao muito o bom  
 successo das Armas Portu-  
 guezas nas mesmas occa-  
 sões dessas victorias. *Non-61*  
 38. Não desmayada Ca-  
 stella com as quatro successi-  
 vas victorias, que este Rey-  
 no alcançou gloriosamente  
 dos seus Exercitos em *Mon-  
 tijo, Telêna, Badajoz, e Li-  
 nhas d'Elvas*, intentou a quin-  
 ta, que foy a do *Ameyxial*,  
 sendo Chêfe das suas Armas  
 D. João de Austria. Era for-  
 midavel o poder, com que  
 este Principe se deixou ver  
 nas nossas Fronteyras. Af-  
 sustou-se o Alem-Têjo, e com  
 elle a Cidade de Evora, que,  
 parte por fatalidade, e parte  
 por omissão, se achava sem  
 fortificaçoens sufficientes pa-  
 ra huma poderosa resistencia.  
 Nem foraõ pánicos, ou vaõs  
 os seus receyos; porque na  
 realidade se viêraõ a verificar,  
 quando á vista da mesma Ci-  
 dade apparecêraõ formados os  
 Castelhanos, e a circuláraõ  
 com dous mil cavallos, para  
 lhe impedirem os soccorros, e  
 segurarem os póstos, que ha-  
 via de tomar o seu Exercito.

Quaes fossem as vexaçoens,  
 que o nosso Convento pa-  
 deceo naquelle sitio, escre-  
 vera o anno de 1663, quan-  
 do alli chegarmos com a  
 chronologia: agora só dire-  
 mos, que estando no dos  
 Remedios de Lisboa o Ve-  
 neravel Padre Frey Antonio  
 de Christo, pedindo a Deos  
 pelo bom successo das Ar-  
 mas deste Reyno, lhe deo  
 o Senhor a entender que D.  
 João de Austria havia de to-  
 mar Evora, e estar algum  
 tempo entregue ao dominio  
 dos Castelhanos. Affligio-se  
 o Veneravel Padre com esta  
 noticia em fórma tal, que  
 não pode menos, que refor-  
 çar as suas Oraçoens a Deos,  
 para que não permittisse a  
 quella grande perda a Por-  
 tugal, depois de lhe haver  
 feito a mercê de o livrar da  
 escravidão, em que o tivê-  
 raõ os mesmos Castelhanos  
 por espaço de sessenta annos  
 successivos. Não sabe o Se-  
 nhor faltar ás supplicas dos  
 seus Servos, quando lhe pe-  
 dem tão justamente, como  
 este; e assim, para o con-  
 solar em tão grande afflicção,  
 lhe mostrou logo vencido o  
 Exercito de Castella, recu-  
 perada Evora, e entrar pe-  
 lo Terreiro do Paço a Re-  
 camara,

Anno  
1640.

camara, e Estandarte Real de D. João de Austria. Tudo isto se veyo a verificar depois pelo mesmo modo, que ao Veneravel Padre se tinha mostrado nesta Visão; porque desbaratado o Exercito Castellano na batalha do Ameyxial com tanta gloria dos Portuguezes (como dizem as Historias) fugio D. João de Austria, veyo a sua Recamara, e Estandarte para Lisboa, e Evora se recuperou depois com acçoens, dignas da immortalidade da fama. Mas devemos advertir, que todas as heroicidades, que o nosso Exercito obrou nesta grande batalha, alcançando victoria completa do inimigo, não procedêraõ tanto do valor dos seus braços, quanto dos de Christo, instado das Oraçoens de seus Servos. Assim se mostrou ao mesmo Veneravel Padre Frey Antonio, estando orando na occasião do conflicto; porque vio claramente ao Senhor, que com hum Braço seu recolhia a todos os Portuguezes, e os mettia debaixo do outro; dando-lhe a entender, que os tinha muito ao cuidado da sua protecção, para os defender de humas armas, que peleijavaõ obstina-

damente contra a justiça.

Anno  
1640.

39 E para que a verdade deste Divino soccorro não ficasse sómente ao credito de huma testemunha (ainda que da mayor excepção) quiz o mesmo Senhor, que outro seu Servo, tambem Religioso nosso, o testificasse com aquella infallibilidade, que costumaõ os seus amigos, quando são inspirados, como Oraculos da sua Divina vontade, nos mayores conflictos. Hum dos grandes, em que se viraõ as duas potencias belligerantes, foy sem duvida o da campanha de Montes Claros, distante huma legoa de Estremoz, e outra de Villa-Viçosa. Haviaõ segurado ao Marquez de Carracena, Generalissimo dos Exercitos de Castella, que a Conquista desta Praça lhe gastaria, quando muito, huma hora de dilação; e que o ganhá-la seria importantissimo avanço das suas Armas, sendo, como era, a Corte dos Duquez de Bragança, que os Portuguezes venerávaõ por primeiro Oriente da sua liberdade. Falsamente persuadido deste desvanecimento, entrou Carracena com todas as suas forças a dispôr atáques, formar baterias, ordenar assal-

tos,

Anno 1640. tos, e a fazer todas aquellas operaçoens bélicas, que lhe inspirava a experiencia de Fládes, em que militára tantos annos: mas com tão má fortuna, que rebatido pela guarnição, e atacado pelo Exercito Portuguez, veyo ultimamente a experimentar na victoria deste o mayor descredito, que tivérao as Armas Castelhanas em muitos seculos.

40 No mesmo dia, pois, em que na Provincia do Alem-Tejo se deo esta famosa batalha, foy revelada a victoria della no nosso Convento dos Remedios de Lisboa ao Veneravel Irmão Frey Francisco da Madre de Deos, hum daquelles grandes Soldados, que havia militado, como Mestre de Campo, nas primeiras guerras da Acclamação. Andava este Servo de Deos ordinariamente tão carregado do semblante, pela attenção interior ás cousas do Ceo, em que sempre contemplava, que havendo-o visto hum vez o Prelado com extraordinaria alegria, o fez reparar na novidade, e perguntar-lhe a causa, porque assim andava tão gozoso. Não tinha o Veneravel Irmão outro movel das suas acçoens,

Anno 1640. que a voz da obediencia, e nesta conformidade lhe respondeo pura, e singelamente assim: *Estando eu encomendando a Deos o augmento deste Reyno, e o bom successo das suas Armas, com o mayor affecto, que podia, entendi de Sua Divina Magestade, que hoje se havia de dar no Alem-Tejo hum bem arriscada batalha: porém, que os nossos sahiriaõ com victoria tão util, que della dependia a paz de Hespanha, e Portugal, por ser a ultima, que poria termo a guerras tão porfiadas, e sanguinolentas. Isto entendi de Deos com hum tal certeza, que não pude dissimular o gozo de minha alma; porque desejava muito, que se acabassem tão dilatadas contendas, pelos damnos, que se experimentavaõ em ambas as Monarchias. Contentissimo ficou o Prelado com esta resposta do Servo de Deos; e ainda que não punha duvida na luz superior, com que a certificava, sempre notou com advertencia particular o dia, para mayor averiguação do vaticinio. Mas não tardou muito o cumprimento d'elle; porque no dia seguinte, ás sette horas da tarde, chegou a Lisboa Simaõ de Vasconcellos com*



# 34 LIVRO SETTIMO

a noticia do risco da batalha, e certeza da victoria com gloria immortal das Armas Portuguezas. E porque os successos contingentes da guerra não se podem chamar felices sem as seguranças infalíveis da paz, que desbarata os receyos das inconstancias da fortuna; morrendo, quatro mezes depois desta victoria, ElRey Filippe IV. (que era só quem sustentava as desgraças da Monarchia, por não ceder ás felicidades de Portugal) não tardou muito, que seu filho Carlos II. não pedisse a este hum ajustamento pacifico, desistindo do pretendido direito, que imaginava ter á Coroa Portugueza. Em fim, concedido o beneficio da paz com interesses muito gloriosos a Portugal, e inexplicavel alegria dos Povos de huma, e outra Coroa, se ficou verificando tambem a segunda parte da Profecia do nosso Veneravel Irmao Frey Francisco da Madre de Deos, cujas Oraçoens concorrêrão tanto para esta felicidade.

41 Mas como a mayor, que deseja este Reyno, he a perpetua separação de Castella (por não tornar a cahir nos perigosos damnos, de que se livrou com a protec-

ção Divina) até nesta parte lhe offerecemos hum seguro authenticico, que contêsta, e authoriza a grande virtude do Veneravel Padre Frey Francisco da Cruz, Religioso nosso. Foy o caso. Logo, que a infinita Bondade de Deos nos fez mercê de Rey proprio, e natural na Augustissima Pessoa do Senhor D. João o IV., se mandou publicar por todo o Reyno tão alegre noticia, para que com ella não só respirassem os coraçoes dos trabalhos passados; mas tivessem a seu cuidado o encommendar a Deos a conservação de tão incomparavel felicidade. Chegou com effeito esta recommendação, da parte do novo Rey, ao nosso Convento do Bussaco; parecendo-lhe justamente, que neste santo Deserto, como mais familiar a Deos, tinha a certeza mais infallivel das Oraçoens dos Religiosos, e os effeitos, que dellas pertendia o seu Real desejo. Menos empenho era necessario, para que aquelles santos Ermitãos o tomassem muito deveras para com Deos; porque ainda prescindindo de tão Régias recommendaçoes, a mesma obrigação daquelle

Con-

Const.  
 part. 1.  
 n. 1.

Anno 1640. Convento, por Ley expressa, os punha na precisão desta piedosa supplica. Com tudo, como o negocio levava consigo tão ponderosas consequencias, chamou o Prelado a todos os Religiosos, e lhes persuadio a sua importancia, e o quão seriamente devião tomar á conta das suas Oraçoens, e obras meritorias, a conservação da liberdade deste Reyno, e seu felicissimo Restaurador. Todos, como verdadeiros Portuguezes, se offerecêrao a cooperar, quanto pudessem, com os votos communs da Monarchia; menos o Padre Frey Francisco da Cruz, que, por ser natural de Castella, e assentado, que fora usurpação violenta ao seu Monarcha, publicamente se escusou de pedir a Deos o bom successo da conservação deste Reyno no dominio do Senhor D. João o IV. Porque (dizia elle) *naõ posso, nem devo interceder por huma tão clara injustiça, qual he, a que se tem feito a ElRey Filippe de Castella, havendo estado de posse pacifica de Portugal sessenta annos successivos, e tirarem-lho agora, sem ser requerido em Juizo, bem contra o que Fi-*

Tom. III.

*lippe II. seu avô tinha observado, antes de se introduzir no governo deste Reyno.*

Anno 1640.

42 Era o Padre Frey Francisco da Cruz originario de Cervêra, no Bispado de Calahorra em Castella a velha. Tomou o habito em C, a, ragôça no Reyno de Aragoã, e passou ao Deserto de Batuséas, e daqui ao de Bufaco, em que exercitou quarenta annos todas as virtudes em grão tão eminente, que por ellas ainda hoje he muito veneravel a sua memoria neste Ermo, como veremos adiante. Nesta supposição, que se faz precisa para o que diremos depois, continuou o bom, e virtuoso Padre no conceito, que formára da injustiça da Acclamação, e em pedir a Deos o feliz successo das Armas Castelhanas contra as Portuguezas. Desorte, que chegou a tal extremo a firmeza deste dictame, de que estava preocupado inculpavelmente o seu juizo, que até quando na Missa Conventual cantava a Collécta *Et Famulos tuos*, em lugar de *Regem nostrum Joannem*, como fazião todos os mais Religiosos, punha, e pronunciava elle: *Et Regem nostrum Philippum*, pelo ter ain-

da por verdadeiro, e legitimo  
 Anno Rey de Portugal. Era gra-  
 1640. vissimo o escandalo, e sum-  
 ma a violencia, com que na-  
 quella Communidade se via  
 o capricho de levar adiante  
 huma, que parecia mais pai-  
 xaõ de Castelhano, que in-  
 teireza de virtuoso. Mas co-  
 mo na realidade o era, e por  
 tal tido em grande venera-  
 ção naquella santa Thebay-  
 da, não se atreviaõ os mais  
 a contradizê-lo, nem a per-  
 suadir-lhe que desistisse da-  
 quella opiniaõ, em que o con-  
 servava indiscretamente o seu  
 zelo, falto de verdadeiras  
 noticias.

43 Clara, e manifestamen-  
 te se vê neste caso particu-  
 lar a grande força, que tem  
 no coração humano o amor  
 da Patria; pois nem ainda a  
 virtude he poderosa para mo-  
 derar, ou despir o homem de-  
 sta inclinação natural, que o  
 faz parecer muitas vezes ju-  
 stifica, o que na realidade não  
 he mais, que hum erro da  
 razaõ. Tambem se pôde ju-  
 stamente estranhar nelle a  
 ignorancia, e simplicidade de  
 muitos, que, em vendo al-  
 guma acção, ou ouvindo al-  
 guma palavra a pessoa opina-  
 da de Santa, sem mais exa-  
 me, logo lhes parece revelação

de Deos, como se os Justos,  
 por humanos, não estivessem  
 tambem sujeitos a innumera-  
 veis erros. Menos longe del-  
 les estão os homens, que os  
 Anjos: e não obstante esta  
 mayor distancia, sabemos,  
 que o que era Custodio da  
 Persia, esteve vinte dias tão  
 obstinado em resistir ao de Ju-  
 dea, que foy necessario que  
 o Archanjo S. Gabriel desces-  
 se a manifestar áquelle a von-  
 tade de Deos; porque de ou-  
 tra sorte, levado do concei-  
 to natural, que tinha forma-  
 do sobre a justa defenfa da-  
 quelle Imperio, não seria pos-  
 sivel retroceder da opposição.

44 Tres annos inteiros  
 permaneceu na sua o Vene-  
 ravel Padre Frey Francisco  
 da Cruz, sem que no decur-  
 so de tanto tempo descesse  
 hum ponto da opiniaõ, ou  
 conceito, que havia forma-  
 do da justiça d'ElRey Catho-  
 lico a este Reyno. Mas co-  
 mo Deos não queria enga-  
 nado a seu Servo em mate-  
 ria, que elle mesmo tinha  
 disposto com a sua Divina  
 Vontade, expressou-lha hum  
 dia, estando dizendo Missa.  
 Estava o Veneravel Padre  
 ( como diffemos ) tão firme  
 na resolução de não encom-  
 mendar a Deos a conserva-  
 ção



Anno 1640. ção de Portugal debaixo do dominio do Senhor Rey D. Joaõ o IV., que sempre na Collécta nomeava distintamente a ElRey Catholico. Mas como hum dia, que celebrava a Missa da Comunidade, o ouviſſe eſta trocar na meſma Collécta o nome de Filippe no de Joaõ, reparáraõ os Religioſos na mudança, eſperando ainda confirmar-se com mayor exame na repetição, ſe acaſo a fiſſeſſe. Affirmavaõ huns, que eſta tróca de nomes podia ſer casual, e originada de alguma complicação de eſpecies, como ſuccede não poucas vezes ainda aos que ſe eſmêraõ na attenção interior; porque he muito fragil, e inconstante a memoria dos homens, em quanto he neceſſario á alma valer-se do minifterio dos ſentidos neſta vida mortal. Pelo contrario nunca ſe acabavaõ de perſuadir outros, que foſſe leveza de animo huma tão notavel mudança; porque tendo obſervado, que no Servo de Deos não havia acção, em que não moſtraſſe ſempre huma ſumma regularidade; parecia-lhes moralmente impoſſivel, que neſta, em que tanto ſe empenhára contra a vontade do Prelado, mudaf-

ſe tão inopinada, e repentinamente o conceito, ſe não houveſſe alguma novidade, que devia examinar-se, como materia da mayor ponderação. Em fim, continuando o Veneravel Padre nos mais dias a agradavel tróca, ſem que ſe lhe tornafſe a ouvir outro nome, que o de Joaõ, acabaraõ-se de perſuadir todos, que neſta mudança repentina havia algum myſterio, digno de que elle o communicafſe para honra, e gloria do Senhor.

45 Chegou a eſte tempo áquelle Santo Ermo o Padre Provincial Frey Sebaſtiaõ da Conceição para o viſitar: informáraõ-no os Religioſos do que fica referido, e lhe pediraõ que obrigafſe ao Padre a dar fielmente a razão do diverſo modo, com que procedêra em tres annos, já nomeando a hum, e já a outro Monarcha na Collécta da Missa. Fe-lo o Provincial aſſim; requere-o como Prelado, e que neſte ponto lhe não occultafſe a verdade, ſe acaſo encobria algum ſegredo myſterioſo, que pudeſſe ſervir para gloria de Deos, e bem deſte Reyno, a quem todos deviaõ deſejar as mayores felicidades. Ainda que, por conta

conta da sua grande humil-  
 Anno 1640. dade, custasse muito ao Ser-  
 vo de Deos manifestar os fa-  
 vores, que elle misericordio-  
 famente lhe fazia; vendo,  
 que o mesmo Senhor, na  
 pessoa do seu Prelado, lhe  
 mandava publicar aquelle,  
 respondeo com toda a fince-  
 ridade na formalidade seguin-  
 te: *Que elle não encommen-  
 dda nas suas Oraçoens publi-  
 cas, e particularés a ElRey  
 D. João o IV., porque tinha  
 a sua Acclamação, e o levan-  
 tamento deste Reyno por huma  
 injustiça clara, e a Filippe  
 IV. por legitimo Rey desta  
 Coroa: e sendo este o seu con-  
 ceito, não lhe parecia justo  
 pedir a Deos a conservação  
 de huma injustiça, commetti-  
 da com tanta offensa sua. Po-  
 rêm, que encommendando ao  
 Senhor este mesmo caso no pri-  
 meiro dos Mementos da Mis-  
 sa, lhe diffêra Sua Divina  
 Magestade, que o Duque de  
 Bragança justamente se resti-  
 tuira ao seu Reyno com seu  
 Divino beneplacito: que era  
 Rey legitimo, e como tal sem-  
 pre o conservaria; e que o Rey-  
 no nunca se tornaria a unir com  
 o de Castella. Pela qual razão,  
 que sabendo elle a vontade Di-  
 vina, mudára de parecer, e  
 o encommendava a Deos, co-*

*mo seu Rey que era; pois já,  
 pela habitação de tantos annos, Anno  
 1640. estava naturalizado em Portu-  
 gual, e era seu vassallo, e  
 como tal, e por especial Ley  
 do Ermo, o devia encommen-  
 dar a Deos, e como podia, e  
 devia, o encommendava.*

46 Admirado, e junta-  
 mente gozoso ficou o Padre  
 Provincial com a noticia,  
 que o Padre Frey Francisco  
 lhe dava da conservação de-  
 ste Reyno, perpetuamente  
 separado do de Castella: e  
 parecendo-lhe, que huma tão  
 grande mercê Divina se devia  
 participar a ElRey, para que,  
 constando-lhe da vontade de  
 Deos, proseguisse com mais  
 segurança, e fervor na de-  
 fensa da sua Coroa, tornou  
 a fazer ao Veneravel Padre  
 esta pergunta: *Vejá V. R. se  
 tem a revelação por tão certa,  
 que possa eu dar razão della ao  
 Serenissimo Senhor D. João o  
 IV.? Tão certo estou na sua  
 infallibilidade ( respondeo o  
 Servo de Deos ) que a posso  
 jurar; porque a não tê-la por  
 tão verdadeira, e me constar  
 da vontade Divina, não mu-  
 dára em minhas Oraçoens do  
 que antes observára; pois ne-  
 nhuma razão humana me mo-  
 veio, nem eu a sabia, nem sey  
 ainda, contra as que d'antes  
 meu*

Anno 1640. *meu proprio juizo me ministrava. E pelo que respeita a dar conta a ElRey, V. R. Letrado, e prudente he, faça o que melhor lhe parecer. Mas peço-lhe, que, em caso de se resolver a participar a noticia, seja com segredo da pessoa: porque a minha, encerrada tantos annos neste retiro de Bussaco, para não ver, nem ser vista, para não ouvir, nem ser ouvida, não he bem, que ande agora o seu nome pelas praças do mundo.*

47 Se o Padre Provincial deo com effeito esta conta a ElRey, não nos consta: mas quão certa, e infallivel fosse a revelação referida, nos vay mostrando a experiencia de cento e onze annos, que se contaõ de separação entre huma, e outra Monarchia. As industrias, e cavillaçoens, com que a de Castella procurou privar a de Portugal do seu legitimo Rey: as hostilidades, que moveo, para o mesmo fim, sem que já mais houvesse hum só encontro entre os dous Partidos belligerantes, em que o de Hespanha não ficasse vencido, e destroçado pelo dos Portuguezes: o offerecimento espontaneo, e a mediação de algumas Poten-

cias da Europa, para que este Reyno conviesse nos tratados de paz, que desejava o de Castella, opprimida, consternada, e afflicta com o valor das nossas Armas, sempre triunfantes, victoriosas, e enriquecidas das acclamaçoens da fama; que era tudo isto, senão huma publica sentença, com que Deos queria confirmar no Juizo re-cusissimo da sua Providencia a justiça da nossa causa? Nem as traçoens dos domesticos, suggeridos pelos estranhos interessados, a fim de acabar com o Rey, e nelle com a sua Augustissima Descendencia, pudéram prevalecer contra a certeza dos Oraculos Divinos, que asseguraõ sempre na Serenissima Casa de Bragança a nossa conservação. E se toda esta grande maquina de prodigios, que se viraõ succeder na felicissima Acclamação do Senhor Rey D. João o IV., e se foraõ continuando no theatro de sette victorias successivas, não podia firmar-se em baze menos sólida, que a vontade Divina; porque não havemos de dizer, e assentar como certa a infallibilidade da revelação referida? Os effeitos são, e foraõ sempre o crisól, em que



que se purificáraõ a certeza, e verdade das Profecias: atéqui não tem desmentido nada do que vaticináraõ, assim este, como muitos Servos de Deos, sobre a empreza da Restauração deste Reyno: não ha logo porque temer, ou recear o seu augmento, a sua conservação, e os felicissimos auspícios dos nossos Fidelissimos Monarchas, e seus Augustissimos Descendentes. Esta he a nossa confiança em Deos, e esta a firme Fé, que nos fica do soccorro, que nos prometteo, mediante o patrocínio da poderosa Mãõ de nossa Seraphica Madre Santa Teresa de Jesus, sua fidelissima Esposa. Empenhou o Senhor este seu Thesouro, para enriquecer a Portugal de felicidades; e a mesma Santa Matriarcha o desempenhou em tantos successos, quantos foraõ atéqui os em que tem mostrado a sua protecção.

48 Affiançada se declara esta por boca da mesma Santa em huma reposta, que se dignou fazer á Veneravel Leonor Rodriguez. Achan-do-se ella desconfolada com a noticia de se haver queimado a Capitania de huma Esquadra Portugueza, que

Filippe IV. mandára accompanhar certa Armada Castelhana, e tinha o nome da mesma Santa, e solemnemente benzerá com a Reliquia da sua Mãõ o Padre Frey Diogo de S. Joseph, Prior do nosso Convento do Porto, se lhe queixou amorosamente assim, diante de huma sua Imagem: *Como, Santa gloriosa, deixastes queimar a Capitania do vosso Nome, benta com a vossa Mãõ? Amava muito Teresa a esta sua filha, e como a tal deo a seguinte reposta: Filha, no mesmo ponto, que aquella Não se dispôs para vir contra este Reyno, me desobriguey da protecção della; porque só as suas felicidades correm por minha conta, depois que nelle está depositada a minha Mãõ. Vinha a fer o caso (como já se disse no segundo Tomo) que receando Philippe IV., que das revoluções do Além-Tejo se originassem outras de mayores consequencias no corpo da Monarchia Portugueza, tirando-se totalmente da sua obediencia, mandava, que na volta do Canal de Inglaterra viesse aquella Não segurar o Porto de Lisboa, e opprimir o Reyno, que queria reduzir a Provincia.*

Era

Anno  
1640.

Era esta huma das violencias mais injustas , que se pertendia usar contra Portugal: porque estava na gloriosa pacifica posse de mais de quinhentos annos de Reyno separado , e estabelecido por Deos nos campos de Ourique , e pessoa do Santo D. Affonso Henriques , seu primeiro Rey : e como a Santa Madre havia tomado á conta da sua protecção conservá-lo nas suas felicidades , e dar-lhe ainda outras mais avantajadas ; logo , que a Capitânia da referida Esquadra se dispôz a contradizê-las , ou a supprimi-las , se desobrigou ella de a defender , sem respeito a ser do seu nome , e estar benta com a Reliquia da sua Mão. Porque havendo-a dado Christo a este Reyno , não só para o levantar da miseria , em que estava cahido , pela sujeição a Castella ; mas tambem para solicitar-lhe todas as fortunas , que pudessem engrandecer as suas glorias ; seria faltar ao promettido , se chegasse a obrar o contrario. Não o obrou com effeito então , e esperamos do amor , que professou aos Portuguezes , e a este Reyno , que elle seja o alvo dos seus

Tom. III.

cuidados , o emprego das suas caricias , e o penhor , que lhe segure as felicidades , que se promette ter debaixo de tão feliz Horóscopo. Aquelle Senhor , que se dignou fazer a Portugal depositario fiel do riquissimo Thesouro , que encerra em si a Mão de sua querida Esposa Teresa , seja servido conservá-lo nesta graça , para augmento da Religião , propagação do Evangelho , terror dos inimigos da Fé , e conservação eterna de nossos Fidelissimos Monarchas na Grandeza , e Magestade de seus gloriosos Progenitores.

## CAPITULO VI.

*Patria , e primeiros louvaveis  
procedimentos do Veneravel  
Diogo do Santissimo Sa-  
cramento , até entrar  
na Religião.*

49 **C**Om summo , e inexplicavel gosto entra a nossa penna a escrever a vida prodigiosa do Veneravel Irmao Diogo do Santissimo Sacramento , por haver sido nesta Provincia hum dos Varoens mais candidos , e sinceros , que florecêrao nella , e a authorizárao com a grandeza,

F

# 42 LIVRO SETTIMO

Anno  
1640.

deza, e esmaltes de suas virtudes heróicas. Foy patria deste Servo de Deos a Villa de Almendra, huma das Povoaçoens de melhor distincção entre as de Riba de Còa, assim pelo tracto mais civil de seus habitantes, como pela benignidade dos ares, e bondade do terreno, que conserva plano, fertil, e tão util, que da qualidade de seus muitos fructos se servem as terras circumvisinhas, até á Cidade de Lamégo, distante boas quatorze legoas da dita Villa. Sobre a antiguidade desta Povoação conjecturamos, que fora huma das que naquella Comarca fundáraõ os antigos Túrdulos, descendentes do Grande Tubál, néto do Patriarcha Noé: porque não parece verosimel, que sendo o sitio, em que está fundada, o melhor, e mais agradável de toda Riba de Còa, o deixassem por outros de menos utilidade, e recreio para sua habitação, quando, sahindo de Setuval, e vagueando por toda a Beira, passáraõ o Còa, e se estabelecerão naquelle Districto. E parece mais verdadeira esta conjectura, sendo, como he, certo, que no termo desta Villa, e distante della hum

só quarto de legoa, quasi ao Norte, se descobrem ainda hoje na collina de hum Monte, sobranceiro ao rio Douro, os vestigios da antiquissima Cidade, a que o insigne Brito chama Caliabria; por achar, que os moradores da terra conservaõ, com pouca corrupção, o nome de Calábria áquelle sitio, e se virem ainda nas ruinas das muralhas huns claros indicios da sua grandeza. Póde bem ser, que das mesmas ruinas desta Cidade nascesse a dita Villa de Almendra, como sabemos, que procedeo a de Viãna do Lima das cinzas da Cidade de Britónia, fundada no Monte de Santa Luzia, junto á mesma Villa. Mas como tudo isto he sómente verosimilidade, que não põem certeza infallivel, deixamos esta noticia nos termos da mesma probabilidade, com que affirmãõ gravissimos Auctores, que no referido Monte de Calábria se vira situada tambem aquella Cidade de Ravêna, em que fora Bispo, e martyrizado Santo Apollinar Antiochêno; cujo corpo se venera ainda hoje por tradição no lugar de Uros, hum legoa distante do dito monte.

Anno  
1640.

Monarch.  
Lul. tom. 1.  
l. 5. cap. 24.



50 Deixadas porèm estas antiguidades á fé dos seus Auctores , podemos certificar , como filho , e originario desta Villa , que constando presentemente de 260. vizinhos , se conserva entre elles a tradição immemorial , confirmada com as ruinas antigas de muitos edificios , que se continuava com Castello-Melhor , quasi meya legoa ao Norte da mesma Villa. No tempo d'ElRey D. Diniz gozava-a , como Senhor Donatario , o Conde D. Martim Gil , seu Alferez Mór , por mercê , que fizera a seu pay D. Gil Martins ElRey D. Affonso o Sabio , estando em Burgos , no anno de 1308. da Era de Cesar , e de Christo 1270. , quando a Comarca de Riba de Coa se conservava ainda nos Dominios de Leão , de que a tirou legitimamente o mesmo Rey D. Diniz. Mas como por morte do dito Conde D. Martim Gil ficasse a mesma Villa na jurisdição da Coroa de Portugal , até o Reynado do Senhor D. João o IV. , este invictissimo Rey a doou de juro , e herdade a João Rodrigues de Vasconcellos e Souza , segundo Conde de Castello-Melhor , não só pela grande

Tom. III.

lealdade , valor , e empresas militares , com que defendeo , e governou as Provincias do Minho , Alèm-Tejo , e Estados do Brasil nas guerras da Acclamação ; mas tambem em respeito de ser legitimo Descendente dos primeiros Donatarios , os Condes D. Gil Martins , e D. Martim Gil , que era néto do Conde D. Mendo o Soufão , e do Conde D. Rodrigo Velloso , filho d'ElRey D. Ramiro III. de Leão , de que procedem os Vasconcellos deste nosso Reyno de Portugal.

51 Isto he o que pudemos descobrir da patria do Veneravel Irmao Diogo do Santissimo Sacramento , em que tambem nos interessamos não pouco , pela incomparavel fortuna de o ter por conterraneo , e compatricio , digno de toda a veneração. Mas o certo he , que não chegou esta ditosa Villa ao summo da sua grandeza ( quando tivesse outras muitas , que a ennobrecessem ) em quanto se não vio com a felicidade de nascer nella este Veneravel , e perfectissimo Varão. Porque se o domicilio natural provém , sem merecimentos , da casualidade da fortuna , o esplendor da patria

F ij con-

Anno  
1640.

Anno  
1640.

Monarch.  
Lus. tom. 5.  
l. 17. c. 32.

Anno  
1640.

condecoraõ, e augmentaõ os naturaes com a virilidade das suas acçoens: e he mayor o lustre, que reverbera em Anachárfis, por haver ennobrecido a humilde Scythia com gloriosas façanhas; do que a honra, que possuio Atyco, desvanecido pelo Régio Solar, que lhe deo sómente a fortuna do nascimento.

52 Qual fosse o do nosso Veneravel Irmaõ, e quem seus venturosissimos pays, não pode descobrir a nossa diligencia, por mais que pôs nisto alguma applicaçaõ. Mas tambem por occasiaõ desta falta, e de outras muitas, que experimentamos nesta materia, já desde aqui nos começamos a queixar da indesculpavel omissaõ, que tivéraõ os nossos primitivos Religiosos em apontar todas aquellas individualidades, e noticias, que são indispensavelmente necessarias para se fazerem memoraveis huns sujeitos, que pelos seus bons exemplos merecem eternos padrões nos Monumentos da Posteridade. Que para as Historias politicas, e seculares se tolerasse a semrazaõ de esconderem os contemporaneos as memorias do nascimento, que tivéraõ, ou as

illustres acçoens, que obra-  
raõ os Heróes da sua idade em beneficio da Patria, ou de si mesmos, podia soborná-los o vicioso fim de não quere-  
rem (como outros Crysolampos) que se conhecessem nos Annæes da fama aquelles, cujas heroicidades lhes podiaõ talvez escurecer as proprias. Porẽm, que se veja, e cáya semelhante desacordo, e injustiça sobre a materia das Historias Moraes, e Ecclesiasticas, sendo, como he, de virtudes, e bons exemplos, em que só póde ter lugar a sagrada emulaçaõ, que tanto recommendava S. Paulo aos  
de Corintho: *Æmulamini charismata meliora*; sempre se faz reprehensivel omitir quaesquer memorias, que possaõ ser precisas para se distinguirem os sujeitos, que florescerão na perfeiçaõ Christãa, e Monastica, com os particulares exemplos das suas mesmas virtudes. Se o mayor emprego, a que a vaidade dos homens consagrou todos os desvêlos da sua ambiçaõ, foy sempre a cautelosa industria de cortar os jaspes para levantar pyrâmides, e de lavrar os marmores para erigir columnas, em que se restituissẽ á Posteridade

Anno  
1640.

r. Cor.  
31.

na

na segunda vida da Memoria; porque não ha de imitar a virtude, conduzida de mais sagrada emulação, o mesmo exemplo; devendo-se aos seus professores tanta mayor veneração, quanto vay do espirito ao corpo, do sagrado ao profano, do santo ao vaidoso? Mas o certo he, que os filhos do seculo ( como dizia o Salvador ) são mais prudentes, e industriosos, que os filhos da Luz; porque obra as mais das vezes a vaidade, o que sómente devera executar a virtude. Sirva, pois, este largo episódio de prevenir, e acautelar aos presentes, para que se não deixem entorpecer com culpavel ócio, fazendo esquecer com a sua omissão as acçoens dos Varoens assignalados em virtude, e santidade. Notem tudo, quanto possa conduzir a huma perfeita Historia das suas vidas; para que, tendo muito que imitar em ellas, não formem os vindouros as mesmas queixas, de que agora fazemos tambem a materia mais justificada do nosso sentimento.

53 O que porém nos occupa o coração na falta, que acabamos de lamentar, deve, supposta ella, moderar-se

com a bem fundada conjectura, de que os pays do Veneravel Diogo foraõ Christãos, pios, e virtuosos; porque já he cousa affentada na experiencia ordinaria de cada dia (segundo disse Plutarcho, e cantou judicioso, e elegantemente hum Poéta) que, bem assim como os fructos com o ser participão a qualidade das arvores, que os geráão, herdaõ os filhos com a natureza a bõa indole, e santos costumes dos pays, que os produzirão.

*Qui viret in foliis venit*

*è radicibus humor:*

*Et patris in gnatos abeunt*

*cum semine mores.*

Mas ainda quando não fosse verdadeira esta conjectura, não se póde negar, que querendo Deos totalmente para si a este feliz homem, era necessario, que até não apparecesse memoria de quem o gerára, para que se devesse a seu Divino, e paternal cuidado tudo, quanto fosse, e houvesse de bom neste seu Servo, como nos dirão os admiraveis progressos da sua vida.

54 Para passar esta com alguma commodidade (talvez pela não ter na patria) se resolveo a sahir della, e

tomar

Ap. Oblan:  
den disc. 8.  
n.16.

Anno 1640. Anno 1640.

Luc. 16. 8.



tomar o caminho do Além-Tejo, para ver se naquelle domicilio universal de necessitados, encontrava mayores avanços á sua fortuna; porque muitas vezes succede achar-se em terras alheyas o melhoramento, que a casualidade, ou a emulação dos naturaes impede ordinariamente nas proprias. Com este bom animo, e depois de algumas jornadas por aquella Provincia, deo finalmente comfigo na Villa de Mouraõ, distante da de Moura quatro léguas ao Nordéste, meya além do Guadiana, e humda da raya de Castella. Como se achava falto de cabeceiras, e com poucas esperanças de poder melhorar de fortuna, determinou sujeitar-se a servir; parecendo-lhe, que com hum trabalho honesto, e decente suppriria as utilidades, que na patria lhe tinha negado a estreiteza, com que nascêra. Sendo, como era, de tão bõa indole, e mostrava no aspecto, e palavras humma sinceridade santa, e affavel, foraõ muitos os que quizerão servir-se delle nos ministerios de sua casa, e familias. Mas o Servo de Deos, vendo-se com inclinação a viver separado do commercio dos homens, em que periga

ordinariamente a consciencia; e se corrompem os bons costumes; por não contaminar os seus, e conservar a alma livre dos muitos, e graves perigos, a que vivem expostos os povoados, elegeo o exercicio do campo, e nelle o de guardar ovelhas: porque se persuadio justamente, que com o trato simplez daquelles animaes, symbolos da innocencia, e fingeleza, aprenderia a de animo, que suavemente conduz á perfeição Evangelica, a que já o começava a inclinar o desengano, de que só nella consiste a verdadeira felicidade. Alguma teve em se accommodar a servir a Affonso Reys da Costa; porque experimentando este em Diogo aquella verdade, e zelo, que raras vezes se acha nos que servem estipendiariamente, o começou, e continuou a tratar com amor, e amizade de irmão.

55 Neste exercicio de Pastor se conservou alguns annos, observando nelle hum modo de vida muito ajustado com as Leys de Deos. Era de seu natural, sobre composto, notavelmente soffrido, devoto, e amigo de rezar, e acudir á Igreja a ouvir Missa,

Anno  
1640.Anno  
1640.

la, quando commodamente o podia fazer sem defraudo da sua obrigação. Procurava com incrível ancia examinar, e saber todas as verdades da doutrina Christãa; julgando serem estas o meyo unico, e mais importante para conseguir o ultimo fim, e a posse de todos os bens, assim temporaes, como eternos, que Deos preparou para aquelles, que devêras o amaõ, e com ancia o buscaõ.

56 Como este Senhor he summamente verdadeiro, e nunca falta com as illustrações do Céu aos que na terra procuraõ cooperar com a sua Divina vontade, de tal sorte despertou no coração singélo de Diogo o desejo de deixar o mundo, e recolher-se a huma Religiaõ, que o mesmo foy apontar em sua alma esta Soberana Luz, que cuidar logo no como havia de obedecer ao Divino beneplacito. Já por este tempo affombrava em Portugal, como em Hespanha, a reformada vida, que praticavaõ os filhos de Santa Teresa; e estas noticias foraõ para o coração de Diogo as primeiras faiscas, que, passando a incendio, o abrazáraõ nos desejos de

buscar taõ santos Religiosos, e pedir-lhes o quizessem admitir ao Estado da vida activa, visto naõ ter aprendido mais, que as primeiras letras, insufficientes para seguir a profissão do Coro. Naõ era muito o que deixava; porque apenas chegaria a huma commoda sustentação o limitado estipendio da soldáda, em que se tinha contractado a servir. Mas se na opiniaõ de S. Gregorio he menor fineza deixar por Christo as riquezas, que deixar-se cada hum a si mesmo, pelo seguir; nesta generosa, e anticipada renuncia de si proprio começou o Veneravel Diogo a dar claros indicios, de que seria fidelissimo discipulo daquelle Mestre Divino, que affirmou, que sem ella nenhum o seria, nem poderia ser.

D. Greg.  
Humil. 32.  
in Evang.Matth. 16.  
24.

57 Com estes desejos, que, sendo taõ efficazes, naõ podiaõ deixar de ter prompta execuçaõ, se despedio o nosso Diogo de seu Amo com pretexto, de que queria mudar de terra, por ver se em outra o favorecia mais a fortuna; porque naquella já o tinha defenganado a experiencia, que naõ podiaõ ser grandes os avanços, nem a espe-

Anno  
1640.

esperança delles em tanta estreiteza. Sentio Affonso Reys huma tal, e tão inopinada resolução ; porque , sobre a amizade , se dava por tão bem servido delle , que julgava a sua experiencia não poderia encontrar outro , que substituisse o seu lugar com a verdade , zelo , e amor , que tinha observado em Diogo. Comtudo , como este não era seu escravo , e tinha liberdade para servir , ou não servir , não pode menos , que aceitar-lhe a despedida com pesar da sua conveniencia , e tambem da sua saudade ; porque se fazia amavel em todo o sentido a sua companhia.

58 Despedido assim Diogo da Villa de Mouraõ , tomou o caminho da Cidade de E'vora , aonde já estavam nossos Religiosos dando principio á fundação do Convento , que hoje existe alli com a invocação de N. Senhora dos Remedios , que verdadeiramente o he de todos os necessitados. Como o Demonio com a perda da graça não perdeu a luz da sciencia , e por esta conjecturasse a forte bateria , que aquelle Santo Moço lhe havia de dar , se com effeito entrasse na Religião , tomando a apparente

figura de hum galante , e bizzarro Cavalleiro , lhe sahio ao encontro. Travou com elle conversação alegre ; e depois de terem andado ambos hum grande espaço de caminho , fingindo-se todo affabilidades , lhe perguntou donde vinha , e para onde caminhava ? A esta pergunta respondeu o Servo de Deos : *Que hia adiante : e não quiz dizer mais.* Entaõ o fingido Cavalleiro lhe disse : *Já sey , que ides a E'vora : dizei-me agora , a que ides lá ?* Não quiz dizer-lho o Veneravel Diogo ; porque levava aquelle segredo , a seu parecer , tão fechado no coração , que só determinava abri-lo a quem pudesse satisfazer as fervorosas ancias , com que procurava o centro da sua felicidade. Não desistio comtudo o inimigo commum da sua teima , e assim lhe tornou a dizer : *Visto não queres dizer-me o a que ides a E'vora ; eu vo-lo direy. Ides a ser Frade : porèm sois muito ignorante ; porque os Frades vos hão de tractar como a hum negro.* Se Diogo não fosse tão singêlo , e tivesse alguma experiencia dos embustes , e apariçoens sensiveis do Demonio , já por aqui pudera conhecer a con-

Anno  
1640.



Anno  
1640.

dição do falso companheiro, que levava consigo: mas como julgava homem, o que na realidade era Anjo de perdição, sinceramente lhe tornou a responder: *Que se os Frades o tratassem conforme elle dizia, isso mesmo he o que queria, e o que buscava. Mas, que como nada disto era da sua conta, nem lhe importava, somente lhe pedia, que o não cançasse mais com semelhantes impertinencias.* Vendo o Demonio, que não podia entrar aquella Fortaleza, tão bem municionada com os socorros do Ceo, mostrando-se falsamente compadecido, rogou-lhe, que quizesse subir-se ás ancas do seu cavallo; porque o via muito opprimido do caminho, e desejava alleviá-lo, quanto fosse possível, para que com menos descommodidade pudesse continuar a sua jornada. Não quiz Diogo acceitar a offerta, desculpando-se cortezmente com o pretexto, de que ainda as suas forças não estavam tão debilitadas, que tivessem necessidade de semelhante conforto. He o Demonio aquella Serpente tortuosa, e enroscada, cujos torcidos caminhos se não conhecem na terra, como diz o

Tom. III.

Sabio. He Prothêo, que a cada passo muda as apparencias, para enganar aos homens, e levá-los pelas estradas da perdição. Queria este disfarçado inimigo com aquelle apparente agasalho vomitar mais de péto a venenosa malicia de suas diabolicas suggestoens. Se talvez não foy também para o despeñar, e fazer acabar aquella vida, que tantas victorias lhe presagiava para o tempo futuro. Suspeitava, que aquelle Moço havia de ser o seu mayor Antagonista, e como outro David, tirar-lhe das garras muitas das prezas, de que elle, como infernal leão, estava, ou esperava estar senhor absoluto: e assim, não podendo já dissimular, nem contêr a raiva, entra com furia a querer obrigá-lo a acceitar o offerecimento, pegando d'elle violentamente de hum braço para o pôr a cavallo. Então aqui o Veneravel Diogo, com huma santa impaciencia, levantou a voz, e disse: *Jesus, e que homem tão impertinente!* Aos éccos deste Sagrado Nome desappareceo o fingido Cavalleiro, e verdadeiro Demonio, com tão pavoroso, e formidavel estrondo, que, aturdido o

G

pobre

Anno  
1640.Proverb. 30  
19.

Anno 1640. *Psalm. 90. 15.*  
 pobre Moço, cahio logo em terra desmayado, padecendo, entre a confusão dos sentidos, o tormento, que lhe causára tão pouco esperado accidente. He Deos o centro de toda a felicidade, e se algumas vezes permite ao nosso commum adversario, que use das suas diabolicas cavillaçoens para tentar aos homens, não lhes falta com a sua paternal Providencia, quando pelejaõ fielmente, e invocaõ a protecção de seu Santissimo Nome, a cujo imperio obedece até o mesmo Inferno. Assim o experimentou Diogo; porque providenciando a Divina Piedade, que passasse por aquelle sitio hum lavrador ao mesmo tempo, que cahira em terra, depois de restituído aos sentidos, o levou para sua casa, e tratou nella com muita caridade, detendo-o hum noite, e parte do dia seguinte. Mais tempo o quizera o honrado homem na sua companhia; porque já com o trato singelo, e conversação Celestial attrahia suavemente os coraçõens, e os deixava feridos com as fétas do amor de Deos. Porém, como este Senhor lhe estava fazendo interiormente

força, mediante as suas Divinas illustraçõens, por não pôr impedimento com as demoras á continuação de tão incomparavel beneficio, desfeito todo em agradecimentos, houve de despedir-se do caritativo Lavrador, e continuar o seu caminho até Evora, para onde o faziaõ voar as ancias de se ver na Casa daquelle mesmo Senhor, que das solidoens do campo o conduzia para á terra da Promissão, ainda que a pesar do Pharaó do Inferno.

59 Chegado finalmente a Evora, e já mais acautelado, pelo que lhe tinha succedido, sem se divertir a outra parte, foy logo buscar a portaria do nosso Convento, que era o unico termo de todos aquelles cuidados, que o haviaõ separado da sua amada solidaõ. Era Prior actual do dito Convento o Padre Frey Joseph de S. Joaõ, natural de Salamanca. Avisou-o logo o Porteiro, de que hum homem desconhecido, e não menos grosseiro pelo estylo de fallar, que pelo traje, que trazia pastoril, o chamava á portaria: e que pelos sinaes, que dava da sua préssa, mostrava tê-la em fallar-lhe logo. Acudio promptamente.

Anno  
1640.

ptamente o Padre Prior, e sem mais cumprimentos, nem preâmbulos, lhe propôs Diogo a sua pertença; pedindo-lhe de joelhos, com mais devoção, que Rhetórica, o admittisse ao santo habito: porque com elle queria servir a Deos, e ao Convento, em tudo o que lhe mandasse a obediencia. Fez o Prelado algumas perguntas, que julgou precisas para se capacitar da vocação do pertendente: e satisfizesse elle com tal fingeleza, e candidêz de animo, que por só este motivo, e sem mais valia, o admittio ao habito de Irmão Donado com summo gosto dos Religiosos, que nelle pronosticárao ao Convento hum grande exemplo, á Religião hum illustre filho, e ao Céu hum homem verdadeiramente Santo. Quiz no novo Estado chamar-se Diogo do Santissimo Sacramento, por fé, de que havia de ser todo daquelle Deos, que, em desempenho de seu amor, se lhe havia de communicar tantas vezes naquelle Mysterio, e regalá-lo com o dulcissimo néctar de seu Corpo, e Sangue, com esta particular communicacão, como nos dirá a admiravel Historia da sua vida.

Tom. III.

## CAPITULO VII.

Anno  
1640.

*Recebido o habito, orna-o com admiraveis virtudes; e, passados os annos de Noviciado, faz em E'vora as duas profissoens, que acredita, e desempenha com o perfeito cumprimento dos seus votos.*

60 **V** Istido o habito da Virgem, e com elle o espirito da Religião, começou logo a dar evidentes signaes de que não sómente havia desempenhar as obrigaçoens do Estado; mas todas aquellas esperanças, em que se fundárao os Religiosos para o admittirem á Ordem, sem outro valimento, que o da sua propria vocação. Para a fazer mais certa, entrou logo a agradecer a Sua Divina Magestade, e á Santissima Virgem o signalado favor de trazê-lo a sua Casa, sem elle o merecer; fazendo de todos os sentidos, e potencias hum vivo holocausto, em que offerecia a Deos a alma, sem reserva de affecto a cousa alguma humana. Não cabia dentro de si mesmo, quando considerava satisfeitas aquellas ancias, com que procurára ser Re-

G ij

ligio-



Anno  
1640.

ligioſo : e affim , não podendo deter no ſeu coração eſta alegria , dilatava ſuas margens , até vertê-las pelos olhos ; porque o gozo era ainda muito mayor , que a eſféra do ſeu peito. Conferia repetidas vezes nelle o engano , em que andavaõ os mortaes , deixando ſe captivar da apparente figura de huns bens , que ſão ephîmeras de ſi meſmos ; podendo , como elle , abraçar ſómente aquelles , em que conſiſte a verdadeira felicidade.

61 Com eſte deſengano entrou a applicar ſe tão fervorosa , e effectivamente ás obſervancias da Religião , que , chorando o tempo perdido fóra della , ſe entregou tão de véras a Deos para o recuperar , que em breve ſe vio cheyo do meſmo Deos : porque he Maxima infallivel , que ſe de todo ſahem de noſſo coração as creaturas , de todo fica cheyo do Creador ; occupando o Amor Divino aquelle meſmo vácuo , que deixa o amor do mundo , lançado fóra da alma. Como neſta começava já a Soberana Luz a communicar copioſamente os ſeus rayos , deſejava muito que lhe mandassem as couſas mais peno-

ſas ; porque os rigores ordinarios da Religião , com ſerem tantos , e tão peſados , já pareciaõ leves aos olhos de ſeu penitente coração. Perſuadia ſe , que era huma ſemrazaõ , que ſendo os bens da terra apparentes , e como fumo , que brevemente desaparece , paſſaſſem os homens por innumeraveis trabalhos pelos conſeguir ; e que não padecesse elle muito mais pelas riquezas sólidas , e verdadeiras , que ſó na outra vida ſe poſſuem ſem receyo de acabárem na fruição. Como julgava com David , que era mayor honra ſer o mais vil , e abatido na Casa do Senhor , que ſer do numero daquelles Grandes , que nos Palacios do mundo conſervaõ , quando menos , a antonomáſia de peccadores , ingenuamente perſuadido deſta verdade , ſe lançava ao mais abjecto , e humilde do Convento ; mostrando neſte exercicio tão viva conſolação de ſua alma , que ſe não podia occultar , ainda a olhos menos lynces , que os que ha nas Commuidades Religioſas , aonde apenas ſe faz acção , que poſſa eſcapar do ſeu registo.

62 Na preſença de Deos ( que he a alma , que dá vida

Anno  
1640.

Pſalm. 11.

Anno 1640. da a todas as nossas opera-  
ções, e sem a qual fica sen-  
do cadáver tudo, quanto se  
obra no caminho da perfei-  
ção) se exercitava desorde o  
nosso Noviço, que ainda sen-  
do muitas as occupaçoens ex-  
teriores, em que o punha a  
obediencia, apenas se acha-  
va distraído desta Divina at-  
tenção. Daqui procedia o  
dar-lhe o mesmo Senhor tão  
completa satisfação, e alegria  
nos exercicios do Estado Re-  
ligioso, que não havia para  
o Servo de Deos gofio ma-  
yor, que assistir aos actos da  
Comunidade, e prevenir  
nelles tudo o que podia ser  
compativel com o encolhi-  
mento, e obrigaçoens de hum  
Noviço de vida activa, como  
elle. O Coro era o seu pa-  
raiso; a Oração o horto das  
suas delicias; o jejum, as di-  
ciplinas, e mais penitencias  
as bocas, por onde vaporá-  
va os ardores, que no Etna  
de seu coração tinha ateado  
o amor de Deos, e o odio  
fanto, que concebêra contra  
si mesmo. As minimas imper-  
feiçãoens lhe causavaõ tal abá-  
lo, e remorsos interiores,  
que todo o tempo era pou-  
co para desaffogar a conscien-  
cia em exames, a dor em  
confissoens, e o arrependi-

mento em lagrimas. Porque  
esse he hum dos effeitos ef- Anno  
ficazes do Divino Sol, quan- 1640.  
do entra na alma, descobrir  
até os minimos atomos, que  
podem offender os olhos de  
seu Divino agrado. Do trato  
continuo da Oração, a que  
estamos obrigados os Carme-  
litas Descalços por Institu-  
to, e Regra, lhe nascia o  
fervoroso cuidado, que tinha,  
de crucificar, e affligir a sua  
carne, até sujeitá-la ao espi-  
rito: porque logo lhe entrou  
a mostrar a experiencia, que  
descanço, e commodidades  
do corpo eraõ impossiveis  
com este Divino commercio;  
e que para elle fahir em tu-  
do, e por tudo perfeito, era  
necessario concordá-lo, e uni-  
lo bem com os rigores, e  
austeridades da vida: pois, co-  
mo diz N. Madre, e Mestra  
Santa Teresa de Jesus: *Re-  
gálo, y Oracion no se com-  
padecen entre si.*

63 Feita a sua solemne  
profissão (da simplez não con-  
sta o dia, nem o anno) a 4  
de Junho de 1607, he inex-  
plicavel o gozo espirital,  
que se vio em nosso Irmão  
com a já segura, e pacifica  
posse do seu novo Estado Re-  
ligioso. Cada observancia del-  
le, por minima que fosse,  
lhe

S. Teres.  
Cam. da  
Perf. c. 4.

lhe parecia tão inviolavel ley, Anno que o que para outros feria  
 1640. materia de pouco escrupulo, elle o observava, como se fosse o preceito da mayor obri-  
 Eccel. 19.1. gação. Costumava dizer, o que o Espírito Santo ameaça a todos os homens: *Que quem despreza, e faz pouco caso das cousas pequenas, em breve tempo se verá cahir, e precipitar em as grandes.* Nas materias de obediencia sempre foy tão exactamente pontual, que até os pensamentos dos Preládos quizéra advinhar para obedecer-lhos. Tinha este Servo de Deos para si, que era mais seguro fazer a vontade alheya, que a propria; porque ninguem he juiz recto na sua causa, e o que gósta a vontade facilmente o acredita o entendimento. Com ferem tantas as consolaçoens espirituaes, que Deos lhe dava na Oração, em soando a voz do Preládo, a largava, por acudir ao que lhe mandava a obediencia, ainda que fosse para se occupar em acçoens, que trazem consigo distrahimento, e menos attenção do espirito ás cousas do Céu. Dictame verdadeiramente espiritual, e que devêraõ observar aquelles, que, sem medir as forças,

que tem a voz, e império dos superiores, os contradizem facilmente nas suas determinaçõens, por não deixar o trato, que elles chamam interior: como se não fosse melhor, e mais acceita a Deos a sujeição, que a victimia; e a obediencia, que o sacrificio.

64 Quando o Veneravel Irmão recebeo o habito no Convento de E'vora, estavam ainda os Religiosos na rua do Reimondo, e corriaõ as obras do novo Convento a impulsos das muitas, e avultadas esmólas, que os Ebo- renses faziaõ com a largueza, que ainda hoje nos continúa a sua devoção. Os Preládos, ou fosse por necessidade de mais Obreiros, ou por exercitar o Servo de Deos, lhe ordenáraõ, que acudisse ao trabalho do dito Convento. Obedecia elle, não só com a promptidão, a que o movia o desejo de evitar a ociosidade; mas tambem, porque queria nas cousas mais penosas satisfazer as obrigaçoens, a que elle mesmo se sacrificára, quando renunciou a propria vontade, elegendo o segurissimo estado da obediencia. Não havia em sua boca réplica, nem em seu enten-  
 dimen-



Anno  
1640.Anno  
1640.

dimento escusa, para oppôr-se ao que os Superiores lhe ordenavaõ, ainda quando fosse totalmente contrario ao que seu proprio dictame discorria no particular. E se era necessario dizer alguma coufa para acerto do que se lhe mandava, fazia-o com tal resignação, e modestia, que mais parecia sujeição, que discurso o seu arbitrio. A qualquer hora, que viêsse de fóra do Convento, acudia promptamente ao trabalho da Horta, ou a ajudar aos mais Irmãos nas officinas, como se tudo isto estivesse sómente a seu cargo: porque se persuadia, que esta era a vontade da obediencia, e que não cumpria perfeitamente com ella, se só obraffe o que expressamente determinava. Deste profundo rendimento á vontade dos Superiores nascia o encommendarem-lhe estes quasi sempre o que era de mayor peso, assim nos negocios da Casa, como das esmólas; e satisfazia elle com tão grande pontualidade, que, sem a mais leve queixa de que o gravávaõ sobre as suas forças, a tudo obedecia com admiravel resignação.

65 Nem o Senhor, como tão fiel no que promet-

te aos que se resignaõ na sua Divina vontade, mediante a dos Superiores, faltou a este seu Servo com algumas providencias particulares, em abono do quanto lhe agradava a sua obediencia. Referiremos duas mais notaveis, q achamos singularizadas nas Memorias, que ficáraõ deste Servo de Deos. Mandou-lhe huma vez o Padre Prior Frey Thomaz de S. Cyrillo, que fosse para a cozinha, a tempo, que não tinha ainda ouvido Missa naquella dia. Parece, que neste caso, não feria contra a perfeição da obediencia, lembrar ao Preládo huma ley, que o obrigava a ouvir todos os dias, ao menos, huma Missa; e com esta escusa demorar a execução do que se lhe mandava, até satisfazer áquella ley. Mas não o fez assim o Veneravel Digo; porque julgando benigneamente a intenção do Preládo, e que a sua mayor obrigação era a de obedecer, sem interpôr demora, nem discurso, foy logo para a cozinha, sacrificando a Deos naquella prompta obediencia todos os gozos da alma, que receberia em tão Divina assistência. Fizeraõ final dahi a poucas horas para a Missa Con-

Const. t. p.  
cap. 2. n. 2.

tual,

Anno  
1640.

Caso fe-  
melhãte  
se refere  
de outro  
Leigo da  
Ordem  
Seráphi-  
ca na  
Chroni-  
ca. de

Cornej tom  
4. l. 2. cap. 25  
Pag. 223.

tual, e avivando-se no Ser-  
vo Deos a ancia de o ver  
Sacramentado, condescendeo  
Sua Divina Magestade com  
estes santos desejos, fazendo  
taõ diáphanas, e transparen-  
tes as paredes, que mediavaõ  
entre a cozinha, e a Igreja,  
que ao levantar da Hostia a-  
vio taõ clara, e distintamen-  
te, como pudéra, se assistisse  
corporalmente á mesma Mis-  
sa. Desta forte mostrou Deos,  
com taõ extraordinario favor,  
o quanto lhe agradára a hu-  
milde, e cega obediencia de  
seu Servo; pois naõ permit-  
tia, que se defraudasse do  
gosto, que tinha de o ver,  
e reverenciar naquelle Myste-  
rio Maximo da nossa Repa-  
ração. Este o primeiro caso;  
o segundo vem a ser.

66 Por antiga devoção,  
que os Marquezes de Fer-  
reira tivéraõ sempre aos filhos  
de Santa Tereza, entre ou-  
tras muitas esmólas, que or-  
dinariamente faziaõ á Casa de  
E'vora, costumavaõ assistir-lhe  
com a lenha, de que necessi-  
tava para o gasto commum.  
Era o Irmão Diogo, o que  
de ordinario intendia neste  
trabalho, e diligencia de a  
cortar, e fazer conduzir ao  
Convento. Mas como em  
hum occaõ se achasse

quasi impossibilitado por mo-  
lestia, de que o Prelado naõ  
tinha noticia, pela taciturni-  
dade do Servo de Deos, lo-  
go que ouvio a vóz da obe-  
diencia, e fiado em que o  
Senhor lhe daria forças, e o  
ajudaria, se pôs ao caminho:  
taõ esquecido porèm das pre-  
vençoens do necessario ali-  
mento, que, chegando á Her-  
dade, se vio preciaõ a pedi-  
lo por esmóla ao Feitor do  
dito Marquez. Era o entaõ  
Gregorio Nóbre, particular  
devoto do Veneravel Diogo,  
e desejava ter cousa, com  
que pudesse, naõ só reme-  
diar-lhe a necessidade, mas  
regalá-lo pelo modo, e pos-  
sibilidade, que permittia o  
campo. Era já tarde, quan-  
do o Irmão chegou a casa  
deste bemfeitor, o qual, na  
afflicção de naõ serem horas  
para mandar buscar peixe á  
Cidade, igualmente devoto,  
que compadecido, disse a  
hum seu Moleiro, que, a  
Deos, e á ventura, fosse lan-  
çar o Tesaõ, para ver se  
pescava alguma cousa para  
cear o Irmão Diogo. Algum  
peixe miudo se achava na-  
quelle regáto: mas nesta oc-  
casiaõ, querendo Deos me-  
lhorar a pescaria, logo ao pri-  
meiro lanço colheo tanta  
quan-

Anno  
1640.

quantidade de peixes grandes ,  
 Anno 1640. que começou a gritar o Mo-  
 jeiro ( como outro Pedro no  
 mar de Genesaréth ) que acu-  
 dissem ao Tesaõ ; porque  
 estava taõ carregado , que o  
 não podia tirar da agoa com  
 a multidão de peixes , que  
 recolhera nelle. Acudiraõ  
 com effeito aos clamores do  
 pescador , e achando verifica-  
 da a maravilha , a attribuirão ,  
 mais que a casualidade , á  
 disposição Divina , que assim o  
 ordenára para regalar a seu Ser-  
 vo , que , por obedecer-lhe na  
 voz do Prelado , se tinha des-  
 cuidado do necessario alimen-  
 to.

67 Por estes dous succes-  
 sos se conhece claramente o  
 quám agradável era a Deos  
 a obediencia promptissima do  
 Veneravel Diogo ; pois não  
 consentio Sua Divina Bon-  
 dade , que nem do sustento  
 do espirito , nem do do cor-  
 po se defraudasse quem tan-  
 to se descuidava até do ne-  
 cessario , e indispensavel á na-  
 tureza , por não faltar á pon-  
 tual execução do que lhe man-  
 davaõ os superiores. Verifi-  
 cando-se nestes casos o que  
 recommendára o Proféta Rey  
 no Psalmo 54. , quando di-  
 zia : *Ponde todo o vosso cui-  
 dado no Senhor , e elle o terá ,*  
 Tom. III.

como bom Pay , da vossa nu-  
 trição ; porque não consentirá  
 Anno 1640. que padeça , nem fluctue o  
 justo.

## CAPITULO VIII.

*Continua-se a mesma materia ;  
 e propõem-se individualmen-  
 te a observancia dos dous  
 votos de Pobreza e Ca-  
 stidade do Venera-  
 vel Irmão.*

68 **E** Sta perfeita obedi-  
 encia , com que o  
 Veneravel Diogo sujeitava a  
 propria vontade ao governo ,  
 e direcção alheya , o fazia  
 tambem usar das cousas de-  
 ste mundo com hum tal defa-  
 pego , como se nada para el-  
 le tivesse fer. O seu habito  
 sempre era o peyor , e o mais  
 pobre da Communidade , po-  
 rêm com hum tal aceyo , e  
 limpeza , que , sem parecer af-  
 fectada , nem curiosa , mo-  
 strava que a virtude , como  
 taõ formosa , não devia ap-  
 parecer no mundo em invol-  
 tórios de indecentes hypo-  
 crisias. Seja pobre o vesti-  
 do , mas não seja immundo ,  
 dizia Seneca. Do mesmo di-  
 ctame era S. Bernardo , e San-  
 ta Teresa N. Madre o pra-  
 ticava , e ensinuava fanta-

Senec. de 4.  
 virtutib.

H mente



mente a suas filhas. Pedindo para remediar algumas necessidades alheyas, e abrindo-lhe liberalmente as bolsas, para que tirasse o que quizesse, só tomava o Veneravel Irmao o meramente necessario, dizendo aos bemfeitores: *Que quando tivesse outra necessidade, tornaria a pedir, como pobre.* Tinha grande conta em não acceitar esmólas grossas, que mais servem de matar a confiança, que a fome, tomando ás vezes cobiçosos do alheyo, os que liberalmente chegáão a deixar o proprio. Quando recebia dinheiro, ou alguma outra cousa precisa, era só por acudir á necessidade presente, e não para anticipar o remedio das futuras. E daquí veyo, que sendo Porteiro, e trazendo-lhe de esmóla huma marraã, não a quiz acceitar, dizendo com galantaria emphática: *Os Carmelitas Descalços não comem carne de porco.* Quando era cozinheiro racháva a lenha com suas proprias mãos: e se faltava agoa, elle a hia buscar ao chafariz das Brávas em hum jumento; porque entendia, que tudo isto eraõ obsequios, que se devião fazer á santa pobreza.

69 Era Maxima sua muito praticada, que aos pobres nada se lhes havia de perder: e por isso trazia sempre hum grande cuidado nas cousas da Comunidade, zelando dellas até o minimo desperdicio. Quando era necessaria carne para os enfermos, ou peixe para os fãos, não consentia que se desfoccupassem os serventes: elle mesmo hia ao açougue, e á praça, e trazia tudo publicamente, sem que já mais entrasse no melindroso escrupulo, que tanto afflige a alguns de nossos Irmaos Donados, parecendo-lhes, que hum tal ministerio he contra o decóro, e decencia, com que se devem tratar huns Religiosos; como elles: não se lembrando certamente, de que para estes, e outros semelhâtes exercicios foraõ admittidos á Religaõ. Mas nesta parte não póde menos q̃ estranhar-se a omisãõ de alguns Prelados, que, ou por motivos particulares, ou por natural pusilanimidade, diffimulaõ com elles, não os obrigando a conter-se dentro dos limites da sua profissãõ. Sirva cada hum de nós para o que foy chamado, e defferrar-se-ha a monstruosidade, com que muitas vezes no corpo das

das Religioens huns membros  
 Anno 1640. querem usurpar o officio dos  
 outros, pondo-se em diver-  
 sos lugares, e ministerios dos  
 que naturalmente lhes pertencem  
 pela ordem, com que  
 foraõ instituidos. Quando tra-  
 tarmos da humildade profunda,  
 com que o Veneravel Diogo se  
 media, e portava em todas as  
 suas acçoens, verãõ estes  
 nossos Carissimos hum exemplar,  
 em que pôsão aprender as regras  
 mais uteis para obrárem, segundo  
 a jerarchia, em que foraõ  
 postos na Ordem. E se vi-  
 rem algumas vezes, que a  
 perdemos, quebrando o fio da  
 narraçãõ com esta, e semelhantes  
 digressõens, não nos censurem;  
 porque como a Historia se enca-  
 minha á utilidade, e aproveitamento  
 cõmum, não he bem, que dei-  
 xemos (quando parecer conveniente)  
 de lhe applicar algum fal, que  
 preserue da corrupçãõ de abusos,  
 e precauçãõ os perigos, que pô-  
 dem ameaçar ruina ao corpo da  
 Observancia Regular. Estejaõ  
 certos estes nossos Irmaõs, que  
 a Religiaõ sempre os estimou  
 muito; e que pôdem igualar, e  
 ainda exceder a perfeiçãõ dos  
 Religiosos Coristas, se procurárem

Tom. III.

avantajar-se nos seus exerci-  
 cios, e fervores; pois nesta  
 carroça da Religiaõ, como  
 na de Ezechiel, não só as  
 Aguias se vestem de pennas  
 para voar ao alto da contem-  
 plaçãõ; mas tambem os bois,  
 que se occupaõ sempre no  
 trabalho, se todos seguem o  
 espirito de Deos, e se sujei-  
 taõ ao jugo da obediencia,  
 que he a que nos dá azas  
 para subir ao Monte de taõ  
 Divina communicaçãõ.

70 Quem dominava taõ  
 perfeitamente os affectos da  
 vontade, pelo continuado ex-  
 ercicio da obediencia, e po-  
 breza verdadeiramente Evan-  
 gelicas, não podia menos,  
 que ter sujeitos os appetites  
 da carne com os predomi-  
 nios da castidade; sendo, co-  
 mo he, esta Angélica virtu-  
 de, a que refrêa os impetos  
 do desejo torpe, e os põem  
 debaixo do jugo da razãõ.  
 Taõ mortificadas tinha em si  
 as paixõens da concupiscen-  
 cia, que sendo homem, por  
 natureza fragil, já parecia  
 gozar nesta vida mortal os  
 attributos de Angélico, por  
 força da graça, que o Se-  
 nhor liberalmente lhe com-  
 municára, para se conservar  
 puro na presença de seus Di-  
 vinos olhos. Mas como Deos

H ij não

# 60 LIVRO SETTIMO

Anno 1640. *naõ costuma fazer semelhan-  
te favor, fenaõ aos que vi-  
vem com recato na liberda-  
de dos sentidos, e sabem de-  
clinar as occasioens para affa-  
star o fogo; com tal cuida-  
do evitava estas, e mortifi-  
cava aquelles, que mais pa-  
recia excessõ, que pruden-  
cia, e mais que vigilancia,  
demasia, esta mortificaçaõ: Era  
taõ exaõto na compostura, e  
modestia exterior ( diz o Li-  
cenciado Jorge Cardoso ) que  
trazia sempre os olhos prega-  
dos no chaõ, contando-se por  
cousa rara, que huma vez lhos  
viraõ levantados com grande  
alegria, nascida por ventura  
de algum singular jubilo, que  
redundou no rosto. Era taõ  
acautelado nas occasioens, em  
que podia suspeitar-se perigo  
( depõem huma testemunha )  
que naõ obstante acudir fre-  
quentemête aos povoados a pedir  
esmõlas, andava com taõ gran-  
de recato nas palavras, e ac-  
çoens, em que podia offender-  
se a honestidade, e modestia  
Catholica, e religiosa, que mais  
parecia Anjo com carne mor-  
tal, que homem, sujeito ainda  
às corruptibilidades da natu-  
reza, infecta pela primeira cul-  
pa. Era taõ sóbrio, e taõ par-  
co no comer ( diz outra rela-  
çaõ ) que as abstinencias, e*

Agiolog.  
Lut. tom. 1.  
pag. 230.

*jejuns eraõ continuos, e pare-  
ciaõ já naturalizados no Ser-  
vo de Deos. No trabalho  
corporal era taõ cuidadoso,  
que depõem delle huma pes-  
soa grave estas notaveis pa-  
lavras: Bõa testemunha sou eu  
de vista, por viver com elle  
muitos annos, que jámais o  
viraõ estar ocioso. Finalmen-  
te, com ser taõ prompto,  
e resignado na vontade dos  
superiores, que sempre lhes  
obedecia, naõ só sem repu-  
gnancia, mas com gosto,  
esta só obediencia lhe custa-  
va mais que muito, quando,  
por força della, se via obri-  
gado a fallar com mulheres;  
porque era taõ grande o seu  
temor, que, desconfiado to-  
talmente de si, desejava fu-  
gir, quanto podia, ainda as  
occasioens mais remotas do  
perigo. Nem era vaõ este  
receyo no Servo de Deos,  
dizendo S. Basilio, que quem  
conversa com mulheres, sem  
medo de cahir, ou julga,  
que naõ he homem de carne,  
como os outros, ou presu-  
me que, sem se queimar,  
póde abrigar as brazas ace-  
sas dentro do seyo: sendo  
certo, que diz o Espirito  
Santo, que he isto taõ im-  
possivel, como andar sobre  
as mesmas brazas; e pisá-las  
sem*

Anno  
1640.

Proverb.  
27.28.



sem se queimarem os pés. Com esta consideração (ainda quando os annos, e o continuo rigor lhe tinhaõ mirrado os ossos, e esfriado o sangue) jámais se valêo desta licença da idade, nem da confiança das penitencias para abaixar hum ponto do alto conceito, que formára, de que até nas pedras frias se podia introduzir o calor, e talvez com qualidades mais bem dispostas para se ateárem nellas mayores incendios. Lembrava-se, q̃ nem a frialdade natural da agoa, nem a diuturnidade dos annos, que esteve debaixo da terra no tempo de Nehemias, pudêraõ impedir as chammas, que abrazáraõ as victimas; só porque tinha sido fogo, e se poz á vista dos rayos do Sol, que he naturalmente calido. Taes, como estas, forãõ as guardas, e os escudos de justiça, com que este Varaõ admiravel procurou defender-se dos assopros, e assaltos do commum inimigo. Sabia, que a fragilidade de nossa terra, se não he bem cultivada, cria abrolhos, que suffócaõ as flores, e levanta vapores, que manchaõ as canduras, e escurecem as perfeicoens da alma: e assim foy

necessario pegar de humas taes armas para reprimir seu corpo, moderar suas paixoens, negar seus foros, quebrar seus appetites, e fazêdo-o servir ao espirito, reduzi-lo, em certo modo, ao governo monarchico do primeiro estado.

## CAPITULO IX.

*Fé sobrenatural do Veneravel Irmão Diogo, acreditada com hum prodigio, que obrou Deos por sua mediação.*

71 **S**E para formar huma perfeita idéa dos effeitos, que produzem as virtudes na alma, disse Philo Hebreo que não havia comparação mais natural, do que o Sol (por serem ellas, como este Planeta no mundo, as que, em arrayando no homem, o aperfeyçoão, e deixão tão luzido com as suas influencias, que facilmente se lhe percebem por fóra os resplendores) não são ponderaveis os que reverberaõ na alma do Veneravel Diogo com as luzes dos habitos sobrenaturaes, que Deos lhe infundio para facilitar-lhe as potencias no caminho da perfeita

Anno  
1640.

feita santidade. Principia esta pela Fé, que, entre as Theologas, he aquella virtude, a que S. João Chrysostomo chama lume da alma, porta da vida, fundamento da salvação, e a primeira, que sujeita o homem a Deos, e lhe dá preceitos para segurar a sua eterna Bemaventurança. Esta Fé, pois, convêm todas as relações, que esteve neste feliz homem tão animada, e superior, que por força de seus documentos podia desafiar a pertinacia de todos os Herejes, e combater-lhes os erros com as verdades Catholicas, que resplendeciaõ no seu entendimento, menos como Fé, que como evidencia. Porque era tão claro o conhecimento, que Deos lhe communicára, dos Mysterios, que professa a Religião Christã, que, ainda sendo Viador, participava em parte as claridades, que gozaõ os Bemaventurados por força daquelle Visão, que os beatifica. Hum insigne Theologo Ebo-rense (cujo nome não declarã as relações) communicando algumas vezes com o Servo de Deos em materias de espirito, costumava dizer, que se admirava que hum homem, despido de to-

das as sciencias, que se apreendem pelo cansado exercicio da industria humana, vestisse as materias mais importantes da nossa Fé com tanta clareza, que pareciaõ evidencias. Mas, que por isso mesmo se verificava nelle, que não são as noticias adquiridas, senão as virtudes infusas, as que aclarã a luz da razão; e que as mais brilhantes tóchas da sabedoria, como dizia Salamaõ, se acendiaõ nas alampadas da Caridade.

Anno  
1640.

Cant. 1.

72 Já dissemos acima, que sendo secular, e quando ainda vivia pelo campo, era incrível a ancia, com que examinava, e desejava saber as verdades da doutrina Christã. Tambem dissemos, que o acudir á Igreja, ouvir a palavra de Deos, assistir á Missa, frequentar os Sacramentos (sempre que podia, sem faltar á sua obrigação) era o exercicio mais gostoso do seu fervoroso espirito. Quando já Religioso, era esta demonstração mais sensível. Não se contentava a sua devoção com ouvir, e ajudar a huma Missa sómente; porque se a obediencia o não occupava em algum outro exercicio, neste gastava as manhãs inteiras;

Jo

Anno 1640. teiras, com tanto gozo de sua alma, que, entregue toda á meditação de tão Soberano Myſterio, ſe transportava nos myſticos amorofos oſculos daquelle Senhor, que a ſua Fé lhe fazia crer, que eſtava real, e Sacramentalmente presente. A frequencia dos Sacramentos lhe era recreio, e o modo de recebe-los edificação a todos. Quando ſe confeſſava, eraõ ainda mais as lagrimas, que as vozes; porque a ſua viva Fé o fazia conſiderar, que neſta Probática Piſcina não era hum Anjo (como na de Jeruſalém) ſe não Deos, o que, na peſſoa de ſeus Miniſtros, movia as agoas de ſua clemencia, para lhe curar a enfermidade daquellas culpas, de que ſe reputava paralytico. Aqui procurava lavar-ſe das mais leves imperfeições; ſendo cada huma tão grave no peſo da ſua conſciencia, que a chorava, como devera o mayor peccador a fealdade de ſeus enormes delictos. Tudo iſto eraõ effeitos da firme, e conſtante Fé, com que conhecia, que a culpa mortal he hum apartamento de Deos, e huma malicia, que quizera destruir-lhe o ſer, ſe foſſe poſſivel: e que o peccado ve-

nial, ainda que não tira a amizade ſubſtancial entre Deos, e a alma, a faz comtudo menos grata a ſeus Divinos olhos. Por eſte reſpeito, e pelo grande conhecimento, que o Senhor lhe dava das ſuas infinitas perfeições, dizia muitas vezes: *Que não podia comprehendêr o como huma alma ſe atrevia a commetter hum peccado mortal contra o ſeu Creador, ſendo tantos os damnos, que lhe vinhaõ, e haviaõ de vir com huma tal offenſa.* Anno 1640.

73 Mas aonde a ſua Fé tinha igual emprego, que conſolação, era no Auguſtiſſimo Sacramento do Altar, por ver, que nelle ſe lhe representava hum compendio de todas as ſuavidades da graça, hum reſúmo de todas as maravilhas da Omnipotencia, e hum aggregado de todos os incendios do amor de Chriſto, que elle julgava, e tinha pelas ſuas mayores delicias. Acudia todas as noites a Matinas com os mais Religioſos, e quando eſtes pelas duas horas ſe recolhiaõ ás ſuas cellas, elle baixava á Igreja, e alli proſtrado, ou de joelhos, paſſava o reſtante na preſença da Divina Mageſtade tão deſfeito em venerações, e o coração tão derretido em ſuavidades,



Anno 1640. des, que muitas vezes o achárao transportado na contem-  
plação das finezas daquelle Sacramento, por antonomasia o Mayor da nossa Fé. Os favores, que deste Senhor recebeo, occultou-os o seu humilde recato: mas os effeitos daquella viva Fé, com que o olhava, não pode esconder a sua humildade; porque se fizerao sensiveis, e manifestos em algumas maravilhas, que obrou por meyo desta sobrenatural virtude. Agora diremos sómente hum prodigio, que parece mais proprio deste lugar, em prova da sua grande Fé.

74 Passava hum dia o Veneravel Irmao por huma rua, chamada em E'vora a Portanova, e ouvindo huns clamores de grande sentimento, applicou mais o ouvido, e achou, que erao de huma mulher, que estava, sobre afflicta, taõ desesperada com a sua pena, que deo occasião ao Servo de Deos a lhe perguntar pela causa, e motivos daquella afflicção. Esperava talvez a mulher o remedio della, pelo bom conceito, que formava da virtude deste Veneravel Religioso, e assim lhe disse: *Afflijo-me; porque tendo resservado duas talhas de vinho, para com o dinheiro delle ajudar a*

*satisfazer humas partidas de fazenda, que ha de trazer meu marido de Lisboa, o achárao agora os vinhateiros taõ toldado, e taõ inutil, que nem para vinagre serve, ficando por este respeito com pouco remedio a minha pobreza para completar aquella divida. Enterneceo-le o Servo de Deos, e, armado da sua grande Fé, fez o final da Cruz sobre as talhas do vinho, e pediu hum cópo delle, dizendo, que o queria provar. Apenas o vinho se lançou no cópo ( caso prodigioso!) appareceo taõ puro, e taõ trocado em sabor, que por todas as circumstancias mostrava ser a sua conversão milagrosa. Em fim, taõ generoso ficou todo, e taõ suave, que os mesmos compradores, que antes o não queriaõ por dinheiro algum, o pagáraõ depois por muito mayor preço: affirmando juntamente, que era o melhor vinho, que nunca prováraõ, sendo, que confessavaõ, que o tinhaõ bebido bom em sua vida. Quiz o Servo de Deos dissimular o prodigio com a sua humildade; porque provando o vinho, e não podendo negar a bondade delle, disse á mulher: *Irmaõ, o damno não devia ser tanto, como foy chorado.**

Anno 1640. *rado. He certo (clamava ella) que o vinho estava já sem utilidade alguma; e vendo-o eu agora tão outro, do que o vi, não posso menos, que dizer, que foy isto hum grande milagre. Tal horror causáráo estas vozes nos ouvidos do humilde Irmaão, que, por fugir ao applauso, e com elle á vaidade, com que o Demônio o podia inquietar, em muitos mezes não passou por aquella rua: e quando ao depois se vio precisado a ir por ella, se retirava da porta da mulher, por lhe tirar a occasião de fallar no succedido: sendo, que o milagre foy tão evidente, que assim ella, como todos os que o admirárao, não pudérao menos, que confirmar-se na veneração do Servo de Deos, louvando a este Senhor, que tanto se faz prodigioso em seus Santos.*



## CAPITULO X.

Anno 1640.

*Esperança Theologica, e Caridade ardentissima, que em ordem a Deos, e ao proximo, se diviso no Veneravel Irmaão Diogo do Santissimo Sacramento.*

75 **A** Esperança, que he o esforço dos Justos nas tribulaçoens, e a que lhes conforta o coração, e o alenta para emprezas arduas, foy no Veneravel Servo de Deos companheira tão inseparavel da sua Fé, que, dadas as mãos com apertado laço, reciprocamente se auxiliavao, e se soccorriao nos conflictos. Taõ abraçadas estavao no Veneravel Irmaão estas duas virtudes, que correndo ambas nos mayores lances huma mesma fortuna, sahírao igualmente laureadas com semelhantes coroas; porque a Esperança com os seus alentos avivava as luzes da Fé, e a Fé com as suas luzes accendia os alentos da Esperança.

76 O mayor inimigo; que tem esta virtude no coração humano, he huma especie de humildade viciada, e perigosa, semelhante na

# 66 LIVRO SETTIMO

Anno 1640. apparencia á verdadeira, em que a alma, quanto mais se profunda no abyſmo do ſeu nada, tanto com mayor firmeza ſe levanta na confiança da Bondade daquelle Senhor, que he tudo para a meſma alma. Não ſabe eſta humildade ſólida acobardar-ſe no mais difficil da virtude; porque á confiança ſanta, e ſincera ânima de todo o eſpírito, e fortaleza de Deos. Mas a humildade viciada, que he inimiga da Eſperança, pára em hum triſtiſſimo conhecimento da propria miſeria, miſturado com fraqueza de animo, e não ſem impulſos de deſeſperação. Livrou-ſe porém deſte baixo noſſo Veneravel Irmaõ Diogo, correndo ſempre o mar da ſua miſeria ſem perder de viſta o Nórte da Miſericordia Divina, para confiar nella. São bõa prova, e doutrina ſuas meſmas palavras: *Choro* (diſſe hum dia a ſeu Confeffor, perguntando-lhe eſte pela cauſa de ſuas lagrimas) *choro*, porque carregado de annos, ſemeddo de caãs, enfraquecido nas forças, com os pés na cova, e ás portas do outro mundo, eſtou tão raſteiro na terra, como o bruto, que para ella naſceo; devendo ter os olhos

na cabeça, como ſabio, para olhar ao Céu, para que fuy creado. Sempre chorarey a minha vida tão mal empregada, para que, chorando, alcance a Miſericordia Divina, que não mereço por meus peccados, ſenão por força da Bondade de Deos, em que tenho poſto toda a minha eſperança, que he a que ſõmente me alenta, para não cahir em deſeſperação, vendo a fealdade de tantas culpas, quantas reconheço em mim. Com eſte humilde reconhecimento da ſua miſeria, e alentos fervorosos da ſua eſperança em Deos, por temer, que outros, confiſiderando a ſua fraqueza, cahiſſem em deſeſperação, coſtumava animá-los com a Miſericordia Divina, perſuadindo-os a que eſperafſem firmemente nella: mas que em ſocorro deſta ſua confiança deviaõ perſeſverar em bõas obras, e trazer ſempre diante dos olhos da confideração o paſſo da morte: Porque era (dizia) muy raro, e difficiltoſo terem-na bõa os que, deſcuidados della, ſe não conformavaõ com as Leys de Deos; pois tanto morriaõ mais deſconfiados da Divina Miſericordia, quanto mayor era a deſconfiança, que moſtravaõ nella,

Anno 1640.

P 1.



Anno  
1640.Anno  
1640.

nella, vivendo, e continuando a essa conta em seus peccados.

77 Persuadido, pois, de hum tal dictame, fomentou em si desorte esta virtude, que desaffogando com ella o coração (sobre não temer o humano, nem amar o caduco) nunca o perturbáão as tribulaçoens interiores, e exteriores, que algumas vezes experimentou; porque firmado bem nas ancoras da sua esperança, lembrava-se daquella doce promessa, que Deos fizera por boca do Profeta Rey a todo o justo: *Com elle estou na tribulação, livrálo-hei do perigo, e o glorificarey.* As Memorias, que nos ficáão da Santidade deste fidelissimo Servo do Senhor, repetem muitas vezes, que padecera no decurso da sua vida alguns não pequenos trabalhos, e os levára com invicta paciencia, e mais que ordinaria conformidade na vontade de Deos, de quem esperava sómente a consolação. Mas foraão tão escassas neste particular essas mesmas noticias, que nem ainda hum só caso nos quizeráão individuar, que pudesse servir de alento aos atribulados, para não desfayarem nos seus mayores con-

Tom. III.

fictos. Contentáraõ-se com deixárem sómente a fama; como se esta não houvesse de romper tambem entre a Posteridade naquellas mesmas queixas, em que costumaão desafogar as pennas dos que tomaão á sua conta levá-la em seus Escriptos por todo o mundo nas mesmas azas, com q vóa. Mas visto não ter já remedio esta falta, ou esta queixa, em materia tão feita para o mais justificado sentimento, passemos a aproveitar-nos de outras menos diminutas memorias da Seraphica, e ardente Caridade, que em ordem a Deos, e ao proximo, se divisou em nosso Veneravel Irmaão.

78 Não havendo sido porèm toda a sua vida mais, que hum continuado amor de Deos, pelo exercicio de tantas virtudes, como temos visto, e diremos ainda, parecerá superfluo fazermos particular memoria de seus mesmos excessos, quando sabemos, que todas as acçoens deste feliz homem respirávaão Caridade ardentissima para com Deos, e seu proximo. Mas nesta parte imitaremos a arte daquelles, que se occupáão nas Quintas Essencias, que da mistura de mui-

I ij

tas

Psal. 9.  
15.

# 68 LIVRO SETTIMO

Anno  
1640.

tas flores tiraõ huma effen-  
cia admiravel , que contêm  
eminentemente, em hum cer-  
to gráo de excellencia , to-  
dos os cheiros , virtudes , e  
qualidades deffas mesmas flo-  
res : e he com que podemos  
justamente comparar a Cari-  
dade , que reinou , e deo  
lustre ás virtudes deste Servo  
de Deos , de quem escreve-  
mos aqui a Historia da sua  
vida. Toda ella foy sem du-  
vida hum aggregado de per-  
feiçoens , que , animadas da  
sua ardente Caridade , copía-  
raõ em si as chammas deste  
Divino amor ; porque em to-  
das as operaçoens procurava  
o beneplacito de Deos , e o  
executava com promptidaõ ,  
ainda que fosse á conta de  
padecer os mayores trabalhos.  
Aquelle amor affectivo , que  
o tinha incessavelmente uni-  
do com o seu objecto , naõ  
esteve nunca ocioso no seu  
coraçãõ : antes bem , era taõ  
effectivo , pela fidelidade ,  
com que correspondia a suas  
influencias , que de tudo deo  
outras tantas provas , quan-  
ta foy a pureza de suas at-  
tençoens , o fervor de suas  
obras , a paciencia em seus  
trabalhos , e a renuncia ab-  
soluta de si mesmo , e de to-  
das as cousas do mundo , pa-

ra estar mais intimamente com  
Deos. As exteriores occupa-  
çoens, com serem tantas, e taõ  
diversas, nunca pudéraõ servir-  
lhe de embaraço ao suave em-  
prego de seu amor: mas antes,  
que dos mesmos estorvos fazia  
degráos para subir aos braços  
de seu Amado ; ou ( por dize-  
lo melhor ) serviaõ-lhe de mo-  
tivo , para abraçar mais perfei-  
tamente ao que já tinha, e pos-  
suia sua alma: *Taõ devoto* (diz  
hum depoimento) *andava pe-  
las ruas , e pelos campos , como  
assistia no Coro. Os colloquios  
com Deos, as lagrimas devotas,  
os affectos da alma sempre acce-  
sos , sempre fervorosos. Daqui  
vinha , que assim andava com os  
pés pela terra , como se a alma  
toda estivesse no Ceo. He certo  
( informa outro testemunho )  
que da luz , dos sentimentos , da  
suavidade , da paz , e daquella  
transformação Angelica, e Di-  
vina, que os Santos antigamente  
hiaõ buscar aos desertos da Scy-  
thia, e da Thebaida , teve tanto  
o Irmãõ Diogo , que pedindo  
pelos campos , e pelos povoa-  
dos , e tratando com os ho-  
mens , como se estivesse meti-  
do em huma cova solitaria ,  
era taõ vehemente a força do  
espirito , que por mais que o  
bom Irmãõ a pertendia tem-  
perar , e encobrir com o véo*

Anno  
1640.

da

Anno 1640. *da affabilidade religiosa , de que sempre usava , assim vivia , e traspassava tudo ; assim resplendecia , e mostrava por de fóra em seus olhos , semblante , e pessoa o mesmo Deos , de quem a alma estava cheya por dentro , que de puro respeito , e reverencia ( como an-*  
 2. Cor. 3. 7. *tigamente a Moysés ) lhe não podiaõ olhar direito o rosto. Fallava ( diz outra relação ) tratava , e negociava , furtando a cada momento o coração das mesmas obras , que fazia , e palavras , que ouvía , ou dizia ; levantando-o , e offerecendo-o a Deos tão desapegado de tudo ; como se não cuidasse em outra coisa mais que em o amar , e em o servir. Era de maneira esta attenção a Deos , que mais trabalho lhe custava para não ficar muitas vezes entre a gente alheyo de si ; e sem advertencia ao que fallava , que para se não distrahir com o trato , e conversação da mesma gente. Do muito , que disto viaõ , os que mais o conversavaõ , nascia o grande respeito , e reverencia , que lhe tinhaõ. Atéqui as relações : das quaes se infere , e deixa claramente ver a torrente de amorosas affluencias ; que inundavaõ o coração deste fidelissimo Servo do Senhor.*

79 Nem o abrazado Etna deste Seráphico espirito podia conter dentro de si as vigorosas actividades de tantos incendios ; porque aspirando o seu ardor a mais esfêra , sahia , como do centro , em linguas de fogo a buscar fóra os corações humanos , para atear nelles aquellas ardentes chammas , em que se via abrazar o seu , como outra nova , e mais verdadeira Salamandra. Era taõ hydrópica a sede de ganhar almas para Deos , que jámais se achou saciada , nem extinguido aquelle zelo , com que procurava a salvação eterna de seus proximos. A esta conta encaminhava todas as suas practicas , e conversações ; sendo taõ efficazes as razoes , com que ponderava o negocio da Eternidade , que muitos confessáraõ de si , que ao fallar com o Veneravel Irmão sentiaõ dentro de sua alma hum jubilo , e respeito taõ extraordinario , que lhes parecia estar diante do mesmo Deos. Alguns casos occorrem , em que se evidenciou o grande amor , que este feliz homem teve aos proximos , acudindo-lhes , sempre que os via em alguma afflicção corpóral , ou espiritual ,

com

Anno  
1640.



Anno  
1640.

com o remedio prompto, e opportuno, segundo o estado, e circumstancias, em que se achavaõ. Referilos-hemos em Capitulo separado, por evitar a prolixidade deste, que se vay estendendo mais do que devera, e que convêm.

## CAPITULO XI.

*Profegue-se a mesma materia, e referem-se alguns casos maravilhosos, que testificão a ardentissima Caridade do Veneravel Irmão Diogo para com seus proximos.*

80 **S**E como foy verdadeira, fosse Catholica a confissão, que fez Piriclo, Capitaõ dos Athenienses, estando nos ultimos periodos da sua vida: isto he, que não fô não obrára nunca mal contra o proximo, mas que sempre lhe fez o bem, que pudéra; raro exemplo podia ser este, para que a nossa piedade o gravasse, como lemma, aos pés da Estatua, que do ardentissimo amor, que teve aos seus proximos, levantou nosso Veneravel Irmão em quanto vivêo neste mundo caduco, e mortal. Mas como foy gentilica, e precisamente moral a Ca-

ridade daquelle Atheniense, servirá de melhor exemplar a de S. Paulo, visto que, como elle, pode dizer nosso Veneravel Irmão Diogo:

*Per omnia omnibus placeo, non querens quod mihi utile est, sed quod multis, ut salvi fiant.*

Que fazia muito por contentar aos proximos, consolando-os, e servindo-os em tudo, sem mais interesse, nem utilidade, que a de os fazer salvos a todos. Os successos farão mais evidente a verdade desta comparação.

81 Nas visinhanças de E'vora, e em hum terra, cujo nome callaõ as relaçoens, vivia hum homem tão abundante dos bens da fortuna, quanto era falto das boas obras, q̃ produz a Caridade Catholica; porque para a fazer nunca o pudéraõ dobrar as mais bem encarecidas necessidades dos pobres, que chegavaõ a pedir esmola á sua porta em nome daquelle Senhor, que he, e se nomeya Pay de todos. Sabiaõ isto os visinhos, e escandalizavaõ-se de ver tanta dureza em hum homem, a quem distribuira Deos tal abundancia de riquezas. Mas ao passo, que servia de escandalo a avareza deste rico, se compade-

Anno  
1640.1. Cor.  
13.D.  
lib.

padeciaõ entranhavelmente da sua desgraça, vendo-o caminhar com esta miseria ao ultimo precipicio da sua condemnação: pois (como disse Santo Agostinho) o que huma vez chegou a ser tocado da infecção deste vicio, nenhum ha, que não tenha, e possua; por ser elle o seminario de todos os males, e o fogo abrazador de todas as virtudes, em cuja privação consiste a total ruina dos mortaes. Posto, pois, este homem em tão deploravel estado, dispoz a Divina Providencia, para remedio seu, que abrisse huma noite a porta, e hospedasse em sua casa ao Veneravel Irmão, que chegou a ella a pedir-lhe agasalho, como pobre Religioso. Servio-o o rico com abundancia: mas o Servo de Deos, que não procurava naquella hospedagem tanto a utilidade, e conveniencia propria, como a salvação daquella alma, de tal sorte foy dispondo as palayras, que a poucas veyo insensivelmente a introduzir-se no quanto Deos abominava nos homens a falta de Caridade com os proximos; e que a avareza fora sempre hum vicio muito detestavel em seus Divinos

olhos. Como o m ieravel se achava ferido daquelle mal, e o Santo Varão ao passo, que lhe hia descobrindo o perigo, lhe hia receitando tambem o remedio delle, tal efficacia poz o Senhor em sua vóz; e tal persuasiva em seus conselhos, que trocado o coração daquelle pobre em melhor acordo, foy tão sensivel a mudança, que diziaõ depois os seus mesmos criados: *Que por huma porta entrara o Irmão Diogo naquella casa, e que por outra sahira della a cobiça.* Em fim, começou dalli por diante o que tinha sido mesquinho, e avarento, a ser tão liberal, esmoler, e caritativo, que lançando huma grande parte de suas riquezas naquelle sacco, ou riquissimo Thesouro, que S. Lucas diz, que he indefectivel no Ceo, pode já na terra deixar indicios, de que era do numero daquelles escolhidos, de quem testifica o mesmo Evangelista, que J E S U Christo ha de pôr á sua mesa, e ministrar-lhe os savorosissimos manjares, que se gostaõ com perpetua indefectibilidade na Bemaventurança.

82 Parecido na substancia, ainda que diverso nas

Luc. 12. 35.

Ibid. 37.

circun-

Anno 1640. circumſtancias, foy o ſegundo triumpho. Dentro dos muros da Cidade de E'vora havia huma mulher, tão mal caſada com o genio de ſeu marido, que, por eſte reſpeito, erão innumeraveis as deſconſolaçoens, e apertos da alma, em que andava continuamente, ſem que por caminho algum pudette alleviar a profunda triſteza, que já ſe tinha apoderado do ſeu coração. E como não haja couſa, que mais ſirva ao Demonio para executar os depravados fins de todas as ſuas tentações, do que eſta paixão da melancolia huma vez introduzida na alma, foraõ taes, e tão vehementes as ſuggeſtoens, com que a Diabolica Serpente moleſtou á pobre mulher, que não pode menos, que perſuadi-la á ultima deſeſperação. Propoz-lhe na phantasia huma viva apprehenſão do genio aſpero, natural inquieto, condição defabrida, e a pouca, ou nenhuma eſperança, que podia prometter-ſe, de que ſeu marido melhoraffe com o tempo. Suggestio-lhe, que era impoſſivel ríſcar-ſe do coração dos maridos aquella imagem, que huma vez chegou a formar de ſuas mulheres o

deſagrado, ou a deſconfiança. Que as mulheres, quando encontravaõ com ſemelhantes homens, mais erão elcravas, que confortes: e que o querer viver em hum tal captivo, degenerado em tyrannia, quem nacera com fóros de liberdade para ſer ſenhora, era, ſobre loucura, amar antes o tormento, que o allivio, antes a pena, que a conſolação. Finalmente, taes apparencias ſoube pintar o Demonio na imaginação da afflicta mulher, que deſeſperada de poder achar remedio neſta vida; ſe resolveo a deixá-la, mas que foſſe á cuſta das mayores violencias.

83 Varios modos de ſe matar lhe inculcou interiormente; porque humas vezes lhe adoçava a morte com a brandura das agoas, e por eſte meyo lhe perſuadia, que ſe lançaſſe em hum poço: outras, que o veneno era mais violento, mas com mayor efficacia, para morrer com menos duvida. Em fim, que o enforçar-ſe, apertando huma corda ao peſcoço, podia ainda ſer mais ſeguro remedio, e não pouco effeetivo, pela preſteza, com que ſuffoca a reſpiração. Oh,



Anno  
1640.

e a que pontos de miseria não chega hum desesperado ! Bem o sentio Judas , e o experimentáraõ muitos outros , a quem o Demonio fez persuadir , que era melhor perder a vida por suas proprias mãos , que passá-la em amarguras , e tristeza de coração . Maxima verdadeiramente Diabolica ; porque as tribulações , se bem se adverte ( diz Santo Agostinho ) ainda que pareçaõ castigo , são remedio ; e nunca chegou a ser verdadeiro Servo de Christo , o que com paciencia Catholica não soffreo os trabalhos , e adversidades desta vida .

D. August.  
sup. Joan.

84 Em fim , aborrecida da sua , escolheo a miseravel mulher o precipitar-se em hum poço , que estava nas ollarias da Cidade , fóra das portas de Alconchel , e de fronte do nosso Convento dos Remedios . Sahio de sua casa huma manhã , levando tambem consigo huma corda , para supprir o defeito da agoa , caso , que houvesse alguma contingencia , que lhe impedisse o primeiro intento . Chega por fim a avistar-se com o lugar da sua perdição : mas ao ponto , que estava para executar o desatino , lembra-se , que tinha á vista a

Tom. III.

milagrosissima Imagem de Nossa Senhora dos Remedios , Orago do nosso Convento daquella Cidade , e objecto particular da devoção dos Eborenses . Era louvavel costume seu visitar a esta Senhora algumas vezes naquelle seu Templo ; e querendo agora , como por ultima despedida , pagar-lhe este tão devido obsequio , levada de hum interior , e celestial impulso , que invisivelmente a movia a buscar o seu remedio , caminha para a nossa Igreja . Desde a sua cella penetrou o Veneravel Diogo os segredos , que no seu coração occultava aquella triste , e desesperada mulher : sem duvida , porque a Mãe Santissima dos Remedios o avistou , para que o fosse dar a huma necessidade , que pedia prompto , e presentaneo soccorro sem dilação .

85 Não correndo , mas voando nas azas da sua Caridade foy o Veneravel Irmão á porta da Igreja ; aonde , achando já a mulher posta de joelhos , e sem mais testemunha , que a sua consciencia , com tal clareza lhe descobrio os seynos della , e com tanta severidade lhe affeou a resolução , que , pas-

K

mada

Anno  
1640.

Anho  
1640.

mada a mulher, não sabia que fazer em huma tão inopinada contingencia. Vendose porém atalhada, e juntamente persuadida, de que huma tal noticia só a podia saber o Veneravel Diogo por illustração Divina, confessou de plano o seu desvario, e a causa, que a movera a executá-lo. Com a brandura, e suavidade, que inspira, e respira o amor de Deos no coração de seus Servos, começou o Caritativo Irmão a ponderar-lhe a infallivel certeza da sua eterna condenação, se não mudava de conselho, e com effeito se não arrependia da culpa, que já tinha commettido em só deliberar-se a commette-la. E para que a mulher se convencesse mais, de que a luz daquella noticia era de Deos, que procurava misericordiosamente a sua redução, pedio-lhe a corda, que trazia occulta, e era o segundo instrumento da sua desgraça; porque o queria pendurar por troféo, e final de victoria aos Soberanos pés da Mãe piedosissima dos Remedios, para que lho desse efficacissimo á sua alma, que via estar cahindo por instantes no lago infernal, de que o poço, em que

havia a precipitar-se, era huma como porta, por onde havia de entrar em elle. Assim sombrada já a mulher do que via, e ouvia (porque a sua deliberação apenas a tinha confiado de si mesma) já confusa, já suspensa, e já moderada, entra a considerar a força das verdades, com que o Veneravel Irmão a procurava reduzir: e como se acordasse de hum profundo lethargo, cahe no erro, conhece o engano, detesta o Demonio, e, banhada já em lagrimas de arrependimento, clama á Mãe de Deos, como a remedio de peccadores, e confiança unica dos desesperados, para que lhe valesse, e a ajudasse diante de seu Filho, tão gravemente offendido da sua temeridade. He imponderavel o gozo, e jubilo espirital, que occupou o coração do Servo de Deos, vendo quebradas as armas do Demonio, e desfeitas todas as astucias, com que enganára a simplicidade daquella pobre mulher. Entra a alentá-la novamente, e a persuadir-lhe a cautela, e a paciencia: o que ella fez dalli por diante com tal resolução, e perseverança, que confessou muitas vezes depois

Anno 1640. ao Veneravel Irmao, que a animára desde aquelle ponto huma nova alma, e hum coração tão feito para soffrer, que tudo lhe parecia hum continuado milagre.

86 Se não fora contra as leys da Historia reflexionar os casos, que se referem, de bôamente deixáramos correr a penna na ponderação deste maravilhoso successo, para que nelle, como em espelho, vissem os Leytores o miseravel estado, a que chega hum coração, que se deixa occupar imprudentemente da paixão da tristeza. Não deixaremos porém de advertir, que para se evitar este baixo, em que tantas almas tem naufragado, por não observarem o perigo, o melhor remedio he o que receitava o Apostolo San-Tiago, quando dizia: *Estais tristes, acudi á Oração; porque ella he o unico allivio dos atribulados.* Esta foy sempre a pratica dos Santos, e tão inalteravel em David, que nunca lançou mão de outro instrumento para alliviar a sua tristeza, como elle mesmo confessa por estas palavras: *Quando me sinto afflicto, lembro-me de Deos, e procura-o de dia, e de noite na Oração.* Ainda ve-

Tom. III.

remos, como tambem o nosso Veneravel Diogo, sempre que se via tocado de alguma tristeza ( porque em fim era homem, e sujeito, como os outros, a esta paixão ) o seu recurso ordinario era o orar, e acudir a Deos, em quem achava o mais efficaz antidoto a tão molesto, e pernicioso mal. Basta para cautéla o pouco, que fica dito, e passemos a atar o fio da Historia, referindo outros casos, em que o Servo de Deos mostrou tambem o zelo ardentissimo da sua Caridade em atalhar os males, assim espirituaes, como corporaes dos seus proximos.

87 Francisco Madeira (irmao do Mestre Eschola, que entao era da Sé de E'vora, e do P. Frey Bento de S. Maria, Religioso Observante) vivia na mesma Cidade tão págo, e satisfeito das suas forças, que o mayor perigo para elle era a melhor lisonja, que se fazia ao seu valor. Varios foraõ os lances, em que o mostrou, e alguns com risco de perder a vida. Mas o em que pudéra tambem arriscar a alma, foy hum, de que milagrosamente o livrou nosso Veneravel Irmao, pe-

K ij la

Jacob. 5. 13.

Psalm. 76. 3.



Anno  
1640.

la fôrma seguinte. Litigava o dito Madeira justamente em Juízo huma causa sobre certas dependencias, pertencentes á sua casa. Corria a demanda os termos, que prescrevem as leys, e manda a justiça em semelhantes casos: mas como as demoras fossem muitas, e elle suspeitasse, que todas eraõ por culpa do Escrivãõ, a quem julgava mais inclinado aos interesses do oppositor, do que aos seus; picado desta desattenção, resolveo vingá-la com lhe tirar a vida. He desatinada huma paixão, quando se não modera com os dictames da prudencia, soffrendo o menos, por atalhar o mayor inconveniente, que pôde succeder, pela falta de consideração. Sem nenhuma sahio Francisco Madeira de sua casa, pela huma para as duas horas do dia, com firme, e deliberado animo de matar (como dissemos) ao Escrivãõ. Soube-se depois, que áquelle mesmo tempo estava o Irmão Diogo recolhido na sua cella; mas tão presente ao que passava no coração de Francisco Madeira, que indo este já aos arcos, que ficam junto da Capella de S. Vicente, e na rua, que váy

dar ao Convento de S. Francisco, lhe sahio o Veneravel Irmão ao encontro, e lhe disse com semblante religiosoamente grave: *Deixe-se disso, em que váy cuidando: torne para sua casa; encommende-se a Deos, e saiba, que só este Senhor pôde tirar as vidas aos homens, e não elle, ainda que tenha mayores motivos de queixa contra esse Escrivãõ, a quem váy determinado a matar.* Foraõ tão efficazes estas palavras, com que fallou o Servo de Deos (ou algum Anjo em sua figura) que penetrado vivamente dellas Francisco Madeira, ficou persuadido, que só por Divina revelação se pôdia saber o seu intento; porque o tivera sempre fechado no coração com as chaves do segredo: e assim voltando para sua casa, igualmente emendado, que agradecido a Deos, lhe deo muitas graças, pela que recebia de sua piedosa mão, mediante a ardentissima Caridade daquelle seu Servo, que o livrou de huma occasião, em que pudéra arriscar com a vida temporal a Eterna.

88 Não foy menos maravilhoso, nem menos notavel, em apoio da Caridade

Anno  
1640.

Anno 1640. do Veneravel Irmão, outro caso, que testifica o já mencionado Padre Frey Bento de Santa Maria em depoimento jurado, por esta formalidade: *A certo Clerigo appareceo o Irmão Diogo em sonhos, e lhe disse, que fuggisse a toda a pressa, e o Irmão o tomava ás costas; e indo assim lhe parecia ao Clerigo, que via hum medonho, e feissimo Demonio, com cuja vista se espantou, e atemorizou muito, e o Irmão lhe disse: Este te engana: e mais adiante vio outro, e com isto desapareceo a visão, e o Clerigo acordou com resoluçoens muito diversas das com que se tinha deitado a dormir, e se fez Religioso.* Desta fiel relação se colhe, e infere claramente a fervorosa, e ardente Caridade, com que o Veneravel Irmão Diogo acudia em todos os tempos, e horas, aos apertos, e necessidades espirituaes de seus proximos. Diz S. Gregorio, que á proporção do amor, que cada hum tem a Deos, toma sobre as suas costas ao proximo, para lhe mostrar o caminho da Divina Ley. Porque como esse mesmo amor de Deos he effectivo, e operatorio de cousas grandes, e

naõ sabe estar ocioso no coração, em que reside; a troco de qualquer trabalho, que se offereça em semelhante conducta, naõ deixa de cooperar com os meynos, que a Divina Providencia elege muitas vezes na terra, para encher o numero dos Bemaventurados no Ceo. Esta he a grande maxima de todos os amadores de Deos, e em que naõ podia faltar o nosso Veneravel Irmão, sendo taõ intenso o amor, com que amava, e acudia sempre pela mayor gloria daquelle Senhor, que lhe tinha dado, e conservava o ser. A este fim, e por este motivo, era hum como remedio universal nos apertos, em que via aos seus proximos; porque feito, qual outro S. Paulo, hum todo para todos, fazia propria a afflicção commua, por lucrar, e soccorrer a cada hum em particular.

Anno 1640.

1. Cor. 9.  
22.

D. Greg.  
Sup. Ezech.  
& in homil.  
Tantum  
quilibet por-  
tat proximu,  
quantum a-  
mat. Nun-  
quam est  
amor Dei  
otiosus, ope-  
ratur enim  
magna, si  
est.



## CAPITULO XII.

Anno  
1640.

*Exercita-se o Veneravel Diogo na Oração ; e declarão-se os maravilhosos effeitos, e luz sobrenatural, que recebeo nella.*

89 **C**omo a virtude da Oração he o fim particular do Estado de Carmelita Descalço, e nella aproveitou tanto nosso Veneravel Irmao, pareceo-nos conveniente fallar aqui desta celestial virtude, depois de haver tractado das Theologaes, em que foy taõ avançada sua ditosa alma. Já dissemos, que estando ainda no seculo, e com o exercicio de pastor, se occupava muito em rezar vocalmente as oraçoens, que deve saber qualquer Christão, e lhe inspirava o seu piedoso affecto. Vendo-se já Religioso (e por este motivo totalmente desembaraçado dos cuidados do mundo) não só continuou aquellas, mas accrescentou algumas outras oraçoens, sobre as que determina a Regra aos Irmaos da vida activa, procurando em todas alimentar cada dia mais o calor da devoção com a lenha de no-

vas confideraçoens, e affectos interiores da alma; para que com a frequente repetição, e identidade de exercicios, se lhe não entibiasse a vontade, ou a morte cessasse o fogo do espirito na fragoa viva de seu devoto, e fervoroso coração.

90 Com esta disposição prévia, e modo taõ perfeito de orar vocalmente, bem facil he de colligir qual feria a Oração mental de hum homem, que, por conservar a alma para só Deos, procurava trazer-la sempre ligada com o vinculo de taõ importantes confideraçoens. Era tal o seu cuidado, e taõ constante a sua perseverança neste doce, e proveitoso exercicio, que não contente com as horas do dia, que lhe ficavaõ dezoccupadas dos ministerios indispensaveis da obediencia, gastava a mayor parte das noites diante do Santissimo Sacramento, humas vezes de joelhos, outras prostrado por terra, e todas elevado na confideração da Suprema Magestade, que a sua Fé lhe fazia crer real, e verdadeiramente presente. Aqui bebia o seu espirito, como generosa Aguiã, taõ de cheyo as copiosas affluencias dos Divinos



Anno  
1640.

vinos rayos , que não podendo algumas vezes conter dentro da esfera do coração as affectuosas violencias , que lhe causavaõ as suas doçuras , se via precisado a distillá-las pelos olhos em tanta abundancia de lagrimas , que a não fer confortado pelo mesmo Senhor , que lhas fazia verter , morreria affogado no suave diluvio de tão doces , e amorosas communicaçoes. Os que tractáraõ seu espirito depõem , que passando não poucas vezes o dia todo em dar expediente a varias cousas , que, ou a obediencia , ou a caridade lhe recommendavaõ, logo q̃ entrava a noite, e se punha na presença de Christo Senhor Sacramentado , começavaõ a crescer em sua alma os impetos do espirito com tal vehemencia , como se o tempo todo antecedente tivesse passado em recolhimento interior , e apartado do commercio humano em alguma remota solidão.

91 Grande amizade , por certo , tinha com Deos nosso Veneravel Irmão Diogo , e grande tambem a sua Oração mental ; pois , sem que as occupaçoens exteriores lhe servissem de embarço , estava sempre na Divina presen-

Anno  
1640.

ça , e só eraõ hum como parenthesis breve no livro da sua attençaõ , que não cortava a corrente do seu espirito. Parece, que quiz Deos, se admirasse neste seu Servo com huma tal singularidade, aquelle mesmo prodigio, que na navegação do Novo Mundo se experimenta , e admira em a pedra Imán , a qual, passada a linha , que divide os dous Hemisphérios, e em perdendo-se de vista o nosso Pólo , subitamente se volta ao Nórte opposto tão constante , e tão fixa no aspecto do segundo , como se nunca houvesse olhado ao primeiro. Tal aquella vontade, aquelle entendimento , e aquella grande alma do Veneravel Diogo. Achava-se no tumulto das ruas , no reboliço das praças , no commercio dos homens , e no ardor dos negocios , quando a obediencia o obrigava a tudo isto , a pesar do amor, que tinha á soledade : mas apenas apartava a vista destes objectos creados , e descobriaõ os seus olhos o Summo Bem , ficava tão elevado , e tão fixo em sua presença , e em seu amor, como se de repente houvéra passado a huma nova região,

e go-

# 80 LIVRO SETTIMO

Anno 1640. e gostado nella as agoas do esquecimento, ou a cópa do mais delizioso somno. Mas também não ha que admirar; porque como o tracto com Deos he tão doce, e tão suave, arrebatá a seus amigos com tal força, que lhes não deixa tempo, nem attenção para outro emprego, que não seja elle, e o seu amor, segundo experimentava em si a Alma Santa: pois chegou a dizer no livro dos seus Epithalamios, que por estar sempre á sombra, ou na presença do seu Amado, os fructos, que recebia d'elle na Oração, e contemplação das suas perfeições, lhe eraõ muito doces, porque ordenados pela direcção da Caridade Divina.

Cant. 2. 3.  
4

92 O habito adquirido de tão doce, como continuado exercicio, e a pródiga corrente do Ceo, creáraõ neste Veneravel Homem hum coração tão novo, e hum espirito tão principal, que parecendo-lhe breve todo o tempo, para estar bebendo o néctar dos peitos do Amado, se esquecia das leys indispensaveis do corpo; pagando-lhe o Senhor em consolações do espirito, tudo quanto lhe furtava de def-

canço, e de allivio por seu amor. Mas como seja politica prudente dos que privão com a Magestade (seja Divina, ou Humana) occultar os favores mais particulares da sua confiança, ou para defende-los da emulação, ou da vaidade, foy tão observador deste dictame nosso Veneravel Irmaõ, que havendo recebido singulares mercês do Ceo, não he facil de resolver, em que puzesse mais cuidado, se em merece-las, ou em encobri-las; porque amou igualmente a santidade, e aborreceo a sua opiniaõ. Como, porém, as cousas grandes levaõ consigo na sua mesma grandéza o perigo da publicidade, não pode o silencio do Servo de Deos recatar desorte todos os Divinos favores, que ao menos se lhe não registassem por fóra alguns sinaes das doces communicações, com que o Senhor regalava por dentro aquella alma, que tão de véras se tinha dado ao seu amor. Affirmaõ as Relações: *Que de noite, quando os mais Religiosos descansavaõ, se punha o Veneravel Irmaõ diante do Santissimo Sacramento, e alli perseverava, como immovel, e extático por largas ho-*

Anno  
1640.

ras.

Anno  
1640.

*ras. Que as do dia, que tinha desoccupadas, gastava no mesmo exercicio, ficando quasi de repente tão recolhido, absorto, e transportado em Deos, como se tivesse precedido huma larga meditação; succedendo perguntarem-lhe alguma cousa naquelle tempo, e não dar acôrdo, nem reposta, por ter retirada a attenção ao interior da alma, elevada, e embebida nas mercês, e favores, que o Senhor secretamente lhe communicava. Isto he o que sómente se lhe pode perceber, e não pode occultar a grande modestia, e o summo recato, com que procurava retirar do registo da vista humana as Celestiaes, e Divinas participações, que recebia na Oração; ficando-nos nesta parte a justa magoa, de que os seus Confessores, a quem as declarou, se contentassem com deixar dito, que as teve, sem no-las individuar, como era bem; para que em cada huma dellas admirasse a Posteridade o alto gráo de perfeição, a que subio este prodigioso homem, e louvasse a Summa Bondade de Deos, que tão liberalmente as distribuía, e repartia com elle.*

93 O que porém não pode nunca encobrir este Vener.  
Tom. III.

Anno  
1640.

*ravel Irmaõ ( ainda que tão humilde, e tão recatado em todas as suas palayras ) foy a luz maravilhosa, com que Sua Divina Magestade lhe illustrou na Oração o entendimento, para fallar das cousas espirituaes; porque em chegando a tratar este ponto, era tal a energia, e a efficacia, com que ponderava, e persuadia as importancias do espirito, e perfeição Evangelica, que punha em affombro aos Varoens mais doutos, que o ouviaõ nestas materias, como a Oraculo, em que fallava a Divina Sabedoria. Bõa testemunha he desta verdade o P. Frey Belchior de Santa Anna, primeiro Chronista da nossa Provincia, o qual, em huma memoria, que nos deixou escripta sobre as virtudes deste Servo de Deos, diz formalmente assim: Hum insigne Theologo, que fallava muitas vezes com o Veneravel Diogo em materias de espirito, me disse, que estava maravilhado de ver, quão bem havia entendido este santo Religioso o negocio da Christandade, e perfeição Christã: mas que não podia ser menos; porque como ha proporção entre a imagem, que o Pintor pinta, e a idéa, que elle tem*

L

no



Anno  
1640.

no entendimento, imitando huma á outra na bondade; assim ha correspondencia, e igualdade entre as virtudes praticadas, e os conceitos dellas, que obrigaõ ao exercicio: por cuja consideração, sendo as virtudes deste Servo de Deos tão levantadas, por força haviaõ de ser os conceitos, que dellas fazia, muito altos, como quem participava a sua estimação da Suprema Luz. Que estimava, e ponderava a dignidade, e qualidade das cousas espirituaes, pesando-as, não com o peso de Canaán ( que he o juizo enganoso dos homens do mundo, que dizem do bem mal, e do mal bem ) senão com o peso do Santuario, que he o juizo de Deos, e de seus Santos, os quaes dão a cada cousa seu peso, e conforme a elle seu amor; e affeição. Finalmente, que estava em sua alma ( como a Esposa diz da sua ) ordenada a Caridade; porque pela luz participada do traçto intimo com Deos, tinha verdadeiro conhecimento do valor das cousas; e por isso guardava ordem no amor, amando cada huma, como ella merecia ser amada, e fallando de todas, como quem tão bem as conhecia. Atéqui o testemunho authentico deste grave, e veri-

Cant. 2. 4.

dico Historiador, referindo as palavras daquelle grande Theologo, cujo nome calla; talvez, porque entendia, que o homem sabio não póde ter mayor nome, que o que lhe dá por antonomasia a sua mesma sabedoria.

94 Por esta luz sobrenatural, e Divina, com que Deos illustrou, e dava a conhecer na Oração a este seu Servo as importantissimas materias do espirito, era consultado de muitos, que desejan-do adiantar-se na pratica das virtudes, e perfeição Evangelica, recebiaõ delle os documentos, que mais se proporcionavaõ ás condiçoens, e fervores de cada hum. Consta das relaçoens, que pedindo-lhe conselho certo Religioso para caminhar seguro, e aproveitar muito na vida espiritual, lhe diffêra o Veneravel Irmaõ: Não se poupe nunca ao trabalho: de-se muito de veras á Oração, e alcançará o que deseja. Maxima, e documento verdadeiramente celestial, e que S. Paulo tinha muito antes dado a seu Discipulo Timotheo, quando lhe disse: Trabalha como bom Soldado da milicia de J E S U Christo, e espera o fructo do teu trabalho; co-

Anno  
1640.

2. Tim.  
2. 3. 2.

mo

# CAPITULO XIII. 83

Anno  
1640.

*mo o deve esperar o lavrador, que foy solícito em trabalhar no tempo da sementeira.*

Verdade tambem, que o Santo Rey David authorizára com a pratica da sua mesma experiencia; pois dizia, que, trabalhando, orava a Deos com tão fervoroso espirito, e vehemente desejo de que fosse ouvida a sua Oração, que já de tanto clamar estava rouco, e os seus olhos como cégos de olhar ao Ceo, e esperar, que dalli lhe viesse o desejado cumprimento das Divinas promessas. Desta sorte, e com tão dilúcidos, e illuminados Mestres authorizava o Veneravel Irmao a sua doutrina. Na Villa de Portel ( a que hia frequentemente com a occasião de pedir esmólas para o Convento ) ensinava a muitas pessoas a ter Oração, e era conhecidamente grande o aproveitamento, que tinhaõ na vida espiritual com a direcção deste novo Mystico: verificando-se no seu magisterio o antigo costume, que tem, e teve sempre a Divina Providencia em revelar aos pequenos, e humildes aquellas mesmas verdades, que muitas vezes occulta á grandeza, e sabedoria do mundo. Todos estes

Tom. III.

fructos para si, e para o proximo, tirava o Veneravel Diogo da sua Oração, em cujo exercicio, e ministerios da obediencia tinha repartida a sua vida. Estes eraõ os Pólos, sobre que movia o seu coração: estas as azas, com que voáva sempre ao Summo Bem, batendo successivamente humas, quando descansa-vaõ as outras: parecido verdadeiramente áquelles Amantes Espiritos, cuja gostosa alternativa de occupaçoens, ou os incitava aos vãos da obediencia, ou os movia ao descânço da contemplação.

Anno  
1640.

Mat. 6. 2.

## CAPITULO XIII.

*Humildade rara, e algumas outras virtudes insignes do Veneravel Irmao Diogo, pelas quaes foy tido, e venerado universalmente por homem Santo.*

95 **A** Inda quando a humildade não fosse o alicerse, sobre que se funda o edificio espiritual de todas as virtudes, se lhe dezia o primeiro lugar, entre as que formozeão a sublime santidade de de nosso Veneravel Irmao Diogo do Santissimo

L ij Sacra-

Matth. 11.

Anno  
1640.

Sacramento ; porque parece andárao de competencia a Providencia Divina, e a sua Humildade: aquella, para o exaltar, e fazer grande na estimação do mundo; esta para o desfazer, deprimir, e anniquilar em os seus olhos. Era o Servo de Deos nos de todos admirado como prodigio da virtude: Veneravao-no os domesticos: applaudiao-no os estranhos: celebravao-no os Varoens mais doutos por homem Justo, e cheyo daquella sabedoria, e paz interior, que não dá, nem pôde dar o mundo: era finalmente favorecido, e honrado da melhor, e mais qualificada Nobreza de Portugal. Mas todo este applauso, e grandeza ( que nos termos de hum pobre Descalço, e Donado, não podia ser mayor ) olhada desde o centro de sua humildade, parecia o mesmo, que as Estrellas á nossa vista; as quaes, ao passo, que estão mais levantadas, ou desapparecem de todo, ou nos parecem mais pequenas. Os casos farão evidente esta verdade.

96 Vindo huma vez do campo ( aonde tinha ido buscar lenha para o Convento ) o encontrou D. Francis-

co de Mello Marquez de Ferreira, que se recolhia da caça com alguns Fidalgos, que o acompanhavao naquella diversaõ. Era o dito Marquez, não só devoto, mas taõ venerador do Veneravel Irmaõ, que repetidas vezes o procurava, e consultava em materias gravissimas, pelo bom conceito, e experiencia pratica, que já tinha dos seus acertos, como de quem privava tanto com a Eterna Sabedoria. Querendo, pois, naquella occasiaõ mostrar com evidencia quão verdadeiro, e sincero era este seu respeito, e affecto ao Servo de Deos, ordenou aos criados, que lhe offerecessem hum cavallo, para que com esta commodidade chegasse a E'vora mais descansadamente, e elle Marquez tivesse a consolação de o trazer na sua companhia, e gozar mais de perto da suave, e espirital conversação de hum homem, a quem veneravao todos por Santo. Tudo obedeceo, menos o Veneravel Irmaõ; que, confundido entre aquella honra, se escusou com religiosa cortezia; allegando, por parte da sua humildade, a indecencia, e ainda o escandaloso, que daria a quantos o vissem

Anno  
1640.



Anno  
1640.

visssem em hum Cavallo ; sendo isto contra as leys da sua Religiaõ , que pouco mais permite , que hum humilde jumento , em caso de faltarem as forças para andar a pé. Edificado , e compungido ficou o Marquez com a modesta , e religiosa escusa do Servo de Deos : mas prevalecendo a tudo a sua grande devoção , e o summo desejo , que tinha de o levar consigo , fez final aos criados , para que , tomado nos braços , violentamente lho puzessem ás ancas do seu mesmo cavallo. Fizeraõ-no assim ; e o Marquez ( temendo , que se lançasse ao chão ) o foy segurando com o braço , e levou desta sorte até entrar pela porta do patio do Convento. Baixando os Religiosos , juntamente com o seu Prelado , a agradecer ao Marquez taõ piedoso excesso de cortezia , lhes disse Sua Excellencia : *Aqui trago preso o Irmaõ Diogo , tenhaõmo a bõa cautela.* Celebráraõ todos a discreta , e devota ironia do Marquez , o qual , despedido com sinaes de grande benevolencia , deixou a todos não menos agradados , que agradecidos , pela honra , que fazia no Veneravel Ir-

maõ ao nosso santo Habito : ficando sómente o Servo de Deos taõ confuso , e corrido de se ver estimado daquelle Principe , que teve materia para sentir , e chorar a sua humildade por muitos dias : como se quizesse com esta pena vingar o merecimento , de que se considerava defraudado , ainda sem culpa sua.

97 He a honra , como o Crocodilo , que foge de quem o segue , e legue a quem o foge. Assim o deo engenhosamente a entender o judicioso Achilles Bocchio na pintura , em que retratava , atemorizado desta Féra , ao modestissimo Cataõ , accommodando-lhe este Epigraphe : *A gloria não se ha de buscar : ha de se fugir.* Fugia o nosso Veneravel Irmaõ a todo applauso : escondia-se a todo louvor : resistia , e retirava-se de todos aquelles encontros , que lhe podiaõ grangear estimaçoens : mas estas ( como se se vestissem das condiçoens , e qualidades daquelle astuto animal ) o seguiráõ tanto mais , quanto elle mais procurava fugir á sua plausibilidade : dispondo-o assim a Providencia Soberana , para mayor exaltação de seu Ser-

Anno  
1640.

Bocch. l. 4.  
symbolic.  
quæst. sym.  
quæst. 29.

vo ;

Anno  
1640.

S. Agost. de  
Salutar. do-  
cum. cap. 31.  
in tom. 4.

vo ; porque a vida do verda-  
deiro humilde ( como disse  
Santo Agostinho ) não he  
outra cousa mais , que huma  
contenda com Deos , sem  
contenderem as vontades.  
*Procura o humilde abater-se*  
( diz o Santo ) *trata Deos*  
*de o levantar : mas vence*  
*em fim Deos , como Omnipot-*  
*tente.*

98 Com este profundo  
conhecimento ; que tinha da  
sua baixeza ; para fugir ás  
honras , e estimaçoens do  
mundo , como de infecção  
pestilencial , chegou a Graça  
a obrar no coração deste seu  
Servo o prodigio de nunca  
em cousas , que fizesse , se  
ver tocado daquella gloria vã,  
de que ordinariamente se infi-  
cionão as acçoens humanas ,  
quando se não regulaõ pelos di-  
ctames da verdadeira humilda-  
de. Porque , bem profundado  
nella, tão fielmente referia á sua  
fonte quanto via em si digno  
de louvor , que só ficava , e  
se attribua as imperfeiçãoens ,  
exaggerando-as desorte , que  
fazia dos atomos montes ,  
accusando-se sempre diante de  
Deos por imperfeito. Da  
companhia dos Religiosos ti-  
rava motivos para humilhar-  
se ; porque todos lhe pare-  
ciaõ mais avantajados na vir-

tude , e sentia de si o ser in-  
digno de viver com elles na  
mesma Casa. Quando em al-  
gum considerava Oração , e  
fervor de espirito , lhe pare-  
cia toda a sua vida hum pre-  
guiçoso descuido. Da obedi-  
encia alheya tirava razoes  
para confundir a inteireza da  
vontade propria , que accusa-  
va em si por tanto mais gra-  
ve culpa , quanto eraõ ma-  
yores os motivos , que tinha  
para a sujeitar perfeitamente  
á dos Superiores. Finalmen-  
te, deste vil , e baixo concei-  
to , que formava de si em  
todas as suas acçoens , lhe  
nascia não redundar nunca o  
seu coração em vaidade , por  
mais que muitos se espraiaf-  
sem em seus louvores : antes  
bem , se encolhia , e recolhia  
tanto á consideração do seu  
nada , que até quizerá em se-  
melhantes occasioens apar-  
tar-se de si mesmo , se lhe  
fora possível. Lance verda-  
deiramente proprio dos gran-  
des merecimentos , e alheyo  
totalmente do coração sober-  
bo , o qual ( como pobre del-  
les ) com qualquer lisonja  
mentirosa de tal modo se in-  
cha , e eléva sobre si mes-  
mo , que querendo tomar o  
Ceo com as mãos , ou mo-  
stra , que não foy culpa no

Anjo

# CAPITULO XIII. 87

Anno  
1640.

Anjo pertender subir ao mais alto delle ; ou se persuade , que pôde tomar-lhe as medidas , voando como I'caro : não considerando , que este ( vanglorioso na honra de o verem os ventos com privilegios de ave ) quiz voar tão alto , que precipitadamente cahio. Imite , pois , o altivo a este novo Dédalo da Graça , que com semelhantes azas se sustentou voando , porque humilde conheceo a sua fraqueza.

99 A verdade deste sentimento , que profundamente lhe tinha penetrado a alma , o trazia sempre tão humilhado , e abatido dentro em si mesmo , que , por conta delle , não havia ministerio baixo no Convento , que não tomasse como seu , e o executasse com igual fervor , que alegria : mostrando em semelhantes exercicios quão humilde era seu coração ; pois aspirava sempre a mais desprezo , e abatimento , estando mais contente , quando se via mais humilhado. Era applaudido de todos por Varão de provada virtude , e em quem morava Deos com particular assistencia : honravaõ-no , e amayaõ-no por este motivo as mayores Personagens

Anno  
1640.

do Reyno , que entaõ affiliaõ em E'vora ; chegando até os Prelados Superiores da nossa Provincia a comunicar-lhe os negocios de mayor importancia della. Mas quando este valimento , e applauso pudéra suggerirlhe algumas liberdades , ou pô-lo na vehemente tentação de se desmandar em licenças para estimar-se dentro da esfera de Religioso ; entaõ se empenhava nos empregos mais abjectos , e de mayor trabalho , que havia na Casa : como cavar na horta , buscar carne para os enfermos , e peixe para os saõs , trazer agoa do chafariz das Bravas para o Convento , cuidar das estrevarias , e varrer as officinas mais humildes delle ; como se todos estes ministerios fossem as mayores honras , q̃ pudéra , ainda no seculo , appetecer a sua ambição.

100 Nem pareça , que esta humildade no Veneravel Irmaõ Diogo procedia de abatimento de animo , baixeza de espirito , ou descahimento de coração ; porque he muito nobre o do Justo , e em seu dilatado imperio faz a virtude aos seus professores ingenuos , e generosos. Nascia-lhe do claro conhecimento , que tinha da vileza , e rebel-



Anno 1640. e rebeldia do corpo humano, inimigo tão armado de paixões, e appetites, que se o não despreza, e mortificação, levanta-se a mayores com a alma para lhe roubar aquelles thesouros, que nella depositou a Providencia. Por esta causa, pois, e com este conhecimento pegou das armas da penitencia, e entrou a fazer-lhe guerra declarada com tantos despezos, e mortificações, que pudéra queixar-se, de que o tratava, menos com moderação, que tyrannia. Sendo já vellho, e achacoso, lhe sobreveyo hum tal fastio, que assim os Medicos, como os Prelados lhe derao a permissão de comer o que appetecesse. Appetecio com effeito, estando no Refeitório, hum bocado de doce, e pedindo-o ao enfermeiro, lhe respondeo este; que se não comia doce naquelle lugar: mas reflectindo na necessidade, com que o enfermo o pedia, foy por elle, e lho ministrou. Não o aceitou, nem comeo o Veneravel Irmao, dizendo com muita submissão ao enfermeiro, q̃ lhe agradecia o bom exemplo, que lhe dera, para elle poder escusar a falta, que queria

commetter. Era desculpavel nesta occasião aquelle pequeno allivio, que queria dar ao corpo, debilitado com achaques, fatigado com rigores, e attenuado com o peso de seus muitos annos: porém bastou, que de muito longe se divizasse imperfeição naquelle desejo, para se privar do limitado regálo, que lhe fazia licito a sua mesma necessidade; porque os amadores da perfeição Evangelica até no que podem usar sem offender a Deos, se querem mortificar por seu amor.

101 Fazia-o este descuidar tanto de si, e das suas commodidades, que havendo de fahir aos povos a pedir esmólas para o Convento, a sua prevenção toda consistia precisamente em huns bocados de pão, sem tomar nunca outra cousa, por mais que os Prelados lhe facultavao mayores licenças. Dentro, e fóra de Casa erao continuas as abstinencias, e rigorosissimos os jejuns; accrescentando aos da Igreja, e communis da Ordem quasi todos aquelles dias, que huma, e outra os não ordena. Quando os mais Religiosos se recolhiao ás cellas para descansar, e poderem commodamente

Anno  
1640.Anno  
1640.

mente acudir a Matinas pela meya noite, elle os esperava, humas vezes no Coro, outras na Igreja, gastando todas aquellas horas na presença do Santissimo Sacramento. Assistia depois com a Communidade aos Divinos louvores, e voltava ao mesmo exercicio com tal constancia; e tão continuado rigor, que havendo de dar algum repouso ao corpo, para que não desfallecesse, o tomava vestido, e encostado aos degrãos do Altar mór, aonde pela manhã o encontravaõ os Religiosos já tão despertado, como se tivesse descansado toda a noite. Para este fim velava ordinariamente, assim a Matinas, como á Oração; querendo tambem neste ministerio, proprio dos Irmãos de vida activa, alliviar a todos, pela sagrada usura de ter mais tempo, e menos registo dos olhos, para mortificar o corpo, e regalar o espirito com as doçuras do Céu, que o Senhor abundantemente lhe dispendia. Tractava-se com todo este rigor, e com outros muitos, que soube occultar o seu recato; porque era maxima sua praticada, que os mimos, e commodidades da carne eraõ

aquella verdadeira perseguição, que, cuberta com apparencias de prazeres, e gostos temporaes, leva a alma aos tormentos eternos, apagando o juizo, para não ver os seus males, e avivando o appetite, para não pagar os direitos á razão, que he a que só deve ter o predominio em nossas acçoens.

## CAPITULO XIV.

*Prosegue a materia do antecedente.*

102 **A** Modestia, companhia inseparavel da Humildade, e da Penitencia, foy hum dos grandes ornamentos do Servo de Deos. Todos os que tivéraõ a fortuna de o communicar, e conhecer, pudéraõ assegurar sem exaggeração, que a sua modestia era incomparavel, e que a mostrou em todo tempo, em todo lugar, e em todas as acçoens com tal singularidade, que se podia dizer, que nelle parecia mais por natureza, que adquirida. Tudo isto eraõ effectos da sua grande mortificação; porque com ella havia tão perfeitamente sujeitado os sentidos, e dominado

as paixoens, que estava sempre de corpo, e espirito igual a si mesmo, como se não tivesse humor, que o contradicesse na pratica das virtudes. Bem verdade he, que a perfeita formosura da alma religiosa, e o mais importante do seu adorno, deve ser no interior do seu coração. Porém não he menos certo, que muito mais roubará o de Deos a belleza della, se com o interior ajuntar o exterior, accrescentando aos actos da mesma alma, e ás obras substanciaes das virtudes, o uso, e exercicio modesto dos sentidos externos, por serem estes o Mostrador da bôa harmonia, com que se movem os internos na presença daquelle Senhor, que observa até os atomos, que podem offender o seu Divino agrado. Esta era a pratica do Santo Job, e, á sua imitação, a do nosso Veneravel Irmão Diogo, de quem escreve ( como já referimos acima ) o Licenciado Jorge Cardoso : *Que era tão exacto na compostura, e modestia exterior, que trazia sempre os olhos pregados no chão; contando-se por cousa nova, que huma vez lhos virão levantados com grande alegria, nascida por ventura de algum singular jubilo, que redundou no rosto.*

103 E para que esta sua modestia, e compostura exterior não fosse pesada ao tracto, e conversação das pessoas, que o communicavaõ, fazia muito pela temperar com huma alegria moderada, prudente, e edificativa. Fallava a todos sem aquellas melancolicas transformações de rosto, ou hypocrisias de acções, com que alguns, affectando devoção, e austeridade, querem ( contra o conselho de Christo ) admirar ao seculo, persuadir virtude, pregoar penitencia, e parecer santos; não sendo na realidade mais que huns monstros, ou ( como diz S. Gregorio ) huns Fantasmás, que só tem as apparencias. Bento Madeira ( aquelle irmão do Mestre Echóla da Sé de E'vora, de quem já nos lembrámos acima ) querendo testificar a prudencia, com que nosso Veneravel Diogo se portava na exterior communicação dos homens, deixou hum testemunho della nesta formalidade. Tinha ( diz elle ) huma graça natural, que para todos os afflictos era pay tão piedoso, que, sem lhe dizerem na-

da,

Job. 31.  
1.

Agiolog.  
Luf. rom. 1.  
pag. 230.



Anon 1640. *da, conhecia o trabalho de cada hum, e buscava alguma cousa de regalo, e os levava ao campo, e vinhaõ muy contentes da sua bõa, e alegre conversação; porque, sobre ser muito avisado, e modesto, não era pesado nella; antes bem era tão affavel, e humano com todos, que deste traço sincero, e santamente jogral, fazia caminho para guiar as almas para Deos. Este era o modelo, por onde regulava todas as suas acçoens, havendo de estar na precisaõ de communicaõ com os homens; porque para os não gravar tinha altamente meditada aquella Maxima Divina, que deixou o Espirito Santo no Ecclesiastico, quando disse, que para conciliar os animos, e levá-los sem violencia ao melhor bem, não ha virtude mais activa, que a affabilidade.*

104 Entre toda esta moderação, e comedimento com os proximos, foy tambem muito de admirar no Servo de Deos a inalteravel serenidade de animo, com que se portava nos trabalhos, e adversidades, que padeceo. Não apontaõ as Memorias casos alguns particulares nesta materia: só nos dizem, que tivera o Veneravel Irmão

Tom. III.

Anno 1640. não poucas occasioens, em que mostrára a paz, e interior socego de sua alma, sofrendo com equidade della algumas semrazoens, com que o perseguiraõ. He a virtude o alvo da inveja, a imagem das calumnias, e o objecto de toda a perseguiçaõ: porque como o Justo se veste das condiçoens do Sol, e a este, porbrilhantes que sejaõ os seus rayos, não só do mar, e da terra, mas dos pântanos mais immundos se lhe levantaõ vapores, para o offuscar; não he maravilha, que luzindo o Servo de Deos no Ceo das virtudes com tantas claridades, houvesse sombras na terra, que pertendessem escurecer-lhe os resplendores. Era a vida deste insigne Varaõ hum clarissimo espelho, a que todos podiaõ compor as suas: mas estas mesmas luzes, que, ao menos em reflexo, lhes deveraõ servir para verem os defeitos, com que talvez os accusava a propria consciencia, as tomariaõ por armas, ou para lhe perturbarem a paz interior, em que andava; ou para lhe diminuir a reputação, em que vivia. Tudo se póde conjecturar nesta materia; porque os filhos

M ij

lhos

# 92 LIVRO SETTIMO

lhos das trevas ( como disse  
Anno hum Proféta ) sempre abor-  
1640. recêraõ, ou prevalecêraõ sem-  
pre contra os da luz ; sabendo-se , que desde o principio  
Habac. 1. do mundo fora perseguido o  
4. Justo Abel do maldito Caim ,  
por serem as obras de hum  
totalmente oppostas , e con-  
trarias ás acçoens do outro.

105 Como o Veneravel  
Irmaõ era taõ amante da pa-  
ciencia , e conhecia por ex-  
periencia as suas utilidades ,  
com ancia inexplicavel pro-  
curava persuadir o exercicio  
desta virtude aos outros Do-  
nâdos, dizendo-lhes: *Que assim  
como os seculares a primeira pe-  
dra , que movem no edificio das  
suas pertençaens, he a paciencia  
( com a qual as mais das ve-  
zes alcançaõ o despacho, que  
não pôdem alcançar com o me-  
recimento ) assim os Religiosos  
na pertençaõ, que tem da salva-  
çaõ , devem fazer-se muito pa-  
cientes ; pois se o homem soffre  
tanto por conseguir honras , en-  
tre as quaes se arrisca muitas  
vezes a perder a alma ; justo  
he , que soffra muito mais por  
possuir pacificamente a mesma  
alma , na qual lhe vay não me-  
nor honra , que a de ser filho  
de Deos. Este era o concei-  
to , que o Veneravel Diogo  
formava da paciencia ; e por*

isso a praticava com taõ gran-  
de perfeiçaõ , que visitando-o  
o Senhor com muitos traba-  
lhos , por meyo de varios  
achagues , e não pouco pe-  
nosas enfermidades , passava  
tudo , não só com resignaçãõ ,  
mas com alegria ; parecen-  
do-lhe , que não devia saber ,  
nem gloriar-se , fenaõ com  
S. Paulo na Cruz de Christo ,  
e este Crucificado.

106 Além das virtudes ,  
que temos referido , se divi-  
savaõ , e resplendeciaõ neste  
feliz homem muitas outras ,  
pelas quaes se fazia ( como  
Moyfés ) amado de Deos ,  
e dos homens ; publicando-o  
estes por Varaõ Justo , e que  
privava muito com a Mage-  
stade Divina por verdadeira  
santidade. O Arcebispo D.  
Joseph de Mello dizia repeti-  
das vezes , fallando do Ve-  
neravel Diogo : *Este Leygo  
he Santo , e hum dos grandes  
Servos de Deos , que ha na  
sua Igreja. Por esta causa o  
tractava , e recebia com tanta  
benevolencia , e attençaõ , co-  
mo se fosse hum grande Pre-  
lado da Ordem : sendo , que  
não costumava desperdiçar  
cortezias , e as fazia com mo-  
deraçãõ , e não poucas vezes  
com escasseza. O Arcediago  
Luiz da Azambuja de Moura*

con-

Anon  
1640.Anno  
1640

confessou de si, que fallava ao Irmão Diogo com tanto respeito, e temor, como a Santo; e que imaginava, que lhe via o seu interior, e consciencia. O Senhor D. Duarte, e sua mulher a Senhora Marquiza de Malagaõ, mandavaõ dizer muitas vezes ao Padre Prior do Convento, que obligasse com obediencia ao Santo Irmão Diogo, que fosse a sua casa: e quando hia, era tão grande a estimação, que aquelles senhores faziaõ da virtude do Servo de Deos, que, por attenção a ella, lhe beijavaõ o pobre habito de joelhos, sem que pudesse acabar com elles o Veneravel Irmão, que se levantasssem para este effeito. O Padre Provincial Frey Luiz da Madre de Deos (como quem o conhecia mais de perto) costumava dizer aos Religiosos: *O' oxalá, que fora Deos servido, que tivera esta nossa Provincia muitos Frades, como o Irmão Diogo!* Em fim era tão universal o bom conceito, e opiniaõ, que se tinha da santidade do Servo de Deos, que todas as vezes, que se fallava nelle em publico, ou em particular, nenhum havia, entre os que observa-

vaõ bem a sua vida, e acçoens, que se não espraiaße em louvores seus. Applaudiaõ huns a sua profunda humildade; outros a sua continua Oração. Advertiaõ alguns o rigor da sua abstinencia; outros a prompta obediencia, com que acudia ao trabalho do Convento; e todos geralmente estimavaõ a sua modestia, e tracto sincero, sem as affectações, e hypocrisias, que não servem mais, que de levar as almas á vã estimação, occulta soberba, e louca vaidade do applauso humano.

## CAPITULO XV.

*Illustra o Senhor ao Veneravel Diogo com o sobrenatural conhecimento das cousas futuras; e acaba felizmente em E'vora com sinaes evidentissimos de predeterminado.*

107 **N**Em sempre o conhecimento das cousas futuras, por onde se constitue o espirito de Profecia; he final evidente da verdadeira santidade; porque bem se compadece este dom excellentissimo com a malicia na alma;



ma; tendo-se visto (segundo diz Santo Agostinho) grandes peccadores, e sem a luz da Fé, condecorados com esta graça. Gentias eraõ as Sybillas, e vaticináraõ o Nascimento, Payxaõ, e Morte de Christo Senhor Nosso, e a Pureza de sua Santissima Mãe. Cassandra, filha de Priamo Rey de Troya, profetizou tudo quanto depois veyo a succeder na guerra Troyana. Caifaz, sendo taõ iniquo, sollicitou a morte do Filho de Deos no Conciliabulo dos Phariseos, dizendo, com espirito de verdadeira profecia, que convinha, que hum Homem morresse pelo Povo, para que naõ perecessem todos. Naõ obstante porẽm esta verdade, tambem he certo; que ordinariamente naõ costuma Deos communicar huma tal graça, senaõ áquelles, que o servem em perfeita observancia da sua Ley. Esta foy a prova, que de sua amizade deo Christo Senhor nosso a seus Discipulos, quando lhes disse: *Já vos naõ chamarey daqui por diante servos, se naõ amigos; pois todas as cousas, que ouvi a meu Eterno Pay lá no Ceo, vo-las tenho dito, e manifestado a vós outros cá na terra.* Nesta supposiçaõ, pois,

que ninguem duvida, devemos concluir para o intento, de que fallamos, que sendo taõ amigavel, familiar, e continua a communicaçãõ, que Sua Divina Magestade tinha com o Veneravel Irmaõ Diogo; consequencia parece, que havia de ser infallivel, o manifestar-lhe os seus segredos, revelando-lhe o que mais conduzia para o seu aproveitamento, e bem dos proximos.

108 Já referimos nos Capitulos antecedentes alguns casos, em que claramente se deo a conhecer a luz profética, com que o Senhor acreditou a santidade deste seu fiel Amigo: agora diremos sómente o que falta nesta materia, e poremos com ella o ultimo ponto á narraçaõ de huma taõ prodigiosa Vida. Izabel Pereira, moradora na Cidade de E'vora, vendo que lhe faltavaõ noticias de Luiz Perdigaõ, seu marido, (que estava auzente) entrou a persuadir-se com alguns agouros, que era fallecido, e se angustiou notavelmente nesta consideraçãõ. O amor, e obrigaçaõ de mulher a compulsou a sair de casa, e tomar o caminho do nosso Convento, para na Igreja delle encommendar a Deos a alma de

Anno  
1640.  
S. Agost.  
tract. 49. in  
Joann.

Plin. l. 13.  
natur. hist.  
cap. 13.

Pro pere.  
l. 2.

Joann. 11.  
50. & 51.

Joan. n. 15.  
15.

Anno 1640. de seu marido, e mandar-lhe applicar alguns sacrificios, como ultimo, e mayor suffragio, com que podia, e devia soccorrer-lha. Succedendo porèm (hum pouco depois de recommendar ao Sacristão as Missas) fahir hum Sacerdote a celebrar huma de defuntos pelo permittir o Rito daquelle dia, tomou a mulher esta casualidade por tão infallivel certeza, de que seu marido era morto, que, confirmada neste pensamento, entre lagrimas, e suspiros fahio da Igreja, e voltou para sua casa, com a resolução de se tractar dalli por diante, como viuva. Tinha o Veneravel Irmão fahido á Cidade, e quando já se recolhia ao Convento encontrou a mulher na rua. O seu recato, e a sua modestia nunca lhe déraõ licença para desmandar a vista: porèm nesta occasião, vendo com luz superior, e verdadeiramente profética, o aperto, em que interiormente hia aquella mulher (delle totalmente desconhecida) chegou a ella, e lhe disse com alegria modesta estas palavras: *Serva de Deos, que tristeza he a sua? Não se afflija; porque seu marido está vivo, e á*

*manhaã lhe entrará pela porta com fraude. O successo desempenhou a verdade da promessa; porque no outro dia, bem assim como o Veneravel Irmão o profetizára, entrou Luiz Perdigão por sua casa, e na mulher huma nova alma com a sua vista: pois disse Euripides, que era o mesmo ficar huma mulher sem marido, que sem vida, pela grande dependencia, que tem delle a sua conservação.*

Anno 1640.

Eurip. apud Stobaeum.

109 No Coro do nosso Convento da mesma Cidade de E'vora achou huma noite o P. Frey Domingos de Santo Angelo ao Veneravel Irmão, posto de joelhos, e a chorar com soluços tão sentidos, e vehementes, que parecendo-lhe estava exhalando a vida por instantes, se chegou a elle, e lhe fez força, para que se fosse recolhêr. Repugnava o Servo de Deos: instava o Padre: mas nesta santa, e piedosa contenda exclamou o Veneravel Diogo, dizendo entre lagrimas: *Ah Padre Frey Domingos, e se V. R. soubêra o que ha de succeder nesta Cidade! Suppenso ficou o Padre aos éccos desta exclamação; e não se atrevendo a perguntar-lhe pelo sentido della (porque o ref-*

respeitava como a Santo ) o  
 Anno 1640. deixou continuar na sua Ora-  
 ção, e se recolheu sem en-  
 tender o que queria dizer na-  
 quellas empháticas palavras.  
 Mas pouco depois conheceo  
 que foraõ proféticas; porque  
 se experimentou em E'vora,  
 e seus contornos, a mais cruel,  
 e apertada fome, que se sa-  
 be; sendo que não havia in-  
 dicio algum della, quando o  
 Veneravel Irmaõ a pronos-  
 tlicou.

110 Vinte annos antes,  
 que o Padre Frey Bento de  
 Santa Maria entrasse na nossa  
 Observancia Carmelita, lhe  
 profetizou o Servo de Deos  
 este ingresso; accrescentan-  
 do, que tinha de padecer mui-  
 tos trabalhos em sua vida. *O  
 que tudo vi* (depõem o mes-  
 mo Padre Frey Bento) *e  
 outras muitas cousas, que te-  
 nho por sem duvida ainda ve-  
 rey.* Tres dias antes de mor-  
 rer pedio licença ao Padre  
 Prior, para sahir á Cidade,  
 dando em razão, que queria  
 visitar huns amigos, e devo-  
 tos seus. Como o Venera-  
 vel Irmaõ não costumava pra-  
 ticar estas ceremonias da po-  
 litica humana, entrou o Pre-  
 lado a notar nelle huma tal  
 novidade, e por conta della,  
 ( querendo averiguar mais o

motivo) lhe perguntou com  
 ironia picante: *Para onde  
 vay, Irmaõ? Para onde vay?*  
*Vou pela morte* ( lhe respon-  
 deo elle ) *vou pela morte, para  
 a outra vida.* Com huma tal  
 reposta ficou o Prelado assen-  
 tando que tinha noticia cer-  
 ta do seu ultimo fim; e dei-  
 xando-o sahir, se verificou  
 promptamente a luz proféti-  
 ca ao terceiro dia. Entre ou-  
 tras muitas pessoas, que ne-  
 sta ultima sahida visitou, foy  
 a hum homem, que tinha  
 por sobrenome o Rozado, ao  
 qual disse na despedida: *Fi-  
 que-se embóra, meu amigo,  
 que lhe vou a aparelhar o ca-  
 minho da outra vida.* Cum-  
 prio-se pontualmente o pro-  
 nostico do Veneravel Irmaõ;  
 porque poucos dias depois de  
 fallecido este, cahio aquelle  
 em huma enfermidade, a qual,  
 aggravandose-lhe, brevemente  
 o concluiu. Seja finalmen-  
 te a chave, que feche esta  
 materia, o que diz o já men-  
 cionado Padre Frey Bento  
 de Santa Maria, o qual, fal-  
 lando em hum seu testemu-  
 nho do claro conhecimento,  
 que o Veneravel Irmaõ ti-  
 nha dos coraçoes humanos,  
 e successos futuros, conclue  
 com estas notaveis palavras:  
*São tantas as cousas deste gran-  
 de*



Anno  
6140. *de Servo de Deos, que em  
mim vi, e em outras pessoas,  
que se podia fazer hum gran-  
de volume.*

III Recolhido já ao Convento, entrou com a noticia da sua morte a dispor-se o Veneravel Irmão para a jornada da Eternidade com actos de tão novos, e intensos fervores, como se em toda a sua vida não tivéra feito obra alguma meritoria, em que pudesse confiar o negocio importantissimo da sua salvação. Receava, como humilde, o que seu antigo Padre Santo Hilario, o qual, ainda com settenta annos de servir a Deos nas solidões do Egypto, entrou a tremer á hora da morte, com tão vivas demonstraçoens do seu receyo, que foy necessaria toda a valentia de seu grande espirito, para socegar tantos, e tão justos temores. Não os tinha o Veneravel Irmão servís; porque amava, e servia a Deos, como filho: desejava fim apparecer no Tribunal Divino mais purificado, e por isso nunca se julgava puro; porque se via no espelho do seu proprio desengano.

II2 Mas para que este fosse mayor, e acabasse de en-  
Tom. III.

tender as penosas condiçoens da vida humana, que deixava, dispoz a Providencia Divina, que no segundo dos tres ultimos dias, lhe saltasse violentamente fóra do seu orgão hum olho da cara: permittindo-o assim Deos, para que se persuadisse, que não já com os do corpo, e por enigmas, mas sim com os do espirito, e com toda a claridade, havia de ver brevemente a sua face na Bemaventurança Eterna. Com vivos desejos della se preparou com os Sacramentos da Igreja, pedindo ao Prelado, que lhos ministrasse; porque queria entrar naquella grande jornada com o Viático, que o Salvador do mundo deixára aos homens no preço infinito de seu Divino Sangue. Recebidos já estes soccorros da mortalidade, e recolhida a alma na suave contemplação das Eternas Moradas; vendo, que as dores, que padecia no corpo, erão hum como coreyo, que lhe traziaõ a alegrissima nova, de que se avinhava o seu transito; despede-se dos Religiosos; toma nas mãos hum Santo Crucifixo; abraça-se com elle; e entre mil ternuras de

Anno  
1640.

Anno 1640. coração, que moviaõ a lagrimas os circumstantes, com suave, e alegre rosto, e em hum placidissimo osculo chegou a morte, e levou para a Eterna vida aquella grande alma, taõ ornada de troféos, como de merecimentos.

113 Divulgou-se logo pela Cidade de E'vora a noticia do seu fallecimento, e como Ave funesta hia enchendo os coraçoes de melancolia, e pranto taõ grande, que se podia chamar universal. Por aquelles primeiros dias naõ se fallava n'outra coufa pelas casas, e pelas ruas, sendo em todas as conversaçoes a materia mais faborosa, com que entretinhaõ a sua grande saudade, a virtude do Servo de Deos. Cada hum publicava o que havia notado, e ouvido das suas acçoens, e exemplos, Canonizando-o universalmente por Varaõ Santo, e homem, em que parece naõ tinha peccado Adaõ, pela innocencia da vida, que exercitára em settenta annos, que lha concedêra o Senhor. Em fim, teve naquelle dia, e em muitos outros, na Cidade de E'vora, e seus contornos, tantos Panegyristas, como linguas; sendo o seu occaso

muy semelhante ao do Sol; que, ao passar a outro Hemisphério, deixa tantos testemunhos da sua luz, quantos Astros accende, e illustra o seu já distante, e occulto resplendor. Foy este felicissimo transito no anno, em que corre a Historia, de 1640 aos 23 de Janeiro; dia, em que o doutissimo Cardoso faz menção do Servo de Deos, concluindo a narraçã da sua vida com estas memorandas, e notaveis palavras: *Como a sua morte teve circumstancias de tanto abono de virtudes, naõ duvidamos responderia a ellas avantajado premio na gloria, para a qual partio com todos os Sacramentos da Igreja, e pios sentimentos de toda a Communi-*

114 Era este insigne Varaõ (como diffemos) natural da Villa de *Almendra*, em que tambem eu tive o ser, e vi a primeira luz do mundo. Mas se esta circumstancia póde encher-me de mais santa vaidade, que aos do Monte I'da, quando, em attençã a que Jupiter nascêra, e se educára nelle, lhe levantáraõ Estátuas, e o adoráraõ, como a Divindade Tutelár; justamente de-

Anno 1640. vo esperar o patrocínio deste grande Heróe da perfeição Evangélica, em retorno daquellas sagradas idolatrias, que merecidamente lhe consagro tambem, como a Santo, e patricio meu. Representavaõ os antigos o amor da patria em figura de mancebo; porque este amor (ao contrario dos outros) cresce com os annos, e não passa das caricias ao desdem, e do fogo á neve, como quando chega á velhice. Já se contaõ cento e doze annos neste de mil e settecentos e cincoenta e dous, que o Veneravel Diogo do Santissimo Sacramento deixou o desterro da mortalidade, e entrou (como piamente cremos) na Patria commua dos Predestinados. Mas espero, que nem ainda a duração interminavel da Eternidade possa remittir-lhe lá no Ceo o amor da Patria natural, que teve cá na terra: visto, que até as Féras amaõ os seus covis, e as Serpentes as suas cavernas, só, porque foraõ o lugar do seu nascimento. Nesta supposição, pois, confio de vós, ó Varaõ prodigioso, toda a bõa intercessão na presença do Summo Deos; attendendo a que vos seguiu na Tom. III.

profissão, como na Patria; posto que me tenha desviado, por negligencia minha, da verdadeira imitação das vossas virtudes. Mas, se pôde muito o valimento dos Santos no Reyno da Gloria (porque privaõ muito com o seu Supremo Rey) ponde a todos os vossos devotos em Sua Divina presença: e depois de pedir a felicidade da Igreja, e da vossa Religião, e Familia, pedi tambem a Sua Magestade para a vossa Patria muitas ditas, e para vossos Naturaes aquellas venturas, que encaminhaõ á salvação: por ser este o unico, e mayor favor, para que desejamos, e devemos implorar todos o vosso patrocínio.

Anno 1640.





## CAPITULO XVI.

*Vida, e virtudes do Veneravel  
Irmão Thomé da Trindade,  
até morrer felizmente no  
Convento de N. Senho-  
ra dos Remedios da  
Cidade de E-  
vora.*

115 **A**inda que as tradi-  
ções, que acha-  
mos constantes nesta Casa,  
1641. nos affeguraõ da milagrosa  
Vida, e perfeita observancia  
Regular do Veneravel Irmão  
Thomé da Trindade, são tão  
diminutas as Memórias, que  
nos deixáráõ aquelles, a cujo  
cargo estava recolhe-las pa-  
ra as participarem a esta Hi-  
storia, que segunda vez nos  
tornamos a queixar do mes-  
mo descuido, de que já nos  
lembrámos acima com tanto  
sentimento: porque nunca se  
acabará de alliviar a pena,  
que justamente nos assiste,  
de vermos nas sepulturas do  
esquecimento a individuação  
da mayor parte das acções,  
em que resplendeceraõ tantos  
Varoens insignes em santida-  
de; as quaes publicadas, po-  
diaõ servir nestes Escriptos  
de edificação a quem lesse  
nelles os preclaros exemplos,

que das suas virtudes nos  
deixáráõ, que imitar. Mas,  
para que de todo não fique  
frustrado este fim, daremos  
com veridica narração o que  
não pode escurecer o tem-  
po, e solicitou o nosso cui-  
dado, registando os Archi-  
vos da Provincia; que será  
quanto coopere á nossa edifi-  
cação, e á gloria de Deos,  
que dispensou tantas virtu-  
des a esta Alma.

116 Com alguma equi-  
vocação procedem as Memo-  
rias sobre o lugar, em que  
nasceo o Veneravel Thomé  
da Trindade; porque em  
humã parte se encontra na-  
tural das Courellas; e em  
outra, da Villa de Monça-  
ráz, no Arcebispado de E-  
vora, Comarca, e Ouvido-  
ria de Villa-Viçosa, no mes-  
mo Arcebispado. Fizemos  
exactas diligencias por averi-  
guar a certeza desta noticia,  
e não foy possível tirar a  
duvida; porque procedem  
com alguma confusão os li-  
vros dos ingressos, e profis-  
soens desta Provincia. Persua-  
dimos-nos porém, que pren-  
de a equivocação em ser, co-  
mo he, o dito Lugar das  
Courellas hum dos do termo  
de Monçaráz; e podia mui-  
to bem, sendo natural da-  
quelle

Anon  
1641.

quelle povo, nomear-se, ou nomearem-no desta Villa: como succede não poucas vezes aos que são de terras pequenas, e limitadas, tomarem a denominação da sua naturalidade das circunvisinhas, e mais populosas, por serem mais conhecidas, que as suas. Mas, ou fosse de huma, ou de outra povoação, o que temos certo, e averiguado, he, que os pays do Veneravel Thomé da Trindade, forão Lourenço Fernandez, e Anna Martinz, que viviaõ, entre a limitação da sua pobreza, com aquella bõa fama, que costuma dar a probidade da vida. Pouco tempo gozava ainda Thomé da sua, quando hum irmão da Veneravel Leonor Rodriguez lhe matou violentamente o pay; ficando, por este motivo, com outra irmã, tambem de poucos annos, em poder de sua mãy viuva, sem mais arrimo, que o da sua propria necessidade. Mas como nem esta, nem o successo se occultasse á mesma Veneravel Leonor, compadecida de tamanho desamparo, já que não podiaõ as suas posses abranger tambem ao sustento da mãy, lhe recolheo os filhos a sua casa, tractando-os, co-

mo se na realidade fossem seus verdadeiros sobrinhos.

Anno  
1641.Lib. 6. cap.  
53. n. 1194

117 O Padre Frey Joaõ do Sacramento, no segundo Tomo desta Historia, diz, que a Veneravel Leonor Rodriguez trouxera para casa huma sobrinha de pouca idade, a qual fora depois a Veneravel Maria de S. Joseph, huma das primeiras filhas, e repetidas vezes Prelada do nosso Convento de E'vora, aonde no anno de 1712 fallecera com grande opiniaõ de virtude. Diz mais, que a mesma Veneravel Leonor chamára para sua companhia a dous sobrinhos seus, dos quaes hum vivera entre nós com fama de santidade, e o outro metterá Religioso Calçado da nossa Ordem, em que não fizera menos certa a vocação, com que Deos para ella o chamára. Isto diz o já mencionado Historiador. Mas deste seu modo de dizer se levanta a duvida, de se com effeito aquella sobrinha era a irmã do Veneravel Thomé; e se este he o sobrinho, que viveo entre nós com opiniaõ de virtude. Revolvemos huma, e muitas vezes o Archivio, em que se depositaõ as Memorias, que servem para esta Historia, e só pudemos achar,

Anno  
1641.

achar, que a Veneravel Maria de S. Joseph fora sobrinha de Leonor Rodriguez, e que esta a criára em sua casa, e a dous irmãos seus: mas que destes entrára hum na nossa Observancia Carmelitana, e o outro fora Soldado, e morrera na guerra. He certo, que a Veneravel Leonor não teve mais que hum irmão, de que pudesse ter aquelles dous sobrinhos (como confessa o mesmo Padre Historiador no lugar citado, numero 1153) e se hum delles viveo entre os Calçados da nossa Ordem, como podia o outro morrer na Descalcêz com opiniaõ de virtude, servindo a ElRey, e acabando na Campanha, como dizem, e informaõ as Relaçoes?

118 Por esta, e semelhantes duvidas, se vê a irregularidade das noticias, que muitas vezes se offerecem ás Historias; porque os que as recolhêraõ não puzêraõ todas as cautêlas, que são precisas, para se averiguar huma verdade, que he a alma, e vida das mesmas Historias. O que pudêmos alcançar por conjecturas, e nos parece mais verosimil, he, que a equivocação do Padre Chronista devia proceder, em que

Thomé, sendo, como foy, educado em casa da Veneravel Leonor com a tão particular, e cuidadosa diligencia da sua Caridade, era tido, e havido na opiniaõ de todos por verdadeiramente sobrinho seu: e como as Memorias em humas partes dizem, que Thomé fora Donado nosso por mediação da Serva de Deos; e em outras, que esta metterá na Descalcêz hum sobrinho seu, pode muito bem equivocar-se o Padre Historiador nas noticias, e dizer, sem mais averiguadas diligencias, que este tal era o filho de seu irmão; não o sendo na realidade, senão de Lourenço Fernandez, a quem elle violentamente tirára a vida. E que este discurso tenha alguma especie de verisimilidade, prôva com evidencia, o não acharmos noticia nos Documentos, que houvesse na Provincia outro algum Religioso, que fosse sobrinho da Veneravel Leonor Rodriguez, ou entrasse na Refórma por intervenção sua; porque a have-lo com fama de particular virtude (como diz o mesmo Padre Historiador) he certo, que não esqueceria huma tal circumstancia; quando vemos, que ou-

tras

Anno  
1641.



Anno 6141. tras de menor peso se achão recommendadas nas Memorias. Fomos obrigados a tocar, e a desfazer juntamente esta difficuldade, para que os Leytores senão embarcem na lição desta Historia, e entrem a considerar, que os seus Auctores se encontram nas noticias, quando devem ir coherentes nellas, para não fazerem suspeitosa a verdade, com que se obrigaõ à animar as suas composições.

119 Desfeito, pois, este embaraço, e averiguado já, que o Veneravel Thomé não era na realidade sobrinho de Leonor Rodriguez, senão apenas na opinião; restava agota, que nos espraiaßemos na relação de todas aquellas acções, em que o Servo de Deos se occupou no seculo: porque vivendo, como viveo, na companhia de huma tão insigne, e prodigiola Mulher, não podia deixar de ser a sua vida exemplarissima, e, como tal, digna de com ella ornarmos esta narração. Mas sendo infelicidade acharmos, com outras muitas, esta falta, fomos forçados, por conta della, a fazer este parêntesis, e a passar ao que obrou, quando já entrou, e viveo na Ordem: ainda que também se-

rá tão succintamente esta noticia, que só poderá servir apenas, para se conhecer por ella a grandeza do Gigante pelo dedo.

120 Vestido o Habito de Irmão Donado na Dominga infra Octava da Ascensão do anno de 1607, começou Thomé o curso do seu Noviciado com indiziveis fervores, mudando no ingresso o Apellido, que tinha, de *Fernandez*, no da *Trindade*, por final, e feliz annuncio, de que se transformava em hum novo homem, que havia de viver, e morrer na Religião debaixo dos sagrados auspícios das tres Divinas Pessoas. Como vinha com animo de as agradar em tudo, e conservava represados na alma os vivos desejos de entregar-se de todo ao seu serviço, e a vingar-se de si; achando campo para hum, e outro emprego, os executou ambos muito á satisfação de seu Mestre. Era exactissimo no silencio; promptissimo na obediencia; exemplarissimo na humildade; e tão rigoroso na mortificação, que todas as penalidades domesticas tinha por doçuras.

121 Passados dous annos e cinco mezes de assistencia

Anno 1641.

Anno 1641. no Convento de E'vora, de-  
termináraõ os Prelados mu-  
dá-lo para o de Cascaes, não  
só, porque esta Casa tinha  
necessidade do seu ministerio;  
mas também, porque como  
naquelles tempos primitivos  
eraõ mais usadas as experien-  
cias, que se faziaõ na Ordem  
aos que haviaõ de professar  
em ella, quizéraõ os mesmos  
Prelados provar no Venera-  
vel Irmão, se estava com total  
desapego, e resignação para  
tudo quanto lhe mandasse a  
obediencia. A grande estima-  
ção, que faziaõ do Servo de  
Deos em toda a Cidade (pe-  
lo antigo conceito, que for-  
máraõ da sua virtude, ainda  
em secular) parece, que ha-  
via de causar-lhe alguma tur-  
bação, ou fazê-lo romper na-  
quellas queixas, em que or-  
dinariamente sahem os menos  
perfeitos, quando se vem mu-  
dados de hum, para outra  
Casa, sem consentimento, ou  
consulta da sua propria von-  
tade. Porém não foy assim;  
porque não bem lhe intimáraõ  
a Patente, quando (ao modo  
de Lazaro, que á voz de  
Christo, nem ainda se dete-  
ve a desfatar as ligaduras, que  
o prendiaõ no sepulchro)  
sahio nosso Irmão tão prom-  
pto, e resignado a cumprir

a obediencia, que, sem mu-  
dar de semblante, nem in-  
terpôr dilação alguma, rece-  
beo a ordem, como vinda,  
e mandada do Ceo.

122 Em 25 de Outubro  
de 1609 entrou o Veneravel  
Thomé no Convento de Cas-  
caes, e nos Religiosos, com  
o seu ingresso, huma geral  
alegria, pelas boas noticias,  
que já tinhaõ das suas virtu-  
des: porque os Justos, bem  
assim como o Sol, diffundem  
os seus luzimentos aos luga-  
res mais retirados, e occul-  
tos, chamando com hum fe-  
creto impulso, que não al-  
canção os sentidos, as atten-  
ções de todos, não só para  
o apreço, mas para o applauso  
das suas luzes. Grãdes eraõ as  
q' já se começáraõ a ver em E'-  
vora, assim antes, como depois  
de entrar na Religiaõ: mas  
agora, que se achava em lugar,  
e Convento mais retirado,  
confirmou a sua resignação,  
e adiantou a sua diligencia  
em agradar, e servir mais de  
véras a Deos. Encommen-  
dou-lhe logo a Obediencia o  
officio da cozinha, e o cui-  
dado de recolher, ou pedir  
as esmólas; e acudia a hum,  
e outro emprego com tal Ca-  
ridade, e espirito, que se não  
podia duvidar do Servo de

Deos,

Anno  
6141.

Deos , que estava , como Maria , aos pés de Christo , e sem turbar-se naquellas occupaçoens ( como Martha com as suas ) gozava o seu magisterio.

123 Caminhando nosso Veneravel Irmao neste louvavel modo de viver , e procedendo sempre de virtude em virtude com muita gloria de Deos , e edificação dos Religiosos , viraõ os do Convento de Cascaes quám mercedamente se lhe deviaõ dar as profissoens : e assim , com gosto , e approvação de todos , fez alli a simplez , e a solemne , acabado o tempo , que para ellas prescrevem as nossas leys. Qual fosse a alegria , e jubilo interior , de que se encherão os seys de sua alma , vendo-se já de todo consagrado a Deos pelos votos , absolutamente feitos nesta ultima profissão , se deixa ver com evidencia na pratica indefectivel , com que entrou , como de novo , a augmentar os seus fervores. Deo-se mais á Oração ; adiantou mais as vigílias ; crescerão mais as penitencias ; e procurando com mais efficacia hum total desapego de todo o creado , enlaçou de forte a vontade propria com

Tom. III.

a de Deos , que mais parecia Anjo , vestido de sayal , Anno 1641. que homem necessitado a paixoens da terra. Ainda que sempre fora tão obediente , que para tudo quanto lhe mandavaõ os Superiores , a qualquer hora , que fosse , o achavaõ promptissimo ; obrigado agora com rigor ao voto da obediencia , se accrescentou cuidado , não teve que accrescentar primor a seu exercicio. Por conta da pobreza Evangélica , que professava , era tão amigo de trabalhar nos ministerios da vida activa , que não só fazia particular escrupulo de estar ocioso ; mas muito mais , que , por sua negligencia , ficassem por pedir algumas esmólas , ou se perdesse a minima daquellas cousas , que se tinhaõ posto debaixo do seu cuidado , e administração. De hum tão continuo trabalho do corpo , junto com as attençoens da alma , nascia o trazer-lhe esta tão sujeitos os seus fóros ás leys da razão , que pode , mediante a graça de Deos , conservá-lo puro , e limpo entre a furia daquelles appetites , que olhaõ sómente á sensibilidade.

O

124 Fu-



124 Fugia, como de ve-  
 Anno nenoso Aspide, toda a fami-  
 1641. liaridade com mulheres: e se,  
 precisado, lhes fallava algu-  
 mas vezes, era com tal mo-  
 deração, que pouco se di-  
 stinguia do silencio. Este re-  
 cato, que a muitas parece-  
 ria affectação demasiadamen-  
 te escriptulosa, edificava de-  
 forte a outras, que por só  
 elle, e pelo bom conceito,  
 que tinhaõ da virtude do Ser-  
 vo de Deos, o consultavaõ  
 em materias respectivas ao  
 seu espirital aproveitamen-  
 to, executando quanto lhes  
 dizia a este fim. Entre algu-  
 mas, que eraõ summamen-  
 te devotas do Veneravel Ir-  
 maõ, havia em E'vora hu-  
 ma senhora, que o estimava,  
 e venerava por extremo. Per-  
 guntou-lhe esta huma vez:  
*Se era ociosidade nociva o tou-*  
*car-se, e compor-se curiosa-*  
*mente ao espelho? Respon-*  
*deo-lhe: Se o faz precisamen-*  
*te por agradar a seu marido,*  
*nenhum escriptulo lhe deve fa-*  
*zer na consciencia: mas, por*  
*agradar mais a Deos, procu-*  
*re, que a formosura de sua*  
*alma se conforme com a do*  
*corpo, para que em bõa pou-*  
*fada não mõe máo hospede,*  
*que a deslustre: e quando em*  
*si veja alguma deformidade,*

*trabalhe por fazer a sua alma*  
*taõ graciosa, que della resul-*  
*te alguma parte ao corpo; por-*  
*que entãõ não será ociosidade,*  
*e de outro qualquer modo a*  
*põde ser grande, e ainda taõ*  
*escriptulosa, que deva dar par-*  
*ticular cuidado á sua consci-*  
*encia. Parece, que o Servo*  
*de Deos estava perfeitamen-*  
*te instruido na doutrina dos*  
*Santos Padres Agostinho, Cy-*  
*priano, Clemente Alexan-*  
*drino, Antonino de Florença,*  
*e Angélico Doutor, os quaes*  
*todos assentaõ, não serem*  
*peccado os enfeites mulheris,*  
*quando se usa delles com só*  
*a tenção de occultar algum*  
*defeito natural, ou por agra-*  
*dar a seus esposos as que são*  
*casadas, ou estaõ para o fe-*  
*rem. Accrescentando porẽm,*  
*que ainda nestes casos de-*  
*vem lembrar-se, de que a*  
*melhor compostura do corpo*  
*ha de proceder dos bons co-*  
*stumes da alma, dos quaes*  
*até os mesmos maridos de-*  
*vem agradar-se mais, por se-*  
*rem o mais precioso ornato,*  
*e a mais decente móda de*  
*huma mulher, que se préza*  
*de Christã.*

125 Não pudemos ave-  
 riguar o anno, em que o  
 Veneravel Irmaõ tornou a  
 sair do Convento de Caf-  
 caes

Anno  
1641.

Ap. Mo-  
Poutas  
tio man-  
de cal-  
Constit-  
Verbo-  
cal.1.

Anno  
1641.

caes para o de E'vora: Consta-nos sómente, que entrando naquella Casa a 25 de Outubro de 1609, se achou ainda nella a 8 de Novembro de 1620, em que fez a sua ultima profissão. O certo he porém, que voltando para E'vora, encontrou ainda alli aquelles dous seus antigos companheiros, e Veneraveis Irmãos Diogo do Santissimo Sacramento, e Gonçalo da Conceyção, com cujo exemplo, e imitação de suas raras virtudes, se vio novamente obrigado a fazer huma vida verdadeiramente do Ceo. Era o quarto Planeta, que communicava luz a estes tres racionaes Astros, a nossa Veneravel Irmaõ, e insigne Serva de Deos Leonor Rodriguez: e já por esta parte se deixa tambem ver, quaes ferialão os brilhantes de Santidade, em que resplandeceria Thomé com tão Celestial illustração. Porque se nos Proverbios diz o Sabio, que quando hum irmaõ he ajudado de outro irmaõ seu, os dous se fortalecem, como huma Cidade invencivel; sendo quatro os que mutuamente se animávaõ no caminho da perfeição Evangélica, que forças não haveria, e se ad-

Tom. III.

mirariaõ naquelles Espiritos verdadeiramente Seráphicos? Pelo que tóca ao nosso Thomé, testificação as Memorias, que corria com passos tão de Gigante em tudo, o que era observancia das obrigaçoens Monásticas, que a sua vida parecia mais de Anjo, que de homem, sujeito ainda ás lastimosas, e deploraveis condiçoens da mortalidade.

126 Mas para que se veja, como em mappa, tudo quanto se podia dizer deste feliz Homem, basta, que transcrevamos aqui hum succinto, e abbreviado elogio, que delle se acha escripto no livro dos obitos do Convento de E'vora, aonde falleceo: *Foy este Religioso* (falla do Irmaõ Thomé) *de muita virtude, de singular pobreza, e espirito: muito exemplar, e dos seculares tido em grande respeito, e venerado por Santo. Foy devotissimo do Santissimo Sacramento, e gastava muitas horas diante delle, posto de joelhos em Oração; e isto ainda que viesse de fora cançado. Não se cansou o Auctor desta memoria em particularizar muitas outras virtudes, que certamente se acháraõ no Servo de Deos;*

O ij por-

Anno  
1641.Proverb.  
28. 19.

Anno  
1641.

por que sendo as que referia  
taõ principaes , persuadio-se  
sem duvida , que em só ellas  
punha o Compendio , e huma  
como Quinta Essencia de to-  
da a perfeição Evangélica-  
mente praticada. Mas ainda  
quando não diffesse tudo quan-  
to disse , para ficarmos en-  
tendendo , que tinha todas  
as virtudes no gráo mais he-  
roico , bastava , que nos lem-  
brasse , que era devoto do  
Santissimo Sacramento com  
especialidade ; porque desta  
Divina perennissima Fonte  
mana a principal disposição ,  
para se adornar huma alma de  
todas as perfeições , que a pó-  
dem fazer admirar prodigio  
da virtude.

127 Como tal , pois , cam-  
minhava nosso Veneravel Ir-  
maõ a passos correntes pelo  
caminho das justificações do  
Senhor , quando este desde  
o Ceo lhe mandou hum cor-  
reyo , que o avisava , que se  
vinha avisinando a hora , que  
o havia de metter pelas por-  
tas da Eternidade. Cahio mor-  
talmente enfermo : e ainda  
que toda a sua vida foy hu-  
ma preparação contínua para  
a morte , vendo-se com evi-  
dentes finaes della , se dispoz  
mais de proposito para este  
transito ( não menos espan-

tofo , que incerto ) receben-  
do os ultimos soccorros da  
Igreja com igual edificação ,  
que ternura. Entre as mu-  
tas , e muy devotas , que  
dizia a Christo Nosso Bem ,  
significando-lhe o vivo desejo  
de se ver livre do perigoso  
estado de Viador , manifestou  
tambem , pouco antes que  
espirasse , hum grande senti-  
mento , que lhe não cabia  
na alma : porque sabendo com  
luz superior as injustissimas  
conjurações , que se haviaõ  
de levantar contra a Mage-  
stade do Serenissimo Rey D.  
João o IV , rompeo magoa-  
dissimamente nesta exclama-  
ção : *O' quantos traidores há  
de haver contra o nosso Rey!*  
Foraõ estas vozes de grande  
amargura para todos os Re-  
ligiosos , que lhe assistiaõ ,  
pelo excessivo amor , que  
professavaõ á conservação da  
Patria , e do seu Monarcha ;  
e como se quizessem apurar ,  
ou certificar-se mais do dito ,  
que lhes parecia profético (por  
terem ao Enfermo em gran-  
de veneração ) lho contradif-  
feraõ com algumas breves  
razoens , que occorrêraõ  
para isso. Mas o Servo de  
Deos , que estava certo da  
sobrenatural noticia , e sabia ,  
que era impossivel falhar ,

Anno  
1641.

sup.



Anno  
1641.Anno  
1641.

supposto o Decreto permissivo de Deos, que lha revelára, accrescentou com maiores asseveraçoens da certeza: *Vossas Reverencias o verão.* Viraõ-no com effeito todos, pouco depois da morte do Servo de Deos, quando o Arcebispo de Braga, o Duque de Caminha, o Marquez de Villa Real, o Conde de Armamar, Domingos Leyte, e muitos outros se conjuráraõ pérfidamente contra o mesmo Serenissimo Rey, maquinando-lhe não menos, que a morte, de que Deos o livrou por meynos verdadeiramente milagrosos, e extraordinarios ao parecer de todos.

128 Chegou finalmente o dia da segunda Oitava da Ressurreiçaõ; e como se o Servo de Deos se lembrasse do que S. Paulo dissera aos Colossenses: *Quando apparecer, e resuscitar Christo, que he vossa vida, resuscitareis, e apparecereis tambem com elle na gloria*; entrou a desejar anciosamente, que sua alma se desprendesse do laço do corpo, para se unir com o mesmo Christo, seu Bem, na Eterna felicidade, que lhe estava promettendo até a circumstancia do dia. Não tardou mui-

to o cumprimento desta sua supplica; porque condescendendo o Senhor a tão justificadas, e amorosas ancias de seu fidelissimo Servo, lhe levou naquelle mesmo dia o Espirito, que para tanta gloria sua o havia creado; ficando com tão veneravel, e aprazivel aspecto, que parecia que descansava nos braços de hum tranquillo, e suave somno. Morreo de cincoenta e nove annos de idade, e trinta e quatro de Religiaõ, a 2 de Abril de 1641; havendo tomado o habito de vinte e cinco na Dominga infraoitava da Ascensãõ de 1607, como dissemos acima. Jáz sepultado o seu Veneravel Cadaver no Convento de N. Senhora dos Remedios da Cidade de E'vora, aonde espera a resurreiçaõ universal, para em companhia de sua bemaventurada alma se revelar dos sobrenaturaes Dótes, com que Deos promette glorificar os corpos dos seus Servos, em premio da fidelidade, que tivéraõ em coopear com os espiritos na prompta, e exacta observancia de sua Santa Ley.

Ad Coloss.  
3. 4.

# III LIVRO SETTIMO

Anno  
1641.

## CAPITULO XVII.

*Santa vida, e morte felicissima do Servo de Deos Diogo de S. Joseph, Portuguez de Nação, e professô na nossa Congregação de Italia.*

129 **C**omo por justa obrigação desta Historia se devão trazer a ella todos o Religiosos, que nasceraõ em Portugal (posto que seus obitos, ou proflissoens succedessẽem em Paizes estrangeiros) faz-se preciso lançar aqui huma memoria do Veneravel Irmão Diogo de S. Joseph, natural deste Reyno, e fallecido no Convento de Santa Anna de Génova da Congregação de Italia a 25 de Junho deste anno de 41, em que corre a nossa penna. O não ser professô desta Provincia, nem de alguma outra da Congregação de Hespanha, nos faz ignorar totalmente não só a patria, mas a causa, que moveo ao Servo de Deos a passar com seus Pays a Roma. E se bem, que o Padre Frey Manoel de S. Jeronymo, no sexto Tomo da Historia geral, diz: *Que o motivo fora a devoção de vi-*

*sitar os Santos Lugares daquella Apostólica Curia; com licença de tão grave Historiador, estamos obrigados a dizer-lhe, que não he certa, nem ainda aparente esta noticia: porque confessando elle, que toda a que tem do Veneravel Diogo, para elogiar a sua vida, he tirada inteiramente do Agiologio Lusitano de Cardoso; e dizendo este, que não consta da causa do tal transito; não podemos saber, o porque caminho alcançou, que a devoção levára os Pays de Diogo á Corte Romana. O certo he, que assim nesta, como em outras noticias, acerca deste Veneravel Irmão, procede menos conforme ao Original, que promette seguir, do Licenciado Jorge Cardoso; porque discórda em algumas circumstancias, que será bem advertir-lhe, para que os Leytores não fórmem escrupulo da verdade, vendo na Historia geral humas causas contadas por hum modo, e na particular desta Provincia historiadas por outro muito diverso. As Memorias, de que se valeo o Auctor do Agiologio, participou-lhas o Padre Frey João de Christo, que as recolhêra de tres*

Cons

Anno  
1641.

Agiolog.  
Lul. tom. 3.  
pag. 226.  
comment.  
L. H.

Fr. Man. de  
S. Jeron.  
Chronic.  
Ger. tom.  
6. l. 24. cap.  
3. n. 2.

# CAPITULO XVII. III

Anno  
6141.

Conventos da Congregação Italiana, em que residio da ultima vez, que foy a Roma a negocios desta Provincia: e sendo assim (como confessa o mesmo Cardoso) devemos seguir este Exemplar, ainda que seja com a violenta penção de nos apartarmos em alguma cousa do sobredito Padre Historiador geral; porque nesta parte não tem, nem pôde ter tanta authoridade, como os Auctores Nacionais, que sempre cuidão, com a verdade, averiguar escriptulosa, e exactamente as suas circumstancias, por não pôr em contingencias o credito da virtude, da Pa ria, e da Nação.

130 Simão Rodriguez, e Violante Gomez foraõ os ditos Progenitores de Diogo, cuja primeira educação seria conforme as Leys de Deos; porque consta, que fora singularmente inclinado á virtude. A muita, que observou em Roma nos nossos Carmelitas Descalços, e a reformada vida, com que procediaõ exemplarissimamente em todas as acçoens, o inclináraõ á abraçar este sagrado Instituto, pedindo com muitas lagrimas o seu Habito no Convento da Escála,

que alli tem a Ordem. A boa indole, inclinação virtuosa, e sufficiente robustez para o trabalho, lhe despacháraõ com felicidade a sua supplica, admittindo-o logo á Religião para o exercicio da vida activa dos Irmãos Donados, por ser este o ministério, a que Deos desde as vaidades do seculo incessantemente o chamava. Fora o primeiro intento seu, e dos Superiores, que ficasse no Convento de N. Senhora da Escála de Roma: mas como alli não havia então lugar desoccupado, o enviáraõ ao de Santa Anna de Genova com Patente, para que o Prelado delle lhe vestisse o habito da Refórma, e passasse o Noviciado conforme as Constituiçoens da mesma. Recebeo-o com effeito Diogo a 14 de Dezembro de 1608, não só com gosto seu, mas com approvação, e applauso daquella santa Communiidade, por vaticinarem nelle, para o tempo adiante, hum vivo Exemplar de perfeito Religioso. O já mencionado Padre Historiador Frey Manoel de S. Jeronymo torna a equivocar-se em dizer: *Que chegado, que fora a Genova o Veneravel Diogo, e nos dias,*

Anno  
1641.

Chron.  
Ger. Tom. 6  
l. 24. cap. 3.  
n. 2.

que



Anno 1641. *que o detiverão pertendente, como o vissem tão humilde, e deſtro no que lhe mandavaõ, ſuspeitáraõ, que havia ſido Religioſo de outra Ordem, e com deſejo de deſpedi-lo da noſſa, o entregáraõ a hum Irmão mal acondicionado, para que fizesſe provas da ſua vocação. Enganou-ſe certamente o douto Padre, ſe ſe accommoda neſta narração (como promette) ao diligentiffimo Cardoſo; por-que eſte muito clara, e diſtinctamente affirma o contrario nas palavras, que tranſcreveremos aqui por ſua propria formalidade. E vendo os Prelados a Diogo moço de feição, robusto para o trabalho, e inclinado á virtude, lhe paſſáraõ patente para tomar o habitõ em Santa Anna de Genova (o primeiro Convento, que deſta Ordem ſe fundou fóra de Heſpanha) o qual lhe foy lançado a 14 de Dezembro de 1608, e logo ſe deo com tal fervor aos exercicios humildes, que parecia mais ſoldado veterano na milicia do Ceo, que noviço bizonho na intrancia da Religião, com que os Padres ſuspeitáraõ, que fora Frade de outra. E como neſta ſe repára em tudo, para ſe tirárem de dúbidas, o entregáraõ a hum Irmão, que por bom modo ſou-*

*beſſe da verdade; o qual o mortificava deſorte, que chegou a dizer delle o bendito Padre Frey Pedro da Encarnação, Varaõ contemplativo, e ſanto, que o Irmão Diogo fazia jornada ao Ceo pelo caminho do martyrio. Isto o douto Agiologoſta. De cujas ultimas clauſulas ſe ſegue tambem outro engano do meſmo Padre Hiſtoriador Frey Manoel em applicar o dito do Padre Frey Pedro ao Veneravel Diogo, quando na ultima enfermidade, e muito perto da morte, o vio padecer alguns deſamparos, rigores, e deſprezos do enfermeiro, ſem que o bendito Irmão ſe queixaffe, nem ainda ſe lhe ouviſſe a minima palavra de deſprazer contra o ſeu tyrannico procedimento. Porque na verdade o tal dito do Padre Frey Pedro não foy neſte tempo da enfermidade, em que o ſuppõem o Padre Hiſtoriador, ſenaõ no Noviciado, como claramente o diz Cardoſo.*

131 Purificado aſſim neſte Crisol da paciencia, e vendo os Padres do Convento de Genova, que hum tal ſoſfrimento, e humildade não era poſſivel, que naſceſſe de genio violentado, ſenaõ de virtu-

# CAPITULO XVII. 113

Anon  
1641.

Anno  
1641.

virtude, e desejo efficaz de servir a Deos; se capacitáraõ da certa vocação de Diogo, e o começáraõ a venerar, como a Vaso escolhido, em que o Senhor derramára copiosos dons da sua graça, para o servir, e illustrar a Ordem com o claro esplendor de suas virtuosas acçoens. Não consta o dia, nem o mez, em que professou assim simplesmente, como solemnemente. Sabemos, porém, que de zembaraçado do novo Mestre, ou Pedagogo do Noviciado, e com mais liberdade, por este motivo, para se dar de todo á virtude, segundo os fervorosos impulsos do seu grande espirito; foraõ taõ admiraveis os progressos, com que se adiantára nos lucros da vida Religiosa, que, a poucos passos andados, já levava aos veteranos conhecidas vantajens na pontual observancia das obrigaçoens, que professára. Como sabia, que a obediencia he a alma, que dá vida a toda a perfeição Monástica, taõ exacto observador se mostrou sempre até das mais leves infnuações dos seus Superiores, que para dar a entender, que os venerava como a Orgãos viventes, por on-

Tom. III.

de Deos lhe communicava a certeza de seu Divino beneplacito; nunca se pode acabar com elle, que, vindo de fóra a horas de fésta, jantasse sem primeiro lhes tomar a santa benção, e saber, se o regalavaõ com mandar-lhe alguma cousa, em que obedecesse: observando tambem esta politica religiosa, e obediante submissão com os seus Confessores, todas as vezes, que sahia, e se recolhia para Casa.

132 Na Angelical virtude da Castidade não campeou com menos primor a sua vigilancia. Fugia do tracto familiar com mulheres, quanto lhe era possivel, parecendo-lhe, que eraõ como Aspidescos, e Basiliscos, que pelos olhos transfundem o veneno, e a morte nos coraçõens daquelles, que com pouca cautela se detêm nas suas vistas. Mas, se por algum justo motivo se via na precisão de lhes fallar, se prevenia com a modesta compostura do seu rosto, não levantando nunca os olhos, e sendo taõ escássas as palavras, que apenas chegavaõ para explicar o que lhes pertendia dizer. Para os estímulos da carne trazia sempre prevenida hu-

P

ma

# 114 LIVRO SETTIMO

Anno 1641. ma devota Oração á Rainha dos Anjos, a qual lhe acudia com auxilios tão promptos, e efficazes, que á hora da morte confessou o mesmo Veneravel Irmao, conseguiu, por meyo desta Soberana Senhora, gloriosos triunfos em grandes lutas, que tivera deste genero em sua vida. Mas ainda que confiava tanto nos soccorros desta sua Celestial Patrona, nem por isso levantava a mão da penitencia, e maceração do corpo: porque o affligia por tantos modos, que (além das rigorosas disciplinas, com que o castigava continuamente) o seu ordinario sustento eraõ os sobejos da mesa, e effes tão escassamente tomados, que sempre se levantava faminto, e sequioso, por conta da mesma mortificação. Trabalhava muito: descansava pouco; e toda a sua vida era hum continuado rigor, excogitando novos inventos de mortificar-se, para trazer regulada a carne ao espirito, e tão conforme com as leys da razão, q̃ não pudesse deslizar-se hum ponto da sua exacta, e indefectivel observancia.

133 Na da pobreza não foy menos pontual, e inalteravel a sua applicação; por-

que o habito, de que usava; fobre ser sempre o mais vil, era com tantas costuras, e remendos, que apenas se podia conhecer a primeira peça, de que fora cortado. Por esta causa não lhe podia soffrer o coração deixar perder cousa alguma, por ténue, e inutil, que parecesse: tudo recolhia á sua cella, e alli achavaõ quanto lhes era necessario para o culto da sua pobreza os mais Religiosos, a quem costumava dizer: *Que vestir habito novo, podendo remendar-se o velho, era ocioso, e de grande perigo.* Este amor, que tinha, e professava á santa pobreza Evangélica, o fazia trabalhar nas obras do Convento de sol a sol, como se fosse hum jornaleiro; levando o lixo, e a calça, para fóra da Cidade, sobre os hombros, sem reparar que o vissem; porque não aspirava a sua humildade a mais honra, que a ser, e parecer hum pobre Religioso. Esta mesma consideração o movia muitas vezes a tomar huma ceira debaixo da capa, e quando fahia com os mais Religiosos ao recreyo, que permittem as leys, para affroxar hum pouco a córda da Regular Observancia, hia recolhendo



# CAPITULO XVII. 115

Anno  
1641.

Anno  
1641.

as pedras, que achava perdidas pelos caminhos, e as levava á sua obra: causando com isto edificação aos seculares, e aos que erão da sua profissão (e não da sua virtude) huma tão viva emulação, e enfado; que carregando-lhe com outras pedras mais pesadas o coração; ministravaõ não poucos materiaes á sua paciencia.

134 Vendo-o os Prelados com tanta applicação a todo o genero de virtudes, e não menos zeloso do bem da Religião (por não malogrem os fervores, e talentos, que se descobriaõ nelle) o mandáraõ ás Montanhas de Varále; para que com a sua direcção, e assistência exemplarissima fabricasse, assim no espiritual, como no material, huma Casa Eremitica, junto das margens do fresco, saudavel, e aprazivel rio Arésta. Aceitou com gosto inexplicavel esta commissão, e esta obediencia, por ver, que huma, e outra lhe franqueavaõ o passo, para de todo se dar á meditação das cousas Divinas sem o embaraço, que traz consigo o bulicio dos povoados, contrario sempre ao doce socego da alma, e suaves fruiçoens, que go-

Tom. III.

za o espirito na solidão. Posto já na de Varále, começou, e continuou o Servo de Deos huma vida toda do Ceo: porque commerciendo com elle pela Oração, e mediante a fervorossissima devoção do Santissimo Sacramento do Altar, gostava desorte, e tão de cheyo as suas delicias; que Commungando-o quasi todos os dias (por licença particular dos seus Prelados) se via viver tão fóra de si, como se já o estivera tambem do mundo. Quasi sempre andava em presença de Deos; vindo-lhe desta applicação o achar-se tão recolhido em todas as occasioens, que não attendia a coisa alguma da vida. A humildade, a penitencia, e o odio capital de si mesmo era naquelle santo lugar o exercicio indefectivel das suas operaçoens. Fallava tão pouco, que o seu silencio (como diz o Licenciado Jorge Cardoso) admirava aos Prelados; os quaes muitas vezes se enfadavaõ de o verem tão callado, dando-lhe reprehensões por esta causa, ou já pelo provar, ou por ser demasiado neste ponto. Mas elle os satisfazia, mostrando-lhes com submissão as Constituiçoens da Santa Madre,

P ij que

Agilog.  
Luf. tom. 3.  
pag. 825.

Anno  
1641.

que tanto carrégaõ a mão nesta virtude. A' do zelo das almas foy tal o seu amor, e tão vivo, e ardente o desejo de promover, e acudir á sua conversão, que fez quarto voto de ir a terra de infieis, para morrer pela Fé, quando lhes não pudesse introduzir as suas verdades nos coraçoes. Mas, como a obediencia lhe não deo o seu beneplacito, antes bem o tornou a mandar ao Convento de Genova, donde sahira para o de Varale; veyo a conceder-lhe o Senhor naquella Casa outra Coroa tanto mais custosa, quanto menos esperada, e prevenida. Entre seus mesmos Irmaõs, e no fim de trinta e tres annos, occupados todos em obsequio da Religiaõ, ordenou a Divina Providencia, que em huma, não menos grave, que prolixa doença tivesse hum enfermeiro tão aspero, e desabrido, que, assim enfermo, o exercitava com rigor, e desprezos em actos de grande mortificação, e soffrimento. Callava porèm desorte o pacientissimo Irmaõ, que em vez de se queixar, conrespondia com humildade, e agradecimento os aggravos, como se na realidade fossem verdadeiros be-

neficios. Tal conformidade com a vontade de Deos, tal soffrimento em suas dores, e tal paciencia no desabrimento, e máo tracto, que lhe davaõ, negando-lhe todo o genero de allivio, não se pode occultar por muito tempo na Communidade. Louvavaõ todos a tolerancia, com que o Veneravel Enfermo levava aquella tão pesada Cruz; ao mesmo tempo, que tambem se escandalizavaõ da crueldade, com que o enfermeiro lha punha ás costas. Quizeraõ dar-lhe remedio: mas o Veneravel Irmaõ, temendo, que se lhe tirasse aquelle exercicio, em que a sua paciencia lavrava tantas Coroas, procurou com desculpas defender aquelles excessos, tomando-os todos como beneficios do Ceo, que lhe queria purificar as culpas, ou os defeitos, de que ainda a sua humildade não dava por exempto.

135 Posto que a enfermidade não mostrava finaes do ultimo perigo, conheceo comtudo o Servo de Deos por luz superior, que se lhe hia chegando; e nesta consideração pedio ao enfermeiro, que avisasse ao Prelado, para que o prevenisse com os San-



Anno  
1641.Anno  
1641.

tos Sacramentos da Igreja; porque queria morrer com humma consolação, que era igualmente o unico, e o mayor remedio de sua alma. Que supplica mais ajustada, nem mais conforme com as leys de verdadeiro Catholico, e, muito melhor, com as de hum Religioso, que deve acautelar-se, antes que a enfermidade lhe dê os ultimos desenganos da sua morte? Porém o enfermeiro, continuando no seu antigo rigor, e desabrimento com mais desagrado nesta, que em outras occasioens, lhe responde: *Que não fosse, nem se fizesse melindroso: que não estava de tanto perigo, como elle se figurava na imaginação.* Quem differa, que nos Claustros Religiosos, e muito mais nos reformados, se havia de achar hum de dictame tão contrario ás obrigaçoens de Catholico? Mas assim o permite Deos, para que se conheça, que não he o lugar o que santifica os costumes, se estes se não conformaõ com a santificação do lugar. Nenhum teve na consideração do Servo de Deos a desabrida resposta do enfermeiro; porque era materia, em que a sua paciencia não devia condescen-

der com a tyrannia. Mando por outro Religioso chamar o Prelado, ao qual, dando noticia do seu proximo fim, e do modo, com que alcançara, veyo em fim a persuadir, que sem embargo dos symptomas favoraveis, em que tinha mudado a enfermidade, lhe trouxesse o Santissimo Viático. A este suspirado Acto assistio o Veneravel Diogo tão prompto, e senhor de si, que, sem lhe embaraçarem as attençoens as muitas dores, que ainda o martyrizavaõ, respondia a tudo, como se não tivéra mal; fazendo ao mesmo tempo humma tão viva, e fervorosa protestaçaõ da Fé, que a sua ternura, e efficacia tirou muitas lagrimas dos olhos aos circunstantes. Hum delles de grande credito, virtude, e authoridade na Religiaõ, vio, que ao ministrar o Prelado o Santissimo Sacramento, dous Anjos, em figura de dous muy formosos Mancebos, tinhaõ as pontas da toalha, que servia ao Veneravel Enfermo: continuando a mesma assistencia, quando lhe déraõ as Sagradas Unçoens. Recebidas estas (como já lhe não appetecia mais a vontade nesta vida) pondo



os olhos, e o coração na Sacratissima Imagem da Mãe de Deus, que sempre trouxera consigo, lhe disse estas terrissimas palavras: *Senhora minha, e Mãe amorosissima, ajudai-me nesta trabalhosa hora; pois podeis, e quereis; pois quereis, e podeis.* Apenas dearticulou as ultimas syllabas, sem fazer mais termo, que o de huma imperceptivel respiração, se desatou aquella bendita alma das unioens do corpo; deixando-a este nas mãos da Soberana Senhora com tão feliz fortuna, que a virão algumas pessoas virtuosas fubir, em fórma de luz muito resplandecente, desde a cama ao Ceo, no ponto da meya noite do dia 25 de Junho de 1641. Tendo o Veneravel Diogo já sumido, e secco o rosto com as mortificaçoens da enfermidade, e penitencias de trinta e tres annos, que viveo na Religião, de tal forte se lhe restituiu a huma formosa postura, que podia dizer com David, que tornára a florescer a sua carne; anticipando no Estio daquelles seccos ossos a Eterna Primavera dos Bemaventurados, em cuja companhia piamente o consideramos viver com perpe-

Refleurit  
Caro mea.  
Psalm. 27. 7.

tua, e interminavel duração.

## CAPITULO XVIII.

*Celebra-se por ordem do Vice-Colleytor de S. Santidade hum Definitorio com poderes de Geral, para occorrer a alguns inconvenientes, que se experimentavaõ na falta de recurso aos Prelados Superiores de Castella.*

136 **F** Echadas as portas á communicação de Castella pela felicissima Acclamação do Serenissimo Rey D. João o IV de merecida memoria, ficou esta nossa Provincia de Portugal com total inibição, para recorrer ao Geral, e seu Definitorio, por cuja direcção se governára desde que fora fundada nestes Reynos. Não tinha vindo ao pensamento daquelles nossos Prelados (como tambem a nenhum dos outros vassallos de Hespanha) que poderião entrar os Portuguezes na generosa relolução de se separarem daquelles Dominios, vista a pacifica posse de sessenta annos, em que se achavaõ destes Reynos de Portugal. Porque a terem entrado nesta consideração, houverão dado providencia nos Capitulos

Anno  
1642.Anno  
1642.

tulos Geraes ao governo, que devia ter a Provincia, para com ella prevenir os inconvenientes, que nesta occasião se experimentavaõ. Hum anno inteiro se gastou, sem que no decurso de todo elle se pudesse descobrir caminho, por onde se evitassem os desconmodos, que se padeciaõ na falta de recurso aos Prelados Superiores da Ordem. Mas como instava a necessidade, e pedia prompto, e presentaneo remedio, recorreo por ultimo o Padre Provincial Frey Thomás de S. Cyrillo ao extraordinario de consultar, e propôr a todos os Prelados immediatos da Provincia: *Se nas precisas, e inevitaveis circumstancias, em que se achavaõ, seria conveniente o recurso ao Vice-Colleytor de S. Santidade nestes Reynos, para que lhes facultasse dentro da mesma Provincia hum Tribunal, em que se pudesse tractar, e concluir o que parecesse mais util á bõa economia, e espirital direcção de seus subditos.* Viraõ com effeito os Piores, e Clavários respectivos, a proposta do Padre Provincial: e depois de considerada a materia com a fêria, e madura reflexão, que pedia a sua impor-

tancia, responderaõ todos conformes (menos o Padre Prior de E'vora) que não só era conveniente o tal recurso, mas que o julgavaõ ser tão necessario, como era certamente pernicioso o estar a Provincia sem as providencias precisas para o seu governo: porque a sua falta já hia produzindo os nocivos effeitos, que se viaõ, e podiaõ esperar ainda mayores, na continuação de hum tal desordem, como era, o ver-se o corpo da mesma Provincia separado dos influxos da sua cabeça, caminhando tudo para monstruosidade.

137 Conformado o Padre Provincial com esta reposta dos Prelados, e Religiosos mais dignos da Provincia, fez supplica em fôrma ao Vice-Colleytor Apostólico, incorporando a ella as mesmas repostas originaes; para que á vista dellas, e das suas razões resolvesse Sua Illustrissima o que lhe parecesse mais proficuo á urgencia, em que se achavaõ. Vio attentamente o Vice-Colleytor a proposta, e pareceres juntos á petição; e capacitado dos urgentes, e licitos motivos, que acompanhavaõ a supplica, deferio a ella com o despacho seguinte.

Anno 1642. seguinte: *Visto o que se allega por parte dos supplicantes, e pareceres dos Prelados, e Clavários da Provincia, damos faculdade, para o Padre Provincial, e Definidores da mesma Provincia poderem congregar-se todas as vezes, que lhes for necessario para bem da dita Provincia, e decidirem as cousas pertencentes ( conforme a sua Ley ) ao Definitorio Geral. Lisbôa 13 de Dezembro de 1641. Jeronymo Vice-Colleytor.* Havido este despacho, mandou logo o Padre Provincial avisar a todos os Conventos da Provincia, que se celebrava Definitorio Vice-Geral, por authoridade Apostólica; para que com esta noticia acudissem todos a propôr, ou requerer o que tivessem pertencente ao dito Definitorio: chamando tambem pelo mesmo aviso aos quatro Definidores ao Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisbôa, para o dia 20 de Janeiro deste anno de 1642, em que vay decorrendo a Historia.

138 Junto já, e congregado legitimamente este tal Definitorio na Casa, e dia assignalado pelas Vocatórias, entráram na primeira conferencia com a eleição de Se-

cretario na pessoa do Padre Frey Rodrigo da Encarnação ( que o era tambem do Padre Provincial Frey Thomás de S. Cyrillo ) propondo, e dando juntamente todos o costumado juramento de segredo na mesma fórma, que determinação as nossas leys. Assim nesta, como nas mais Juntas, que se fizéram nos sette dias successivos, procedéram a julgar, e decidir os pontos concernentes ao seu ministerio, segundo a jurisdicção do Definitorio Geral, cujas vezes exercitavam. A primeira das cousas graves, que se propuzéram, e resolvéram na Mesa desta Definição, foy a visita do Padre Frey André da Encarnação, Provincial, que acabava do triennio antecedente; sobre a qual pronunciáram Sentença de quinze dias de Exercícios espirituales, que finalizáram com huma mortificação publica, segundo o estylo, que se pratica na Ordem. Acrescentando, que assim as faltas, como a penitencia dellas se lhe lessem por Carta no interior do Capitulo Conventual da Casa, em que se achava; cujo Prelado mandaria certidão á Junta futura de como assim o executára. Na Sessão



## CAPITULO XVIII. 121

Anno  
1642.

Sessão do segundo dia apresentárao-se as renunciias, que dos seus officios pediao os Padres Reytor de Coimbra, e Priores de Figueyró, e do Porto: os quaes com vivas razoens, e humilde rendimento supplicárao ao Definitorio, quizeffe alliviá-los daquellas occupaçoens; porque a experiencia lhes tinha mostrado a incapacidade para huns cargos, que pediao outras virtudes, e talentos, que faliao lhes faltavao a elles, e fobravao em outros muitos Religiosos, que podiao dignamente substituir os seus lugares com mais credito da Religiao. A muita dos Padres Definidores, e Provincial, resolveo prudentemente, que por isso mesmo, que os Supplicantes protestavao pela sua incapacidade, se lhes não devia deferir: antes, pelo conhecimento, que todos tinhao do contrario conceito ao dos Renunciantes, se lhes mandasse continuar nos seus empregos, como fizerao. Bom tempo aquelle, em que os Religiosos, que aspiravao a ser perfeitos, não queriao ser Prelados! E igualmente bom tempo aquelle, em que os Eleytores não queriao outros Prelados, fenaõ os

Tom. III.

que fossẽm perfeitos Religiosos!

Anno  
1642.

139 Como esta Junta, por motivos, que parecêrao racionaveis, não podia estender-se a mais dos dez dias, que já havia de conferencias, julgou-se deferir os outros negocios, pertencentes a ellas, para o mez de Settembro, em que se faria novo Congresso na mesma Casa dos Remedios de Lisboa. Aquí se congregárao com effeito a 17 do sobredito mez, e entre as mais cousas, que legalmente se concluiroo neste Definitorio, foy a causa criminal de certo Religioso, que se achava preso no Convento de Cascaes. Pede a integridade da Historia referir assim os prosperos, como os adversos acontecimentos; assim as virtudes dos bons, como os vicios dos máos Religiosos; pois de outra sorte seria dealbar os sepulcros, se sómente se occupasse a penna em dar noticia das cousas, que levaõ consigo a edificacão, e se calasse nas que só causaõ escandalo, e horror. Porque, como no corpo de huma Republica, ainda que seja a mais Religiosa, e Santa, não deixem ás vezes ( por condiçao fatal da

Q

fragi-

Anno  
1642.

fragilidade humana) de se gerarem monstros (partos abortivos da Graça, e da Natureza) não he bem que se occulte a sua ferocidade, se do conhecimento della póde resultar á Posteridade o interesse de se acautelarem os seus damnos. E juntamente, para que se saiba, que assim como na Arca do Testamento (figura expressa de huma Religião) ha para os virtuosos a suavidade, e doçuras do Manná; se achão também nella as amarguras, e asperezas da vára, para os que cézamente allucinados se apartão da observancia das leys, declinando em vicios, oppostos não sómente á perfeição religiosa, mas ainda á rectidão, e equidade Christã. Todo este preambulo he necessario, para preoccupar a admiração dos Leytores, se virem em hum Carmelita Descalço excessos tão alheios das obrigações da sua profissão: porque sómente os referimos aqui precisados do amor da verdade, do lucro da doutrina, e para terror dos menos ajustados; pois assim aos bons, como aos máos he devedora a occupação de hum Historiador. Supprimiremos o nome do delinquente; por-

que o nosso intento não he affrontar, senão acudir á cautela da Posteridade: e para esta basta, que se refiraõ os successos, e se attenda a não injuriar, nem a infamar os sujeitos.

140 Foy este, de que tratamos, hum Religioso, a quem o bom procedimento nos primeiros annos de Religião mereceo, que os Prelados della attendessem a gratificar-lhos com as honras, que se devem aos filhos, que sabem, e procuraõ proceder conformes com as suas obrigações. Foy Sacerdote: teve todos os estudos da Ordem; e ultimamente se lhe concedêrão as Patentes de Confessor, e Prégador, cujos ministerios exercitou por alguns annos com muita satisfação, e exemplo. Porém, como seja certo, que da mesma sorte, que o bom vinho, se se chega a corromper, sahe vinagre refinadissimo, o bom Religioso, se se começa a descuidar das obrigações de tal, brevemente se acha degenerado na virtude, e passa pouco a pouco ao extremo contrario do ultimo precipicio; com tanta foltura caminhou a elle este Padre, que apenas se lhe co-

Anno  
1642.

nhe-

Anno  
1642.Anno  
1642.

conheciao já nem ainda os mais leves indicios do que tinha sido. Deixou-se primeiramente preoccupar da cobiça do dinheiro: e esta o levou a passos largos pelo caminho de outras misérias, que costumaõ fomentar-se nas adoraçoens daquelle Idolo. Mas como dentro da Religiao não tinha meynos de adquirir, porque nella não ha, nem pôde haver acção lucrativa, que seja propria dos seus professores, por serem todas para o commum; entrou a appropriar-se o mesmo commum, e a procurar modos de o haver, ainda que fosse á custa das obrigaçoens, não só de Religioso, mas de Christão. No Convento dos Remedios de Lisboa fez o primeiro furto, que constava de oitenta mil reis; abrindo para isso a rouparia com gazúas, e quebrando a arca das tres chaves em horas da noite, proporcionadas a este fim. Foy convencido juridicamente deste excessso, e castigado pelo Definitorio Geral com muita misericordia, e alliviado em breve tempo da pena, em que o condemnáraõ; para ver se pelo caminho da caridade, e commiseracao o obrigavaõ a huma fèria, e firme

Tom. III.

resolucao de verdadeira emenda. Porém, como o amor do dinheiro se tinha apoderado tanto do seu coraçaõ, fazendo da triaga veneno, continuou nos latrocínios, ainda com mayores repetçoens, no Convento de Cascaes. Porque esta he a fatalidade dos vicios, quando se lhes não acode promptamente a cortar as primeiras raizes, chamárem huns pelos outros, como hum abyssmo (segundo dizia David) chama por outro abyssmo com a voz da sua mesma cegueira, e allucinaçaõ. Já na deste miseravel Religioso não havia que esperar remedio, visto fazer tão pouco caso das penitencias, e admoestaçoens' fauveis dos Prelados, que procuráraõ reduzi-lo paternalmente ao caminho recto das suas obrigaçoens; porque todas atropellava não só com demasia, mas com escandalo. Faltava totalmente ao cumprimento commum da vida Regular. Não obedecia aos preceitos formaes, que lhe tinhaõ posto, para não escrever sem licença, e sem firma, nem receber cartas sem a mesma. Comia carne na cella furtivamente, estando com perfeita saude. Sahia fó-

Psal. 41.  
8.

Q ij ra



Anno  
1642.

ra do Convento sem licença, sem capa, e sem companheiro, a casa de huma Mulher, com quem tinha tracto familiar de receber, e dar muitas cousas, que encontravaõ a sua consciencia, e a sua reputação. Finalmente, como bruto sem razão, caminhava folto, e defrenadamente pelo fatal atálho de hum lamentavel precipicio.

141 Penetrados os Prelados com o vivo sentimento de verem aquella Ovelha nas unhas do Lobo, e Cérbero infernal, sem que as diligencias de verdadeiros Pastores a pudessem reduzir ao rebanho, e pasto faudavel das mais, julgáráõ prudentemente de lhe assentar bem a vâra, para ver, se o temor do castigo a fazia retroceder da cegueira, que, a passos correntes, a levava ao infallivel despenhadeiro de sua perdição eterna. Applicáraõ-lhe para isto oito annos de Carcere rigoroso, e que nas Sextas feiras dos primeiros tres se lhe desse pão, e agua, e huma disciplina. Tiráraõ-lhe as Patentes de Confessor, e Prégador, com perpetua inhabilidade, para todos os mais officios da Ordem; ampliando nesta parte a determinação do

Concil. Trident. Sess.  
25. cap. 2.

Concilio Tridentino, que priva de voz activa, e passiva aos proprietarios sómente por dous annos. E para que de huma vez se lhe cortassem todas as occasioens de recahir nas mesmas, ou em outras mayores culpas, mandáraõ, que não tivesse officio, ou occupação alguma nos Conventos, particularmente a de Sacristaõ, e Porteiro: que nunca já mais em sua vida entrasse em cella alguma dos Religiosos sem licença expressa dos Prelados; nem trouxesse consigo Gazua, ou outro instrumento de arame, ou ferro, de que nascesse presumção, que poderia abrir fechaduras, ou arrombar portas. Finalmente, que acabados os oito annos de Carcere, tivesse mais tres de reclusão no Convento, em que rezidisse: tudo de baixo de preceito formal, e sob pena de incorrigibilidade, se exactamente não cumprisse o que se lhe ordenava.

142 Intimada esta Sentença ao Reo, como se fosse o collyrio mais efficaç, de tal forte se lhe começáraõ a abrir os olhos da alma, para ver o caminho, por onde tão cega, e precipitadamente andára alguns annos, que não sómente

Anno  
1642.

4.  
31

Anno  
1642.Anno  
1642.

mente acceitou as penas com muita humildade ; mas já chorava as culpas tão amarga , e arrendidamente , que com as suas lagrimas edificava aos mesmos , que d'antes se escandalizavaõ dos excessivos desconcertos da sua vida. Sujitou-se , em fim , com tal resignação , e rendimento á determinação dos Prelados ( os quaes naquella Sentença , não fô como Juizes lhe castigavaõ os crimes , mas como Medicos lhe receitavaõ os preservativos ) que informados da melhora , e em attenção á sua humilde conformidade , lhe perdoáraõ no Definitorio de 25 de Setembro de 1646 hum anno de reclusão , e os outros dous no de 24 de Mayo do seguinte anno : restituindo-lhe tambem , para mais o obrigar , a Patente de Prégador. He a benignidade nos Prelados o antidoto de mayor efficacia contra o veneno das culpas de qualquer subdito seu: obrando quasi sempre a suave respiração de hum Eli-seu o milagre de dar vida ao morto , q̃ não pode resuscitar o rigor do seu báculo ; porque a aspereza ( como diz Rupertto ) tanto exaspéra os animos , quanto a brandura anima , e confôrta os coraçoes. Assim

succede comumente , e assim se vio agora neste Religioso , o qual , vendo , que não fô o tractavaõ os Prelados na Sentença com moderação ( me-recendo os seus excessos mayores castigos ) mas que tambem lhe perdoavaõ parte das penitencias , e lhe restituiaõ as honras , como esquecidos da ignominia de suas culpas ; pediu instantemête aos mesmos Prelados , que lhe dessẽ licença para a Casa de Bussáco ; porque queria chorá-las naquelle Santo Ermo , e edificar com o exemplo do retiro , o que desfedicára com a foltura do escandalo.

143 Sobre maneira se alegráraõ os Padres do Definitorio , quando na Sessão de 19 de Novembro de 1647 viráõ a este filho Pródigo reduzido já a melhor acordo : e assim , tivéraõ por bem de lhe conceder o que pedia , e vesti-lo , ou dar-lhe aquella Estóla prima da Religião ; que taes são nella todas as Casas Eremiticas. Posto finalmente em Bussáco , já paresse , que temos nelle outro Hilariaõ. Mas he fatal a condição de hum habito vicioso , inveterado no coração humano com a repetição de muitos actos , o qual , quando parece , que está

Anno  
1642.

2. Mac. 1.  
20.

está extinto, então (como se fossem as agoas crassas do tempo de Nehemias) com facilidade se converte no antigo fogo, que abraza com mayor voracidade ao que de huma vez lhe não soube cortar as raizes. Depois de passados alguns mezes de exemplar observancia, em que se ajustou ás obrigaçoens Eremiticas, começou o antigo costume vicioso a romper em taes desmanchos, que se vio precisado o Prior a lançá-lo fóra do Deserto mais que depressa; porque até as mesmas pedras daquelle Sanctuário (mal acostumadas a ver se-

melhantes abominaçoens) de escandalizadas clamavaõ pela expulsão de hum tão sacrilego profanador da sua immunnidade. Posto fóra do paraiço da Religião, que se podia vaticinar a este miseravel homem, fenaõ hum total terminio della? Assim he, e assim lhe succedeo. Foy continuando, e crescendo desorte a malicia, que a não poderemos expressar melhor, que com as palavras formaes da Sentença, que os Prelados chegáraõ a pronunciar contra a sua protervia na fórma seguinte.

**E***Vistas as culpas (diz a Sentença, em quanto ao que precisamente serve á intenção da Historia) que contra elle resultáraõ, a saber: que fugio do nosso Convento do Porto, andando Apostata (com animo de não tornar á Religião) dezafeis dias, dentro dos quaes o prendêraõ com escandalo de Seculares: dizendo Missas em todos estes dias, estando excommungado, e por tal declarado em o Capitulo do dito Convento do Porto: Que tinha traço, e communicação com huma mulher de não bõa fama, fallando com ella na Igreja do dito Convento muitas vezes ás grãdes da Capella mór, e Capellinhas; tomando muitas cousas de Casa, para lhe dar, e recebendo della outras; materia, em que foy castigado por duas vezes de furtos muito graves: escrevia á dita mulher, e recebia escritos seus sem registo: comia carne na cella sem necessidade, nem licença dos Prelados: uzava de linho, a saber, camisas, toalhas grandes, fazendo dellas lançoens, e almofada para a cabeça: disse algu-*  
mas



Anno  
1642.Anno  
1642.

mas proposições mal soantes; como: Se fora Papa, que todos os Capêllos havia de extinguir, e só haviaõ de ficar os barretes: que não era necessario continuar muito os Sacramentos, que bastava na hora da morte huma Confissão bem feita. Que he escandaloso em seu traço, e modo de viver, andando fóra da cella, e pelas portas das cellas do Convento; e sendo reprehendido, e advertido pelos Prelados, não se emendava: e de todas estas culpas he o Rêo incorrigivel, assim por haver muitos annos, que cahe nellas, sem nunca ter emenda; como por seu vicio, natural fastio, e desprezo, que tem de guardar as leys da Religião, como elle Rêo confessa; das quaes culpas está convencido, assim por depoimento de testemunhas, como por sua confissão: havendo-se procedido em tudo conforme a Direito, e o que dispõem nossas Leys, e Constituições; attendendo, não só ao castigo do Rêo, mas desejando obviar o máo exemplo, que de se fazer incorrigivel outros pôdem tomar, para se sahirem da Religião com grande descredito seu, e damno da sua reputação, e observancia, se acordou em Definitorio, que por suas culpas, incorrigibilidade, e envelhecido costume em commetter faltas, sem nunca se emendar dellas, pôde, e deve ser castigado com as penas infra scriptas. Por tanto, Christi nomine invocato, pela presente damos, e pronunciamos Definitiva Sentença, em que condemnamos ao dito Rêo, que seja expellido de nossa Sagrada Religião, e despojado do habito santo della; e mandamos, que seja posto em habito secular, e que em nenhum tempo torne a pôr o habito de nossa Religião: para o que lhe intimamos o Breve de Sisto V. que contém pena de excommunhão mayor Latæ Sententiæ, reservada a Sua Santidade: o qual Breve foy concedido a favor nosso contra os que se atrevem a vestir nosso habito sem ordem dos Superiores da Religião, cuja Data foy em Roma a 25 de Junho de 1587 em o 3 de seu Pontificado. E mandamos, que antes de o expellir esteja tres annos em o Carcere do dito Collegio; e que quando lhe tirarem o habito lhe dêem em

Com-

Anno  
1642.

*Comunidade huma disciplina circular. Item, que todos os mezes, que estiver preso, jejúe huma Sexta feira a pão, e agoa, e lhe dêem no Carcere huma disciplina. Toda a qual Sentença lhe mandamos ao dito Rêo em virtude do Espirito Santo, santa obediencia, e debaixo de preceito formal, a acceite, e cumpra, como nella se contém. E mandamos ao Padre Reytor, ou Presidente do dito Collegio de Coimbra, que lhe notifique esta Sentença em o Capitulo Conventual, estando o dito Rêo de joelhos, e fará termo de como lha notificou, e de sua resposta, para que se acoste aos Autos. Dada em Junta a 28 de Junho de 1650 = Frey André da Annunciação, Provincial. = Frey Antonio de Christo, Consiliario. = Frey Francisco de Christo, Consiliario, e Secretario. =*

Anno  
1642.

144 Sentenciado nesta forma, entrou o Rêo a cumprir a pena dos tres annos de Carcere com impaciencia tão escandalosa, que na Junta do primeiro de Junho de 1651 achou conveniente o Definitorio, que satisfizesse com o só anno, que já tinha de encarcerado: impondo-lhe porêem a condição, de que se havia de embarcar logo para o Brasil nos primeiros Navios, que de Lisbôa partissem para aquelles Estádos. Qual fosse o em que ficou este infelicissimo homem, lançado já da Religião, basta considerar, que sahio da Arca para o Mundo, da Náo para o naufragio, e da segurança do porto, para a incógnita, e contingencia das ondas de hum mar, por on-

de apenas se pôde navegar sem perigo. Não o teve o miseravel nos que sulcou, ainda que tão dilatados, e embravecidos contra os navegantes, que tomaõ aquelle rumo; porque parece, que o guardava a Justiça Divina para o castigar em terra com a vâra de mayores calamidades. Bem pudêra elle fugir a todas, se se quizesse accommodar a viver conforme ás leys de Deos, o qual he facil de esquecer-se das justas causas da sua indignação, quando o peccador se lembra, que o offendeo, e se arrepende com demonstrações fêrias de verdadeira emenda. Mas como a deste infeliz foy tão pouca, que antes bem pelo contrario crescerão de mais em mais as suas culpas,

Anno  
1642.Anno  
1642.

Luc. 15. 14.

culpas, vivendo nas torpezas, a que o inclinava o seu máo habito, e influe a constituição, e liberdade do adusto clima, para que foy desterrado; perseguiu-o o Senhor com tantos infortunios, que até por ultimo o ferio com o fatal açoute da fome; porque nem ainda mendigando hum bocado de pão pela piedade dos fieis, nenhum a tinha desorte com elle, que pudesse alcançar o necessario alimento para a conservação da vida. Semelhante necessidade (porque tambem semelhante nos costumes) padeceo o Pródigo: mas se aquella o obrigou a recolher-se a casa de seu pay para o servir, se não como filho, como mercenario; o nosso expulso, não cessando da vida do Pródigo, nem ensinado da sua necessidade, com essa mesma necessidade, e com essa mesma vida, chegou a experimentar da Divina Justiça o mais fatal castigo, a que póde conduzir a hum homem a sua mayor desventura. Colheo-o, em fim a morte, tão de improvizo, e repentinamente, que nem ainda dêo a mais leve demonstração, de que morria Catholico, o que fora,

Tom. III.

ou parecera por tantos annos Religioso.

145 Tres funestissimos successos, semelhantes a este, ficaõ referidos nos dous antecedentes Tomos desta Historia, verificados todos em filhos tambem desta Provincia. E não tendo a nossa fragilidade, nem mais, nem mayores privilegios, que a destes miseraveis, devemos temer, porque não sabemos aonde havemos de ir a parar. Começou este infeliz a carreira do Estado Religioso com a exacta, e pontual observancia das suas obrigaçoens. Mas que importa, que principiasse a seguir o eterno, se a poucos passos declinou ao momentaneo?

Começar movido da razão, e acabar imperado da sensualidade, he horrivel, e monstruoso methodo na classe das

operaçoens humanas. Nenhuma ha gloriosa, se antes do ultimo trabalho se mostra defectivel: porque supposto, que o fim seja a coroa das obras; tambem he certo, que quando se não chega a conseguir com felicidade, por bons, que sejam os principios, em vez de darem fama, causaõ ignominia.

De que servio a Salamaõ o

R

fazer

2. Paralip.

3. 1.

D. Aug.  
Tom. 10.  
ad Trat. de  
prael. serm.  
28.



Anno

1642.

3. Reg. 11.  
5. & 7.Astor. 1.  
17. & 18.D. Gregor.  
1. Mor.Bed. sup. illa  
verba :  
Nemo mit-  
tens Luc.  
2. 62.

fazer aquella sumptuosa fabrica do Templo para o verdadeiro Culto do Deos de Israel , se ao depois sacrificou aos I'dolos da Gentilidade ? Que aproveitou a Judas entrar , e viver no Apostolado , se veyo a morrer desesperadamente em hum patibulo ? De que valeo a Luthéro começar Religioso , se teve a infelicidade de acabar Séctario ? Em vão te deste á carreira , se detens o passo antes que configas o termo , diz S. Gregorio. O Varaõ Religioso , que , imitando a mulher de Lót , apárta a vista do nórté , que levava , por olhar ao seculo , já dá sinaes , de que perdeu a posse do Ceo , disse o Veneravel Beda. De humas mesmas agoas produzio o Senhór os peixes , e as aves : porém tirou as aves á região do ar , deixando os peixes no domicilio das ondas. Assim estes , como aquellas lograõ a affinidade de hum mesmo principio. Mas se as aves , attrahidas desta naturalidade , se tornassem a metter nas agoas , não acabariaõ infallivelmente a sua vida ? Pois não he diverso ( em sentido moral ) o que succede entre os ho-

mens. A todos nos tirou o Divino Poder da substancia da mesma terra. A hums permite Sua Magestade o tráfego , e cuidados do mundo ; e a outros traslada do mundo ao Ceo da Religiaõ , para que só tratem das ganancias da gloria. Porém , se estes renunciaõ a habitaçaõ do seu Hemisphério , por viver ás coufas do seculo , mais trágico será o seu fim neste procelloso Pélago , que o das aves entre as ondas do profundo oceano. Temamos , pois , todos ; e sirvaõ estes exemplos de despertar a nossa froxidaõ , e tibieza , para a não termos no caminho , que começamos a seguir. Todos temos a mesma natureza , e professamos as mesmas obrigaçoens , que este infelicissimo homem. Se , como elle , nos descuidarmos no alcance , e seguimento da virtude , será infallivel , que o sigamos , e acompanhemos tambem nos desconcertos da vida , e ao depois na infelicidade da morte. Para evitar huma taõ fatal derrota , e declinar taõ perigosos baixos , permittio Deos a quèda deste nosso Irmaõ. Sirva-nos , pois , de cautela , o que Deos ordena para doutrina.

Anno  
1642.

C A

Anno  
1642.

## CAPITULO XIX.

*Primeiros principios, e sólidos fundamentos do Real Convento de Santa Teresa de Jesus no lugar de Carnide.*

146 **T**Endo-se passado, até este de 1752, cento e dez annos, que se fundou o Convento de Santa Teresa de Jesus no lugar de Carnide, outros tantos ha, que a devoção, e utilidade publica se está queixando do profundo silencio, com que tem corrido as agoas vivas desta mysteriosa Fonte de Elias, sem se lhe communicarem, para exemplo, as copiosas correntes de tantas virtudes, como alli se exercitaõ louvavelmente. Nem humma, nem outra se persuadião nunca, que hum tão abundante Manancial de perfeição cessáva de lançar aquella doce agoa, que leva as almas á Vida Eterna: porque fabiaõ certamente, que sendo tão notoria a singular fama de santidade, que das filhas de Santa Teresa voáva por todas as partes do mundo Christaõ, não haviaõ degenerar della hum ponto as de-

Tom. III,

Anno  
1642.

ste nobilissimo, e religiosissimo Convento. Mas, como viaõ tambem por outra parte, que todas estas crySTALLINAS correntes se estancávaõ dentro daquelles Claustros, sem mais ruido, que o da opiniaõ universal; queixávaõ-se da injusta violencia, com que se negávaõ ao interesse commum. Não devendo fer assim: pois he certo, que as fontes das Virtudes Monasticas, que com tanta perennidade correm pelos Claustros Religiosos, devem participar-se tambem aos de fóra: ou seja, para que huns, gostando de tão salutíferas agoas de bons, e santos exemplos, fárem da infecção pestilencial de seus vicios; ou para que outros, com este espirital refresco, se animem a proseguir o caminho da virtude, até chegárem todos a beber daquella agoa, de quem diz Isaías,

Diriventur fontes tui  
foras, & in  
plateis aquas  
tuas divide.

Proverb. 5.  
16.

Isai. 12.  
3.

147 A esta queixa; pois, tão bem fundada (e a que se não pode satisfazer atéqui, por estar suspenso o curso desta nossa Historia de Portugal com justos, e racionaveis motivos) pertende agora desaggravar a nossa pen-

R ij na,

Anno  
1642.

D. Hieron.  
ap. à Lap.  
Saliniac.  
Itener.

na, manifestando aos olhos do mundo devoto os purissimos crystâes deste fecundo Líbano, e Reformado Carmélo. Da Fonte de Siloé, ou de Geón escrevem S. Jeronymo, e Saliniaco, q̃ nem sempre correm á proporção suas agoas: mas q̃ humas vezes se occultaõ, e retiraõ, e outras se deixaõ ver, e gostar. Naõ parece bem a desigualdade desta Fonte aos moradores do monte Siao, em cuja raiz ábre ella as suas vêas, para utilidade universal daquelles póvos. Vendo porẽm, que as horas, em que nega as suas correntes, lhas pága em outras com as multiplicadas usuras de seus purissimos crystâes, communicando-lhes com mayor abundancia a sua nativa fecundidade; deixaõ totalmente as queixas, e só tractaõ de agradecer a liberalidade, com q̃ taõ profusa, e exuberantemête lhes participa as suas doces, e saudaveis agoas. Sirva este símile de satisfação aos que com tanta ancia tem desejado ver communicadas as memorias, e noticias deste observantissimo Convento, para fagrada emulação dos que anhelão á virtude: e estejaõ na infallibilidade, que sendo

elle em numero o segundo, que de filhas de Santa Teresa se fundou neste nosso Reyno, naõ cede a primazia a nenhum dos que em outros se tem fundado até pela incansavel vigilancia da mesma Santa Reformadora. A Historia desempenhará daqui por diante esta verdade, que fica agora suspensa, por naõ interrompermos a série, com que desejamos proceder conformes ás leys da verdadeira Chronologia; a qual pede a rígida obervancia de noticiar primeiro o material dos Conventos, e sua fundação; e depois (quando o consentirem os annos) dar relação fiel das pedras vivas, que servirão de fundamento ao edificio da vida espirital; que nelles se professa. Tudo havemos de observar, e o fazemos já com a graça de Deos na fórma seguinte.

148 Cincoenta e sette annos havia, que as filhas de Santa Teresa estavaõ, como em sagrado ócio, no Convento de Santo Alberto de Lisbôa, quando entrou no generoso peito de huma dellas o vivo desejo de propagar a Ordem, e communicar o seu Instituto em outras partes deste Reyno a mulheres, como

Anno  
1642.



Anno  
1642.

mo já o tinham feito, e hiaõ continuando os filhos, para homens, nas mais nobres povoaçoens da mesma Monarchia. Era esta Religiosa a insigni-  
ne Madre Michaela Margarida de Santa Anna, filha não legitima do Emperador Mathias, e de cujas excellentes virtudes, que eleváraõ a nobreza de sua Imperial Genealogia, dará esta Historia a devída noticia a seu tempo, se o puder alcançar a nossa penna no anno de 1663, que foy o em que completou o ultimo período da sua vida mortal, para passar della ao deposito dos Justos. Ateádo, pois, no espirito desta grande Filha de Elias o fogo do zelo de dilatar a sua Descalcêz nos Dominios de Portugal, vacilláva sómente nos meyos de conseguir taõ louvavel, e religioso fim. Mas como os desejos, se são efficazes, sempre facilitem as esperanças, e estas descubraõ facilmente os caminhos de os pôr em execução; deo no prudente arbitrio de communicar estes seus pensamentos á Serenissima Duqueza de Mantua D. Margarida de Austria, Regente que era deste Reyno, pela Magestade de D. Filipe IV, inteiro Monarcha das

Anno  
1642.

Hespanhas. Ouvio-a esta Senhora com attenção de devota; e com amor de parenta, e sinceridade de amiga, não só lhe approvou o intento, mas lhe offereceo quanto fosse da sua jurisdicção, e dominio, para sahir com a execução de taõ zelozos, e justificados desejos. Com esta Real approvação, e amparo se animou a Veneravel Madre a descobrir o seu interior ao Padre Frey Angelo de S. Domingos, Provincial que então era desta Provincia; o qual, louvando-lhe primeiramente a deliberação, e o zelo, com que desejava a propagação da Refórma, lhe assegurou tambem, que no Capitulo proximo, em que tinha de vogar, representaria com a mais viva efficacia todas aquellas razoes, que pudessem conduzir para alcançar, não só despacho, mas sentença final a favor de taõ justa, e religiosa supplica.

149 Alegre, e juntamente satisfeita ficou a Veneravel Michaela, por ver taõ bem dispostos os seus designios. Mas como lhe não focegava o animo com a ancia de que se propagasse a Ordem da Virgem, de quem se confessava

Anno  
1642.

feffava taõ mimosa filha ; pa-  
recendo-lhe , que tinha a  
Obra meya feita , vendo-a  
taõ bem principiada , entrou  
a dar conta della a algumas  
Senhoras da Corte , para ao  
menos ver , se podia effei-  
tuar a primeira Fundação.  
He a Fidalguia o nobilissimo  
carácter , a que anda vincu-  
lada a piedade ; e assim na de  
D. Maria de Menezes ( mu-  
lher de D. Pedro de Alcáço-  
va ) achou logo a ideáda  
Fundação os primeiros fun-  
damentos ; porque offereceo,  
para os lançar , na Villa de  
Santarém hum sitio taõ pro-  
porcionado , que , a não ser o  
gravame das pensoens taõ  
exorbitante , poderia fatisfa-  
zer plenamente a sua devo-  
ção o mesmo ; que desejava  
effeituvar taõ liberalmente a  
sua generosidade. Comtudo ,  
como Deos não costuma fe-  
char huma porta, que não abra  
outra, pela que sahio escusada  
D. Maria de Menezes, entrou  
pertendente D. Maria Angela  
de Aragaõ , com animo de to-  
mar o Padroáo do Convento.  
Para este fim deo parte á Vene-  
ravel Madre de como em a  
povoação do Lumiar , termo  
da Cidade de Lisbõa , possuia  
hũa Quinta com Casas nobres,  
bastãte agoa, pomáres, e outras

plantas , q̃ a faziaõ não menos  
lucrosa, que agradável. Accres-  
centando tambem , que ti-  
nha mais hum juro de cen-  
to e vinte mil reis , a que  
vinculava oito mil cruzados  
de réditos , com outras per-  
tençoens , e serviços , de que  
se faziaõ largos duzentos mil  
reis de renda : o que tudo  
queria confagrar , e offere-  
cer a Deos pela mão de San-  
ta Teresa , adoptando suas fi-  
lhas ; visto não se achar com  
herdeiros forçosos , que de  
justiça a obrigassem a diffe-  
rente dispozição. Attenta ou-  
vio a prudente Madre a pro-  
posta de D. Maria : e depois  
de render a Deos as graças  
no interior de sua alma , pe-  
la especial providencia , com  
que parece lhe approvava a  
resolução , subministrando-lhe  
os meynos de a conseguir , gra-  
tificou á sua Bemfeitora o ge-  
neroso animo , com que que-  
ria depositar as suas riquezas  
naquelle thesouro , a que não  
chega , nem póde chegar a  
violencia , nem a corrupção.

150 Espirava já o trien-  
nio do Padre Provincial Frey  
Angelo de S. Domingos ; e  
indo a despedir-se da Madre  
Micaéla , lhe entregou esta a  
Minúta , q̃ tinha feito D. Ma-  
ria , repetindo-lhe o assumpto  
da

Anno  
1642.

Luc.  
33.

# CAPITULO XIX. 135

Anno  
1642. da Fundação. O Padre Provincial, como não era me-  
nos zeloso, que a Madre, nesta materia de dilatar o Instituto Eliano, que reformára a grande Teresa, ratificou a promessa de empenhar, não só a authoridade, mas o ardor, e cuidado possível, para effectuar o negocio, e pertencença, que lhe ensinuava. Partio de Lisbôa nos principios de Abril de 1637, e chegando á Casa Capitular de S. Pedro de Pastrana a 14 de Mayo, logo que déraõ lugar as eleições de introduzir a pratica a N. M. R. P. Fr. João do Espirito Santo ( que ficou proseguindo o primeiro triennio do seu segundo Generalato ) lhe propôz com vivas razões a pertencença da Veneravel Madre; entregando-lhe juntamente os papeis de D. Maria, e allegando a favor de ambas, e da Provincia, não haver nella mais que hum só Convento de Religiosas, sendo muitas as pertendentes, que, por falta de lugares, não professávaõ, como queriaõ, a

perfeição da vida, que nossa Santa Fundadora deixára estabelecida em seus Mosteiros. Que era do espirito da Santa, se dilatasse a Ordem em muitas Casas; e não desmerecia a observancia desta Provincia a pratica de tão santo dictame, ficando encerrada em huma só clausura: especialmente havendo já na de Santo Alberto muitas plantas bem radicadas em sua Reforma, que podiaõ levar os fructos do Carmelo a diferentes terras. E quando mais não houvesse, podia supprir a muitas a Veneravel Michaéla Margarida de Santa Anna, pessoa de notavel religião, e espirito, para estabelecerê-la em varios Conventos. Não estava N. P. Geral alheyo desta informação, e dando-a ao seu Definitorio, facilmente vieraõ os Padres do governo na licença; da qual portou fé N. Padre Frey Gabriel da Madre de Deos, Definidor, e Secretario Geral, pela seguinte formalidade:

Anno  
1642.

**F**rey Gabriel da Madre de Deos, Definidor Geral, e Secretario da Ordem dos Descalços de N. Senhora do Carmo, dou fé, em como no Definitorio Geral, que se celebrou em o nosso Convento de S. Pedro



Anno  
1642.

dro de Pastrana, pelo mez de Mayo deste presente anno de 1637, se admittio huma Fundação de Religiosas em o lugar do Lumiar, que dista huma legoa de Lisbôa; a qual Fundação faz a Senhora D. Maria Angela de Aragoão, com dotação, que dará para ella huma grande Quinta, que tem alli mesmo, a qual valerá oito mil cruzados, e mais: tambem humas vinhas grandes, alli mesmo; e hum juro de cento e quarenta e quatro mil reis de renda, e oito mil cruzados de cahidos. E quando a Religião não quizer estes, dá quarenta e oito mil reis de renda em bôa fiança; e somma o juro, que dá de renda, cento e noventa e dous mil reis. Feita em Madrid a 24 de Mayo de 1637.  
= Frey Gabriel da Madre de Deos, Definidor Geral, e Secretario. =

151 Voltando o Padre Frey Angelo de S. Domingos a Lisbôa com este despacho, foy logo pessoalmente dar conta d'elle, e de si á Madre Michaela, a qual recebeu a noticia com o mesmo alvoroço, que a esperava; gratificando tambem ao Mensajeiro a pontual observancia do que promettera. Não era esta a difficuldade da empreza, mas o consentimento d'ElRey, que ouvia semelhantes vozes com tal desagrado, que, condescendendo com elle os seus Ministros, eraõ as licenças, para fundar Conventos em Portugal, a materia mais odiosa, e a que nunca se queria dar attenção em Castella.

Razaõ, ou motivo para estas repulsas, não havia, que a buscar; porque as Maximas daquelles Politicos, em tempos taõ calamitosos para este Reyno, eraõ mysterios, que só se penetráraõ no feliz anno de Quarenta, quando, pela faustissima Acclamação do nosso invictissimo Monarcha o Senhor D. Joaõ o IV de faudosa, e immortal memoria, mostrou a Providencia Divina, que a femrazaõ, com que se negavaõ as fundações de Casas Religiosas, em que o Supremo Rey, e Senhor he singularmente servido, e obsequiado, havia de ser o ultimo Catástrophe, e a destruição fatal da dominação da Monarchia Castelhana

Anno 1642. lhana sobre a Portugueza. Porque he Maxima assentada na Politica do Ceo , que em faltando nos Principes do mundo a piedade sincera , e o zelo Catholico de promover , e ampliar o Culto do verdadeiro Deos , começaõ os seus Imperios a experimentar a funesta , e irreparavel injuria da sua decadencia , e declinaçaõ. Não faltáraõ contemplativos , que assim o observáraõ ; persuadidos talvez da Maxima de Polybio ( o mayor Politico do seu tempo ) quando chegou a entender , que não tiveraõ os Romanos outro algum soccorro mais efficaz na dilataçaõ , e conservaçaõ do seu Imperio , que a exacta , e primorosa observancia , com que multiplicáraõ o culto da sua Religiaõ. Mas fosse a razã qual fosse , o certo he , que a que havia para fundar este segundo Convento de Religiosas neste Reyno , não pode convencer ao Conselho Real Portuguêz , ( residente entã na Corte de Madrid , ) para conceder a licença , que por tantos justos motivos se lhe pedia. Era , porém , tão largo o coração da Veneravel Madre , e tão capazes de

Tom. III.

empresas arduas os seus espiritos , que nem ainda esta difficuldade ( com ser naquelles tempos quasi insuperavel ) lhe pode affogar as esperanças , nem diminuir hum ponto as actividades do seu animo. O Marquêz de la Puebla ( hum dos mais déstros Politicos de Hespanha ) vindo por ordem d'ElRey Catholico a assistir á Duqueza de Mântua nas importancias mais ponderosas do governo de Portugal , ou por lisonja da mesma Duqueza , ou pelo merecimento da pessoa , prezava-se muito de grande devoto da Veneravel Michaéla : em cuja supposição , mandando-lhe rogar , que quizesse avistar-se com ella no Convento de Santo Alberto , logo , que o fez , lhe consultou os meyo de conseguir o Alvará de Sua Magestade , para a execuçaõ da Obra. O Marquêz , como pratico nos Conselhos , e Tribunaes de Castella , entendeo , que só se mináva a força da sua resistencia com instrumentos de ouro , ou de prata. Mas como tambem sabia , que estes se não forjavaõ nas officinas da pobreza , desembolsou quatrocentos mil reis , que remetteo

Anno 1642.

# 138 LIVRO SETTIMO

Anno 1642. á Corte de Madrid , aonde com os merecimentos da esmóla alcançou logo a graça da licença.

152 Chegada ella , tractou o Marquêz de se ver com D. Maria de Aragaõ na sua Quinta , e achou , que os duzentos mil reis de renda , que fazia bons ás Religiosas , não eraõ seguros , e que para os dar era preciso o beneplacito d'ElRey , implicado nas difficuldades , que acabámos de referir. E assim , por esta causa , e outras considerações , que houve na materia , desistio do negocio , deixando-o devoluto aos seus primeiros principios. Não se acobardou , comtudo , o valor invencivel , e varonil da Veneravel Fundadora , vendo taõ atrazados os progressos da sua pertençaõ ; porque sabendo , que dizia a licença d'ElRey , se poderia levantar a Casa huma legoa distante de Lisbõa , concertou com o Marquêz , que buscasse sitio accommodado á erecção do edificio. Fez elle a diligencia com o cuidado , a que o empenhava já nestes termos a sua Fidalguia , e a poucos passos lhe sahio Ambrosio de Siqueira Torres com huma Quinta , jun-

to ao Lugar de Bemfica , sem mais pensaõ , que a de lhe receberem duas filhas , querendo ellas fer Religiosas : absolvendo ao Convento , ainda de sepultura , pela ter no de Santo Alberto de Lisbõa na Capella do Senhor Jesus , que fundára seu Tio o Reverendo Padre Digo Fernandez. Vendo o Marquêz taõ bõa occasiaõ , lançou logo mão da offerta , por lhe parecer por todos os titulos convenientissima para o intento ; e dando conta della á Veneravel Madre , e esta aos Prelados , caminharão elles a examinar o sitio. Não houve duvida em fermuito a proposito para a fundação do Convento ; reparando sómente , que lhe faltava o preciso reparo dos muros para Clausura. Esta obra avaliaraõ os officiaes em pouco mais de quatrocentos mil reis : mas como os não havia , se dispõz a Veneravel Michaéla a negociá-los com a sua diligencia , ou por via de esmóla , ou de empréstimo. Tinha ella noticia , que Luiz Gomez da Matta ( Correyo Mór do Reyno ) lhe podia fazer algum destes beneficios ; e representando-lhe por carta a necessidade ,

accref-



Anno  
1642.

acrescentou , que a fazia mayor o não perder a esmóla , que déra o Marquêz para a licença , e a doação , que da sua Quinta lhe fazia tambem Ambrosio de Siqueira para a Fundação. Era o Correyo Mór apaixonado da Ordem ( devoção , que ainda se conserva na sua Nobilissima Casa com as demonstraçoens , que confessa , e experimenta esta Provincia ) e lançando a sua liberalidade muito álem do que a Madre pertendia , respondeo com o offerecimento de hum formoso , e agradável Jardim , que possuia no Lugar de Carnide , huma das melhores Casas de campo , que para recreação , e regálo havia nos contornos de Lisbôa. Conferio a Madre Michaéla esta reposta com a Duqueza de Mântua ; a qual , offerecendose-lhe logo para ir pessoalmente ver , e explorar aquella terra de promissão , o fez acompanhada de suas Damas , e da mayor Nobreza da Corte. Mandou o Correyo Mór esperá-la por seu sobrinho o Doutor Duarte Gomez da Matta , Arcediágo de Villa Nova de Cerveira ; por quanto elle se achava já de cama da mesma enfermi-

Tom. III.

Anno  
1642.

dade , que lhe tirou a vida. Foy Sua Alteza tão bem recebida , e aposentada , que voltando a dar conta á Madre Michaéla das qualidades do sitio , capacissimo da obra , lhe recommendou muito a grandeza , e Fidalguia , com que fora servida do Arcediágo.

153 Com esta informação , e aprazimento dos Prelados , acceitou a Veneravel Madre o sitio de Carnide , com magoa não pequena de Ambrosio de Siqueira Torres , e outras pessoas devotas , em quem competia a liberalidade com o desejo de favorecer , e apadrinhar a Fundação. Em poucos dias se despedio o Correyo Mór do mundo ; e ficando os seus bens na successão , e herança de Antonio Gomez da Matta , seu sobrinho , não duvidou este ratificar a doação de seu Tio : com condição , porém , de que nas portadas do Convento lhe seria licito mandar gravar as suas Armas , por testemunho perpetuo , de que déra o assento do Mosteiro. Onerosa se fez no juizo dos Prelados , esta condição ; attendendo , a que com este permisso era fechar de todo as portas á

S ij devo-

Anno  
1642.

devoção de quem quizesse tomar o Padroado do Convento : e assim , ponderadas as circumstancias deste gravâme com attenta reflexão , não pareceo conveniente assignar, ou convir no contracto. Vindo , porém , a concerto racional , lhe consignáraõ huma Missa quotidiana por sua tenção , com outros lucros espirituaes , tirados do thesouro dos merecimentos das Religiosas , mayores de todo preço , e de estimação incomparavel á vaidade de semelhantes Memorias. Mas como Antonio Gomez da Matta era Fidalgo brioso , e amigo da honra , não quiz ceder do capricho ; porque os sacrificios voluntarios deste I'dolo prevalecem a todos no pundonor de quem lhos confâgra , por serem como tributos perpetuos , com que costuma obrigá-lo a sua adoração.

154 Vendo-o , pois , tão inflexivel , e determinado em levar adiante a resolução , que huma vez tomára , tentáraõ os Padres , destinados para o ajuste , outro novo modo de rendê-lo , prometendo-lhe mais dous lugares de Freiras de véo branco , que apresentaria huma vez

sómente em pessoas , que melhor lhe parecesse ; como tivessem as condiçoens , e requisitos , que prescrevem as nossas leys. Parece , que já nestes termos devia o Correyo Mór moderar a inteireza , com que caprichava na sua inflexibilidade. Porém , como esta , quando dá em peitos , que idolátraõ no seu proprio juizo , nunca quer abaixar hum ponto do que huma vez apprehendeo ; não só ficou escusa a idéa , mas com indicijs vehementes de se fecharem as portas a outras convençoens. Não se desanimáraõ , com tudo , os Prelados , attentos , a que a grande piedade , e generoso animo , com que Luiz Gomez da Matta em sua vida tinha offerecido o sitio á Madre Michaéla , poderia abrandar no sobrinho a dureza , com que persistia na vaidosa determinação de esculpir as Armas nas portadas do Convento ; que eraõ todos os motivos , que o obrigávaõ a continuar na sua primeira resolução. Não foy errado este discurso : porque , em fim , levado Antonio Gomez de melhor acordo , e desassombrado já daquelle desvanecimento , veyo em tudo com

Anno  
1642.

taõ

Anno  
1642.

taõ defenteressada liberalidade, que fõ quiz aceitar, o que os Prelados livremente lhe quizessem offerecer.

155 Como a causa estava já devolúta aos termos de generosidade, procurou a Ordem com santa emulação desempenhar a fidalga resigna-

ção, com que o Correyo Mór se deixava nas suas mãos: e assim formando huma perfeita idéa de tudo o a que havia de ficar obrigado o Convento, em perpetua memoria de taõ grande favor, mandou passar authenticamente o seguinte Decreto.

Anno  
1642.

**F** Rey João do Espirito Santo, Geral da Ordem dos Descalços; e Descalças de N. Senhora do Carmo. Com acordo de nosso Definitorio Geral, celebrado neste Convento de N. Madre Santa Teresa da Cidade de Avila, pelo mez de Setembro deste presente anno; attendendo á grande devoção, e affecto particular, que a nossa sagrada Reforma tem o Senhor Antonio Gomez da Matta, Correyo Mór do Reyno de Portugal, em agradecimento do favor, e caridade, que faz agora Sua Mercê em dar huma Quinta, que tem no lugar de Carnide, huma legoa distante de Lisboa, para que nella se possa fundar hum Convento de nossas Religiosas, decretou nosso Definitorio, se lhe dê ao dito Senhor Correyo Mór hum lugar perpetuo de huma Freira de vèlo preto: e assim mesmo as ceremonias, Oraçoens, e penitencias seguintes. Huma disciplina da semana Santa: huns Exercícios espirituaes de huma Religiosa cada annò: duas horas de Oração de huma Religiosa, das que tem a Comunidade todos os dias: tres Officios de Defuntos inteireiros em sua morte, e tres no fim do anno: hum cada anno no dia da sua morte. Por tanto, e pelo theor das presentes mandamos ao Padre Frey Thomás de S. Cyrillo, Provincial da Provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, e á Madre Michaëla Margarida de Santa Anna, Vigária da fundação de nossas Religiosas, que se faz na dita Quinta, e lugar de Carnide, e ás mais Religiosas, que estão assignaladas para ir á dita Fundação, que com Escriptura publica se obriguem ao cumprimento.



Anno  
1642.

primimento do dito: para o que lhes damos licença, e faculdade, segundo que de Direito se requer. E o que a razão disto se fizer, e otorgar, desde logo o approvamos, e confirmamos, interpondo a authoridade de nosso Officio. Em fé do qual mandámos passar as presentes, que vão assinadas de nosso nome, selladas com o selo de nosso Officio, e refrendadas por nosso Secretario. A vila 23 de Setembro de 1640. = Frey João do Espirito Santo, Geral. = Frey Sebastião da Conceição, Secretario. =

Satisfeito o Correyo Mór á vista da liberalidade politica, e religiosa, com que o Geral, e seu Definitorio lhe gratificavaõ o primor de se deixar no seu arbitrio, fez-se a Escriptura a consentimento de ambas as partes; e o Padre Frey Sebastião da Conceição, Prior de Lisbõa, acompanhado do Padre Frey Pedro de Jesu Maria, Procurador Geral da Provincia, foraõ tomar posse do Jardim, e mandáraõ logo accommodar as casas em fórma de Claustura competente, para que, tudo feito, pudessem ir as Religiosas, e viver alli com a commodidade possivel a huma Fundação.

156. Nisto se trabalhava pelos fins do anno de 1640, quando a Providencia Divina fez amanhecer a Portugal o dia mais feliz, que contaõ, e admiraõ os Fastos

da sua Fama; animando os coraçoes Lusitanos a facudir o jugo de Castella, e a acclamar por seu natural, e verdadeiro Rey ao Serenissimo Duque de Bragança D. João II do nome, por ser o mais proprio, e legitimo Successor destes Reynos. Em tal mudança de governo, e Estado, ainda que os Padres podiaõ licitamente usar da licença d'ElRey Catholico, visto estar já posta em execução, pela pòsse da propriedade do Correyo Mór, e tambem pelo principio, que tinhaõ dado á Fundação; o amor, porêm, e o alvoroço, com que recebiaõ a dominação de hum Rey nacional, lhes fez suspender a extração das Fundadoras, e pedir-lhe nova faculdade, quando fosse mal ouvida a supplica da renovação da antiga. Acudio a este negocio o Padre

# CAPITULO XIX. 143

Anno  
1642.
 dre Provincial Frey Thomás de S. Cyrillo, e em nome da Madre Michaéla, e seu, pedio a Sua Magestade a graça da confirmação; allegando segunda vez os mesmos motivos, que se propuzéram na primeira, e o quanto podia conduzir, para o seu felicissimo Reynado, admittir mais hum Casa de Esposas daquelle Senhor, que lhe restituir a Coroa, e o Ceptro,

usurpados á Serenissima de Bragança em sessenta annos Anno de continuáda violencia. A 1642. piedade deste invictissimo Monarcha era tanta, e tal a authoridade da Madre Michaéla no seu Real respeito, que apadrinhada de hum, e outra a petição, deferio a ella, mandando passar o Alvará, que poremos aqui na sua mesma formalidade.

**E** U ElRey faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao que o Provincial da Ordem dos Carmelitas Descalços deste Reyno, e a Madre Michaéla Margarida de Santa Anna, Religiosa no Convento de Santo Alberto, sito nesta Cidade, e Vigária do novo Mosteiro de Santa Teresa, que de novo se pretende fundar, me enviao a dizer por sua petição, que o Correyo Mór deste Reyno Antonio Gomez da Matta lhe fazia dote, e doação, entre vivos irrevogavel, do seu Jardim, sito no lugar de Carnide, junto ao Mosteiro de N. Senhora da Luz da Ordem de Christo, termo desta Cidade, com suas casas, e pomar cercado, e murado, para a fundação de hum Mosteiro de Religiosas da dita Ordem Carmelitana Descalça, e da invocação de Santa Teresa. Com declaração, que não seria obrigado, nem seus herdeiros, a contribuirem com outra cousa alguma mais, para sustento do dito Mosteiro: e que a Escriptura da dita doação seria confirmada por Provisão assinada por minha mão Real, com derogação da Ordenação deste Reyno no livro 2. titulo 18. que dispõem, que nenhuma pessoa possa dar bens de raiz a Igrejas, ou Mosteiros sem licença minha: da qual doação me apresentáram hum Instrumento de Escriptura publica, otorgada nesta Cidade em 19 de Novembro de

1640:

# 144 LIVRO SETTIMO

Anno  
1642.

1640: e que por quanto se lhe tinha já concedido licença, para fundarem nesta Cidade de Lisboa, ou seu termo hum Mosteiro de Religiosas da Ordem, com dote de duzentos mil reis de renda, e eu tinha mandado por despacho de 14 de Março do anno de 1641, que satisfazendo-se ao que tocava á doação do dito Mosteiro, se ratificasse a licença, que estava concedida, para a fundação delle; ao que satisfizêraõ, offerecendo a Escriptura de juros, e outras rendas, em que se continhão duzentos mil reis de renda, applicados ao dito Mosteiro, me pediaõ lhes mandasse passar Provisão de licença, para o fundarem no dito Jardim do Correyo Mór, confirmando a dita Escriptura de doação, que delle lhe tinha feito, com todas as clausulas, e derogações, que nella se contêm. E mandando eu verificar no Desembargo do Paço, que havia a dita renda, para a fundação do dito novo Mosteiro, e fazer Escripturas do dito juro, com intervenção de hum Ministro, que para isso se assignalaria, se satisfez a tudo na fôrma da minha Ordem. E tendo-se outro sim dado vista ao Doutor Thomé Pinheiro da Veyga, Procurador da minha Coroa, e por serviço de Deos nosso Senhor, e augmento da dita Ordem, hey por bem, e me práz de dar licença á dita Madre Michaela Margarida de Santa Anna, para fundar o dito novo Mosteiro de Religiosas da dita Ordem no dito Jardim do Correyo Mór, sito no dito lugar de Carnide, com a dita renda, que lhe está applicada. E para este effeito confirmo de minha certa sciencia a dita Escriptura de doação do dito Jardim com todas as clausulas nella conteúdas, e com derogação da Ordenação livro 2. titulo 18, que dispõem, que nenhuma pessoa possa dar bens de raiz a Igrejas, ou Mosteiros sem licença minha. E mando a todos, e quaesquer Ministros, Officiaes de justiça, e a quaesquer outras pessoas, a que o conhecimento deste Alvará pertencer, que o cumprãõ, e guardem, e façãõ em tudo cumprir, e guardar, como nelle se contêm; sem embargo de quaesquer Leys, e Ordenações, que em contrario haja, as quaes por esta vez hey por



Anno  
1642.

por expressas, e derogadas, ainda que dellas se hou-  
vera de fazer expressa menção. E este valerá, como se  
fosse Carta feita em meu nome, e por mim assinada,  
sem embargo da Ordenação, que o contrario dispõem,  
posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno.  
Manoel do Souto o fez em Lisbôa aos 7 de Outubro  
de 1641. = Jacinto Fagundes Bezerra o fez escre-  
ver. = R E Y.

Anno  
1642.

Com esta mercê fez Sua Magestade outros muitos fa-  
vores a esta Fundação, dando-  
lhe, até por prenda do quan-  
to a estimava, a sua Filha a  
Senhora D. Maria, que a  
illustrou com suas virtudes,  
e Pessoa, como diremos no  
anno de 1693, que foy o de  
seu felicissimo transito: fican-  
do tambem a Sua Magesta-  
de a gloria, e ao Convento  
a honra de ser a primeira  
Casa dedicada a Deos nos  
dias de seu faustissimo Rey-  
nado.

157 Não se declarou me-  
nos afeiçoado a esta Funda-

ção o Illustrissimo Senhor  
D. Rodrigo da Cunha Ar-  
cebispo Metropolitano de  
Lisbôa. Era este grande Pre-  
lado zelosissimo do bem es-  
piritual do rebanho, que lhe  
estava commettido; e pare-  
cendo á sua incansavel vigi-  
lancia, que nas filhas de San-  
ta Teresa teria hum vivo ex-  
emplar de todas as virtudes,  
para a imitação de seus sub-  
ditos, sem mais diligencia,  
que a de hum simples pe-  
tição, mandou passar logo  
a licença por Antonio Car-  
doso na forma seguinte.

**D.** Rodrigo da Cunha, por mercê de Deos, e da  
Santa Sé Apostólica Metropolitano Arcebispo de  
Lisbôa, do Conselho de Estado d'ElRey meu Senhor &c.  
Aos que esta nossa Provisão virem fazemos saber, que  
havendo respeito ao que em sua petição nos enviárao a  
dizer o Padre Frey Thomás de S. Cyrillo, Provincial  
dos Carmelitas Descalços, visto o que allega, havemos  
por bem de conceder licença, para que se possa fundar  
o Mosteiro de Religiosas Descalças da dita Ordem no  
Lugar de Carnide, que pede na sua petição; e para se  
Tom. III.

T

mu.

Anno  
1642.

*mudarem as Religiosas do Mosteiro da Pampulha, para o que de novo fundarem, visto o grande serviço de Deos, que se segue de semelhantes fundações. Dada em Lisboa sob nosso Sinal, e Sello, aos 22 dias do mez de Março de 1642. = D. Rodrigo Arcebispo de Lisboa.*

Anno  
1642

158 Alcançadas todas estas licenças (precitamente necessarias para quaesquer fundações Religiosas) aos 25 do mesmo mez, e anno, dia da Encarnação do Divino Verbo, foy o Padre Provincial benzer a Igreja do novo Convento, ao qual deo o nome de Santa Teresa, para que fosse Titular, e Tutelar daquella Casa, por todos os titulos tanto sua. No seguinte dia (que foy o de huma Quarta feira) disse a primeira Missa, collocou no Sacrario o Santissimo Sacramento, e, deixando em sua Custodia à alguns Religiosos, voltou a Lisboa a conduzir as Fundadoras. Com as demoras referidas tivêraõ ellas tempo de estarem preparadas, em fórma, que no dia trinta (Dominga quarta da Quaresma) sahio a Veneravel Michaela, Vigária da Fundação, e com ella as Madres Anastasia de S. Francisco, Anna, e Margarida da Conceição, Anna de S. Joseph,

Maria do Espirito Santo, e Maria da Encarnação, poucas em numero, para os ministerios da Casa, e muitas em espirito, para começarem a promover a regularidade de vida, observancia, e rigor da Refórma. Para sua comitiva, e acompanhamento estavaõ promptos o Reverendissimo Padre Provincial Frey Ambrosio do Couto, com seus Definidores, e o Mestre Frey Manoel da Assumpção Prior de Lisboa, com outros Mestres, e Prelados da nossa Observancia Carmelitana. Da Descalça, o Padre Provincial Frey Thomas de S. Cyrillo, com seus Definidores, e o Padre Prior de Lisboa Frey Sebastião da Conceição; seguindo a todos muitas Senhoras, e pessoas Ecclesiasticas, e seculares da primeira Nobreza da Corte, que piedosamente affectivas se offerecêraõ para acompanhar as Religiosas á nova habitação. E para que a Madre Vigária (de cinco annos

Anno  
1642.Anno  
1642.

annos recolhida em Santo Alberto ) pudesse ver alguma parte da populosa máquina de Lisboa (curiosidade, que, por falta de noticia, não pode encontrar a sua rara modestia) a guiáram por dentro da Cidade. Chegando ao Rocio, fizeram os fins do Carmo as demonstraçoens, que bastáram para applauso, e sobráram para o alvoroço: tudo effeito da grande cortesia, e honra, a que nunca nos faltáram, como bons Irmãos, nossos muito Reverendos Padres Observantes. No Real Mosteiro de N. Senhora da Luz as estavaõ esperando com a sua Communidade o Reverendissimo Padre Frey Leonél de Parada Dom Prior Geral da Ordem de Christo, e o R. Prior Frey Manoel de Aveiro. Em quanto fizéram oração incensou solemnemente ao Santissimo Sacramento exposto o Padre Provincial do Carmo. Dispunhão os Religiosos da Ordem de Christo acompanhá-las em Procissão até o seu Convento: mas não concedeo o Ceo esta licença; porque a abundancia de agoa, que mandou, fez preciso entrá-las nas carruagens, em que hiaõ, por mais que adi-

Tom. III.

stancia fosse pouca. Chegando á nova Casa (morada verdadeiramente de Deos) acudíram ao Coro, e acháram na Igreja patente a Sua Divina Magestade, a quem festejáram com lagrimas de devoção, e temíffimos affectos da alma; continuando a Musica do Carmo com acentos harmónicos o restante do dia, a que pôz termo o Reverendissimo Provincial, incensando ao Senhor com paramentos festivos.

## CAPITULO XX.

*Descreve-se o Lugar de Carnide, e continua-se a materia do Capitulo precedente.*

159 **A**O Nórte, e em distancia de huma legoa da Cidade de Lisboa, fica situádo o Lugar de Carnide em campo raso, alegre, e de ares tão puros, e temperados, que por experiencia, e conselho dos Medicos se retiraõ a elle varios enfermos a buscar a faude, que não pudéram achar em outros sitios com a applicação de reiterados remedios. He cercado de muitas, e curiosas Quintas, que servem igual-

T ij mente



Anno 1642. mente para o lucro , que ao recreyo. Goza terreno fertil de paõ , vinho , azeite , e outros fructos de bõa qualidade , e de melhor extracção pela visinhança da Corte. Compoem-se de duzentos e sessenta e quatro visinhos , cujo numero faz avultar a grandeza de quatro Conventos , e hum sumptuosissimo Hospital , que mandou fazer a Infanta D. Maria , Filha do memoravel Rey D. Manoel ; a qual tambem fundou o Mosteiro de N. Senhora da Luz , que entregou á Ordem de N. Senhor Jesu Christo com dotação commodá á sua subsistencia. Dos tres Conventos , são dous de Religiosos e Religiosas Carmelitas Descalças de Padroado Real , pela instituição da Senhora D. Maria , Filha do Augustissimo Rey o Senhor D. Joaõ o IV : e o outro he de Freyras de N. Senhora da Conceição , que fundáraõ na sua Quinta Nuno Barreto Fuzeiro , e sua mulher D. Maria Pimenta , por obsequio , e attenção á mesma Senhora ; a qual he louvada , ainda mais , que com os cultos , com a exemplaridade da vida reformada , que alli practicaõ aquel-

las fantas Religiosas no exercicio de singulares virtudes , como sabe o Ceo , admira a terra , e só conhecem com inteira satisfação , os que tractaõ , e communicão interiormente taõ perfeitos , e Seraphicos Espiritos. No fim do Lugar , para a parte do Nórte , está situado o Convento de Santa Teresa ( de que agora tractâmos ) nobilissimo Seminário de Infantas , e Senhoras , que nelle se haõ recolhido , e professado , em nada inferior a quantos possue a Ordem neste Reyno. Estivéraõ nelle as Religiosas ( na fórma , em que o acháraõ ) por espaço de quatro annos , e tres mezes , sem que no material pudessem adiantar cousa alguma , pela pobreza summa , em que fora fundado sem arrimo de Padroeiro : porque supposto , que a devoção de Antonio , e Duarte Gomez da Matta , da Marqueza de Gouvêa , da Condeffa da Castanheira , e de outros bemfeitores , pode supprir os ornamentos da Igreja , peças da Sacristia , e algumas alfayas da Casa , não alcançou a mais ; ficando por esta causa as Religiosas desituidas ainda da congrua sustentação ; porque sem

Anno  
1642.Anno  
1642.

sem duvida as queria Deos necessitadas, ou para trophêo da sua Providencia, ou para triumpho da paciencia de suas fervas. Nos tres dias primeiros as sustentou liberalmente a grande Caridade de D. Maria de Milão, acabados os quaes, começáraõ a experimentar os trabalhos da pobreza; mas com aquella generosa tolerancia, que traz comsigo, quando he virtude. Como o exercicio desta fosse o seu mayor cuidado, não foy pequeno o da Providencia, com que Deos as assistio, e regalou; desempenhando a promessa, que em seu nome fizera o Profeta Rey: *Que puzéssemos em Deos o nosso pensamento, e que o Senhor proveria do necessario, para a nutrição: Jacta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet.* Daremos com succinta penna tal, qual exemplar, em que se vio o desempenho desta Divina palavra, acudindo Deos a suas Esposas com a particular attenção, e modos extraordinarios, que já veremos.

160 Achando-se hum dia tão pobre a Communidade, que não tinha, que comer, nem com que o comprar,

postos no Ceo os olhos, e em Deos o coração, baixou ao Refeitório com animo de lhe dar, e render as graças, por lhe pôr nas mãos huma occasião de padecer aquella falta por seu amor. Entráraõ com effeito no Refeitório as Religiosas, e ao entoar o Vêrso de David: *Edent pauperes, & saturabuntur*, fizéraõ final com a campainha á portaria. Acudio promptamente a Rodeira, e achou hum grande presente de Atúm assado, que a Duqueza de Aveiro lhe mandava com algum provimento mais, que pode servir, para remediar, não só a necessidade daquelle, mas de outros dias. Não menos claramente manifestou o Senhor a sua Providencia paternal no seguinte caso. Necessitando o Convento de trigo, e não havendo dinheiro, para a compra delle, affligio-se a Prelada notavelmente; porque lhe não occorriaõ meyo de acudir a esta falta. Recorreo á Oração (como a officina, em que se provêm todas as necessidades) e ao mesmo tempo chegáraõ huns navegantes á portaria com vinte mil reis de esmóla, dizendo, que lha mandava o Ceo. Porque fluctu-

Psalm. 33.  
27.Psalm. 54.  
43.

Anno  
1642.

fluêtuando elles em huma grande tempestade, e votando a Deos, que se os livrava do imminente perigo de vida, em que se achávaõ, fariaõ por seu amor a caridade, que pudêssẽm, a hum Convento pobre, e desamparado de bens temporaes; ouviraõ huma voz, que clara, e distinctamente lhes dizia: *Applicai essa esmola ao Convento de Santa Teresa de Carnide*: e que promettendo todos de assim o cumprir, logo, que saltassem em terra, cessára repentinamente a tormenta do mar, e se salvára com a gente toda a embarcação fluctuante. A estas misericordias, por via da Casa Santa da de Lisbôa, accrescentou o Senhor outra bem extraordinaria. Devia a Comunidade huma somma de dinheiro a certa pessoa, a qual, como não pudesse soffrer mais dilaçoens, que as estipuladas no emprestimo, logo, que chegou o prâzo, se foy requerer á Prelada lhe fizesse pagamento. Prometteo ella, que no dia seguinte lhe pagaria sem falta; sendo, que não tinha com què, nem donde lhe viesse para a satisfação. Chega pontualmente o acredor; acóde affustada a Pre-

lada, e ao mesmo tempo á portaria huma esmola da Misericordia de Lisbôa de quantia igual á divida, sem diminuição, nem excessõ: caso, que maravillhou a todas; porque nem antes, nem depois tiveraõ semelhante subsidio daquella Santa Casa. Não foraõ poucas as vezes, que acháraõ accrescimos no dinheiro, paõ, azeite, e outros bens da Comunidade; por onde acabáraõ de entender as tinha Deos muito á sua conta, e se dispuzêraõ a dá-la bôa a seu Divino Esposo, em fiel correspondencia do cuidado providencial, com que lhes assistia.

161 Para este fim procuráraõ com todas as forças de sua alma não faltar hum ápice ás observancias Regulares, cuidando em levar adiante os fervores primitivos da Refórma naquella mesma perfeição, com que os estabelecêra sua, e nossa Santa Fundadora. A's obrigaçoens, que lhes determinaõ, e prescrevem as Leys, accrescentávaõ muitas outras de super-rogação; não se satisfazendo o seu fervoroso espirito com as mortificaçoens, e penitencias ordinarias da Ordem; porque lhes parecia, que nestas,



Anno  
1642.Anno  
1642.

ffas, por mais exacto, que fosse o seu cumprimento, ficavao sendo Servas inuteis, e queria o seu amor mostrar a Deos, que erao Esposas fieis em obrar por seu respeito a aquellas cousas, que julgavao fer de seu Divino beneplacito. Quando chegarem os annos, a que pertencem pela Ordem da Chronologia, veremos individualmente na relação da vida de cada huma destas Veneraveis Religiosas qualificadas as suas virtudes, provados os seus fervores, e expostos aos olhos do mundo nesta Historia os santos, e louvaveis exemplos de obediencia, silencio, modestia, pobreza, e outros exercicios Monasticos, com que edificarao aos proximos, e poderao servir escriptos de sagrada emulacao, e perpetuos despertadores ás que forem succedendo nesta Santa Casa, para q renovando de dia em dia, como generosas A'guias, á vista de taes exemplares, o espirito da Religiao, naõ decayaõ hum ponto do rigor Descalço, e primitivo, que professaraõ; e possa cada huma dizer confiadamente com o Profeta Rey: *Eu sou participante, Senhor, daquellas mesmas santas obras, que fi-*

*zerao os que vos temerao, e guardarao os vossos Mandamentos com perfeicao.*

162 Com a muita deste Mosteiro corria já o anno de 1646, e confiada em Deos, e na caridade dos fieis (particularmente da Excellentissima Duqueza de Aveiro, de cuja illustrissima Casa tem sahido muitas de nossa Ordem neste Reyno) se dispoz a Madre Priora Michaela Margarida de Santa Anna a lançar a primeira pedra do Convento novo. Foy benzê-la o Veneravel Padre Frey Antonio de Christo Prior de Lisboa, e lançou-a o Excellentissimo Duque de Aveiro no cunhal do Dormitorio principal com as Armas Reaes, e a Inscripção seguinte: *O Duque de Aveiro D. Raymundo de Lancastre, botou a primeira pedra deste Convento a 2 de Junho de 1646. Autorizaraõ a solemnidade do Acto (que se fez com huma devotissima Procissão) o Reverendo Prior da Luz com a sua Communidade, o Padre Provincial Frey Sebastiao da Conceição com mais alguns Religiosos graves de nossa Ordem, e outra muita Nobreza, e assistencia innumeravel de gente popular, que con-*  
correo

correo á Fundaçãõ.

Anno 163 Doze annos havia ,  
1642. que de idade de seis estava  
naquelle clausura a Serenissi-  
ma Senhora D. Maria , Filha  
do Senhor Rey D. Joaõ o  
IV ; a qual , vendo andar as  
obras com passo mais lento ,  
que o calor do seu desejo ,  
se resolveo a declarar-se Pa-  
droeira do Convento. Deo  
conta da sua deliberação a seu  
Irmaõ ElRey D. Affonso  
VI, entaõ Reynante, o qual ,  
sabendo determinava dar prin-  
cipio á Igreja nova aos 15 de  
Outubro de 1662. (dia, em  
que a universal celebra a Fe-  
sta de N. Matriarcha Santa  
Teresa , Titular da Casa )  
ordenou a Antonio Cabide,  
seu Secretario de Estádo , que  
avisasse aos Grandes da Cor-  
te , para que no dia assignalá-  
do se achassem em Carnide,  
e á custa da sua Real Fa-  
zenda fizesse as despezas do  
dia , e função , que foy hu-  
ma das mais luzidas , que  
viraõ semelhantes Actos. Fo-  
raõ com effeito no dia refe-  
rido Joaõ Rodriguez de Vas-  
concellos Conde de Castel-  
lo-Melhor , Sebastiaõ Cesar  
de Menezes Arcebispo no-  
meado de Lisboa, Francisco  
de Sá de Menezes Marquez  
de Fontes , com outra mui-

ta Corte , e Authoridade ,  
assim Ecclesiastica , como Se-  
cular ; e celebrados os Divi-  
nos Officios pelo Deaõ de  
Lisbõa Joaõ Furtádo de Men-  
doça , depois do Sermaõ de  
tarde , que disse ao intento  
o Padre Frey Alexandre da  
Cruz de nossa Ordem , levá-  
raõ em solemne Procissão ou-  
tros quatro Religiosos nossos  
a pedra fundamental da nova  
Igreja , que benzeo com as  
ceremonias costumadas o di-  
to Deaõ , e lançou no cunhal  
da Capella Mór á parte do  
Evangelho , gravada com  
estas letras : *Maria Joannis  
Lusitaniæ Regis Filia hoc  
Opus struxit anno Domini  
millesimo sexcentesimo sexa-  
gesimo secundo.*

164 Como os Templos  
de Deos são as inexpugnaveis  
Fortalezas , que defendem  
aos que se acolhem a elles  
das baterias do Inferno , não  
tardou muito o seu Princi-  
pe em mostrar , que não go-  
stava da obra ; porque no dia  
seguinte lançou por terra as  
casas vizinhas ao alicerse  
( que era de altura de quaren-  
ta palmos ) ao ponto , que  
sahiaõ delle coufa de vinte  
pessoas. Attribuiu-se a favor  
da Patrona da Casa , Santa  
Teresa , o não se arruinar a-  
quella



Anno 1642. quelle edificio no dia antecedente, em que podia perigar a Nobreza, e Povo, que affistio á Festa. Em seis annos se fez completa a obra da Igreja, e celebrou Sua Alteza a Dedicacão do seu novo Templo com hum solemnissimo Triduo aos 15 de Outubro de 1668: concorrendo para o Altar o Reverendissimo Padre Frey Manoel Pereira, Provincial que então era da Ordem dos Prégadores, e ao depois Bispo de Elvas, e Secretario de Estado d'ElRey D. Pedro II, o Reverendo Frey Alvaro Pimentel Prior do Real Convento de N. Senhora da Luz, e o Padre Frey Joseph de Santa Tereza Prior do nosso Convento de Lisbôa. Para o pulpitto foraõ escolhidos o Illustrissimo D. Frey Lourenço de Castro Bispo eleito de Angra, e os Reverendos Padres Frey Domingos de Santo Thomás da Ordem dos Prégadores, Frey Alexandre de Figueiredo da de Christo, e Frey Alexandre da Cruz da nossa Descalcêz: acçoens, que huns, e outros desempenháraõ no dia, que lhes coube, com o esplendor, e talento, que podia, e devia esperar-se de homens de tan-

Tom. III.

ta authoridade, e reputaçãõ.

165 Sahio a fabrica deste Templo naõ só com os primores da Architectura, que pedem semelhantes edificios; mas com aquella grandeza, e magestade, que basta para se conhecer, que desde a idéa á execuçaõ fora toda de empenho, e braço verdadeiramente Real. A'lem da Capella Mór, que a devoçaõ da Senhora D. Maria dedicou a N. Madre Santa Tereza, illustre Orago do Convento, contêm mais duas Capellas collateraes. A da parte do Evangelho consagrou a mesma Senhora a N. Padre S. Joaõ da Cruz; e a da parte da Epistola á Mãe de Deos no adoravel Mysterio de sua purissima Conceiçaõ. Defronte da grade do Coro baixo, e immediatamente ao Altar Mór, está a Capella do Senhor dos Passos, o qual se costuma tirar todos annos em devota Processão pelas ruas publicas do Lugar de Carnide na quinta Dominga da Quaresma, com tanta pompa, piedade, e devoçaõ, que em nada cede á que se faz na Corte; porque além dos réditos perpetuos, com que a dita Senhora a dotou, concorre a

Anno 1642.



Irmandade, fundada na mesma Capella, com esmólas tão copiosas, que bastão, e ainda sóbrao, para se fazer a função com toda a grandeza; tendo para ella até paramentos proprios do mayor custo.

166 Do material da Igreja passou a magnificencia da sua Serenissima Fundadora a orná-la com as riquezas, e preciosidades, a que a moaviaõ os generosos, e devotos impulsos de seu Real animo. Para todos os Altares (álem dos frontaes, cortinas, e mais ornamentos necessarios ao seu serviço, e aceyo) mandou lavrar retábulos, que depois de dourados com o ouro dos mayores quilates, ficáraõ sendo os melhores daquelle tempo. Mandou fazer tambem huma grande Alampada de prata, para arder perpetuamente diante do Santissimo Sacramento, de que era por extremo devota. Tinha a mesma Senhora huma Cruz de crystal em muita veneração, não só por ser o final, e testemunho público da nossa Fé; mas ainda pelo lavor, e preciosidade de alguns Rubins, e outras pedras, que engastadas em varias cintas, e

frangas de ouro finissimo, a faziaõ igualmente preciosa, que agradavel á vista. Pareceo-lhe, que este devia ser o mayor sacrificio, que podia fazer ao seu gosto, e a deixou vinculada (como em cabeça de Morgado) a este seu Templo, ou por sagrada usura do seu amor, ou para eterno monumento da gratificação, e lembrança das Religiosas, a quem fazia herdeiras até da unica Péça, em que só tinha apego a sua veneração. Porém, no em que se esmerou mais a devoção, e grandeza desta Augustissima Bemfeitora na dotação deste seu Templo, foy sem dúvida a construcção de huma Custódia de prata sobredourada, para se expôr a sagrada Hostia nas mayores Solemnidades do anno; porque no conceito dos que tem a curiosidade de a verem, he das Obras mais primorosas, e estimaveis, que assim em peço, como em lavôr, e feittio, se vêem, e admiraõ em todo Portugal.

167 Dentro do Coro alto (obra tambem sua) mandou fabricar huma sumptuosissima Capella, para collocar, e expôr á veneração das Religiosas, e sua, hum Santuario

Anno  
1642.Anno  
1642.

tuário de preciosíssimas Relíquias, que a sua muita piedade, e devoção soube grangear, e haver de pessoas Ecclesiásticas da primeira Authoridade; as quaes, tendo noticia de tão sagrada ambição, lhe offerecião com mão liberal estes santos, e preciosos Donativos, para que nos altares da sua veneração se conservassem, e adorassem com mais luzido apparato, e religioso culto. Realção, entre as mais, a Cabeça de S. Vitál, e o Corpo inteiro de S. Felix, illustríssimos Martyres de Christo Senhor Nosso. Da primeira (por se conservar a Authentica) fazem as Religiosas desta Casa commemoração annual aos 14 de Fevreyro com Rito Duplex. Da segunda, ainda que não rézaõ publicamente, por se lhes desencaminhar o Testemunho authentico, tem-na com tudo em summa veneração, pela voz commua, com que a tradição as infórma da sua infallivel certeza. Está mettido este Santo Corpo em huma Urna de páo de E'bano, com vidráças na fronteira, e nos lados. Enriqueceo mais a este Sagrado Thesouro com huma grande porção da faixa de N.

Tom. III.

Madre Santa Teresa; tres Canas dos braços dos Santos Martyres Fortunato, Audáto, e Anastásio; e tres Offos de S. Magno, S. Theodoro, e Santa Justa, tambem Martyres. Em huma Capella, que está no antecoro baixo (que a mesma Senhora D. Maria mandou tambem edificar) se adóra em hum Sepulchro, todo de talha dourada, a preciosíssima, e devotíssima Imagem de Christo morto; cuja Cabeça resgatou do poder dos Mouros, por trinta Dinheiros, quando esteve por Vice-Rey da India o Conde de O'bidos D. Vasco Mascarenhas, o qual a deo a este Convento, aonde se tem experimentado muitos beneficios do Senhor por meyo desta sua milagrosa Efigie, que he tida em grande veneração. Finalmente, por não cançarmos a narração destas obras com todas as miudezas particulares, à que abrango a larga mão, e piedade verdadeiramente Régia da Senhora D. Maria, faiba-se por mayor, e como em commum, que de certo temos averiguado, gastar a dita Sereníssima Senhora com este Mosteiro muito álem de du-

V ij zentos

zentos e déz mil cruzádos: sem fallar-mos nos dous mil, Anno 1642. que deixou perpetuos de renda ao mesmo Convento; e em outras muitas esmólas, que de ordinario lhe fazia a sua incomparavel Caridade, e nunca affás recommenda da devoção.

168 Pedia, pois, huma, e outra, que da parte das Religiosas houvesse ao menos demonstração igual a tantos, e tão copiosos beneficios. Mas como no thesouro da pobreza lhes era impossivel a compensação, nem a dita Serenissima Senhora a esperava nesta qualidade; recorrendo ao que podião (e ella estimava mais que tudo) lhe dérao o Padroado do Convento com as condições, que se estipulárao na Escrip-tura, que se fez a 16 de Agosto de 1685, pela seguinte formalidade: *Que Sua Alteza pudesse escolher lugar para sua Sepultura na Capella Mór, e Cruzeiro da Igreja do Convento; e que as Religiosas não poderião admittir na dita Capella Mór, nem Cruzeiro enterro algum, que não fosse de Pessoa Real, e com Ordem expressa d'ElRey. Que pudesse prover os primeiros quatro lugares, que va-*

*gasssem de Religiosas naquelle Convento, em sujeitos dignos de serem admittidos; podendo assim mesmo assignalal-os em seu testamento, caso, que lhe sobreviesse a morte, antes de haver occupado os ditos quatro lugares, ou parte delles. Que as Religiosas terião hum Sacerdote virtuoso, a quem dariao cada anno quarenta mil reis, pela obrigação de celebrar Missa todos os dias pela Alma de Sua Alteza. Que applicariao portençaõ da mesma Senhora perpetuamente tres Communhoens cada mez, as horas de Oração de todos os Domingos, o jejum de todas as Sextas feiras de cada semana, os exercicios espirituaes de huma Religiosa cada anno, e quando morresse S. A. se fariao por sua Alma os mesmos Officios, que se fazem, quando fallece alguma Religiosa daquella Casa, com as Missas, e suffragios, que se devem, e costumão. Que todos os annos, em o dia, que S. A. sahisse deste mundo, se cantaria huma Missa solemne, com hum Officio de nove liçoens tambem cantado: e perpetuamente no fim da Missa Conventual, se diria hum responso pela Alma de Sua Alteza. Todas estas obrigaçoens*



Anno  
1642.

gaçoens promettêraõ obser-  
var, e com effeito cumprem  
exacchissimamente as Religio-  
sas deste Mosteiro. Mas co-  
mo persevera firme na sua  
lembrança o conhecimento,  
de que tudo isto he pouco,  
para o muito, que devem á  
Alma desta sua Real Bemfei-  
tora, do thesouro de seus  
merecimentos lhe applicaõ  
ainda mayores suffragios, que  
os estipulados: protestando  
cada huma das mesmas Re-  
ligiosas, que vaõ succeden-  
do nesta Casa, e na memo-  
ria destes beneficios, o que  
dizia de si o sentencioso Se-  
neca em materia de agrade-  
cimento: *Nunquam tibi gra-  
tiam referre potero; tamen il-  
lud certè non desinam ubique  
confitèri, me ferre non posse.*  
Que ainda que não pôdem  
recompensar, nem satisfazer  
o muito, a que lhe estaõ  
obrigadas, por mais que se  
appliquem á gratificaçaõ; não  
deixaõ, comtudo, de confessar  
esta sua mesma impossibilida-  
de, como demonstraçaõ ma-  
yor da mais grata, e quali-  
ficada correspondencia.

Seneca. 2. de  
Benefic.

## CAPITULO XXI.

Anno  
1642.

*Persegue o Demonio as Re-  
ligiosas deste Convento, ven-  
do a sua muita observancia,  
e perfeiçaõ: referem-se casos  
particulares, em que mostrou  
Deos o quanto zelava huma,  
e outra, castigando algumas  
faltas: e dá-se noticia da ef-  
ficaz Oração da Communi-  
dade em dous successos, que  
se individuaõ.*

169 **L**Ogo que as Reli-  
giosas entráraõ ne-  
sta Casa, e começáraõ nella  
a observancia com o fervor,  
e exacçaõ, de que já nos lem-  
brámos acima; temendo o  
Inferno a forte bataria, que  
daquella nova Fortaleza do  
Ceo se lhe havia de dar pe-  
lo tempo adiante, procurou  
empenhar todo o seu poder;  
e astucia, para horrorizar ao  
menos, já que não pudesse  
obrigar áquellas fieis, e ver-  
dadeiras Esposas de Christo  
a desamparar a Estancia, de  
que perfagiava lhe havia de  
fahir a sua mais fatal, e vi-  
gorosa opposiçaõ. Faziaõ-lha  
ellas (como dissemos) com  
os continuos exercicios da po-  
breza, obediencia, silencio,  
mortificaçaõ, e outros actos  
de

Anno 1642. de virtudes Monasticas, ob-  
servando pontualissimamente  
todas as suas obrigaçoens.  
Não parecia bem ao Demo-  
nio, que hum Sexo, por na-  
tureza debil, assim triunfasse  
dos vicios, que elle tão astu-  
ta, e obstinadamente persua-  
de a todos os mortaes: e co-  
mo se se quizesse vingar do  
sagrado atrevimento, com que  
aquellas Almas destimidamen-  
te se lhe oppunhaõ, despre-  
zando as suas suggestoens, e  
enganos; entra a fazer-lhes  
guerra tanto ao descoberto,  
que apenas podiaõ respirar,  
que não sentissem alguns a-  
meaços da sua infernal furia,  
e Diabolica contradicção. Nos  
seis primeiros annos de as-  
sistencia neste Convento vi-  
viaõ as Religiosas com tan-  
ta estreiteza de accommoda-  
ção, que tendo sómente duas  
pequenas casas, se dividiaõ  
por ellas, como podiaõ, de  
quatro em quatro, para to-  
mar de noite algum modera-  
do repouso. Porém o Demo-  
nio, que raivava de tanta  
moderação, e temia todas as  
grangearias espirituaes destas  
Esposas de Christo, com taes  
ruidos, e vozearias as mole-  
stava, que chegavaõ a passar  
muitas vezes sem algum  
descanço, trazendo-as, noites

inteiras, inquietas, e defaso-  
cegadas. Em huma de S. Jo-  
seph (ao sahir de Matinas)  
lhes appareceo nos braços de  
huma Cruz, em figura de  
hum Rato tão medonhamen-  
te grande, que com as visa-  
gens, e abrir deformemente  
a boca, desforte as intimidá-  
va, que se não podiaõ valer  
com o pavor. Algumas se ani-  
máraõ a espantá-lo com páos,  
para ver se era, ou não era na-  
tural aquelle Monstro. Mas  
ao ir chegando para descar-  
regar o golpe, se sumia, e  
tornava logo ao mesmo pon-  
to, tanto que se retiravaõ as  
Religiosas, que o queriaõ  
ferir; e assim as trouxe to-  
da a noite em hum molesto,  
e continuado defascego. Ve-  
zes houve, em que pareceo  
ás Religiosas, que muitos  
pedreiros juntos lhes desfa-  
ziaõ o Dormitório. Huma  
noite, estando na Hospedaria  
do Convento o Padre Frey  
Antonio de Christo, e o Pa-  
dre Frey Manoel da Concei-  
ção, acudio a elles o Padre  
Capellaõ Antonio Nunes  
com grande alvoroço, dizen-  
do-lhes, que fossem de prés-  
sa á portaria das Freiras,  
porque de dentro os chama-  
vaõ com a campainha, e mo-  
stravaõ estar em aperto ma-  
yor,

Anno  
1642.

yor, pela força, com que atangiaõ. Levantaraõ-se os Padres diligentissimamente, e acháraõ serem fantasticos todos aquelles sóidos; porque as Religiosas não tinhaõ corrido para elles, e estavaõ por entaõ focgadas, e algumas em Oração, sem perceberem coufa, de que pudesse nascer aquelle reboliço.

170 Ordinariamente fucedia a quatro Noviças, que viviaõ juntas em huma mesma casa, tirarem-lhe de noite a roupa da pobre cama, e encherem-lha de terra em forma tal, que se viaõ precipadas a levantarem-se, e pafar o restante em defascegada vigilia. A' Madre Maria do Espirito Santo, filha dos Condes da Ribeira, e huma das Fundadoras, perfeguiu o Demonio taõ cruel, e obstinadamente, que muitas vezes, em forma visível, dos horrores passava a atormentá-la no corpo com tal vehemencia, que esteve naõ poucas occasioens em termos de acabar a vida. Para ver, se podia impacientar as Religiosas, dava em fingir as vozes de humas, e chamava ás outras: mas acudindo ellas, e conhecendo o embuste, detestavaõ o seu Auctor,

Anno  
1642.

e o deixavaõ ainda mais enganado com o fructo da paciencia. Naõ he dizivel a que exercitava a Madre Priora Michaela Margarida de Santa Anna com o mesmo Demonio. Quando esta Veneravel Madre estava ainda em Santo Alberto, e andava nas pertençaens de fundar este Convento, *Contava ella mesma* (depõem a Madre Maria de S. Joseph) *que por ver as muitas contradicçoens, que havia, pedira a huma pessoa devota, que encomendasse a Deos esta Fundação; e que se era agradavel a seus olhos, se poria, naõ só a vencer aquellas difficuldades, mas todos os trabalhos da vida, pela conseguir. E que a esta pessoa lhe dissêra Deos; que lhe fosse dizer da sua parte: que tentasse a Fundação com grande animo; porque era obra muito do seu agrado; e que havia de levar a ella almas muito agradaveis a seus Divinos olhos; e seria este Convento hum Jardim de delicias, aonde se havia de consolar das offensas, que se lhe faziaõ no mundo. Mas, que andando ella muy fervorosa nestes intentos, e indo a accender humas luminarias nas janellas de Santo Alberto, lhe apparecera o Demonio,*

nio.



Anno 1642. *nio, vestido de disciplinante, o qual, pondo a mão nas barbas, e puxando por ellas, a ameaçára, que lhe havia de pagar a Obra, em que andava: e que assim como ella hia accendendo as luminarias, lhas hia apagando, para ver, se a podia impacientar. Estes ameaços, pois, que o Demônio fez á Veneravel Madre, executou tão pontualmente, logo, que ella entrou neste Convento, que (entre outros muitos tormentos, que lhe fazia soffrer) quando se levantava pelas duas horas da noite para a Oração, e ao abrir a janella da cella, lhe dava com a porta no rosto tamanha pancada, que a derubava em terra, como morta: fazendo-lhe hum a vez correr o sangue da cara tão visivelmente por entre a pelle, sem sair fóra, que por espaço de quinze dias, que durou esta mortificação, foy incrível o que padeceo.*

171 A hum a Noviça (quando entrára para o ser nesta Casa) recommendára encarecidamente seu pay, que em satisfação do muito, que a amava, lhe pedia sómente, que nunca já mais se esquecesse de o encomendar a Deos nas suas Ora-

*ções; porque fô com esta sagrada Usura podia ella compensar-lhe a incomparavel faulade, com que certamente o deixava a sua auzencia para a Religião. Fazia-o assim a Noviça com grande cuidado, como bôa filha. Mas, estando ella hum a noite desvelada neste pensamento, vio sair de outra casa, que tinha a porta para a sua cella (estavaõ ainda no Convento velho) a hum homem com todos os sinaes, e aspecto de seu pay; o qual, chegando-se a ella, lhe disse com voz fúnebre, e espantosa: Eis-aqui o desafortunado de teu pay: não me encomendes a Deos, nem te lembres de mim; porque matando eu a hum homem, me mataráõ também ao mesmo tempo, e estou no Inferno sem remedio. Ficou a Noviça em grande afflicção por toda aquella noite, já luctando com hum, e já com outro pensamento, cheyos todos daquella amargura, que se deixa crer da falsa supposição, que apprehendera, como verdadeira. Chegou em fim a manhã, e a Noviça á cella da Prelada, que o era a Veneravel Michaéla, a qual, logo pelo quebrantamento do rosto,*  
e mui-

Anno  
1642.

e muito mais pelas angustias do coração, aonde estava lendo a pena, com que hia, lhe perguntou com a boca cheia de riso: *Que he isso, minha filha? Que tem, que tão mortificada a vejo? Que hey de ter* (respondeo a Noviça entre lagrimas, e soluços, que lhe arrancavao a alma) *Que hey de ter? Tenho condemnado a meu pay por huma Eternidade, sem remedio; porque esta noite me appareceo, pedindo-me, que cessasse de o encommendar a Deos.* Cortou a narração a Veneravel Prelada com hum abraço, que deo á Noviça, dizendo-lhe: *Que esse Espéctro, ou sombra fantastica, que lhe apparecera de noite, era o Diabo, que viêra a inquietá-la, para que não encommendasse a Deos a seu pay: que se consolasse, porque estava vivo.* E affirmava; porque brevemente veyo noticia delle á mesma Noviça, a qual ficou, sobre alegre, acauteláda, para se armar dalli por diante com os amêzes da Fé contra os enganoses, e inquietaçoens do Demonio, que tanto teme, e invêja as Oraçoens dos Justos. Muito a este proposito achamos nas Memorias Originâes deste Convento: mas

Tom. III.

o que fica referido basta, para entender qual seria o demais. Advertimos, porém, que durou esta perseguição do Inferno por muitos annos, e ultimamente se focogou á força de Exorcismos.

172 Não he cousa extraordinaria em nossa Religião padecerem os Conventos, logo nos seus principios, estas, e outras semelhantes perseguiçoens do Demonio; porque como o odio, que lhe tem concebido, principiou com a Fundação da mesma Ordem: (por conjecturar da sua muita perfeição o seu mayor damno) não faz, nem pôde fazer novidade, que o Inferno continúe com estas, e ainda mais obstinadas oppoziçoens. Bem se sabe as que fez ao Proféta Elias, quando, por intervenção da iniquissima Iesabél, procurou de hum vez acabar com a Religião, tirando a vida a este seu Santissimo Fundador. Do segundo (e q̃ lhe succedeo não menos no Espirito dobrado, que no governo Monastico do Carmelo) tambem mostrou o Inferno este mesmo seu entranhavel sentimento. Ainda bem não tinha Eliseu posto os pés no mundo, e visto a sua luz, quando os

X

Demo-

Anno  
1642.

S. Epiphanius de Vitis & mort. Prophetar. S. Isidorus de Ortu, & inter. Sanctior. Veter. Testament.

Anno 1642. Demonios, pela boca do Bezzerro de metal, que estava, e era adorado em Gálgala, deo tamanhos bramidos, que se ouviraõ em Jerusaleem, com ficar entre esta, e aquella Cidade, naõ menos que cento e sessenta Estadios de distancia. Mas, que naõ fizeraõ as Furias infernaes com a Grande Teresa, para ver, se podiaõ impedir-lhe a Refórma, que pertendeo, e concludo na mesma Profética Religiao com tanta gloria de Deos, e bem de infinitas almas? Digga-o ella mesma: *Estava una vez en un Oratorio, y apareciõme, hazia el lado izquierdo, de abominable figura; en especial mirè la boca, porque me hablò, que la tenia espantable. Parecia le salia una gran llama del cuerpo, que estava toda clara sin sombra: dixome espantablemente, que bien me havia librado de sus manos: mas que èl me tornaria à ellas. Yo tuve gran temor, y santiguème como pude, y desapareciò, y tornò luego: por dos vezes me acaeciò esto; yo no sabia que me hazer. Otra vez me estuvo cinco horas atormentando con tan terribles dolores, e desassossiego interior, y exterior, que no me parece se podia ya su-*

S. Teres.  
Vid. cap. 31.

*frir. Las que estavan con mi go estavan espantadas, y no sabian que hazer, ni yo como valerme. Quiso el Señor entendiesse, como era el Demonio, porque vi cabe mi un negrilla muy abominable regañando como desesperado. Yo, como le vi, reime, y no tuve miedo, porque havia alli algunas conmigo, que no se podian valer, ni sabian que remedio poner à tanto tormento, que eran grandes los golpes, que me hazia dar, sin poderme resistir, con cuerpo, y cabeça, y braços: y lo peor era el desassossiego interior, que de ninguna suerte podia tener sosiego. Otra vez, poco ha, me acaeciò lo mismo, aun que no durò tanto, y yo estava sola, pedi agua bendita, y las que entraron, despues que ya se havian ido (que eran dos monjas, bien de creer, que por ninguna suerte dixèran mentira) olieron un olor muy malo, como de piedra açufre. Otra vez estava en el Coro, y diòme un gran impetu de recogimiento, y fuyme de alli, porque no lo entendiesse, aun que cerca oyeron todas dar golpes grandes, adonde yo estava, y yo cabe mi oï hablar, como que concertavan algo, aun que no entendí, que habla fuesse; mas estava tan*

Anno  
1642.

Rit  
cap

en



Anno  
1642.

en Oracion, que no entendi co-  
sa, ni huve algun miedo. Casi  
cada vez era, quando el Señor  
me hazia merced, de que por  
mi persuasion se aprovechasse  
alguna alma. :: En este tiempo  
tambien pensè una noche me  
ahogavan, y como echáron mu-  
cha agua bendita, vi ir mu-  
cha multitud de ellos, como  
que se ivan despeñando. Son  
tantas vezes las que estos mal-  
ditos me atormentan, y tan  
poco el miedo que yo yá les  
he, con ver que no se pueden  
menear, si el Señor no les dá  
licencia, que cansaria a v. m.  
y me consolaria si las dixesse.

173

Isto, e muito mais  
ainda, o que procuráráo os  
infernaes Espiritos para aca-  
bar com a Santa, e nella com  
a sua Refórma. Mas como  
víssem, que não podiaõ con-  
trahar esta Fortaleza, por  
estar armada dos mil Escudõs  
da protecção Divina; tomá-  
ráo o negocio por outro la-  
do, e entraõ a fazer opposi-  
ção ás fundaçoes tão forte,  
e vigorosamente, que ven-  
do-a a Santa Fundadora co-  
stumava dizer, não com pou-  
ca graça: *Que havia querido  
se fundasse su primer Mona-  
sterio el dia de San Bartho-  
lomé, para que la amparasse,  
y livrasse del Demonio; y que*  
Tom. III.

Riber. l. 2.  
cap. 5.

no parecia sinõ que se havian  
soltado todos sus Diablillos con-  
tra ella. Seria hum nunca  
acabar, se quizeßemos aqui  
reduzir a mappa, e indigitar  
nelle as fortes baterias, e ex-  
traordinarias traças, que in-  
ventou o Inferno, para que  
se não fundem Conventos  
desta Ordem; e o quanto  
molesta os já fundados, para  
que se desfiação. Não ha Pro-  
vincia, que para a sua Hi-  
storia não tenha bem que es-  
crever sobre este ponto: e af-  
fim, concluamos o nosso com  
dizer, que não póde, nem  
deve fazer novidade, que os  
primeiros fundamentos desta  
Casa de Carnide se lançassem  
com huma tal opposição do  
Inferno: porque não daria  
ella indicios, de que come-  
çava, e havia de continuar  
em perfeição Religiosa, se  
o Demonio se lhe não op-  
puzesse aos principios. He el-  
le o auctor, e a origem de  
todo o mal; e por isso (co-  
mo diz Pedro de Ravena) põem o mayor cuidado, e a  
mayor astucia, em que não  
comece o bem, ou em ex-  
tinguê-lo antes que se funde;  
porque sabe, que, depois de  
fundado, já o não póde de-  
struir, por mais, que se can-  
cem as suas cavillosas, e de-

Anno  
1642.Petr. Rav.  
in Matth. 2.  
Ductus est  
Jesus.

testaveis tergiverfaçoens: *Dia-*  
*Ann* *bolus semper primordia bona*  
 1642. *pulsat, captat rudimenta vir-*  
*tutum, sancta in ipso ortu festi-*  
*nat extinguere, sciens, quod ea*  
*subvertere fundata non possit.*

## CAPITULO XXII.

*Continúa a materia do prece-*  
*dente.*

174 **A**O passo, que per-  
 mittia ao inimigo  
 commum estas licenças, pro-  
 curava tambem Deos por  
 outra parte com sua Divina,  
 e Paternal Providencia acau-  
 telar a suas servas, castigando  
 as imperfeiçãoens de algu-  
 mas. Porque como seja mo-  
 ralmente impossivel, que em  
 huma Comunidade Reli-  
 giosa ( por exacta que seja  
 nas suas obrigaçoens ) dei-  
 xe ás vezes de fazer o seu  
 officio a fragilidade humana,  
 quer Deos, que o castigo das  
 faltas de humas sirva de prefer-  
 vativo aos defeitos das outras;  
 para que assim purificadas to-  
 das, ou com a experiencia, ou  
 com a cautela, possaõ ser mais  
 digno objecto de seu Divino  
 agrado. Referiremos alguns  
 casos mais particulares ( ain-  
 da que succedidos em diver-  
 sos tempos ) para que as vin-  
 douras, precaucionadas com

estas noticias, aprendaõ a evi-  
 tar os damnos, que costu-  
 maõ causar semelhantes fal-  
 tas em pessoas, obrigadas  
 por Instituto á perfeição.

175 Entre a muita, que  
 se observava neste Convento,  
 havia huma Religiosa, que  
 sendo em o demais de muito  
 bõa vida, e observante, clau-  
 dicava no grande defeito de  
 lhe causar o Sacramento da  
 Extrema Unção hum tal hor-  
 ror, que todas as vezes, que  
 ouvia tanger a elle na Igre-  
 ja do Lugar de Carnide, se  
 estremecia, e revolvía defor-  
 te interiormente, que fica-  
 va enferma. Seria paixão na-  
 tural, sabendo, que este Sa-  
 cramento he o ultimo foc-  
 corro, que se dá aos vivos, pa-  
 ra caminharem á Eternidade;  
 e lembrarse-hia naquellas oc-  
 casioens, ou do transe ter-  
 rível da morte, ou da con-  
 ta exactissima, que havia de  
 dar ao Supremo Juiz; e pre-  
 occupada com hum, e ou-  
 tro temor, romperia naquel-  
 les excessos. Mas como estes  
 ( ainda que tão justificados  
 a quem tem Fé ) nunca se  
 pudéraõ despedir de nimieda-  
 des culpaveis nos olhos de  
 Deos, por naõ vencer aquel-  
 la repugnancia; permittio  
 elle, por seus occultissimos  
 juizos,

Anno  
1642.

juizos, que chegada esta Religioſa á hora da ſua morte, e os noſſos Padres ao Convento, para lhe miniſtrarem a Sagrada Unção, ſe diſpuzefſem as couſas deſorte, que por fim vieſſe a faltar-lhe o tempo, para a receber. E na verdade, que o embarço, que ſe offereceo, para iſto ſucceder aſſim, ainda cauſa mayor admiração, e dá não leves indicios, de que queria Deos moſtrar, que era caſtigo: porque inſtando a neceſſidade de ſe applicar á moribunda o tal Sacramento, deſorte ſe allucinárao aſſim os Padres, como as Religioſas, que procurando eſtas a Refeitoreira para dar o pão, que havia de ſervir no fim ás mãos do Sacerdote, por mais diligencias, que ſe fizérao, não appareceo, ſenaõ depois de paſſado muito tempo: e ainda entaõ, ſe lhe fumiraõ as chaves do Refeitório em fórma tal, que quando as achárao, e foraõ com o Sacramento á cella da enferma, no meſmo ponto eſpirou ſem eſte ſoccorro. E notou-ſe ainda mais, que eſtando baſtantemente provida a ambula do ſagrado Oleo, ſem alcançar o como iſto podia ſucceder, ſe vio reduzi-

Anno  
1642.

do áquella pequena quantidade, que ſeria neceſſaria precisamente para ungir a moribunda. Poderia ſer acaſo eſte acontecimento, mas pareceo prodigio; ou pelo menos foy Providencia de Deos particular, para que as Religioſas, que testemunhárao eſta repugnancia a hum Sacramento, que antes conſerva, do que tira a vida temporal, a quem o recebe, ficafſem perſuadidas á veneração, que ſe deve ter aos remedios, que Chriſto instituio para noſſo bem. E aſſim ſuccedeo; porque todas dalli por diante (temoroſas de morrerem ſem eſte ſoccorro) ſe diſpunhaõ, e o pediaõ alguns dias antes, que inſtaſſe a neceſſidade precisa para a ſua recepção.

176 Nesta meſma Comunidade houve outra Freira taõ deſcuidada de orar pelos Defuntos, que até ſe affligia entranhavelmente todas as vezes, que ſe via obrigada a rezar por elles, quando aſſim o ordena, e ſe coſtuma na Religiaõ. Morreo em fim eſta Religioſa em hum dos tres ultimos dias da Semana Santa, em que a Igreja (por eſtar occupada na fúnebre memoria da Paixaõ, e Morte de ſeu Divino Eſpoſo)



Anno  
1642.

pofo ) só permite , que se faça pelos Defuntos o Officio da Sepultura , sem canto , ou alguma daquellas solemnidades , que se estylaõ em semelhantes funçoens. Deferiraõ-se-lhe com este motivo todas as outras obrigaçoens funeraes para tempo habil , e desoccupado , segundo o Rito da Igreja Universal. Mas ordenando este , que em taes casos se possaõ fazer logo , que acabar o Oitavario da Pascoa , permittio Deos , por justo castigo da tal repugnancia , que esquecessem desorte , que , ainda depois de passados muitos mezes , não lembráõ a nenhuma das Religiosas daquela Communidade ; e só , quando hum pessoa de fóra , amiga da Defunta , veyo ao Convento a procurar por ella ( suppondo-a viva ) he , que a Prelada advertio , que se não tinha cumprido com os suffragios da ley , nem ainda com o aviso aos mais Conventos da Ordem , como tinha de obrigação. Advertindo , que em ambas são , e foraõ sempre as Prioras tão diligentes , que no decurso de tantos annos se não conta outro algum caso , em que succedesse hum tal es-

quecimento. Talvez , porque também não tem havido alguma outra Religiosa naquella Casa , em que se descobrisse , ou notasse semelhante defeito.

177 Outro , que achamos advertido nas Memorias deste Convento , e que parece justo escrevê-lo também aqui , para cautela , dá bem a conhecer o quanto se desfagradá Deos , de que almas , recolhidas por elle para Esposas suas , o não louvem com sincero desápego de tudo , o que póde recrear os sentidos. Foy o caso. Hum Religiosa era tão opposta ao Canto singelo , que se usa na Descalcêz Carmelitana , por instituição de sua Santa Fundadora , que sempre , que se cantavaõ os Officios Divinos , estava ella fazendo mil tregeitos com a cára ; e não só dentro , mas ainda fóra da cella , se punha a escarnecer das que cantavaõ no Coro , fingindo a vóz de humas , para mais illudir , e zombar de todas. A ser isto por facécia , ou ociosidade de animo , em pouco poderia parár o defenfadado : aindaque sempre he reprehensivel este , quando se acha em pessoas , que viéraõ a tratar na Religião hum negocio

## CAPITULO XXII. 167

Anno 1642. gocio de tanta seriedade, qual he o da perfeição Religiofa. Porém mostrou o fucceffo, que era, mais que liviandade, não pouco defprazer a hum coftume fantamente introduzido na Ordem, pelos juftos motivos, que foraõ presentes a noffos primitivos Padres, quando affim o determináraõ. Porque morrendo a tal Religiofa, e fendo obrigação fazeremfe-lhe os Officios da fepultura cantados pelas mefmas Freiras, nenhuma pode abrir boca em feu enterro; porque ordenou, e permittio Deos, que naquella occafião eftiveffem todas doentes de hum grande catarro, que déra, como epidemía, na Communidade, para caftigar na morte com a falta defta folemnidade do canto á mefma, que em vida o desprezára, fô, porque não tinha as modulaçoens, que ella defejava, mais que para devoção, para doce recreio dos ouvidos.

178 De outra Religiofa nos consta tambem pelas mefmas Relaçoens, que fendo pouco efcrupulofa em materia de pobreza (ou, porque dáva com demazia fem licença da Prelada, ou, porque não fazia tanto cafo dos bens

da Communidade, que zeláffe, quanto devera, os feus desperdícios) veyo em fim a morrer. Huma peffoa, que privava muito com Deos pelo exercicio de fingulares virtudes, tomando á fua conta encommendar-lhe a alma da defunta nas fuas Oraçoens, veyo a entender em huma, que a fvação defta Religiofa eftivéra em grande perigo: mas que ainda que livrára del- le, padecia intoleraveis penas no Purgatorio, pelas faltas, e defcuidos, que tivéra contra o voto, e virtude da fanta pobreza.

179 Pelos finaes, que nelle fe mostráraõ do defagrado de Deos, não he menos formidavel outro cafo, que achamos notado contra a Obediencia. Em certa occafião (fendo Priora a Veneravel Madre Michaéla Margarida de Santa Anna) tinha huma Religiofa duas, ou mais cartas, para mandar a fua mãy, com algumas noticias, que não era conveniente revelarem-fe fóra da Claufura. O como a Veneravel Prelada foubefte fegredo, não consta das Relaçoens: certificaõ-nos fómente eftas, que chamando ella á Madre Maria de S. Joſeph (a tem,

Anno  
1642.

( a tempo , que a tal Religioſa eſtava com a Communnidade no Coro á Miſſa Conventual ) lhe foraõ ambas à cella , para tirarem as ditas cartas , e prohibirem juntamente a ſua remeſſa , como taõ nociva á obſervancia Regular , e odioſiſſima ao bem commum daquella Caſa. Abriraõ a porta da cella com effeito: porẽm ao meſmo tempo começou a Madre Maria de S. Joſeph a queixar-ſe de hum tal quebrantamento do corpo , *Que* ( ſegundo ella depõem ) *lhe parecia , que eſtava em termos de lhe dar hum accidente.* Não fez caſo , nem myſterio diſto a Veneravel Priora , e entrando a buscar o banquinho , em que ſuppoz eſtariaõ occultas as taes cartas , começou a tirar delle humas couſas negras , como carvão , e a experimentar tambem em ſi hum tal tremor por todo o corpo , que arremeſſando com ellas ao chaõ , repentinamente lhe deſappareceraõ da viſta. Atemorizada com taõ eſtranho , e inopinado ſucceſſo, ſahiraõ apreſſadamente da cella , e caminhando para a portaria , eſtiveraõ alli por muito tempo lançadas em terra , como mortas. Mas , recobrados os ſen-

tidos , e arguida ſecretamente a culpada com todas as circumſtancias do caſo , veyo em fim a confeſſar á Veneravel Priora, que no dito banquinho tinha eſcondidas as cartas ; e emendada á viſta de hum taõ formidavel metamorphoſe , ou transformação diabolica , ficou perſuadida do quanto ſe offende Deos de ſemelhantes inobſervancias , e cuidou na cautela. Oh quã pouco caſo fazemos muitas vezes deſtas , que parecem pouquidades ! Mas o certo he , que na juſta Balança de Deos péſaõ ainda muito mais , do que imaginamos. Temaõ-ſe as tranſgreſſoens das leys , por leve que pareça a ſua inobſervancia. Leviffima parecia a de recolher humas minúcias de lenha em dia de Sabbatho quando o Povo de Iſrael vagáva pelo deſerto : porẽm eſta parvidade , q̃ podia fazer-lhe eſcuſavel a ſua pobreza , foy de tanta ponderação na juſtiça de Moysés , que por ordem expreſſa do meſmo Deos , mandou matar apedrejado ao prevaricador da Ley , que defendia , e vedáva as obras ſervís em dias feſtivos. O registo das cartas em noſſa Refórma não he obſervancia de taõ pouco peſo ;

Anno  
1642.

Nũm.  
35.



Anno 1642. peço, que por ella se não tenha experimentado hum grande lucro espirital em todos os Religiosos, e Religiosas, que pontualmente a cumprem: porque não só lhes tira as occasioens, em que póde degenerar a fragilidade humana (que ordinariamente se fomenta com a mayor liberdade) mas tambem, e muito mais, pelos meritos da Santa Obediencia, em quanto manda, que assim as cousas grandes, como as pequenas se fação, e vão reguladas todas pela sua direcção. Tracte-se, pois, com miudeza este ponto, e sirva de cautéla a lembrança de hum exemplo tão formidavel, como o que fica referido; porque não succeda obrigar-mos a Deos a que use, e pratique em nós ainda mais severas, e deploraveis demonstraçoens.

180 Todos estes casos, que deixamos mencionados, foraõ succedendo em diversos tempos nesta Communi-dade por espaço de cincoenta annos, depois da sua fundação. Mas, para que saibamos, que estes nossos não tem mais privilegios, que os antigos, concluiremos a narração com hum aviso, que

Tom. III.

póde servir para mayor circumspecção, e recato, quando succeda semelhante occasião na Posteridade. Ajustados os desposorios de D. Luiz Ambrosio de Mello, segundo Duque do Cadaval, com a Senhora D. Luiza, filha não legitima do Serenissimo Rey D. Pedro II de gloriosa memoria, tirou aquelle Senhor huma licença do Nuncio Apostólico Mons. Cornaro, para fallar com a dita Senhora sua Esposa á porta regal deste Convento, aonde, de idade de oito annos, se recolhera por ordem d'ElRey seu Pay a 21 de Fevereiro de 1687. Pela grandeza das pessoas, e authoridade de quem o mandava, não tivéraõ duvida as Religiosas em abrir a dita porta: mas, como nesta se dilatasse tanto aquelles Senhores, que não poucas vezes demoravaõ a conversação até entrar pela noite; em todas as que assim succedia, se advertiraõ na baranda, que cahe sobre o Claustro, hums gemidos tão sentidos, que deraõ motivo á algumas das Religiosas, para explorar pessoalmente aquelle lugar, por saber de quem eraõ, ou podiaõ ser tão vivos sentimentos.

Y

tos.

Anno  
1642.

tos. Foraõ repetidas as vezes, que se fizeraõ estas diligencias, e já humas, e já outras Religiosas: mas, como de nenhuma pudessem ver, nem alcançar quem dáva huns taes gemidos, ficáraõ entendendo, que o Coração da Santa Madre era o Celestial Oraculo, que mudamente lhes dizia naquellas magoadas vozes, o quanto mostrava, que sentia (ainda lá no Ceo) hum excessõ, que tanto se oppunha ao grande recato, com que creára, e desejava se conservassem todos os seus Mosteiros. He certo, que nem o sagrado, e publicidade do lugar, nem a Christandade, e carácter de humas taes pessoas podiaõ admittir a mais leve suspeita, de que se profanava a conversação. Mas he de tanto melindre a perfeição, e retiro, com que N. Santa Matriarcha quiz sempre os Conventos de suas filhas, que, nem ainda com estes pequenos atomos, consente, que se offusquem as suas luzes. Nem mais obsequiosa, nem mais agradecida ás pessoas da primeira representação, houve alguma, que pudesse comparar-se com Santa Teresa de Jesus. Mas todos estes seus agradecimentos,

e todos estes seus obsequios taõ prudencialmente os medía com a virtude da observancia, que, sem faltar ao decóro das pessoas, conservava sempre na cortezania o resguardo, que he decente, e natural á perfeição de hum rigor primitivo. Este he o nível, ou o prumo, que N. Santa Matriarcha quer ver nas mãos de suas filhas, para obrárem sempre o melhor. Naõ haja falta na attenção das pessoas: mas attenda-se desorte a dar a César, o que he de César, que se naõ falte a dar a Deos, o que he de Deos. Isto he: advirta-se circunspectamente ainda áquellas acçoens, que de muito longe pôdem fazer rosto á perfeição de quem a professou no primitivo rigor, por mais que se altérem as leys da Politica do mundo: porque de outra sorte naõ será facil reprimir os gemidos da Santa Matriarcha, ainda quando a consideramos bemaventurada no Ceo: e póde succeder, que chegue alguma vez o seu sentimento a passar de aviso a mais pesadas demonstraçoens.

181 Das que N. Senhor tem feito nesta Communidade em testemunho do mui-

to,

Anno  
1642.

to; que lhe agrada a sua ob-  
servancia, temos outros tan-  
tos monumentos fieis, quan-  
tos são, e foraõ sempre os  
perigos, de que a tem livra-  
do, e a benigna dignação,  
com que a tem ouvido tam-  
bem nas suas supplicas. Es-  
tando ainda o Convento  
nas casas do Correyo Mór  
Antonio Gomez da Matta,  
em que teve principio, o li-  
vrou Deos milagrosamente  
de ser abraçado por muitas  
vezes. Porque entrando al-  
gumas Religiosas no culpa-  
vel descuido de pôrem sobre  
a cama rolos de cera accesos,  
e adormecerem ao mesmo  
tempo, acháraõ pela manhã  
a cera consumida, sem se  
queimar mais, que aquella  
parte do cobertor, que apa-  
nhava a circumferencia do  
mesmo rolo: querendo Sua  
Divina Magestade, que fi-  
casse esta demonstração do pe-  
rigo, para evidente final, de  
que misericordiosamente as  
guardára da morte violenta do  
fogo, que, communicado  
taõ de perto, era natural-  
mente impossivel não as abra-  
zar. Muito foy isto: mas de  
outro incendio ainda mais vo-  
rãz as livrou Deos pela fór-  
ma seguinte.

Tom. III.

182 Bem descuidadas hum-  
dia ( por estar o Ceo fere-  
no, ainda que nublado o Sol )  
começáraõ, como de repen-  
te, a ouvir huns taes tro-  
voens, e a ver fuzilar re-  
lampagos taõ medonhos, que  
o ar, parece, se queria desfa-  
zer em iras contra a terra,  
pela vehemencia, e repetição,  
com que cruzávaõ de huma  
a outra parte sobre o  
Convento. Nesta confusão,  
e pavor, que de ordinario  
acomette a quem Christãa-  
mente conhece, que mais,  
que em outras, se deve ne-  
stas occasioens temer a Deos,  
como diz Santo Agostinho:  
*Semper timendus Deus, ma-  
ximè cum tonat*; recorreraõ  
ao commum asylo da Ora-  
ração, implorando a Divina  
Misericordia, para que lhes  
valesse em taõ apertado con-  
flicto. Porém, quando mais  
fervorosamente faziaõ as suas  
supplicas, vendo clarear ex-  
traordinariamente a Casa, em  
que estavaõ recolhidas, e per-  
cebendo ao mesmo tempo  
hum cheiro de polvora taõ  
terrivel, que as deixou não  
menos affombradas, que me-  
drosas; fugiraõ da Estancia  
ao Dormitorio, sem mais  
acordo, que o de conhece-  
rem, que estava chegado o

Y ij ultimo

Anno  
1642.



ultimo fim da sua vida. Dis-  
 Anno correndo, pois, nesta afflic-  
 1642. ção confusamente pelo Quar-  
 to, viraõ sobre elle hum co-  
 mo monte de fogo, que vi-  
 nha com grande velocidade  
 a cahir no lugar, em que el-  
 las andavaõ. Não he facil de  
 ponderar a perturbação, em  
 que se viraõ as pobres Re-  
 ligiofas com este novo espé-  
 ctaculo. Mas, como quem  
 serve de véras a Deos nun-  
 ca o teme desorte, que lhe  
 falte a viva confiança da sua  
 protecção; entráraõ a chamar  
 por ella com menos vozes,  
 que lagrimas, e o Senhor a  
 mostrar, que as queria favo-  
 recer, e amparar naquelle  
 aperto. Forma-se de repente  
 hum Rayo: começa com os  
 seus costumados giros sobre  
 o Convento; e, como for-  
 cejando por cahir em elle,  
 se via claramente, que, con-  
 tra o seu impeto natural, o  
 detinha outro poder mais for-  
 te, para que não cahisse. E  
 assim foy; porque desfenga-  
 nado aquelle fogo, que não  
 podia contrastar o de Deos,  
 que ateáva nos coraçoes de  
 suas Esposas; deixando em  
 humas paredes evidentes si-  
 naes dos insultos, que deter-  
 minava fazer, o viraõ levan-  
 tar sobre o telhado, e ir

fugindo precipitadamente pa-  
 ra o mar, aonde se sepultou.  
 Com este beneficio (que to-  
 das tivéraõ por milagre) de-  
 pois de o agradecer a Deos  
 em mil acçoens de graças,  
 ficáraõ confessando, que hum  
 tal Rayo fora sómente luz,  
 a que claramente viraõ o po-  
 der, e amor, com que as  
 amparava o seu Deos; e con-  
 tinuando em lhe não desme-  
 recer dalli por diante outro  
 qualquer favor, que Sua Di-  
 vina Piedade se dignasse fa-  
 zer-lhes, experimentáraõ bre-  
 vemente o que nos conta  
 huma Religiosa nesta forma-  
 lidade: *No mesmo anno (diz  
 ella em seu depoimento) nos  
 entráraõ em casa huns ladroens  
 tão insolentes, e temerarios,  
 como mostrou o atrevimento,  
 com que chegáraõ até a cozinha;  
 aonde, abrindo huma arca, e  
 tirando tudo o que havia nel-  
 la, pudéraõ sem dítvida rou-  
 bar quanto havia no Conven-  
 to, se N. Senhor nos não de-  
 fendera: porque tanto, sem  
 haver quem lhes resistisse, esta-  
 vaõ senhores delle, que nem  
 soubemos, que tinhaõ entrado,  
 senão ao outro dia, quando  
 achámos a porta da cozinha  
 aberta, e a arca feita em  
 pedaços. Affligimo-nos nota-  
 velmente: mas o rasto nos foy*

Anno  
1642.

mostrando a preſſa, com que fugirão os ladroens; porque ſeguindo-o até o pé do muro, fomos vendo, e recolhendo todas as couſas, que nos levá-  
vão furtadas, ſem faltar a minima. E para mayor prova, de que impulso ſuperior os conſtrangia a fugir, e a largar a preza, até a meſma eſcada, por onde ſubirão, deixáram ar-  
rimada da parte de fóra ao meſmo muro. Não he neces-  
ſario reflexionar ſobre a ma-  
teria deſte ſucceſſo; porque elle por ſi meſmo eſtá incul-  
cando o quanto Deos toma-  
va á ſua conta defender, e  
amparar eſtas ſuas Servas,  
vendo a fiel conreſponden-  
cia, com que o ſervião na  
exac̃ta obſervãcia das ſuas obri-  
gaçoens. Reſta ſómente, que  
digamos a efficacia da Oração  
deſta ſanta Communnidade, re-  
ferindo particularmente dous  
caſos, em que ſe fez, e mo-  
ſtráram mais ſenſiveis os ef-  
feitos della, condeſcenden-  
do o Senhor ás ſuas humil-  
des ſupplicas.

183 Achavaõ-se os po-  
vos ( não ſabemos em que  
anno ) em tão extrema ne-  
ceſſidade de agoa, que, no  
proximo perigo de ſe perder  
a novidade futura, clamávaõ  
todos ao Ceo, para que,

deixando a dureza de bronze,  
ſe abrandaffe a tantos rogos,  
como lhe faziaõ pelo benefi-  
cio commum. Eraõ muitas,  
e continuas as preces publi-  
cas, e particulares, com que  
os homens pertendiaõ mover  
a Deos a que ſe lembraffe  
da ſua afflicção; já obrigan-  
do-o com penitencias, já li-  
ſongeando-o com obſequios,  
repetindo nos Altares os ſeus  
cultos. Paſſáraõ-se mezes ne-  
ſtas Catholicas diligencias,  
ſem que o Senhor ſe dignaſ-  
ſe de pôr na terra os olhos  
da ſua piedade; porque tal-  
vez não ceſſávaõ as culpas,  
com que ſe via gravemente  
offendido. Em huma neces-  
ſidade tão geral não pudéram  
as Religioſas deſta Caſa dei-  
xar de recorrer tambem ao  
Ceo, para ajudar com as ſuas  
as Oraçoens dos mais Fieis,  
determinando fazer huma de-  
vota Procissão para eſte fim.  
Eſtava ſómente a duvida no  
modo, e lugar, que a dirigiriaõ,  
viſta a impossibilidade de ſa-  
hirem da Claufura. Mas co-  
mo, entre varios pareceres,  
reſolveſſem, que deviaõ ir á  
Ermida da Payxaõ, que tem  
no Jardim de cerca; orde-  
nando-se em Communnidade,  
caminháram deſcalças, e com  
as mais armas da penitencia

Anno  
1642.

Chri-

Christã, clamando ás portas da Divina Clemencia com lagrimas, e vozes, que indicavaõ bem o humilde desejo de a conseguirem naquelle commum aperto. São as Oraçoens dos Justos as fagradas violencias, que obrigaõ a Deos a conceder-lhes o que pedem, quando convêm para mayor bem seu, ou daquelles, por quem interpõem as suas supplicas: e assim, foraõ taõ efficazes as desta santa Communidade, que ainda bem não tinhaõ fahido á cerca, e não havendo visto em muito tempo nuvem alguma em o Ceo, logo se cobrio dellas em qualidade tal, que começou, como de repente, a chover, e continuou taõ copiosamente nos outros dias, que pode ficar abundantemente foccorrida a necessidade de agoa, que padeciaõ. Já se vê, que hum tal favor de Deos merecia grandes demonstraçoens de agradecimento, e lho déraõ estas Religiosas em acçoens de graças, reconhecendo a benignidade summa, com que se dignava ouvir taõ misericordiosamente as suas supplicas.

184 Em outras, que lhe fizeraõ por huma Freira de-

sta Casa, experimentáraõ não menor clemencia da Bondade do Senhor; porque a necessidade, que occorria, caminhava a deploraveis consequencias, e estava sómente devolúta á méra piedade de Deos a urgencia da sua cura. Passou o caso nestes termos. Agitada de huma profunda melancolia (nascida da abundancia de escrupulos sobre materia de consciencia) se acháva certa Religiosa desta Communidade taõ opprimida, que ainda sendo muitos, e diversíffimos os remédios, que lhe applicáraõ assim a Medicina do Ceo, como a da terra, sem obedecer a nenhum, a conduzio esta pernicioza enfermidade a hum delirio tal, que, perdido totalmente o récto uso do entendimento, ficou conhecidamente louca. Pósta neste miseravel estado, e feridas da Caridade as mais Religiosas, como boas irmaãs, era exemplarissima a paciencia, com que tractavaõ, e acudiaõ á enferma; já soffrendo os muitos desconcertos das suas furias (que eraõ grandes) já lamentando as acçoens, em que rompia com indecencia, e ainda com escandalo da racionalidade, que era o que

mais



# CAPITULO XXII. 175

Anno  
1642.

mais as affligia. Não tinhaõ aqui lugar as medicinas espirituales; porque não estava em termos de as receber; e as corporaes aproveitavaõ tão pouco, que, desconfiados os melhores Medicos, puderaõ certificar á Comunidade, que naturalmente era impossivel a restituicão do juizo neste caso: porque na descompostura dos orgaos, e abundancia de humor biliozo, se não podia achar disposicão, que fosse favoravel a huma cura radical. Como as Religiosas, com este desenganho, se viaõ já na precisão inevitavel de não achar remedio na terra, que o pudesse fer efficaz a esta sua irmã, determináraõ recorrer ás medicinas do Ceo; parecendo-lhes, que alli lhes prometia melhor fortuna igualmente a sua esperança, que a experiencia, com que benignamente as ouvia quasi sempre nas suas deprecaçoens. Firmes nesta resolução, ordenou a Prelada, que além das Oraçoens particulares, que cada huma das Religiosas devia fazer com o mayor fervor de seu coração, se havia de seguir por todas huma Novena de jejum a paõ, e agoa; para que as suppli-

cas, juntas com a mortificacão, movessem mais efficaçmente a piedade de Deos a pôr os seus Divinos olhos em huma necessidade, que por si mesma estava clamando pelo remedio. Diz S. Bernardo, que o jejum fortifica, e enriquece a Oraçãõ de todas aquellas efficacias, que são precisamente necessarias, para alcançar de Sua Divina Magestade o que pedimos. E assim foy neste caso; porque havendo já hum anno, que esta Religiosa se achava destituida do uso da racionalidade, ou como hum bruto indomito, e sem razaõ; foy tal, a que achou Deos nas Oraçoens destas suas Servas, que no nono, e ultimo dia deste seu rigoroso jejum, lhes despachou, como pediaõ, as suas supplicas. Ficou a Religiosa tão perfeitamente restituida ao seu antigo juizo, que (como se nalcesse entãõ novamente ao mundo) até a mesma Comunidade, parece, que a não conhecia, vendo-a agora totalmente muito outra, do que pouco antes era. Era feróz; e já a viaõ mansa, como huma Cordeira. Era indecente; e já a observavaõ a mesma compostura. Era finalmente louca

Anno  
1642.

D. Bern. in  
Serm. 38.

ca rematada; e já a olhávaõ

Anno com o seu perfeito entendi-  
1642. mento, tal qual tivéra antes  
de cahir na infânia. Divul-  
gou-se o milagre pelas mui-  
tas pessoas, que, assim de  
dentro, como de fóra da Re-  
ligião, tivéraõ noticia do esta-  
do miserando desta Religio-  
sa; e todas louváraõ a Deos  
pelo beneficio, que fez, e  
vay conservando ha oito, pa-  
ra nove annos; porque ainda  
está viva neste de 1750. A-  
quelle Senhor, que começou  
a obra por sua méra benignida-  
de, a aperfeiçoe até o fim, e dê  
a esta Religiosissima Commu-  
nidade todos os foccorros de  
graça, que lhe são necessa-  
rios, para continuar nas vir-  
tudes exemplarissimas, de que  
nos certifica, e assegúra a ob-  
servancia indefectivel, com  
que edificaõ ao mundo, hor-  
rorizaõ ao Inferno, ator-  
mentaõ ao Demonio, e a-  
gradaõ a Deos.



## CAPITULO XXIII.

*Convoca-se ao Collegio de Fi-  
gueyrò dos Vinhos o primei-  
ro Capitulo Provincial, de-  
pois da Restauração deste  
Reyno: recorre-se ao Vice-  
Colleytor Apostolico, para  
tractar algumas cousas fóra  
da Ley do dito Capitulo; e  
determinaõ-se as mais im-  
portantes ao estabelecimento  
do novo governo da Pro-  
vincia.*

185 **C**omo neste anno  
de quarenta e dous,  
em que vay a Historia, se  
achava o Padre Provincial  
Frey Thomás de S. Cyrillo  
no fim do segundo de seu  
Officio, mandou expedir as  
Cartas Vocatórias aos Prela-  
dos, e Definidores da Pro-  
vincia, para que na Dominga  
terceira depois da Paschoa  
(que cahia a 2 de Mayo do  
mesmo anno) se achassem no  
Collegio de Figueyrò dos  
Vinhos; porque se havia de  
celebrar alli o Capitulo Pro-  
vincial, conforme a determi-  
nação da Ley. Expedidas as-  
sim as Vocatorias, e consi-  
derando o modo, que se de-  
via ter neste Congresso Ca-  
pitular, em ordem ao estabe-  
lecimen-

Anno  
1642

Const.  
part. 2.  
num. 1.

# CAPITULO XXIII. 177

Anno  
1642.

Iecimento do novo governo  
( visto estar defendido o re-  
curso aos Prelados Supremos,  
que residiaõ em Castella )  
resolveo o Padre Provincial  
recorrer ao Vice-Colleytor

de Sua Santidade , e pedir-  
lhe licença para determinar  
em Capitulo todos os pon-  
tos , de que fazia menção na  
petição seguinte.

Anno  
1642.

**D** Iz o Padre Frey Thomás de S. Cyrillo , Provincial  
dos Carmelitas Descalços neste Reyno , què , confôrme  
as suas Leys , tem obrigação de celebrar Capitulo Provincial  
na Dominga terceira depois da Pascoa ; para o què tem cha-  
mado a todos os Vogdes do dito Capitulo ao seu Convento de  
Figueirò dos vinhos , como se determinou no Definitorio de  
Janeiro , celebrado com authoridade de V. Illustrissima. E  
por quanto de presente não ha recurso a Castella , he necessa-  
rio tractar algumas cousas fóra da Ley do dito Capitulo ,  
assim em seu principio , como no procedimento delle , todas  
necessarias, confôrme o estado presente, a saber: se se procederá no  
dito Capitulo à eleição de novos Definidores , ou , se com os  
mesmos , que o são ; ou , se estes durarão mais hum anno até  
o tempo , que corresponde ao Capitulo Geral ; ou , se se ele-  
gerão outros , que durem só hum anno , ou quatro : Se os taes  
Definidores poderão fazer com licença de V. Illustrissima  
seus Definitorios prefixos de quatro em quatro mezes , ou de  
seis em seis , e em particulares , que tenham força de Defini-  
torios Gerães , visto não haver recurso ao Definitorio Geral ,  
e a grande necessidade , que ha , e pôde haver do dito De-  
finitorio ; por quanto elle Supplicante não usou da licença de  
V. Illustrissima para juntar Definitorio mais , que huma vez  
em Janeiro proximè passado. E outro sim , se o dito Defini-  
torio terá lugar , assim junto , como separado , confôrme o tem  
os Definidores Gerães ; e outras cousas , que podem ocorrer  
de necessidade , confôrme ao que se usa tractarem os Capitu-  
los. Pelo que:

**P** Ede o Supplicante a V. Illustrissima em seu nome , e  
de sua Provincia , meliori modo , quo potest , debita  
reverentia , dispense com o dito Capitulo , para se tra-  
Tom. III. Z ctarem



Anno  
1642.

etarem as ditas materias , e outras , que pòdem occor-  
rer : com clausula porèm , que primeiro se proponha ao  
Capitulo o que se quer tractar , perguntando , se lhe pa-  
rece , que se tracte : e ouvida sua conferencia , e toma-  
dos votos secretos , na fôrma da Ley , o que sahir ap-  
provado para se tractar , se tracte , e se prosiga até sa-  
hir aprovado , ou reprovado ; e o aprovado , ou dis-  
pensado , desde logo se tenha por tal : e o que sahir re-  
provado , se deixe , e não tracte mais delle ; e o appro-  
vado , ou dispensado , o approve V. Illustrissima desde  
logo , e lhe dê força , e vigor ; porque assim se seguirá  
o que for mayor honra , e gloria de Deos , que se per-  
tende , e se acudirá á falta , que pòde fazer o recurso  
a Castella. E. R. M.

Anno  
1642.

Apresentada esta petição ao Vice-Colleytor , e vista por elle com madura reflexão a materia , de que tractava , fa-  
hio sobre ella com o despa-  
cho seguinte :

Damos faculdade ao Supplicante para poder tractar na Junta o conteúdo nesta petição , com a mesma clausula , que primeiro se proponha aos Padres Gremiães , o que se houver de tractar , e com seus pareceres , e votos secretos , se procederá a votar sobre a proposta , que se assentar : de que tudo se fará termo pelo Secretario em fôrma , para se nos dar conta ; declarando quantos votos houve por huma , e outra parte. Lisbôa 24 de Abril de 1642 = Jeronymo, Vice-Colleytor. =

186 Com esta supplica , e seu despacho , partio o Padre Provincial para Figueiró dos vinhos , aonde ( che-  
gados que foraõ os Gremiães ) se dêo principio ao Capitulo , lendo na primeira Jun-  
ta delle a dita petição , e despacho do Vice-Colleitor , para que constasse a todos o que se devia fazer naquelle Acto , que continuáraõ com as resoluçoens seguintes.

Primeira : Que para assentar o governo desta Provincia ( visto faltar-lhe o recurso aos Prelados Superiores ) se devia  
proce-

# CAPITULO XXIII. 179

Anno  
1642.

Anno  
1642.

proceder na conformidade do despacho, e dispensa do Vice-Colleytor, e não conforme a ley do Capitulo Provincial, por se terem mudado as circumstancias, com que fora estabelecida. Segunda: Que se guardasse segredo em todas as materias, que se tractassem neste Capitulo, e debaixo de juramento, que todos tomáram de assim o fazer. Terceira: Que se tractasse no Capitulo do governo da Provincia antes, que da eleição dos Definidores. Quarta: Que a Provincia tivesse Definitorio com quatro Definidores, e seu Presidente, conforme a Constituição da Provincia de Indias. Quinta: Que os Definidores fossem naturaes, e professos da Provincia, conforme o Breve do Summo Pontifice, concedido ao Nuncio de Hespanha, D. Antonio Caetano. Sexta: Que aos Padres Definidores se lhes assignalássem lugares por votos secretos, e os tivessem conforme a graduacão, com que sahisssem, em observancia da Ley, que assim o determina. Settima: Que a qualidade dos quatro Definidores fosse a mesma, que pede a Constituição para os Definidores Geraes. Oitava: Que o Padre Provincial fosse o Presidente do Definitorio. Nona: Que o mesmo Padre Provincial tivesse obrigação ( depois de ter visitado a Provincia ) de dar conta do estado della ao Definitorio, conforme tinha obrigação de a dar ao Geral, segundo a Ley. Decima: Que o Definitorio se juntasse de quatro em quatro mezes, e as mais vezes, de que tracta a Constituição do Definitorio Geral. Undecima: Que faltando o Padre Provincial em Definitorio ( de maneira, que não pudessem ser cinco votos ) os que se juntassem elegessem, por aquella vez somente, algum dos Prelados da Provincia, e presidiria no dito Definitorio o Definidor mais antigo, que devia ser o que precedesse em lugar, conforme a Ley. Duodecima: Que o Provincial não pudesse occupar á algum dos Definidores de sorte, que não assistisse ao Definitorio: mas caso, que occorresse circumstancia, que parecesse urgente ao Definitorio occupar á algum dos ditos Definidores, o pudesse fazer, concorrendo para isto quatro votos de cinco, elegendo substituto em seu lugar. Decimatertia: Que em todas as mais cousas, que neste Capitulo se não expressassem, se governasse o Definitorio pelas Leys do Definitorio Geral, assim no modo de jul-

*gar, como nas materias, que pertencem ao dito Definitorio.*  
 Anno Decimaquarta : Que nos casos , em que a Ley do  
 1642. Definitorio Geral determina , que o Geral tenha obri- Anno  
 1642. gação de propôr o que pedirem tres Definidores de seis, 1642  
 neste Definitorio bastará, que o peção dous , para se decidir.  
 Decimaquinta : Que todas as vezes , que tres Definidores  
 pedirem ao Provincial , que junte Definitorio , tivesse obriga-  
 ção de juntá-lo. Decimasexta : Que os casos , e cousas , que  
 em nossas Leys se reservão sômente a N. P. Geral , se re-  
 servem ao Definitorio , para que na Definição seguinte se deci-  
 daõ. Decimaſettima : Que se ao Definitorio vier Carta , que  
 traga este sobrescripto: A NN. Padres Definidores em De-  
 finitorio: na ultima Sessão delle se lhe proponha ao Padre Pro-  
 vincial pelos Definidores ; e elle tenha obrigação de se sahir  
 daquella Sessão , e os Definidores vejaõ a materia da Carta;  
 e parecendo-lhes , que he conveniente tractar-se della em De-  
 finitorio , o chamem; e proposta a materia diante delle , se de-  
 cida por votos secretos , e se faça o que se determinar por  
 tres votos de cinco. Decimaocitava : Que nos casos pessaes  
 de materias graves do Padre Provincial se guarde a Ley do  
 Definitorio de Indias: excepto o recorrer ao Geral, por não  
 haver este recurso. Decimanona : Que os Definidores desta  
 Provincia tivêſsem as preminencias , que tem os Definidores  
 Geraes , pelo mesmo modo , que estão expressadas em nossas  
 Leys.

187 Concluida esta pri- ao Padre Provincial huma  
 meira Sessão , em que se esta- Carta do Vice-Colleytor, em  
 belecerão as resoluçoens re- que lhe dizia por esta forma-  
 feridas, estando já para con- lidade o seguinte.  
 tinuárem a segunda, chegou

**D** Eſejo eu tanto , que esta Sagrada Religião acérte em  
 tudo no ſeu bom governo , que ſendo-me representado ,  
 que ha muitos annos ſe tem alterádo no modo de eleger os Pre-  
 lados della ( contra a diſpoſição dos Sagrados Canones , e ain-  
 da da meſma Regra , ſem haver Breve , ou Conceſſão Apo-  
 ſtólica , que a derogue ) me pareceo neceſſario agora , que  
 eſtes Santos Religioſos Padres estão congregados , para tractar  
 de



# CAPITULO XXIII. 181

Anno 1642. *de assentar o que mais for serviço de Deos Nosso Senhor, e bem da Religião, de encarregar-lhes suas consciencias ( como o faço da parte de Deos com esta Carta, que V. P. mandará ler, quando todos estiverem em Capitulo ) para que determinem o que mais convier ao serviço do mesmo Deos; e para se tirarem os escrúpulos, e inconvenientes, que em o progresso do tempo poderão prejudicar á Religião. Sobre esta materia, me dizem, que o Padre Frey Pedro de Jesus, Provincial que foy, tem hum Papel, que tambem proverá V. P. que se veja pelos Padres; porque pôde servir para bôa direcção deste negocio, no qual não tenho mais, que dizer-lhes, e me encommendo muito ás suas Oraçoens. Nosso Senhor guarde a V. P. Lisboa 6 de Mayo de 1642. = Jeronymo Vice-Colleytor Apostolico. =* Anno 1642.

Recebida esta Carta, e juntamente o Papel (que o Padre Definidor Primeiro Fr. Pedro de Jesus entregou logo) mandou o Padre Provincial, que se lessem ao Capitulo, em observancia da Ordem do Vice-Colleytor. A Carta (como consta da sua formalidade) vinha tão attenta, e tão cheia de devotas, e affectuosas expressoens, que sobre ella só tivéraõ os Padres, que votar mil agradecimentos, que logo protestáraõ mandar reconhecer a Sua Illustrissima. O Papel pôrêr, como continha em cada letra mais que huma injuria aos primitivos Padres, que tão attenta, e prudentemente estabeleceraõ este modo de governo, que, sem

alteração, haviaõ observado atelli os mais Prelados por Concessão Apostolica, pareceo ao Capitulo, que por fer hum libello infamatorio da Religião, e, sobre falso, pernicioso a toda ella, se devia castigar o seu Auctor, se não com as penas, que merecia hum tal atrevimento, ao menos com as que bastassem a latisfazer o escandalo, que já tinha dado, assim dentro, como fóra da Ordem, publicando: Que não havia legitimos Superiores nella, por não terem sido Canonicas as suas eleicoens. Quando for tempo nomearemos assim o Auctor deste Papel, como os seus complices, e tambem o castigo, que tivéraõ; porque não parece

Anno 1642. rece justo interrompermos o fio da Historia com esta, que parece aqui menos necessaria digressão.

188 Faltava só responder formalmente ao Vice-Colleytor, e satisfazê-lo plena, e legalmente na materia, que continha o Papel, que ensinava na sua Carta, e mandava ler ao Capitulo. Todos aquelles Padres se achavaõ sufficientemente instruidos, para poder capacitar ao Vice-Colleytor sobre a justiça, e legalidade, com que se tinha procedido na Ordem em materia de eleiçoens: e que os fundamentos, que tomava o Auctor do Papel, para reprovar este modo de governo, não eraõ mais, que huns paralogifmos, ou argumentos falsos, de que usava, para escurecer a gloria de sua Mãe a Religião, a quem offendia, como filho abortivo, e ingrato aos muitos beneficios, que recebêra della. Porém, como o Padre Frey Sebastião da Conceição, entre os mais do Capitulo, se fazia tão distincto em authoridade, e literatúra (bem conhecidas ambas por todo o Reyno) se comprometteraõ na sua boa diligencia; fiando della, que satisfaria em tudo ao Vi-

ce-Colleytor, e faria, que Sua Illustrissima fosse servido atalhar o damno, que o dito Papel podia fazer na Religião; visto, que ainda nas mais reformadas, nunca faltaõ descontentes, que costumaõ abraçar humas novidades, por serem mais conformes com as particulares inclinaçoens de seus appetites. Mas, porque era necessario, que o Capitulo dêsse o seu poder ao dito Padre no melhor modo, que de Direito podia; mandou, que se lhe fizesse procuração em fôrma pelo Secretario, assignada por todos os Capitulares, e sellada com o Sello da Provincia, para que em tudo tivesse inteira fé.

189 Como o Padre Frey Sebastião era tão zeloso do bem commum, e se doia vivamente, de que houvesse em huma Religião tão reformada, como a nossa, individuos, que a inquietassem, e desluzissem (devendo cooperar todos para o seu credito, e bom nome, com que se conservára atélli) aceitou a commissão com gosto, e a desempenhou desorte; que em huma doutissima Apologia, não só satisfez plenamente ao Vice-Colleytor Apostolico,

# CAPITULO XXIII. 183

Anno 1642. stolico, mas o deixou tão bem inclinado a favorecer a Provincia, que foy necessario todo este soccorro, para ferenar muitas outras tempestades, que se forão levantando na mesma materia de governo, de que, por sua ordem, iremos dando fiel, e verdadeira noticia. Tambem a daremos nos dous Capitulos seguintes de hum, e outro Papel, summando a sua materia, quanto nos for possivel, para que, sem fazermos da Historia Apologia, lhe não faltemos com estes Documentos: porque (supposta a inquietação, e variedade dos tempos, em

que tudo he inconstante) pôde vir caso pelas idades futuras, em que sejaõ necessarias estas memorias; as quaes, fiadas de papeis soltos, se põem na contingencia de se perderem, e ficar prejudicado nesta parte o bem commum, que he o faról, que nos allumia, e conduz na laboriosa fadiga desta Obra, e sua Contextura.

190 Acabado, pois, de concluir este ponto (que deo não pouco, em que cuidar ao Capitulo) continuou este as mais Sessãoens, e a tomar as resoluçoens, que se seguem.

Primeira: *Que a Visita dos Padres Definidores se fizesse na forma da Ley, que tracta da Visita dos Definidores Gerais.* Segunda: *Que o Padre Provincial se visitasse conforme a Ley das Visitas dos Padres Provinciães, ou pelo modo, que viesse estabelecido, e confirmado de Roma.* Terceira: *Que o Capitulo Provincial tenha todos os poderes, para eleger os Prelados de toda a Provincia: e que este poder estivesse em todos os Gremiães do Capitulo, a saber: Provincial, Definidores, que acabavaõ, e de novo eleytos, Priorres, e Vigarios eleitos por Definitorio, conforme a Ley dos Vogães do Capitulo Provincial.* Quarta: *Que no modo de eleger, e qualidades dos que havião de ser eleytos, e modo de fazer o Capitulo, se guardassem todas as leys do Capitulo Geral, a quem substituiu o da Provincia.* Quinta: *Que para confirmação do Provincial, e Definidores, se guardasse tambem a Ley do Capitulo Geral.* Sexta: *Que o Capitulo Provincial tivesse todos os poderes, em ordem ás Leys, como o*

tem

Anno 1642.



tem o Capitulo Geral, visto não terem recurso ao Prelado Su-

Anno perior. Settima: Que mandasse a Provincia hum, ou mais

1642. Procuradores a Roma com as determinações deste Capitulo, firmadas por todos os Capitulares: as quaes se deverião propor a Sua Santidade, pedindo-lhe, com a graça da Confirmação, o novo Indulto de se poder celebrar o Capitulo Provincial futuro na Dominga terceira depois da Paschoa do anno seguinte de 1643, e dahi por diante todos os mais, que se fossem seguindo em correspondencia aos Capitulos Gerães da Ordem, até se tirarem os impedimentos de acudir a elles

Const. 3. p.  
cap. 2. m. 1.

esta Provincia para todas as eleyções, como sempre se havia observado em conformidade da Ley. Oitava: Que o Definitorio fosse adiante, assim como estava, e durasse até que fizessem o Capitulo das eleyções. Nona: Que esta Provincia offerecesse o Padroado á Serenissima Rainha D. Luiza, pela muita devoção, que mostrava ter a Nossa Madre Santa Tereza, e á sua Religião: e que em cada hum dos Conventos da Provincia, assim fundados, como em os que ao diante se fundassem, se lhe diria no dia da mesma Santa Madre a Missa Solemne por sua tenção: e que haveria sempre hum Religioso em cada Convento em Oração por Suas Magestades; e em todas as Sextas feiras do anno jejuassem, tomassem disciplina, e tivessem duas horas de Oração (tudo em Communidade) por Suas Magestades: e que pela mesma tenção se applicassem todos os mais exercicios espirituaes, que se fizessem em toda a Provincia aquelle dia: e que este Decreto se escrevesse na Táboa publica das Memorias perpetuas dos Conventos. Decima: Que visto não haver recurso a Castella, e mandar a Provincia pedir a Sua Santidade a ordem, que havia de ter em seu governo, e ser-lhe necessario ter o seu Definitorio até haver licença de Roma, se pedisse ao Vice-Colleytor Apostólico, em nome de todo Capitulo, fosse servido dar faculdade, e poder, para que o Definitorio procedesse nas materias, como o Definitorio Geral, conforme decretára o Capitulo, até que viesse de Roma o que se supplicava.

191 A'lem de todas estas curadores da Curia Romana resoluções, nomearão Pro- para esta causa do Capitulo,

# CAPITULO XXIII. 185

Anno 1642. ao Padre Frey Pedro Thomás, Prior de Aveyro, e ao Padre Frey André da Encarnação, Prior do Porto, com poderes iguaes em tudo. Comprometteo-se assim mesmo o Capitulo no Definitorio, para que assignassem as procuraçoens, que houvessem de levar os Procuradores de Roma; com condição porém, que se não tractasse nella de outra cousa, nem se accrescentasse nenhuma outra mais áquellas, que o Capitulo determinára; o que tudo ficaria escripto no livro dos Capitulos, e se lhes poria preceito, e daria juramento com todas as clausulas, que diz a Constituição do Procurador de Roma. Determinou-se tambem, que pelos Religiosos professos, e Donados de profissão solemne, na Casa, em que morressem, dissesse cada Sacerdote cinco Missas rezadas, e a Communidade nove (segundo se determina na Ley) hum Officio cantado de nove liçoens, e outro rezado: e que nos outros Conventos da Provincia dissesse cada Sacerdote tres Missas, e a Communidade hum Officio rezado com huma Missa cantada. E isto se determinou,

Tom. III.

por quanto faltavaõ os suffragios em toda a Religião. Anno 1642. Resolveo-se mais, que se não fizessem Socios, nem Nominátas, visto não haver recurso a Castella: mas que no caso, que houvesse pazes, ou licença de Sua Magestade, de maneira, que tivessem obrigação de direito mandar a Capitulo Geral, então se chamariaõ todos os Gremiães deste Capitulo em tempo habil, para elegerem Socios, e fazerem as Nominátas, e tractarem tudo o que mais conviêsse a este ponto. Propo-se tambem a Ermida do Bispo Conde D. João Mendez de Távora, na mesma fórma, que se mandou assentar no livro do Definitorio, e no Convento do Bussáco, de que constará. Ultimamente se determinou, que os Padres Definidores desde logo tivessem os seus lugares respectivos, conforme os haviaõ de ter depois de alcançada licença do Coleytor. Ficou destinada a Casa de Figueyró para nella se celebrar o Capitulo futuro; e se concluiu este aos 19 de Mayo deste mesmo anno de 1642, em que vamos continuando a Historia.

Aa

CA

Anno  
1642.

## CAPITULO XXIV.

*Dá-se breve, e compendiosa noticia das materias, e razões mais principaes, que continha o Papel, que, por ordem do Vice-Colleytor, se mandou ler ao Capitulo, e de que se fez menção no antecedente.*

192 **A** Inda que este Papel, e a sua materia não mereciaõ lembrança nesta Historia, por trazerem consigo huma gravissima injuria a toda a Religiaõ; como se não pôde dar perfeita noticia da bondade do remedio, sem mostrar primeiro as qualidades nocivas do veneno, faz-se preciso abbreviar o que continha o mesmo Papel, para que ao de-

pois se percebaõ melhor as evidentissimas demonstraçoens, com que foy convencido na doutissima Apologã, que formou contra elle o Padre Frey Sebastiaõ da Conceiçaõ por mandado, e ordem expressa do Capitulo.

193 A primeira cousa, que se via no dito Papel, era este pomposo Titulo: *Demonstração do direito, com que os Padres Carmelitas Descalços pertendem ser restituídos á posse de eleger Prelados, que a potencia, e ambição dos Castelhanos lhes tinhaõ usurpada.* Posto este Frontispicio, entrava a dividir o Tractado em doze Sessãoens; na primeira das quaes referia o caso, e propunha a questãõ nesta formalidade.

Const. 3. p.  
Cap. 1. n. 1.

*Entre os Padres Carmelitas Descalços da Congregação de Hespanha se fazem ( de alguns annos a esta parte ) todas as eleiçãoens dos Prelados, assim immediatos, como Superiores, em Capitulo Geral, que se celebra sempre, por obrigação de Ley, no Convento de S. Pedro de Pastrãna. E quanto ás eleiçãoens dos Prelados immediatos, se fazem todas por só quatro votos da Provincia, e sette de fóra della, como consta de suas Constituiçoens, e constará dos mesmos Prelados, que de lá viêraõ eleitõs nesta fórma, ha perto de dous annos. As eleiçãoens, que se fazem em hum, e outro Capitulo Geral de todas as Prelazias, que vãgaõ por morte, ou renuncia, ou por outra qualquer causa, pertencem, e as faz só o Definitorio, que he o Geral com seis Definidores, hum só dos*

Anno  
1642



*dos quaes he natural da Provincia. Duvidamos, pois, agora da justiça destas eleições, e intentamos mostrar, que são todas nullas, tiradas sem bastante authoridade, violenta, e tyrannicamente dos Conventos, e Communidades, á que só pertencia (conforme a direito, e á Regra, que na mesma Religião se professa) o eleger os seus Prelados.*

Anno  
1642.

Anno  
1643.

194 Figurado assim o ca- der na Ordem as taes elei-  
so, e proposta nestes termos ções ( que chama usurpa-  
a questão, referia as causas, das ) e continúa por este mo-  
com que se pertendiaõ defen- do, reduzido a summa.

*Intentaõ os Padres provar estas suas eleições com os motivos seguintes. Primeiro: Porque este he o estilo da Reforma, fundado em suas Constituições, feitas em o seu Capitulo Geral, que se celebrou no dito Convento de S. Pedro de Pastrana, anno de 1604, com authoridade de Clemente VIII, dada ao mesmo Capitulo para poder reformar as suas Leys, e executada desde entaõ atégora por tantos, e taõ doutos, e Santos Varoens, sem contradicção alguma. Segundo: Porque Sixto V por sua Bulla ( que anda no Compendio dos Privilegios da dita Religião ) manda, que as eleições de todos os Prelados se fação no Capitulo Geral. O que tam- bem, dizem, que confirmára depois o mesmo Clemente VIII por outra Bulla, que se acha no Compendio, pondo hum, e outro Pontifice no fim das taes Bullas muy largas, e particulares Non obstantias de qualquer Ley, ou Estatuto em contrario. Terceiro: porque as ditas Constituições, que ordenaõ hum tal modo de eleger, não só forão feitas com a dita authoridade de Clemente VIII, se não também confirma- das por elle mesmo com todas as amplidoens necessarias, para o seu estabelicimento, e vigor. Sobre estes tres motivos accrescentaõ huns, que as eleições, pelo modo, que se costu- ma na Reforma, são verdadeiramente de Compromisso, e como taes muito conformes a Direito. Outros, passando a diante, re- correm aos privilegios de algumas Religioens, dos quaes, dizem, que participão por concessão Apostólica, declarada em muitos Breves, que se expediraõ em varios tempos a seu fa-*

*vor. Tambem não esqueço á alguns o dizerem, que he firme; Anno e constante tradição na Ordem o haver ainda outros Breves, 1642. e confirmaçoens mais amplas, e com clausulas bastantes a de- rogar qualquer direito opposto, quando apparecesse contra o estilo, e modo de fazer as taes eleiçoens. Mas como não exhibem estes Documentos, pouco, ou nada podem soccorre-los huns tão mal inventados subterfugios. Finalmente ( deixados outros muitos, de que usão ) querem, e pertendem cohonestar este seu modo de eleger com huma supposição verdadeiramente falsa, e vem a ser: que ainda dado, e não concedido, que nas ditas eleiçoens, Constituiçoens, e Breves Apostólicos houvesse algum defeito, ou nullidade, bastava o estarem por tanto tempo assim recebidos, e praticados na Religião sem dvida, ou uso em contrario, para fazer ley, e direito firme, e constante; pois o costume de tantos annos, inalteravel na Ordem, he sufficiente titulo, para introduzir; e prescrever qualquer acção, que hum, ou outro tivesse ás taes eleiçoens: Isto o que dizia summariamente na primeira Sessão.*

195 Na segunda, e terceira intentava persuadir, que estas eleiçoens, pelo modo, que se faziaõ na Refórma ( não obstante os motivos allegados ) eraõ, e foraõ sempre manifestamente injustas, nullas, e por todos os principios deametralmente oppostas, e contrarias ás disposiçoens dos Sagrados Canones; e direito Municipal da mesma Religião.

São, e foraõ sempre ( dizia ) manifestamente nullas as ditas eleiçoens; porque são, e foraõ sempre contra a Regra Primitiva, contra Direito Commum, e contra a torrente dos Doutores. São contra a Regra; porque esta no seu primeiro Capitulo, e preceito manda, que se elega de entre os Religiosos hum, que pareça mais a proposito, por unanime consentimento de todos, ou da mayor, e mais saã parte delles. O que se não deve entender do Prior Geral; não jó, por ser moralmente impossivel poderem concorrer todos os Indivíduos da Ordem para esta eleição; mas tambem ( e muito mais ) porque entã estaria neste ponto relaxada a Regra, sabendo-se,

Anno 1642. *se, que a eleição do Geral do Carmo assim Reformado, como Observante sempre se fez nos Capitulos Gerães, não havendo Breve, que faculte hum tal procedimento. Donde se infere, que este Capitulo da Regra se ha, e deve entender de só a eleição dos Priores locais em os seus Conventos, e não nos Capitulos Gerães, como mal, e inconsequentemente explicão os Padres Frey Thomás de Jesus, e Frey Francisco de Santo Elias em os Commentarios ao dito Capitulo da mesma Regra, dizendo: Que só se deve entender da eleição do Prior Geral, com expressa exclusão dos Conventuaes, que se devem fazer tambem, como a daquelle, nos Capitulos Gerães de toda a Religião. São assim mesmo as taes eleições contra Direito Commum; porque são inumeraveis os Textos, a que directamente se oppoem. Vê-se o Capitulo, Nullus in Ecclesia, de electione, & electi potestate, & ibi glossa: o Cap. Quia propter, eodem Titulo: o Cap. Cum Ecclesia, de causa possessionis, & proprietatis: o Cap. licet Romanus, de Constitutionibus in 6. e outros muitos que fallão uniformemente quasi pelo mesmo Theôr. São finalmente contra o commum sentir dos Doutores; porque isto dizem, isto seguem, e isto ensinão em todas quantas partes fallão, e trãtão de semelhante materia. Referirey sòmente ao egregio Doutor Navarro, o qual traz tanto em termos proprios, e concludentes hum tal caso, que parece o mesmo, que o do nosso assumpto. Consultado, pois, este insigne Mestre pela Sagrada Religião dos Eremitas de Santo Agostinho: Se na supposiçãõ de terem authoridade Pontificia, para reformar, e estabelecer as suas Leys, podião mudar, ou em todo, ou em parte, o estylo de elegerem algumas Provincias os seus Prelados locais nos mesmos Conventos, em que haviaõ de ser Prelados? respondeo, que não podião alterar aquelle costume sem faculdade Apostolica expressamente concedida; porque sendo confôrme a Direito hum tal modo de eleger, só o Romano Pontifice pôde derogar o tal Direito, que concede aos Conventos as eleições dos seus Prelados immediatos. Que cousa mais clara? Que mais pudéra dizer este grande Homem, se fosse perguntado pelos Carmelitas Descalços neste caso, que se controverte? Não ha logo, para*

Anno 1642.



para que deter a penna em mostrar mais a injustiça, e nullidade das eleições, pelo modo, que se pratica na Ordem, sendo, como são contra Direito Municipal della, contra os Sagrados Canones, e sentir commum dos melhores Doutores, em quanto dizem, ser necessario, que o Pontifice faça expressa derogação de qualquer Direito, Regra, ou Ley (ainda que seja das feitas em algum Concilio universal) para que tenha vigor o Breve, ou Rescripto contrario. Porque de outra sorte pôde-se prudentemente presumir, que forão esses Indultos alcançados da Sé Apostólica, callando a contraria disposição do tal Direito, ou Regra; e por conseguinte, que forão nulos, e subrepticios, por falta de legal, inteira, e sincera informação da verdade, a que só se querem conformar os Pontifices na concessão dos taes Indultos.

196 Na quarta Sessão de Breves. E que ainda que o fencia, que Gregorio VIII, de Sixto V mande, que as eleições se façam em Capitulo Geral (contra o que dispõem a dita Regra) nunca comtudo se entende derogada, por não fazer della expressa lembrança, como pede o Direito, e consta do commum sentimento dos Juristas, que dizem ser necessaria esta expressão derogatoria, para a validade dos Diplomas Pontificios.

Resta provar (continúa o Auctor) que os Pontifices não fizêrão nunca memoria, e derogação da Regra Primitiva, nem do Direito Commum, que he, o em que só podia ter alguma dúvida os ditos Breves. Porque ainda que he verdade, que nelles ordenarão os Pontifices, que todas as eleições se fizessem no Capitulo Geral, nunca comtudo puzêrão clausula, que fosse derogatoria da dita Regra, e Direito Commum: nem as Non obstantias; que vem no fim dos mes-

Anno 1642. mos Breves, se podem referir ás eleições, nem ao mais, que nelles fica ordenado até o 2. e numero ultimo, em que só tracta do poder dos Juizes, que nomêa para os darem á execução. E que isto seja, e se deva entender assim, consta, não só do Contexto dos mesmos Breves, mas da intenção dos Pontifices; e materia, de que tractavaõ; a qual não era outra (como decláráo no principio) que augmentar, e favorecer aos Descalços, livrando-os de toda a molestia, e estorvo, que, para a observancia da sua Regra, lhes podiaõ fazer os Padres Observantes, ou outros quaesquer, que se lhes quizessem oppôr a este fim. Porque, como estavaõ exemptos da jurisdicção dos Bispos, e tinhaõ muitos outros privilegios, era necessario derogá-los todos em ordem ao poder desses Juizes, que assignálaõ, para que nenhuma cousa lhes pudesse servir de impedimento a procederem na causa, e obrigar aos rebeldes, quando fossem forçados a fazê-lo, com alguma violencia. E era assim mesmo necessario da parte dos ditos Descalços, pela sujeição, e obediencia, que ainda deviaõ aos Observantes, de quem, não pouco, os eximiaõ os Pontifices nesses Breves, que lhes concediaõ para estabelecimento seu. Porém ao mais, que fica ordenado nelles, he certo, que não podem referir-se as ditas Non Obstancias, como evidentissimamente o mostro com estas tres razoes. Primeira: Porque os Pontifices em seus Breves, e Rescriptos, sempre se prezume quererem conformar-se com a razão, e Direito (o mais que he possível) salva a propriedade das palavras, como affirmáõ Baldo, Décio Parisiense, e muitos outros. Segunda: Porque a derogação do Direito, assim commum, como particular da Regra, he de si tão odiosa, que ainda nos Privilegios se ha de evitar, o mais que pudér fer; com tanto, que não fiquem de todo inuteis, e se salve a propria naturalidade das palavras. Tundo isto he Sentença commua, e por tal a têm, e ensinaõ Innocencio, Panormitano, Bartholo, Silvestre, Sanches, e Soares, o qual a corrobora com a disposição do Capitulo, Sane, do Capitulo, Porrò, de Privilegiis, e daquelle commum Principio de Direito: *Odia restringi, favores convenit ampliari*. Terceira: Porque de estender as ditas clausulas, e Non Obstancias, a tudo o que nos ditos Breves fica ordenado

Anno  
1642.

Bald. leg. Ex facto, de vulgar. & pupilar. Dec. conf. 64. n. 7. Parisiens. conf. 11. n. 127.

Innoc. in Cap. quod dilecto, de consang. & affinit. Panormitan. in Cap. olim. de verb. sign. Barthol. in leg. Si finita, ff. de damn. infer. n. 3. Silvestr. verbo. Privileg. Sanch. de matr. l. 8. disp. 1. n. 4. Soar. de leg. l. 8. cap. 27.

(prin-

Anno 1642. *(principalmente nesta materia de eleicoens) se segue manifesto prejuizo de terceiros em o direito já adquirido; o qual nunca se ha de admittir, nem se entende querê-lo tirar o Pontifice, se expressamente não declara, ser sua vontade, que, não obstante esse damno, consiga effeito o seu Indulto, Rescripto, ou Privilegio. Bem sey, que me dirão, que as clausulas, postas no fim de algum Breve, se hão, e devem referir a todo elle; porque assim se colhe da Ley 3. 2. Si filius de liberis, & posthumis. Mas a isto respondo eu, que a doutrina, e disposição da tal Ley só tem lugar, quando entre todas as cousas, que se tem posto nos antecedentes, se acha a mesma, e não differente razão, para que as ditas clausulas se possam, e devam referir a ellas: porém não se ha de entender, nem com effeito se entende, quando essas clausulas são revogatórias, e irritatórias, como certamente o são as do nosso Caso. Assim o dizem, e explicão Panormitano, Bartholo, Rodriguez, e communmente os Doutores.*

Panormitan.  
in Cap. Eccle-  
siae vestrae de  
elect. Bart. in  
leg. Tali scrip-  
tura, ff. de le-  
gat. 1. Roiz.  
tom. 3. q. 54.  
art. 5.

Esta he a substancia do  
que continha a Sessão quarta.

197 A quinta occupava-se  
toda em responder aos moti-  
vos oppostos, explicando o  
sentido, em que falláraõ os  
Supremos Oraculos da Igre-

ja na concessão daquelles seus  
Indultos, de que os primeiros  
Padres se quizerão valer na Or-  
dem, para estabelecer as elei-  
çoens, e modo de governo,  
que impugna em todo este seu  
Tractado, e prosegue assim.

Ao primeiro argumento respondo com o doutissimo Na-  
varro, a quem se propôz o mesmo em defensa de huma Con-  
stituição da sagrada Ordem dos Minimos, feita em o seu  
Capitulo Geral, approvada em mais de dèz, confirmada pe-  
lo Papa, e praticada por muitos annos na dita Religião. Era  
o motivo, com que se lhe argumentava por parte, e a favor  
da dita Constituição: Que ella fora feita, estabelecida, e au-  
thorizada com a pratica de muitos, e todos doutissimos,  
e Santissimos Varoens. Mas a isto satisfaz elle pela seguinte  
formalidade: Respondeo, concedendo interfuisse præfactis  
Capitulis, quæ prædictum Statutum fecerunt, Viros San-  
ctissimos, & eruditissimos: negando tamen non potuisse eos,

Navarr. l. 3.  
confil. tit. de  
Regul. con-  
fil. 5.

vel



Anno 1642. vel majorem partem eorum errare circa illud, & absque ullo peccato. Que mais claramente o pudera este insigne Varão dizer no nosso caso, se se lhe propuzesse este mesmo argumento, que tambem se nos propõem a nós? Fique, pois, respondido assim, e digâmos mais, que ainda que he verdade, que as taes Constituições se fizêrao, e approvárao nos Capitulos Gerâes, sem que diante dos Superiores se replicasse a ellas, he certamente falso, que o mais Corpo da Religião as approvasse; porque sômente as tolerou, por não poder oppôr-se, e estarem todos impedidos com o rigor de huma Constituição (assáz exorbitante) que sobre isto fizêrao tambem; e querer cada hum tractar mais da sua quietação, que do bem Commum, que entendia não estar tanto á sua conta, como á dos mesmos Prelados, e Capitulos. Se bem, que nem ainda com todo este temor, faltou quem conhecesse, e clamasse a sua injustiça, e nullidade: e a mim me tem succedido andar vozeando, ha annos, atraz de huma, e outra (como sabem os mesmos Prelados) até que agora se offereceo mayor oportunidade para explicar, e propôr ao Ilhustriissimo Senhor Vice-Colleytor de Sua Santidade hum sentimento da alma, que he commum a todo o Corpo desta Religião. Mas deixando por agora esta queixa tão bem fundada, digâmos ainda mais a favor della, que se muitos Prelados confirmárao a tal Constituição de governo, e modo de eleger nos Capitulos Gerâes, foy a mayor, e melhor parte delles por engano: e assim nunca lhes podia ser voluntario esse consenso, que dêrao; porque não ha cousa, que mais se opponha á vontade, e liberdade humana, que o erro, com que se procede em qualquer acção. Pelo que, se prezume com vehementes indicios, que nunca foy seu animo pleno, e deliberado consentir, e aprovar a tal Constituição, sendo, como foy, contra sua vontade.

Const. 3.ª p.  
Cap. 3, n. 3.

198 E para que conste ainda com mais evidencia, que os ditos Prelados se enganárao igualmente na substancia, que no modo de formar, e estabelecer as taes Constituições de governo, he de saber, que em muitas outras cousas errárao, determinando não poucas contra Direito manifesto. Vamos por partes exemplificando a instancia com algumas, ainda que não

todas, as determinações, que o são deste jáez. Primeiramente na 3 parte Cap. 2 numero 6 das Constituições, que hoje servem, ordenarão estes Padres, que ninguém pudesse commetter o seu voto a outro. Isto, se se entende (como piamente cremos) dos que estão impedidos legitimamente, para poder chegar ao lugar do Capitulo, he contra Direito expresso in Capite, Quia propter, de electione, & electi potestate; porque no 2. Illud autem, se concede amplamente este tal modo de commissão, como se pôde ver, e á glossa ibi. Nem este Direito tão manifesto se revogou pelo mais moderno do Concilio Tridentino Sessão 25 Cap. 6 de Regularibus; porque este somente ordena, que não possam os mesmos Prelados, ou Capitulares supprir as vozes dos que faltaão, nomeando outros em seu lugar, como declarão os Eminentissimos Cardedes, e o refere Rodriguez, Miranda, Silvestre, e Portel: mas dos Procuradores, ou daquelles, que ficão legitimamente impedidos, e tinhaão voto nas eleições, não falla de nenhuma sorte o Concilio; porque os suppoem habeis, pelo Direito allegado, que seguem tambem os Auctores referidos. Disputzeraão assim mesmo, sobre a mesma materia, nas ditas Constituições 2 parte, Capitulo 5 num. 1, que nenhum Religioso, em quanto não fosse Sacerdote, tivesse voto, não só em Capitulo de eleições, mas em qualquer outro acto do Conventual. E o que mais he, que nem ainda os Sacerdotes pudessem ter esta liberdade, jenaõ depois de dous annos de professos. Isto tambem he contra Direito; porque (segundo elle) basta, que tenhaão a profissão, e estejaão ordenados de Ordens Sacras, para terem voto, não só em todos os actos do Capitulo, mas tambem no das eleições. Consta do Capitulo Ex eo 2. 2. de electione, & electi potestate in 6, da Clementina Ut ij, qui divinis, de ætate, & qualitate, & ordine præficiendorum: Navarro, e Rodriguez com outros muitos.

Roiz tom. 2  
q. 51. art. 6.  
Mirand.  
Man. tom. 2  
q. 23. art. 7.  
Silvestr.  
verb. Electio q. 3.  
Portel. verb.  
Elect. n. 3.

Navar. l. 1.  
conf. tit. de  
confuet. cõf.  
1. Roiz tom.  
2. q. 51. art.  
13.

199 Mas o que he, e se nos representa mais intoleravel (por ter acontecido muitas vezes) he a mudança, que se tem feito nestas Constituições, não obstante o terem sido estabelecidas com authoridade Apostolica do referido Pontifice. Para o que he de advertir, que ainda que alguns outros ha-  
viaõ

Anno  
1642. *viação declarado a faculdade, que tinha o Capitulo Geral, para fazer quaesquer Leys, ou Estatutos; nenhuma cousa com-tudo lhe concederao de novo mais, que declarar o que de Direito pertencia a estes Padres, supposta a separação, e erecção, que delles faziao em Corpo distincto da Observancia, como consta do Breve de Gregorio XIII, em quanto diz: Que o Provincial da nova Provincia dos Descalços, que novamente instituia, pudesse visitar, castigar, e governar a todos os seus Conventos, e subditos, e convocar a seus tempos Capitulo Provincial, e fazer quaesquer Estatutos, para o mayor bem, e governo da dita Provincia, como naõ contradigaõ a Direito, nem á Regra &c. Tudo o qual, huma vez que o constituia Prelado Superior de todos aquelles homens, lhe pertencia ex jure, e o contém as Bul-las de Sixto V em o numero 12, e a primeira de Clemente VIII em o numero 11. Porém a faculdade, e poder, que o mesmo Clemente VIII lhe deo pelo segundo Breve, para reformar, ou fazer de novo as ditas Leys em o Ca-pitulo Geral, he particular, e delegado, e, como tal, se esten-de a muitas mais cousas, que de Direito commun, e ju-risdição ordinaria lhe competia. Verbi causa: poderem dero-gar quaesquer outros Estatutos, ainda que fossem feitos, ou confirmados pela Sé Apostolica, ou com juramento, e naõ obstantes quaesquer Privilegios, e Constituiçoens Pontificias, com o de mais, que se pode ver, e já repetimos acima em as Non Obstancias dos ditos Breves. E he assim mesmo de advertir ainda nesta materia, que a tal Commissão, e dele-gação naõ se facultou mais, que por aquella vez, e para só o Capitulo Geral seguinte, como consta do numero 50 do dito Breve ibi: In eodem veró Capitulo proximé futuro &c. accrescentando, que as taes Constituiçoens se promulgassem logo, et ut veræ, & propriæ (cæteris omnibus cassis) ab omnibus Religiosis prædictis extunc in perpetuum invio-labiliter observentur. Concluindo finalmente, que quando pa-recer á mayor parte de algum Capitulo Geral, que con-vêm confirmarem-se pela Sé Apostolica essas Constituiçoens, lhas apresentem.* Anno  
1642.



Anno  
1642.

Anno  
1642.

200 Isto supposto, digo agora, que este poder, e Commissão do Pontifice ( não obstante ser tão coartada ) entenderão, e estenderão os ditos Padres de maneira, que no mesmo Capitulo ( entre as Constituições, que fizeram ) occuparão hum em dar a forma, que se havia de guardar em estabelecê-las dalli por diante. O qual não só entenderão das que julgassem por conveniente fazer de novo; senão também da mudança, e revogação das que então formavaõ naquelle mesmo Capitulo. Assim o assentáraõ; assim o estabelecerão; e assim o tem usado com tanta frequencia, que raro, ou nenhum Capitulo Geral se celebrou atéqui ( com serem tantos ) em que não tenhaõ innovado sobre esta materia já humas, e já outras muitas cousas. Isto, he certo, que por nenhum titulo o podiaõ, nem pôdem fazer; porque o Capitulo Geral não tem faculdade para mudar cousa alguma das que se determináraõ em outro Capitulo por especial Commissão, e authoridade do Pontifice. E a razão he; porque aquellas deliberações, assim tomadas, não são effeitos proprios desse Capitulo Geral, se não do Papa, e por força da faculdade commettida, e delegada a elles precisamente para aquella função: e o inferior não pôde contravir á authoridade do Superior, e menos á sua Ley, como he manifesto, e consta dos Textos de Direito, que para isto allega Filino, Navarro, e Soares, que segue, e cita outros muitos.

Filin. in  
Cap. cum  
accessissent,  
de const. n.  
9. Navarr. l.  
1. conf. tit.  
de const.  
conf. 8. Roiz  
tom. 1. q. 11.  
art. 4. Soar.  
de leg. l. 6.  
Cap. 26. n.  
20.

201 A vista, pois, do allegado, já consta com evidencia, que não tendo os ditos Padres a tal authoridade, e Commissão mais, que para aquelle Capitulo Geral, só as Constituições, que nelle se formáraõ, devem ser tidas, e obedecidas por verdadeiras; não sendo aliás nullas por outra Cabeça, como o são certamente todas as que tem alguma cousa contra Direito commum, ou particular da Regra; porque para isto não tinhaõ jurisdição, nem se estendia a tanto a que o Papa lhes commetteo, e delegou, como temos visto, e provado atéqui. As outras porém, e que em outros Capitulos Gerais se estabelecerão, e contêm alguma cousa contra aquellas, são sem dúvida nullas, e injustas pela mesma razão; porque o que determinou alguma cousa por authoridade do Papa, não a pôde tirar, nem mudar por authoridade propria, menos

Anno 1642. Anno 1642.

menos que esse, ou outro Pontifice lha commetta, e delegue em particular para aquella materia. Isto he sem duvida; como tambem o he, que se algumas constituições se accrescentárao nesses Capitulos Gerães, e que não contém cousa opposta ás outras do primeiro Capitulo, nem são contra Direito, ou Regra, podem ser julgadas, e obedecidas por Estatutos, ou Actas dos taes Capitulos Gerães: mas sempre com differente authoridade, que aquellas, pela diversa jurisdição, e poder, com que humas, e outras forão estabelecidas. E por isso desta grande differença se segue, que nas Constituições, que se organizárao, e compuzêrao por delegação Pontificia, não podem outros Capitulos Gerães ordenar, nem mudar cousa alguma sem especial licença do Papa. Podem porém nas que elles fizerão, como Estatuto, ou Acta; porque tem igual, ou a mesma jurisdição, e authoridade, que esses Capitulos Gerães, que as ordenárao. Concluindo, pois, esta larga resposta, de tudo quanto fica expellido consta clara, e evidentissimamente, que, não obstante serem os Padres, que fizerão as Leys de eleições, e governo, Varoens não só doutissimos, mas Santissimos, e como taes zolossimos do bem commum, poderão muito bem, e sem culpa sua, errar na formação das taes constituições; porque: *Non omnia possumus omnes*, e a experiencia mostra muitas vezes, que se enganao os discursos, quando se achão preocupados, até das nimiedades da virtude, a que pudêramos chamar indiscição.

202 Ao segundo argumento, formado das Bullas de Sixto V, e de Clemente VIII (em quanto concedem aos Capitulos Gerães o fazerem-se nelles as eleições de todos os Prelados assim Superiores, como immediatos, não obstante qualquer Ley, ou Estatuto em contrario) já temos respondido com a verdadeira intelligencia das *Non Obstantias*, que vão no fim dos taes Diplômas Pontificios: e assim he superfluo, e ainda será fastidioso, dizer o mesmo, quando tambem não occorre causa de novo, para o repetir. Passemos ao terceiro. Neste argumento, que tomao da authoridade de Clemente VIII, nego primeiramente, que as Leys, que tractão das eleições, fossem confirmadas, não só pelo dito Clemente VIII, mas por algum outro Antecessor seu; porque não consta, nem nos ma-  
 straõ,

*straõ , em que convinhaõ aquellas Constituiçoens , que dizem*  
 Anno confirmou o Papa , com as que agora temos : e já mostrá-  
 1642. mos acima , por hum Breve do mesmo Clemente VIII , como  
 não podiaõ convir com ellas , quanto a isto das eleiçoens. Por-  
 que o Pontifice manda na dita Bulla , que se guarde nesta  
 materia o ordenado por seu Antecessor Sixto V , o qual ( co-  
 mo vimos ) não quiz , nem pertendeo conceder o que estes Pa-  
 dres ordenáraõ , e praticaõ no modo de eleger em seus Ca-  
 pitulos Gerdes. Antes bem he muito differente , e contrario  
 ao que este Pontifice ordenou no particular , como mostra-  
 remos a diante na settima Sessão.

Navar. l. 3.  
 conf. tit. de  
 Regular.  
 conf. 5. n. 10  
 Roiz tom.  
 1. q. 10. art.  
 9. & tom. 3.  
 q. 11. art. 2.

203 Mas demos agora de barato , que com effeito estaõ  
 confirmadas pelos Pontifices mencionados. E que se segue da-  
 qui? Que importa essa confirmação? Nada certamente ; por-  
 que nunca se entende querer o Pontifice confirmar essas Con-  
 stituiçoens em cousa alguma , que fosse contra Direito com-  
 mum , e muito menos contra o particular da Regra , que se  
 professa na Religião ; nem contra a posse , e Direito adquiri-  
 do de terceiros , como doutamente ponderaõ Navarro , e Ro-  
 driguez , citando alguns mais , que falláraõ na materia com  
 muito bõa especulação. E se consta do que temos largamente  
 provado , que se não pôde derogar nenhum destes Direitos ,  
 sem fazer delles expressa menção ; nem ha quem mostre , que  
 os Pontifices a fizésssem nos seus Indultos , de que servem as  
 confirmaçoens affectadas , com que nos argumentaõ estes Pa-  
 dres , para se conservarem firmes na bondade , e justiça de-  
 stas suas Constituiçoens? O certo he , que ainda quando quei-  
 raõ pedir , não só agora , mas pelo tempo a diante , esta con-  
 firmação a qualquer Pontifice , e este a conceda , fazendo  
 expressa derogação do Direito commum , Municipal da Re-  
 gra , e particular de terceiros , interessados nas eleiçoens ; ain-  
 da com tudo isto , digo , que não ficaõ legitimamente confir-  
 madas essas taes Constituiçoens neste ponto , de que tracta-  
 mos ; porque prudentemente se deve presumir , que o Ponti-  
 fice obrou por falsa informação , ou subrepção , occultando-  
 lhe a verdade genuína , e sincera , como devia ser. E assim ,  
 com a devida reverencia aos seus preceitos ( pondo-os na ca-  
 beça , por serem da Suprema da Igreja ) se lhe pôde , e deve  
 repli-



replicar, e suspender a execuçaõ desse mesmo Breve (ainda  
 que venha cum interminatione Divini judicii, & censuris) Anno 1642.  
 até esperar nova reposta sua. São expressos Textos in Cap.  
 Pastoralis de Appellationibus, & in Cap. Si quando de  
 Rescriptis, aonde Filino, Baldo, e Innocencio reprehenden-  
 dem aos Prelados pusilanimos, que tanto temem os Rescrip-  
 tos do Pontifice, que não ousão replicar-lhe, tendo justa, e  
 racional causa para o deverem fazer sem escrupulo, como  
 diz a Glossa in Leg. Puniri, si contra jus, vel utilitatem  
 publicam; porque não faz contra o mandado do Papa o que;  
 por mayor utilidade, credito, e reputação do mesmo Papa,  
 não executa o que em algum Rescripto particular lhe orde-  
 na, como notou Baldo, Alexandre, e Rodriguez, que o  
 prova mais largamente, referindo muitos outros Doutores,  
 que assim o insinuão, e ensinaõ. A vista pois de tudo isto  
 se deixa bem entender, que nos taes Breves confirmatorios,  
 que inventaõ sobre as Constituições, he andar buscando mais  
 cápas, e pretextos, com que cobrir, e corar a violencia, em  
 que se querem conservar; porque vemos, que não procuraõ  
 os meyoys, nem fazem diligencia alguma, porque a verdade  
 se averigüe; mas sim, para que se empâte, suspenda, e oc-  
 culte com tão perniciosas consequencias do bem publico da Re-  
 ligião, como cada dia se experimentaõ nella, sem mais reme-  
 dio, que o das lagrimas, e sentimentos do coração.

Bald. in Leg.  
 fin. cod. de  
 neg. gest.  
 Alex. conf.  
 106. Roiz.  
 tom. 1. q. 6.  
 art. 7.

204 Ao quarto argumento, tirado do Compromisso, res-  
 pondo, que tal não houve nunca na Ordem, nem ha Reli-  
 gioso algum nella, que se compromettesse, ou a quem isto se  
 pedisse: antes bem pelo contrario fizeram sempre, e fazem ain-  
 da quanto podem os Prelados, porque elles não entendão, nem  
 saibão o direito, que nesta materia lhes usurpaõ com a violen-  
 cia, que vamos experimentando. Ainda mais dizemos, que  
 não só o não houve, mas nem he possível o tal Compromisso;  
 porque, para que a eleição feita por elle seja justa, e váli-  
 da, he necessario (conforme o Capitulo Quia propter, de  
 electione, & electi potestate) que todos commettaõ o seu  
 poder a alguns Varoens idóneos, e estes em nome delles pró-  
 vejaõ a Igreja de Pastor. Isto diz o Texto; mas não, que  
 os Eleitores possaõ fazer Ley de Compromisso com obrigação  
 aos

Anno  
1642.

Anno  
1642.

aos Successores, ou aos a quem depois pertencer, que obrem o mesmo indispensavelmente. Nem ainda esses Eleitores actuaes, e existentes podem usar deste modo de eleger por Compromisso, senão por aquella vez somente; e isto por unanime consenso de todos, que devem livremente commetter os seus votos aos Compromissarios. Desorte, que he tal o aperto neste particular, que basta, que entre os Compromittentes haja hum, que contradiga o Compromisso, para este ficar totalmente impedido, e revogado, como affirma o já allegado Capitulo, Quia propter, naquellas palavras: Qui vice omnium Ecclesiæ viduatæ provideant de pastore, e o traz Portel com os Doutores mencionados acima. E a razão de tudo he; porque ninguem pôde obrigar a outro, a que renuncie seu direito contra vontade propria, conforme a Regra: Quod nostrum est sine facto nostro auferri non potest; e pelo conseguinte ainda muito menos se pôde constranger a maior parte de huma Religião, a que renuncie o seu voto, e se comprometta por huma Ley naquelles, em que só votaõ huns poucos Individuos, com prejuizo das Comunidades, e Successores. Não ha loga, que recorrer ao Compromisso, para cohonestar estas eleiçoens na Ordem; porque sendo mandado por Constituição, he injusto, irracionavel, e de nenhum vigor, como fica evidenciado superabundantemente nesta resposta. Continuemos com a dos outros motivos, que ainda tem menos força para convencer, que os antecedentes.

205 Dizem estes Padres, que participão dos Privilegios das outras Religioens, e que na sua ha ainda outros muitos Breves ( além dos allegados de Gregorio VIII ) que amplamente derogão qualquer Direito, que se opponha ao modo, e estilo de fazer as suas eleiçoens. E se lhes requeremos, que no-os mostrem, para vermos a sua formalidade, respondem-nos com muita segurança, que estão no Archivo, e Cartorio de Madrid. Bella resposta! Começemos por aqui. Com que, estão no Archivo de Madrid huns Indultos, que tanto servem para dar a conhecer a legalidade das suas Constituiçoens? Creâmos por cortezia aos que affirmão, que estão lá. Digão-nos porêm agora, de que fé são, sendo, ou estando tão occultos, como nos dizem? Mas ali sim! que até est

argu-

Portel in  
Addit. verb.  
Electio n. 8.

# CAPITULO XXIV. 201

Anno 1642. argumentum non apparentium, e estamos no caso. Porém  
 não o deixemos de todo. Se a Ordem mandou ajuntar, e Anno  
 1642. imprimir em hum volume todas as Bullas, e Graças, que 1642.  
 lhe concedeo a Sé Apostólica, como se esqueceo de metter  
 tambem estas, que ficárao no Archivo de Madrid, pertencen-  
 do tanto para formar as Leys fundamentaes da mesma Re-  
 ligião? Desorte, que chega de Roma hum Breve, depois  
 de impressos os outros em Castella, e porque se não perdesse,  
 ou porque não faltasse ao dito volume, mandão-no imprimir,  
 e addir a elle; e então havemos de crer, que ficárao to-  
 dos esses Breves, que nos dizem, clausurados, ou metti-  
 dos entre o pó do Cartório de Madrid? Será assim: mas  
 como esquecerão, ao menos, ao diligentissimo Laercio Cheru-  
 bino, sendo tão exaecto na Collecção do seu Bullario? To-  
 dos os Diplômas Pontificios ficam registados na Curia Apo-  
 stólica, e de lá he, que se valêo o dito Compilador, para  
 os ajuntar em tantos volumes, como sabemos, que orga-  
 nizou de todos, os que pode descobrir, e se tinhao passado  
 até o seu tempo. E que sendo isto muito depois, se não en-  
 contrem estas Bullas confirmatorias, que nos allegaõ? Mas  
 já, que este incansavel Collêctor cahio em tanto esquecimen-  
 to, como se não lembrárao os Expositores da Regra, Frey  
 Francisco de Santo Elias, e Frey Thomás de Jesus, de  
 allegar, e pôr em os seus Commentarios huns taes Breves,  
 como estes? O certo he, que sò fazem menção, e sò recor-  
 rem aos Breves de Clemente VIII, que se achão no sobre-  
 dito Compendio: mas destes, com que querem confirmar o  
 estylo das suas eleiçoens, e nos dizem, que estão no Archivo  
 do Convento de Madrid, nem ainda os tomárao na boca,  
 para nos certificarem da sua data, e do nome dos Ponti-  
 fices, que os concedêrao. Fiquemos, pois, em que huns taes  
 Breves são Chiméras Platónicas, formadas mèramente no  
 ar, para ver, se nos podem illudir. Passemos ao que ac-  
 crescentaõ da communicação com as outras Religioens. Ne-  
 ste ponto concluem, como nos outros; porque bem sabido he,  
 que as Sagradas Religioens communicão humas com as ou-  
 tras sòmente nos privilegios, que dimanão da Sé Apostólica:  
 mas nas Leys, e Estatutos particulares de cada huma, e  
 Tom. III. Cc a que



a que pertence o modo , e estilo de eleger , não ha , nem  
 Anno 1642. pôde haver a tal communicacão ; porque nestes termos não  
 haveria differença entre ellas , e se podia verificar , que to-  
 das erão huma só , visto serem governadas pelas mesmas Con-  
 stituições. Mas demos , que até nestas participaõ. E que se  
 tira daqui ? Que nenhuma das outras Sagradas Religioens  
 tem tal modo de governo , e de eleger , nem o coarctarão  
 tanto , como esta nossa. E entãõ communica com ellas nesta  
 parte ? Será ; porẽm este argumento não nos convence , e as-  
 sim respondãmos ao ultimo , formado na prescripção.

Soar. deleg.  
 l.7. Cap.18.

206 Dizemos , pois , a elle , que contra a Ley Ecclesia-  
 stica não pôde prevalecer costume algum em menos de qua-  
 renta annos , como prõva largamente Soares , referindo hum  
 grande numero de Doutores. E que as Constituições , de que  
 fallamos , não tenhaõ chegado a este tempo , se evidencia ;  
 porque sõmente tem passado trinta e sette annos , depois da  
 sua primeira formação , como consta dellas mesmas , e do Bre-  
 ve Pontificio , porque se lhes commetteo faculdade de as po-  
 derem fazer. Mas concedamos , que as taes Constituições ,  
 que estabelecem este modo de governo , tem todo esse tempo  
 dos quarenta annos. E que se segue daqui ? Que estaõ legi-  
 timamente introduzidas , e , como taes , na posse pacifica de se  
 darem à execucao. Isto he , o que estes Padres dizem , e pertendem ,  
 que assim o entendamos todos : mas não deve ser assim ; porque  
 contra o direito dos Conventos , e Religiosos Mendicantes  
 não se pôde prescrever em menos de cem annos , por privile-  
 gios particulares , que allega Rodriguez , de que tambem go-  
 zaõ os nossos Religiosos , e Conventos. Vejaõ-se agora os an-  
 nos , que a Refórma tem de idade , e achar-se-ha , que neste  
 de 1642 , ainda lhe faltaõ oitenta para os cem , que são ne-  
 cessarios de prescripção. Mas demos-lhe já , que tenha este ,  
 e ainda tempo immemorial , e em todo elle o costume de ele-  
 ger , e governar , pelo modo , que agora se usa na Religiao.  
 Ainda nesta hipóthesis dizemos , que o tal costume introduzi-  
 do não podia fazer Ley ; porque nunca foy voluntario , se-  
 não violento , e causado por erro , ou temor , como podem  
 testificar quantos Religiosos ha na Ordem ; dos quaes rarissi-  
 mos são os que sabem o direito , que tem nas taes eleicoens ,  
 e de

Roiz tom.  
 3. q. 35. art.  
 2.

# CAPITULO XXIV. 203

Anno 1642. e de que estão privados. Pouco dizemos. Até esses mesmos Prelados, que elegem, o não sabem advertir bem; porque não devemos presumir da mayor parte delles (sendo alias Varoens doutissimos, e Santissimos,) entendendo a injustiça, que commettiaõ, se quizessem violenta, e tyrannicamente introduzir em hum tal modo de governo. O como entrou com effeito esta violencia na Ordem, mostraremos adiante com toda a evidencia: e agora dizemos, que o costume involuntario, e causado por erro, engano, e violentamente, nunca pôde prescrever, nem fazer Ley, como de Sentença commua de todos os Doutores prôva elegante, e doutissimamente o Padre Soares ad Saturitatem. Isto parece, que bastava, para satisfação deste argumento. Porém não queremos deixar escrupulo nesta materia, visto ser de tanta ponderação, e termos descoberto a cara, ou corrido o vèlo ao temor do castigo. Demos muito embôra, que este costume de eleger, como querem as Constituiçoens, fosse juntamente com ellas introduzido na Ordem sem violencia, mas livre, e voluntariamente. Ainda neste caso, assim supposto, ousamos a afirmar, que nunca podia, nem pôde fazer Ley, por mais que se contássem tempos, que excedaõ a memoria dos homens. E a razão he; porque assim o tal costume, como essas Constituiçoens, são, e forão sempre irracionaveis, e injustas, como provaremos evidentemente na Sessão decima. E que o costume injusto, e violentamente introduzido em qualquer materia, nunca se habilita, ou caminhe a fazer Ley, que obrigue em consciencia (por não ser costume, senão abuso, e corruptela) prôva o já allegado Soares com a erudição, e desembaraço, que lhe he natural em tudo, quanto tracta nas suas Obras, verdadeiramente aureas.

Soar. de Leg. l. 7. Cap. 12. e Cap. 14. an. 5. & Cap. 18. num. 8.

Soar. de Leg. l. 7. Cap. 6. & 19.

Atéqui a formalidade do Auctor, respondendo aos motivos, que se lhe oppunhaõ por parte da Religião. Mas como ainda se lhe offereciaõ outros para impugnar estas eleiçoens (que he todo o alvo deste seu Papel)

continúa na Sessão settima; mostrando ainda mais a injustiça, e nullidade das taes eleiçoens, por serem contra os mesmos Breves Apostólicos, de que se quizerão aproveitar os primitivos Padres, para as fazerem pelo modo, q̃ praticaõ.



Anno  
1642.

Consta do dito ( prosegue o Auctor ) como os Pontifices não quizerão derogar o Direito Commum, nem a Regra Primitiva da Religião. Mas para que conste ainda mais claramente, mostraremos agora, como não se contentarão com isto somente; se não, que de novo confirmação, e mandado guardar essa mesma Regra nos seus Breves, e consequentemente, que se façam as eleições nos Conventos, visto ordená-lo ella assim no seu primeiro Capitulo. E quanto ao primeiro Breve de Gregorio XIII devemos advertir, que ainda que não tracta cousa alguma em materia de eleições, mais que da do Provincial; como porém os outros Pontifices nos seus Indultos fazem menção delle ( e ainda quasi o referem todo por suas proprias palavras ) será necessario levar desde logo mais advertidas aquellas clausulas, que podem fazer ao nosso proposito, para assim ficar a verdade tão evidenciada, como desejamos, e pertendemos declarar em todo este discurso.

Começa, pois, o Pontifice no seu Breve a expor a causa, que o movia a concede-lo; e diz; Que fora somente, por livrar de toda a molestia, e estorvo aos que pertendiaõ guardar perfeitamente a Regra, que de principio tinhaõ professado. Passa logo a declarar a Supplica, e continua, dizendo: Que Innocencio IV tinha confirmado a dita Regra; e Eugenio assim mesmo IV a mitigára depois em alguns pontos, e preceitos, que lhe parecêraõ mais rigorosos, e menos faceis de observar. Mas, por quanto os ditos Religiosos Descalços a queriaõ, e tinhaõ começado a guardar sem as taes mitigaçoens, e por conta disto padeciaõ alguma molestia dos Padres Calçados da mesma Ordem; pediaõ a Sua Santidade fosse servido congregá-los em Provincia, separada de todas as mais da Observancia; porque só assim podiaõ continuar, sem estorvo, no louvavel intento, com que desejavaõ observar a Regra Carmelitana no seu primitivo rigor. Posto o Proémio, e referida esta Supplica, lhes concede o Pontifice Superiores da sua mesma profissão Reformada: dandõ por causa, e motivo de assim o fazer, o parecer-lhe conveniente, que os que guardaõ Regra mais estreita tenhaõ, dentro do mesmo rigor, quem

Anno  
1642.



os ajude, e governe prospera, e felizmente, segundo o Instituto Regular, que profissão na mayor, e mais perfeita observancia.

Anno  
1642.

208 Isto supposto, e antes de entrarmos a ponderar estas clausulas, devemos advertir com Bartholo, Angelo, Imóla, e Panormitano, que huma das cousas, a que muito se deve attender nos Breves, e Diplômas Pontificios, he o Proêmio, ou o Exordio delles; porque aqui he, que os Papas costumão explicar a sua vontade, pondo a causa final, que os move a passar os ditos Breves. Alem disto, deve-se tambem attender á supplica; porque com ella cuida muito conformar-se o Pontifice na concessão do que se lhe pede, como doutamente dizem Filino, Jason, Martinez, Gutierrez, Soares, e outros. Deve-se assim mesmo notar o principio da concessão; porque conforme a elle se costuma accrescentar tudo o de mais, segundo tornão a dizer Bartholo, e Soares, com outros muitos, que citão, e seguem tambem como indubitavel. Finalmente deve olhar-se muito para a materia, de que se tracta; porque a ella se haõ de accomodar as palavras dos Breves, para que tudo nelles vá regulado pela vontade, e intenção do Pontifice, e senão dêem aos seus Diplômas interpretaçoens menos proprias, e alheyas da sua mente. Assentadas estas supposições:

Bart. ad Leg.  
fin. ff. de hz.  
red. inst. n. 3.  
Panormit.  
Cap. adver-  
sus, n. 2. de  
immunit.  
Ecclæs.

Filin. in  
Cap. inter di-  
lectos, de fid.  
instr. Jas. in  
Leg. Galus.  
ff. de liber.  
& posthum.  
lect. 1. Marr.  
lib. 5. reco-  
pil. tit. 2. l. 1.  
glos. 2. n. 3.  
Gutier. l. 3.  
praticar. q.  
17. & 18. n.  
42. & 43.  
Soar. de  
Leg. l. 8. c.  
27. n. 19.

209 Vemos no dito Breve de Gregorio XIII, que o fim, porque este Pontifice nos declara no Proêmio, que se move a conceder o que se lhe supplica, he a observancia da dita Regra. He indispensavel o pôr aqui as palavras formais do mesmo Breve: Pia consideratione Romanum decet Pontificem circa statum religiosorum ita attendere, ut ipsi religiosi Regulam, quam ab initio professi sunt, observare nitentes, ab omni molestia vindicentur &c. Vemos assim mesmo, que a supplica, que se fez ao Pontifice, he, que aos Padres Descalços (guardando, como guardavaõ a Regra sem mitigação) lhes era necessario, que Sua Santidade os puzesse em Corpo de Provincia, separada dos Padres mitigados, e lhes dêsse Prelados de sua mesma Reforma, com tudo o mais, que supplicavaõ. Vemos finalmente, que conformando-se o Pontifice com esta petição, lha despachou a seu favor dizendo: Que o fazia assim, por  
lhe

Anno 1642. lhe parecer conveniente, que os, que observão Regra mais estreita, tenhaõ Prelados da mesma profissão, para que mais facil, prospera, e felizmente os governem, e ajudem á mayor observancia da dita Regra, e mais Estatutos Regulares. Logo, que mais claro pôde constar, que nunca foy a mente do Pontifice derogar em nada a Regra primitiva; pois não tracta de outra cousa mais, que da sua perfeita observancia, e de a fazer guardar, e confirmar em tudo, como nella se contém.

210 E tanto he isto assim, que ainda o mesmo Pontifice no numero 4 do seu Breve, querendo separar os Descalços em Provincia distincta dos Mitigados, e concedendo-lhes Superiores proprios dentro da mesma Descalcêz, diz: que somente os sujeitava ao Geral Commum de toda a Ordem, o qual por si, ou por outro Varão capaz dos ditos Reformados, e conforme a Regra primitiva, e Estatutos, costumados a guardar na Descalcêz, os pudesse visitar, reformar, reprehender, e castigar, como lhe parecesse mais conducente á perfeita observancia da dita Regra: Qui per se ipsum, vel per alium virum idoneum ex ipsismet Discalceatis, & juxta eorum primitivam Regulam, & instituta regularia, ab ipsis observari solita, eos visitare, reformare, corrigere, & punire possit. E continuando ainda no numero 5 do mesmo Breve a dar-lhes poder, para formar quaesquer Leys, Estatutos, e Constituiçoens, em ordem ao bom governo dos ditos Descalços, faz logo esta memoravel excepção: com tanto, que se não encontrem á Regra primitiva: Dummodo primitivæ Regulæ non adversentur. Bem se vê logo o quanto diante dos olhos levava o Pontifice a observancia irrefragavel da Regra primitiva; e que não queria, nem pretendia outra cousa nas Graças, Indultos, e Favores, que se movia a conceder-lhes com poder tão absoluto, como consta do mesmo Breve. Sendo, pois, hum dos pontos substanciaes da Regra Primitiva, que as eleiçoens dos Prelados immediatos se fação nos Conventos: e sendo tambem esta a prática, não só de toda a Carmelitana Observante, mas tambem da Reformada nos primeiros onze, ou doze annos da sua erécção (por não terem ainda naquelle tempo Capitulos Geraes, nem

Pro-

Anno 1642. *Provinciaes distinctos, em que elegessem) como se não ob-  
serva agora este ponto? Com que zelo o desfizerão? Com que  
authoridade o mudarão?*

Anno  
1642.

211 *Dirão, que com a de Sixto V. Assim podia ser,  
conforme lho faculta no numero 8 do seu Breve. Mas devê-  
rão advertir os introductores do novo governo, que até este  
Pontifice lhes manda, que de tal sorte fação Leys, Estatu-  
tos, e Constituições, que de nenhum modo se opponhão á  
observancia da Regra Primitiva, que professão: Dummo-  
dó Regulæ primitivæ contravenire non possit. E isto repê-  
te muitas vezes no mesmo Breve. Donde se vê claramente,  
o como a vontade, e a mente de Sixto V era, e se estendia  
sômente a conceder o que se não oppuzesse á Regra, que con-  
firmava pelo seu Breve, e queria se guardasse no genuíno,  
e primitivo rigor. O certo he, que se este Pontifice fosse  
sincêramente informado no ponto de eleições, e do que a-  
cerca dellas dispunha a Regra primitiva; não daria faculda-  
de, nem quereria, que se fizessem pelo modo, que se lhe sup-  
plicava; porque não he verosimil, que confirmando elle hu-  
ma tal Regra, e providenciando tanto sobre a sua exactíssi-  
ma observancia, logo no mesmo Breve de confirmação lhe dis-  
pensasse hum ponto tão essencial, qual he o de se elegerem  
os Priores nos mesmos Conventos, em que tem de ser Pre-  
lados; pois seria contradizer-se a si mesmo; o que se não pô-  
de, nem deve considerar da grande vigilancia, e summa cir-  
cunspecção de hum Supremo Pastor. E quando elle assim o  
quizesse, e o mandasse de seu pleno, e absoluto poder, e co-  
mo de certa sciencia, havia de fazer expressa derogação do  
tal preceito da Regra; porque só assim se ficaria entendendo,  
que estava perfeitamente informado; e que era sua vontade  
mudar esse ponto de eleições no modo de as fazer, segundo  
determinava, como temos repetido, e provado muitas vezes neste  
discurso.*

212 *Com semelhantes re- tifices, as quaes omittimos  
flexoens vay continuando, e aqui, não só pela identidade,  
discorrendo no seu Papel o mas por não fazermos ma-  
Auctor delle acerca dos Bre- yor extensaõ em materia, de  
ves de outros Summos Pon- cuja noticia promettemos só-  
mente*



Anno  
1642.

mente huma breve, e compendiosa relação. E assim, passemos a ver, o que nos diz na Sessão 8 deste seu mesmo Allegato, cujo titulo vem a ser: *Mostra-se mais a injustiça, e nullidade das ditas eleições, e das Constituições, que as ordenaõ, por*

*serem contra os mesmos Breves Pontificios, de que se quizeraõ aproveitar, para fazê-las, não observando a fôrma substancial, que nelles se determina. Proposta neste modo a materia desta Sessão, vay discorrendo sobre ella pela seguinte formalidade.*

213 Mas demos agora aos ditos Padres tudo o que intentaõ neste particular, suppondo-lhes debdamente, que pelos Breves mencionados derogaõ os Pontifices a Regra, e qualquer Direito, assim commum, como particular dos Religiosos, em quanto estes se interessão na liberdade de eleger os Prelados immediatos nos seus mesmos Conventos. Concedamos, como digo, tudo isto. Mas, que se infere daqui? Que, ainda neste presuppuesto, são manifestamente injustas, e nullas as eleições, que hoje usão, e de que tractamos. Porque tanto não guardaõ a fôrma substancial, que nos ditos Breves se prescreve; que antes bem, alterando a tal fôrma prescripta, introduziraõ outra muito diversa, em quanto se resolveraõ a excluir a mayor parte dos votos, que ordenaõ os Summos Pontifices nos ditos Breves. E senão, vejaõ. Primeiramente, conforme o Breve de Sixto V ( que foy o que nesta materia innovou alguma cousa ) se deviaõ fazer as eleições, assim de Prelados Superiores, como immediatos, no Capitulo Geral por votos de todos os Gremiães do mesmo Capitulo: que vinhaõ a ser os Gerdes, antecessor, e successor, seis Definidores, e outros tantos Consiliarios, todos os Provinciaes, e os seus Sócios, como consta do numero 8 do mesmo Breve, aonde diz o Pontifice assim: *Ad ipsum Capitulum Generale dictæ Congregationis, præter Vicarium Generalem, cuncti, & singuli Piores Provinciales, cum suis Sociis, Definitoribus etiam Capituli electis, & sex itidem consiliarii accedere teneantur. Atque in eodem Capitulo Generali singulis trienniis novi Piores tam Provinciales, quam singulorum domorum, & monasteriorum, novi itidem consiliarii,*

Anno 1642. filiarü, ac etiam Definidores, eligantur alternis trienniis. Et sic sexto quoque anno in Capitulo Generali per vota eorundem Vicarii Generalis, necnon Priorum Provincialium, Sociorum, Definitorumque, & Consiliarios, primum quidem novi Vicarii Generalis, deinde verò cæterorum hujusmodi Superiorum electiones celebrentur. Atéqui o Breve de Sixto V : *da 108* agora ao de Clemente VIII.

214 Ainda que este Pontifice ordenou depois por huma Bulla, que os Consiliarios não fossem distinctos dos Definidores, he certo, que em quanto ás eleições não fez mais, que confirmar o que Sixto V tinha ordenado sobre ellas no Breve, que já fica referido. Depois deste, ainda dêo o mesmo Clemente VIII outro, em que só concede faculdade para se fazerem Constituições; sem que ainda falle huma só palavra em materia de eleger Prelados, assim dentro, como fóra do Capitulo Geral. Em virtude, pois, deste Indulto Clementino fizêraõ os Padres as suas Constituições, e nellas ordenáraõ, e estabelecêraõ huma mais solemne, em que nos dizem: Que para a eleição dos Priores Conventuaes de cada Provincia concorraõ somente em Capitulo o Provincial da tal Provincia; os seus dous Sócios, os Definidores, o Geral, que acaba de o ser, e o novamente eleito no Officio; por cujos votos precisamente se elejaõ os Priores de cada Convento da tal Provincia. E como o Geral ha de durar seis annos em seu governo, determináraõ outro sim, que no Capitulo Geral intermedio, caso, que o dito Geral não esteja presente, por algum justo motivo, os outros dêz votos, que ficão, elejaõ hum terceiro, que, juntamente com elles, tenha voto nas eleições dos Priores, que se fazem de só aquella Provincia. Tudo consta da 3.ª Parte das Constituições, Cap. 2.º numero 12. e 13. Quizêramos agora perguntar a estes Padres, se huma tal Constituição he feita segundo a fôrma, que prescrevem os Breves Pontificios mencionados? Desorte, que mandaõ estes, que para quaesquer eleições, indifferentemente de toda a Congregação, concorraõ o Geral, Provinciaes, Sócios, Definidores, e Consiliarios; e entã fazem huma Ley, que altera esta ordem, e tira a mayor parte dos votos, que ordenaõ os Breves, e Indultos Apostólicos? E havemos de

Anno  
1642.

dizer, que são justas, e válidas estas eleições, sendo diametralmente oppostas ás mesmas Bullas Pontificias? Não podemos entender o como se haja de cohonestar hum modo de eleger tão exótico, alheyo da razão, e inventado somente por estes Padres, como se nelles substabelecesse a Igreja a authoridade suprema dos Summos Prelados della. Mas deixemos estas exclamações, e vamos adiante com outra Constituição, que também se organizou nesta materia.

215 Ordenarão assim mesmo os Padres na 2.ª Parte destas suas Constituições Cap. 11. §. 7. que os Prioros das Casas Eremiticas os elegesse o Definitorio Geral, que se compõem de sette votos, e hum só delles daquella Provincia, para cujo Ermo se eleger o tal Prior. Agora perguntamos. E este Prior do Deserto não se devia eleger também (conforme os Breves referidos) por todo Capitulo Geral, como se manda, que se elejam os das outras Casas? Assim devia ser; porque as Bullas Apostolicas não fazem excepção de Prioros a Prioros, e de Prelados dos Conventos a Prelados de Desertos. Pois, porque o não fazem assim? Para que tirão as cousas do seu lugar? Como não pondêrão a força, e veneração, que se deve ás determinações Pontificias? He materia de pouco escrupulo, serem, ou não serem Canonicas as eleições? Mas, que pouco se escrupuliza em hum ponto tão substancial ás consciências dos Superiores, e dos Religiosos, de subditos, e dos Prelados! Passemos adiante. Alem destas Constituições, fizeram ainda outra, pela qual se manda, que as eleições de todas as Prelazias, que vagárem por algum incidente, ou renuncia, estejam eo ipso devolutas á jurisdição do Definitorio Geral, e este proveja de Prelados, elegendo outros, que enchaõ o lugar dos que primeiramente se elegêrão. Assim se acha determinado na 3.ª Parte das mesmas Constituições, Cap. 2. numero 15. E não he isto também contra o estabelecido no Breve de Sixto V. numero undecimo? Não ha duvida. Mas não nos admiremos; porque dêrão outro modo de eleger á Provincia de Indias, o qual nem he conforme os ditos Breves, nem segundo Direito, e Regra. Em fim, parece, que nos quizerão dar a entender estes benditos Padres, que erão Senhores absolutos de todo o Direito, e, como taes, podião dispor



Anno 1642. *pôr delle a seu arbitrio, e na fôrma, que se interessassem as suas particulares conveniências; porque de outra sorte não nos podemos capacitar, que huns homens (aliás doutos) deixassem de conhecer humas verdades tão claras, como as que temos mostrado atéqui com tanta evidencia.* Anno 1642.

216 E senão digaõ-nos, que razão, que motivo, ou que fundamento pudêrão ter, para obrarem pela fôrma, que obráraõ, na factura de humas taes Constituiçoens? Se nos dizem, que por virtude do Breve de Clemente VIII, em que se lhes dá poder, para fazerem Leys, pudêrão muito bem derogar as outras Bullas, que ordenaõ o contrario, do que elles determináraõ. Se dizem isto, digo, que he subterfugio, mas não fundamento sólido. Porque ainda que por força do tal Breve pudessem estabelecer o que lhes parecesse conveniente (posto que fosse contra outros Breves, e Constituiçoens Apostólicas, ou contra os mesmos em outras materias) nunca o podiaõ fazer naquellas, que já continhaõ dispensaçãõ, ou derogaçãõ de Direito, assim commum, como particular da Regra; porque para semelhante procedimento lhes não dá poder o mencionado Breve, como temos provádo.

217 Mas dirãõ, que ainda que não tinhaõ poder immediatamente contra o Direito, como pelos Breves antecedentes estava revogado, já a Constituiçaõ não dispõz contra elle, senão contra o que de novo tinhaõ introduzido os taes Breves: mas que para isto lhes dava plena commissaõ, e bastante poder, para fazerem o que fizêrão nessas Constituiçoens. Está muito bem respondido: mas não convence; porque pelo mesmo caso, que não podiaõ dispôr contra Direito, tão pouco podiaõ estender a mais a disposiçaõ, revogaçaõ, ou dispensaçãõ, que estava feita delle; porque esta dispensaçãõ, ou revogaçaõ de Direito he de tal qualidade, que sempre se ha de coartar o mais, que for possível, já que de todo se não possa escusar, salvas as palavras do Privilegio, ou Breve, porque se concede. E assim, dada ao tal Breve, ou Privilegio alguma utilidade, que seja bastante a satisfazer á propriedade das suas palavras, em o de mais, e que possa prejudicar, ou offender a Direito, se ha de restringir, quanto possa ser, como já temos repetido acima, e o prova o

Anno 1642. Soar. deleg. lib. 8. Cap. 14. num. 4. Padre Soares com o exemplo do que tem privilegio, para commutar votos: o qual se ha de entender da commutação igual, e não se pôde estender á desigual sem offender, e prejudicar a Direito. Logo ainda que os, de que tractamos, estivessem já dispensados pelos Breves antecedentes, não podiaõ os ditos Padres estender mais a tal dispensação por virtude do outro Breve, que lhe não dava poder algum contra os taes Direitos.

218 Mas demos, que não havia Direito em contrario mais, que o dos ditos Breves. Ainda nesta supposição digo, que não podiaõ os Padres dispôr cousa alguma contra elles nas Constituições, que fizeraõ em Capitulo Geral (suppondo, como certo, que para isto lhes não dava Clemente VIII authoridade, ou poder algum) E a razão he; porque no tal caso todo o direito de eleger estaria precisamente naquelles, a quem os Pontifices o tinhaõ commettido pelos seus Breves. Logo não se lhes podia tirar sem grave prejuizo seu, e do tal direito, que já tinhaõ adquirido. Logo tambem não podiaõ dispôr, nem fazer Constituição, que fosse contra huns Breves, que nada lhes concediaõ, para damnificar a terceiros. Mas, porque com effeito assim o determináraõ, dizemos, que até por esta parte são nullas, e injustas não só as eleições, mas as Constituições, que assim as estabelecem.

Assentada esta ultima a prová-la na Sessão nona Conclusão, entra o Auctor pela seguinte formalidade.

Sobre tudo, o que fica pônderado acima, encontramos ainda nestas eleições, e Leys, que as ordenaõ, aquella manifesta injustiça, e nullidade, que lhes provêm de serem claramente damnificativas de terceiros; porque privaõ aos Religiosos da liberdade, e direito, que já tinhaõ adquirido, para elegerem os seus Prelados, conforme a determinação dos Sagrados Canones, costume da Religião, e preceito da Regra, que professáraõ. He certo, e irrefragavel principio, que os Summos Pontifices nos seus Breves não intentaõ nunca derogar o direito adquirido de terceiros, se nesses mesmos Breves não expressaõ clara, e distinctamente a tal derogação,



# CAPITULO XXIV. 213

Anno  
1642.

Anno  
1642.

e as causas, que racionalmente os moverão a ella. Desorte, que he condição commua, e excepção intrinsicamente incluída em todas as palavras de qualquer Rescripto, Ley, Breve, ou Privilegio, que, ainda que se não expresse, nunca se entendem em prejuizo de terceiros no direito já adquirido. Assim se tira da Ley 2.ª. Siquis à Principe ff. nequid in loco publico: e o seguem Bartholo, Rebúfo, Silvestre, Rodriguez, Sanches, e outros, que cita, e segue também o doutíssimo Soares no seu verdadeiramente alreio Tractado de Legibus, aonde o prova com evidencia ad Saturitatem.

Soar. de  
Leg. l. 8. C.  
28. n. 10.

219 E he isto tanto assim, que nem ainda o mesmo Summo Pontifice, sem justa causa, e com pleno conhecimento della, pôde tirar a ninguem o direito, que já tem adquirido, e de que se julga em pacífica posse, como dizem Rúbio, Rebúfo, Soto, e outros, que refere Rodriguez; accrescentando em a poço desta doutrina, que se algumas palavras se acharem nos Rescriptos Apostólicos, que pareçam tirar o direito adquirido de terceiros, se devem julgar por superfluas, ainda que o mesmo Pontifice diga expressamente, que o concede de seu moto proprio, certa sciencia, et de plenitudine potestatis. E ainda diz mais este Auçtor, que se por acaso succeder, que o Papa tire a algum esse tal direito já adquirido (qualquer que elle seja) se deve presumir racionalmente, que o fez por importunidade, subrêpção, e engano dos impetrantes, como dizem Antonio Gomez, Casiodoro, Rebúfo, e outros, que cita o mesmo Rodriguez, trazendo, para prova desta doutrina, hum Arêsto da sua mesma Religião. Diz este douto Padre, que acontecendo nella impetrar-se hum Breve, para que o Provincial fosse eleito precisamente pelos Guardians, e mais Padres da Provincia no seu Capitulo Provincial, fora impedido na execução, por se julgar nullo, subrêpticio, e alcançado por importunos rogos, e falsa informação: não obstante trazer o tal Breve hum preceito annexo, e excommunhaõ ipso facto. E a razão, diz elle, que fora; porque no dito Breve se prejudicava o direito, que, por sua Constituição, tinham os Religiosos adquirido, para mandar ao Capitulo hum Procurador, eleito de entre elles, e por seus mesmos votos, para que em nome de todos os Conventuões votasse

Rub. tract.  
de Benefic.  
§. 4. cum le-  
quêt. Rebuff.  
in prax. be-  
nef. in reg.  
de non tol.  
jus quæst.  
glos. 6. n. 13  
& 14. Sot. l.  
3. de just. q. 6  
2. 3. Roiz.  
tom. 4. q. 6.  
art. 9.

Gomez de  
jur. quæst.  
q. 1. Casio-  
dor. in reg.  
de fol. jus  
decis. 39. n.  
5. Rebuff.  
tom. 2.  
Göst. Frac.  
tit. de Res-  
cript. n. 2.  
Glos. 3.



votasse na sobredita eleição do Provincial. Advertindo , que  
 Anno este Breve trazia por clausula expressa , que a tal eleição  
 1642. se fizesse , como mandava o Pontifice , não obstante qualquer  
 Estatuto , ou Ordenação em contrario. Mas como nenhuma  
 palavras , por amplissimas que sejam , e se achem nos Res-  
 criptos , e Breves Apostólicos com a mayor plenidão , tirem  
 o direito adquirido , se expressamente , e depois de conheci-  
 da a causa , não declara o Pontifice , que he sua vontade  
 deroga-lo ; julgou-se , que essa impetração fora nulla , subre-  
 pticia , e obrépticia , e , como tal , indigna de se mandar á exe-  
 cução.

220 A vista , pois , de hum caso , que tinha contra si  
 ainda menos , que o nosso , que havemos , ou podemos dizer  
 da illegalidade , com que estes Padres se intrometêrão a in-  
 novar hum modo de eleger tão contrario á razão , á justi-  
 ça , e a Direito , assim commum , como particular , concedi-  
 do pela Regra aos Religiosos? No caso mencionado da Religião  
 Seraphica tinha o Breve contra si huma Constituição do Capi-  
 tulo Geral , por onde se concedia aos Religiosos elegerem Pro-  
 curador nos seus Conventos , para vir votar em nome seu na elei-  
 ção do Provincial. No nosso caso , porém , tem os Religiosos hum  
 tal direito adquirido para elegerem os seus Prelados nos pro-  
 prios Conventos , que se funda não menos , que em muitos  
 Capitulos dos Sagrados Canones , e em huma Regra , que  
 profissão , e está confirmada tantas vezes pela Sé Apostolica  
 com palavras tão honorificas , que deve fazer respeito , e cau-  
 sar a mayor veneração aos seus professores. E que não ha-  
 vendo Breves , que deroguem estes titulos tão solemnes , em  
 que se fundão os Religiosos , venhão os seus mesmos Pre-  
 lados a defraudá-los do proprio direito adquirido , sem mais  
 fundamento , que o quererem assentar livremente , que lho  
 concedeo Sixto V , e Clemente VIII ? Não reparando ( co-  
 mo devêrão reparar ) que estes Pontifices , ainda que dêrão  
 esse modo de eleger , não fallarão em terceiros , nem no  
 prejuizo , e direito adquirido por virtude da Regra , e prá-  
 tica inalteravel , assim da Religião em Commum , como da  
 Descalcêz em particular , nos primeiros annos da sua erécção.  
 E se não fizêrão a tal expressa derogação ( como consta dos  
 mesmos

*mesmos Breves) concluimos, que tambem por esta razão de notavel prejuizo, que causa aos Religiosos particulares este modo de eleger, são nullas as taes eleições, e as Leys, que as determinão nesta fôrma, injustas, e irracionaveis, por serem contra terceiros, e se oppõem ás sagradas Ordenações da Santa Sé Apostólica, e vontade expressa de seus Veneraveis, e Supremos Pastores. E se não, vejamo-lo em Sessão separada, e seja a decima.*

Anno  
1642.

221 Nesta decima Sessão continúa o Auctor em querer mostrar por outros fundamentos, que assim as eleições, como as Leys, que as estabelecêrao, erao nullas, irracionaveis, e injustas. E mostrava-o primeiramente por auctoridade de Navarro, o qual, sendo consultado por parte de certa Religiao em caso semelhante, respondeo, que era inválido, injusto, e intoleravel o costume, que havia nella, de que só os mais sabios, mais prudentes, e mais anciaos tivessem voz em Capitulo, e fossem admittidos ás eleições dos seus Superiores. E isto por muitas razoes. Primeira: porque he contra a louvavel prática de todas as Religioens antigas, fundadas por Santos Patriarchas, e confirmadas pela Sé Apostólica, como se colhe de varios Canones, que aponta. Segunda: porque aindaque os votos dos Varoens mais

prudentes; mais sabios, e mais maduros pareçao de mayor apreço, que os de todos os mais individuos da Religiao; comtudo, acha-se outra razao, que faz menos conveniente esse tal modo de eleições; porque os poucos com mais facilidade se sobornao, do que os muitos. E por isso he mais util á paz, e bem commum de qualquer Congregação, que sejao muitos os Consultores, e tenhao voz nos seus Capitulos todos os Religiosos professos, e de Ordens Sacras; porque só assim se evitao, ou, quando menos, não acontecerão tão frequentemente esses inconvenientes, que se experimentao na prática do contrario procedimento. Terceira: porque até este modo de eleger por todos os individuos hábeis de huma Congregação, foy observado entre as Republicas mais bem ordenadas dos Gentios. E para

as

Navarr. l. 1.  
tit. de con-  
suet. conf. l. 1.  
Roiz tom.  
1. q. 51. art.  
13. Miran-  
da in Man.  
tom. 2. q. 23  
art. 3.



Anno 1642. as Leys dos Romanos ( a que elles chamavaõ, *Plebescito* ) concorria todo o Povo com os seus votos : por cuja causa se julgáraõ sempre pelas mais justas , e racionais , que as que sómente se costumavaõ fazer pelos Magistrados , sem consulta , nem approvaçaõ dos inferiores.

*Veja-se agora ( exclama o Auçtor do Papel ) que responderia este Doutor ( e tambem Miranda , e Rodriguez , que foraõ da mesma opiniaõ de Navarro ) quando se lhes perguntasse pela justiça de huma Ley , que só quer , que quatro pessoas de huma Provincia vaõ a hum Reyno estranho ; e alli , com mais sette votos ( que pela mayor parte nunca viraõ , nem conhecêraõ aos que haõ de promover ) elejaõ os Prelados , por quem se ha de governar toda a dita Provincia? E isto , sobre ser feita a tal Ley no mesmo Capitulo , contra todo o Direito , pelos proprios , que a executaõ.*

222 Em segundo lugar dizia, que as taes eleicoens, e juntamente as Leys , que as ordenavaõ , eraõ nullas , irracionais , e injustas ; porque naõ guardavaõ exactamente as tres condiçoens sub-

stanciaes , que devem ter todas as Leys para serem racionais , e rigorosamente obligatorias aos subditos de qualquer Republica , e Congregaçaõ bem ordenada.

Naõ guardaõ primeiramente a *Justiça legal* ( diz elle ) porque sendo esta , a que reserva , e conserva á Communidade o seu direito ( segundo ensina Santo Thomás ) estas Leys , de que fallamos , o tiraõ totalmente aos Religiosos , negando-lhes os seus votos nas eleicoens dos seus Prelados , como temos mostrado muitas vezes atéqui. Naõ guardaõ tambem a *Justiça commutativa* ; porque pertencendo a esta medir , e pesar o que se manda com o poder do Legislador , para que naõ mande mais do que pôde ; os Padres Capitulares , que fizêraõ as taes Constituiçoens , sahiraõ tanto além do a que chegava a sua jurisdicçaõ em materia de eleicoens , que excedêraõ as Leys dos Superiores , o Direito *commum* , e o particular da Regra , como se tem mostrado com evidencia em



Anno  
1642.Anno  
1642.

em todo este Tractado. Finalmente não guardão a Justiça distributiva; porque sendo o fim, e officio della repartir igualmente entre os membros de hum Corpo Politico, assim os commodos, como os incommodos, assim os trabalhos, como os allivios; quizeramos, que nos dissessem agora estes mesmos Padres, com quem temos a contenda: se o direito de eleger, que arrogarão a si, he para elles honra, ou descommodo? allivio, ou trabalho? Respondem, que certamente o tem por muito grande peso, e que traz consigo insupportaveis molestias, e perigos de consciencia incomparaveis: e que por livrar destes, e daquellas aos subditos, quizerão tomar tudo sobre si, e allivid-los a elles de tamanha, e tão perigosa carga. Está bem: crea-se-lhes tudo isto por cortezia. Mas sempre se infere, que quanto mais encarecem este peso, mais exaggerão a injustiça da sua Ley. Porque quanto mayor for a carga, tanto mais intolleravel senrazaõ será pô-la toda sobre os hombros de só quatro pessoas, por alliviar ás mais da Comunidade. Repartaõ-se igualmente esses pesos, e ficará a Ley justa, e as eleiçoens ajustadas com o que diçta a razãõ, e o Direito. E se á algum parecer honra, e allivio, que mayor injustiça, que quererem os ditos Padres este allivio, e esta honra somente para si? Ponha-se tudo na balança da igualdade religiosa, e cessarão os inconvenientes, que se apontaõ, e se experimentaõ.

Finalmenre pertendia provar a injustiça, e nullidade das ditas Leys, mostrando largamente, que lhes não convinha alguma das outras condiçoens, que Santo Isidoro, Santo Thomás, e o Decreto de Graciano pedem precisamente a todas as Leys, para serem justas, racionais, e obligatorias á consciencia de quaesquer subditos.

223 Concluida esta decima Sessão, passava a referir na undecima o estado, em que se achava a materia de eleiçoens até áquelle tempo, em que elle escrevia: ponderando juntamente (a seu parecer) o engano, e a violencia, com que o tal modo de eleger se tinha introduzido na Religião por via dos Prelados Castelhanos, e se sustentava até entãõ, sem

Anno  
1642.

se lhe buscar remedio , que  
o fosse efficaz , para facudi-  
rem os Portuguezes hum ju-

go , menos sopportavel á sua  
conveniencia , que á sua re-  
putação.

Anno  
1642.

*Aqui chegou ( diz elle ) o jugo de Castella , para os Carmelitas Descalços , particularmente Portuguezes , aos quaes ( segundo me parece ) devia ser mais pesado , que para nenhum dos outros. Mas nisto mesmo tem provado de grande virtude , sofre-lo tanto tempo , sem nunca tractarem de sacudi-lo , sendo-lhes tão facil ; pois se fundava em huma injuria , e violencia tão manifesta ; e tinhaõ na Sé Apostólica , e ainda dentro deste Reyno , Prelados Superiores , de quem se não pôde , nem deve presumir , que se se lhes denunciasse esta oppressão , não acudissem com zelo á allivia-los della , pelos caminhos mais licitos , e legaes , que facilmente se descobrião na materia. Porém , na verdade , em estes Religiosos foy grande modestia , e virtude dissimular , e soffrer ; porque realmente entendiaõ , que estavaõ obrigados a seguir o tal modo de eleger , e que era do serviço , e agrado de Deos , e mayor bem da Religiaõ. Desorte , que ainda que houvesse alguns , que duvidassem disto , nenhum se queria metter a averigua-lo ; porque cada hum tractava jòmente da sua quietação , parecendo-lhe , que o demais não corria por sua conta. E daqui consta , e se vê claramente o quão pouco podia o detestavel vicio da ambição com os Carmelitas Descalços Portuguezes ; porque se esta os estinulára , fizera-lhes buscar remedio , sabendo , que naturalmente tem animo , para vencer mayores difficuldades com a intrepidéz , e esforço , que he bem notorio , e manifesto a todo o mundo.*

224. Bem verdade he , que havia neste particular hum motivo , que lhes fazia impossivel o remedio dentro da Religiaõ ; porque sabiaõ , que nella estão postas as gravissimas penas de excommunhaõ mayor ipso facto , privação de Officio , voz , e lugar in perpetuum , e hum preceito formal , para que nenhum Religioso ( Subdito , ou Prelado ) possa por si , ou por outra qualquer interposta pessoa , procurar alguma cousa , que directa , ou indirectamente seja contra as Constituiçoens do governo. E o que mais he , que obrigaõ ,

debaixo da mesma censura, a todos, e a cada hum dos Religiosos, que denunciem perante o Definitorio Geral aos que souberem, que são transgressores da dita Constituição. Desta sorte fechárao as portas todas, que se podiao abrir a qualquer recurso, que os verdadeiramente zelosos do bem Commum da Religião intentassem nesta materia; porque nenhum se queria expor a ser réo de tão rigorosos, e exorbitantes castigos, os quaes se lhes applicariao infallivelmente com toda a exacção da sua severidade.

225 Não obstante, porém; esta, me resolvi eu (entre os temorosos) a sahir a campo, para clamar, e dizer sem reboço aos Prelados desta Provincia, que deviao cuidar na reforma desta Constituição; visto ser contra todo o Direito, e ainda injuriosa a todos os Religiosos, pelo que lhes tiravao na eleição dos seus Superiores. O motivo, que agora se offerecia, e não havia antes, para eu me determinar, e se deverem resolver tambem estes Prelados, era o mais prompto, e efficaz, que nunca houve, nem ha de haver; porque estamos neste Reyno sem recurso ao de Castella, pelo incomparavel favor, que Deos nos fez em restituir-nos o nosso Rey natural na Pessoa do Serenissimo Senhor D. João o IV, que elle nos conserve por muitos, e felicissimos annos, para bem universal desta Monarchia.

226 Com esta occasião, pois, tão opportuna, communiquei (como dizia) aos Prelados desta Provincia o vivo sentimento, que me feria a alma, de que houvesse nesta Religião huma Ley tão exorbitante, que fecha as portas a todo o discurso, e o impossibilita, para que não aponte os inconvenientes, que pôde descobrir na occurrencia dos tempos, circunstanciada muitas vezes com a bôa razão, para se mudarem as resoluçoens. Tambem lhes dizia, que a exorbitancia da tal Ley se mostrava mais pelas gravissimas penas, que impunha aos seus transgressores; parecendo talvez, que queriao dar a entender os Legisladores, que huma culpa, commettida contra ella, era de mayor peso, que blasfemar de Deos; pois vemos, que por semelhante peccado (posto que o mais enorme) se não costumao applicar tão rigorosos castigos.

227 Nesta supposiçãõ, persuadia eu modesta, e humilde-  
Tom. III. Ee ij mente



Anno  
1642.Anno  
1642.

mente aos ditos Prelados , que , vista a bôa occasião , que havia agora em Portugal , pela separação de Castella , des- fizessem totalmente esta Ley tão injusta ; e se tomasse juntamente o acordo prudente nas que pertencião ao modo de eleger , ponderando com madura reflexão a notoria injustiça , que se fazia aos Religiosos , em lhes usurparem os votos nas eleições dos seus Superiores , contra a mesma Regra , que todos professavamos. Mas , que tiraria eu destas minhas incansaveis persuaçoens ? O fructo , que se seguiu deste meu zelo , não foy outro , que o de me julgarem todos por hum nescio , falto de letras , e intrometido em materias , que , sobre excederem a minha capacidade , não erão da minha obrigação. Nunca duvidei da verdade da primeira censura : mas , como estava certo , de que me não cahia a segunda , sempre me animei a dizer-lhes , que me offerecia a mostrar tudo , quanto affirmava , bem qualificado com o que ensinão os Auctores da melhor classe , quando a oportunidade do tempo dêsse lugar a estas allegaçõens. Pouco , ou nenhum caso fizeraõ deste meu offerecimento ; porque ( como digo ) também o não faziaõ grande da minha literatura. Foraõ continuando com as eleições , como dantes , e eu com a execução da promessa , que lhes tinha feito , de mostrar com evidencia a nullidade , e injustiça de todas ; para que , ao menos , com este meu animo , e exemplo , o tomassem outros de melhor capacidade , e com ella pudessem tractar este negocio , recorrendo ao Colleytor de Sua Santidade neste Reyno , pedindo-lhe justiça. Este foy o motivo principal ( além do zelo do bem commum ) porque me animei a fazer este Papel , e nelle a apontar aos Religiosos o direito irrefragavel , que lhe assiste na eleição dos seus Prelados immediatos , para que o recuperem , sem temor do que lhes pôde acontecer ; pois , quando por este motivo lhes venha alguma perseguição , devem saber , que são bemaventurados os que a padecem pela justiça. Mas , como não ha Religioso nesta Provincia , que não tenha ouvido muitas vezes ( e agora o ouvirá ainda muitas mais ) que as eleições , de que tractamos ( a serem feitas nas Communidades ) trazem consigo hum mar de inconvenientes , sou forçado por ultimo a tractar esta materia na seguinte Sessão , e com ella pôr termo

Marth. 5.  
10.

Anno 1642. *mo a este Papel, que tão odioso, e execrando parecerá aos contra interessados nas ditas eleições.*

Anno 1642.

228 Antes de fatisfazer a esta promessa, entra o Autor a perguntar na duodecima, e ultima Sessão: *Qual seja mais conveniente, e menos arriscado á consciencia dos Regulares: se eleger os seus Prelados immediátos em Capitulo Geral, ou no particular dos Conventos da Provincia? Para responder a isto,* faz primeiramente largas supposições, que lhe parecem necessarias para a decisaõ, e ultimamente resolve: que as eleições, feitas pela Comunidade, são menos occasionadas a inconvenientes, do que as que se costumão fazer nos Capitulos Provinciaes, ou Geraes, e continúa assim.

*Não ha dúvida, que a materia de eleições he a mais crítica, e perigosa, que se encontra nas Familias Regulares, por haver nellas sòmente esta occasião de poderem huns dominar aos outros; que he a paixão predominante, e transcendente por toda a mortalidade, por mais, que se veja recolhida a sagrado. Nesta supposição, pois, apenas se poderá descobrir modo, tempo, e lugar, em que seja moralmente possível evitarem-se todos os inconvenientes, que ordinariamente se alcançaõ nestes Congressos Capitulares; porque, os que se ajuntão nelles, são verdadeiramente homens, e por esta parte custa muito á sua virtude despir-se totalmente dos affectos de carne, e sangue, que sempre puxão para a maior conveniencia dos individuos. Não obstante, porém, esta grande difficuldade, que ha em unir, e concordar entre si as diferentes intenções de semelhantes Juntas; he sem duvida, que nas Conventuões se descobrem menores inconvenientes, que nas Provinciaes, ou Geraes, a respeito das eleições dos Prelados immediátos, como já provamos pelos fundamentos seguintes.*

229 Primeiramente he ponto sem controversia, que os Santos Patriarchas antigos puzêraõ grande cuidado em estabelecer as suas Regras, e Institutos com muita prudencia, precaucionando (quanto humanamente lhes era possível) todos aquelles



Anno  
1642.Anno  
1642.

aquelles inconvenientes , que podiaõ exulcerar o corpo das suas Religioens , se nellas , pelo tempo adiante , se fizesse lugar á malicia , e desordenado appetite da vontade humana , declarada inimiga de toda a sujeição , e inclinada sempre á superioridade. Veja-se pois agora , como as Sagradas Religioens do Carmo , Dominicana , Cartuxa , e algumas outras Monachdes , que contaõ os seus principios pela diuturnidade de muitos seculos , fazem , e fizeraõ sempre as eleicoens dos seus Prelados immediatos nos Capitulos Conventuaes ; sem que atéqui se atrevessem a alterar neste ponto as louvaveis Constituiçoens de seus santissimos Fundadores , devolvendo as taes eleicoens aos Capitulos Provinciães , ou Gerães , como puderaõ. E se he certo , que no decurso de tantos annos , he como moralmente impossivel , que taõ graves , Santos , e doutos Religiosos , Prelados , e Subditos , deixassem de advertir nos mayores inconvenientes ( se os houvesse ) em se fazerem as ditas eleicoens pelas Communidades nos seus mesmos Conventos ; nem tambem lhes faltaria valor , e zelo , para as devolverem aos Capitulos Gerães , ou Provinciães , por conta de atalharem esses grandes incommodos , que premeditaõ os que sòmente as querem nestes taes Capitulos , tirando-as dos Conventuaes , porque o não fizeraõ assim ? Que causa , ou que motivo os faz conservar no primitivo modo de eleger , com que principiáraõ as suas Religioens ? Se as eleicoens dos Prelados immediatos nas Communidades Conventuaes são mais arriscadas , que nos Capitulos Provinciães , ou Gerães , como se não resolvem a faze-las nestes , e as tirão , ou desterraõ totalmente daquellas ? Em quanto anim , sò me posso capacitar , que a causa unica , que ha nessas Santas Religioens , para continuarem no seu antigo modo de eleger os Prelados locaes nos seus mesmos Conventos , não pôde ser outra , senão a de acharem , que as taes eleicoens nos Capitulos Gerães , e Provinciães , estaõ mais occasionadas a discordias , murmuraçoens , sobornos , ambição , e outros gravissimos inconvenientes , do que as que se fazem nos Capitulos , e Congressos Conventuaes. E senão vamos discorrendo na materia por todos os ditos inconvenientes , e acharse-ha esta verdade superabundantemente comprovada.



Anno  
1642.Anno  
1642.

230 Primeiramente em quanto ás inquietaçoens, e discórdias, são tanto mais perigosas as dos Capitulos Geráes, e Provinciaes, quanto peyor, e mais arriscada he a divisaõ das cabeças, que as dos membros; porque a quotidiana experiencia (como Mestra efficaz de todas as cousas) nos mostra evidentissimamente em as Religioens, que qualquer desunião, que haja nos Capitulos Conventuaes, assim para as eleiçoens dos seus Prelados, como para outras quaesquer cousas, que lhes pertença decidir, facillimamente se compõem, e remedêa dentro da mesma Religião, ou pelos Prelados della, ou pelos Presidentes dos mesmos Capitulos, e ainda por alguns outros Religiosos de respeito, que nunca faltaõ nas Communidades: succedendõ ordinariamente comerem, e beberem todos juntos no mesmo dia da discórdia, como se nenhuma houvessem tido entre si. E quando esta dure algum tempo, ao menos nunca he de qualidade, que saya fora dos claustros desses mesmos Conventos; como vemos tantas, e tão repetidas vezes nas inquietaçoens dos Capitulos Geráes, e Provinciaes, que nunca tem fim, nem bastaõ para as socegar os Prelados Superiores de fora da Religião; e, o que he mais de sentir, que nem ainda os Tribunaes seculares, a que muitas vezes chegaõ, por nossos peccados, como fora facil de provar com as experiencias destes tempos, sempre fataes, e dignas de se chorarem com lagrimas de sangue, pelos grandes escandalos, que causaõ a todos os que com mágoa os vêm, e não podem remediar, nem contravir.

231 E se quizermos saber a razãõ desta differença, vem a ser. Primeira; porque em os Capitulos Conventuaes de ordinario não ha gente tão poderosa, e por isso não podem levar as cousas tanto ao cabo, e conforme ao seu gosto, e interesses particulares. Segunda; porque tem logo à mão os Prelados immediatos, e Superiores da mesma Religião, que facilmente remedêaõ, compõem, e pacificaõ tudo. Terceira, e mais principal; porque como os Capitulares dos Conventos tem nisto menos conveniencia, tráctaõ estas cousas tambem com menos affecto; pois quando muito podem haver entre elles dous, ou tres oppositores á Prelazia, e ás vezes nenhum; porque elegem dos que assistem em outras Communidades;

*des: e assim a todos os mais sò lhes vay na eleição o terem*  
 Anno Prelado de seu mayor gosto, ou eleito por seu voto: porèm  
 1642. não ganhão, nem perdem para si a Prelazia; porque bem sa- Anno  
 bem, que não haviaão de sahir todos eleitos, senão sòmente 1642.  
 hum. Nos Capitulos, porèm, que são Gerães, ou Provin-  
 ciães, em que se provêm todas as Prelazias da Provincia,  
 ou Congregação, he certo, que succede tudo isto muito pe-  
 lo contrario; porque como os que em elles se ajuntão, e con-  
 gregaão, são precisamente os Prelados, e as pessoas mais  
 graves da Religião, ás quaes sempre parece, que estão a  
 caber nos officios, e occupaçoens della, não sò lhes vay mui-  
 to, em que as cousas se componhão conforme a seus intentos, e a ter  
 Prelados de seu gosto, e partido, eleitos por seus votos; se-  
 não também a se-lo elles mesmos, ou não se-lo, e a perder,  
 ou alcançar o officio, que esperão, se a procissão se encami-  
 nha pela sua rúa, ou pela dos da sua facção. Pelo que, cuidão,  
 e fazem muito, em que não passe pelas portas alheyas, mas  
 que seja á custa de infinitas discordias, faltas de caridade  
 fraternal, e quebrantamentos de cabeças, como fatal, e escan-  
 dalosamente nos mostra a lamentavel experiencia de cada dia.

232 O segundo inconveniente das murmuraçoens, e detrac-  
 çoens, que não poucas vezes se levantão, e originaão das  
 eleiçãoens dos Capitulos, também se deixa ver; quanto ma-  
 yores occasioens ha para ellas, quando todas as eleiçãoens se  
 fazem nos Capitulos Gerães, e Provinciães, do que nos das  
 Communidades; porque sabemos, que aquellas sò se encami-  
 nhão muitas vezes a desacreditar, e a abater toda huma fac-  
 ção (que não poucas vezes leva o mayor, e melhor de to-  
 da huma Provincia) pois conhecem muito bem os que se met-  
 tem nesta desordem, que consiste o seu levantamento, e con-  
 servação, no abatimento dos outros: ou, que não podem cres-  
 cer os de huma parcialidade, se se não abatem, e deprimem  
 os da outra, que lhes he opposta, e contraria nos seus inte-  
 resses, e ambiçoens particulares. O que se não vê, nem ex-  
 perimenta nas eleiçãoens Conventuaes; porque nellas sò está  
 a diuida em qual de tres, ou quatro devem antepôr; ficando  
 os mais sem resábios entre si, por lhes não passar talvez pe-  
 lo pensamento a preferencia.

## CAPITULO XXIV. 225

Anno  
1642.

Anno  
1642.

233 O mesmo se vê tambem no terceiro inconveniente da paz, ou falsa uniaõ, com que assim huns, como outros mutuamente se soffrem, encobrem os defeitos, e encarecem as partes, e prendas dos da sua facção; porque provendo-se todos os Officios, e Prelazias nos Capitulos Gerães, e Provinciães, qualquer dos Partidos procura, como pôde, que os seus fiquem nos empregos da Ordem; ou seja, por lhes remunerarem alguns serviços, que recebêraõ delles; ou, para por aquelle caminho se conservarem melhor no governo com mais votos da sua parte nos seguintes Capitulos. E para este fim tão sinistro, já se vê, que haõ de dissimular, e encobrir mil defeitos, e incapacidades, que haverá nos da sua facção; deprimindo, e abatendo talvez os mais dignos da outra, só, porque não vão com elles, nem se encaminhaõ á conservação dos seus designios. Considere-se pois agora, se este gravissimo inconveniente se poderá achar nas eleições, que se fazem nas Comunidades particulares. He certo, que nestas parece impossivel huma tal desordem; porque nellas sòmente se tracta da eleição de hum, o qual, em acabando o seu governo, ou vay para outro Convento a ser Subdito; ou, quando o fique sendo no mesmo, em que foy Prelado, tracta-se como particular membro daquelle pequeno Corpo, e não cuida mais em Prelazias; porque sabe, que não tem partido, que o conserve nellas: ou, quando muito, aspirará ás Superiores, se se acha com partes dignas de as merecer, e alcançar nos Congressos Provinciães, ou Gerães de toda a Ordem.

234 Em quanto aos sobornos (que he o quarto inconveniente) bem claro está, quanto mayor occasiã he para elles, quando as Prelazias todas se provêm nos ditos Capitulos Gerães, ou Provinciães; sabendo-se, que alli sò concorrem aquelles mesmos, a quem favorece a esperança de subir, ou entrar no governo. Para cujo fim são tambem aqui mais frequentes os pactos symoniacos, promettendo-se mutuamente os votos huns a outros; porque tem muito á mão o dizerem-se: Ajudai-me vós para esta Prelazia, que eu vos metterei, ou ajudarei para outra. O que se não pôde fazer aos Religiosos de cada Convento; porque nem alli ha mais, que huma Prelazia, que prover; nem elles estão todos hábéis a caber em



Anno  
1642.

ella: e assim, he muito mais remota a occasião de se poderem sobornar estes votos, ou a comprarem-se com as promessas abominaveis de os promoverem nos Officios superiores da Religião, que he o quinto inconveniente, que apontámos, juntamente com o dos sobornos, ou enganos, que se usão nas eleições.

Anno  
1642.

235 O detestavel vicio da ambição, quem duvida, que tem mais campo nos Capitulos Provinciais, e Gerães, que nas Communidades particulares de qualquer Religião? E se não digão-me: não he assim, que os que prevalecem naquelles Congressos Capitulares, procurão, ou tem mais occasião de tirar dos Officios aos que lhes são, ou podem ser contrarios, privando-os de voz, ou espalhando-os para outros Conventos mais pobres, e desaccommodados? Não he assim, que succede muitas vezes, ou ordinariamente, que, por conservarem a graça dos parciais mais poderosos, cuidão com todas as suas forças em prover nas Prelazias immediatas áquelles sujeitos, que elles tem na sua protecção, e privança, mas que sejam huns troncos, e sem outra capacidade, que a de terem cahido em graça aos seus protectores? Quantas vezes se vêm alguns sujeitos no governo immediato, que apenas se lhes podiaõ confiar as chaves de huma portaria, e a muitos, nem as de huma dispensa? Os Prelados immediatos, bem assim como os superiores, devem ser sufficientemente instruidos nas Theologias, e Santas Escripturas, para que com a doutrina dellas possaõ alimentar, e promover aos Subditos ao mayor bem espirital de suas almas. E quantas vezes lamentão as Communidades Religiosas esta falta nos seus mesmos Pastores? E de quem he esta culpa? Claro está, que tudo procede dos Eleytores, aos quães, talvez melhor que aos outros, he notoria a sua incapacidade. E pois, se a sabem, para que os promovêraõ nessas Prelazias? Porque occultáraõ, ou dissimuláraõ esses defeitos, sendo tão manifestos a toda huma Provincia, que se escandaliza de semelhantes promoções? Eu não sey descobrir-lhe outra fonte, de que mane esta desordem, senão a força da ambição, e desejo de conservar hum Partido, muito feito á medida do seu gosto, e que lhe esteja sujeito para tudo, quanto quizerem dispôr, e fazer despóticamente

Anno 1642. mente dentro , e fóra da Religiaõ. Eis aqui , pois , para que  
 querem as eleiçoens nos Capitulos Provinciales , e Gerdes , Anno  
 1642. porque sabem , que os Conventuaes não lhes servem tanto para  
 estes intentos ; ou , ao menos , não lhes são tão faceis de contrastar  
 com as suas difficuldades ; porque , em fim , sempre nellas  
 ha muitos descontentes , que he difficil compôr com todos os  
 seus designios.

236 Estes , e outros muitos , que deixamos , não só de re-  
 ferir , mas de ponderar , são os gravissimos inconvenientes ,  
 a que universal , e ordinariamente estão sujeitas , e occasiona-  
 das as eleiçoens , que se fazem nos Capitulos Gerdes , e Pro-  
 vinciales. Pelo que , deve esta nossa Provincia Portugueza (já  
 que se acha em tão opportuna occasião ) abrir os olhos nesta  
 materia , e ver , com a mais a attenta ponderação , o como ha  
 de precaver huns damnos , que caminhaõ a poder-lhe macular  
 aquelles Candores de observancia , e perfeição , com que fora  
 estabelecida neste Reyno. Porque supposto , que atéqui nos te-  
 nhamos visto como violentados pela mayor força dos Prelados  
 Castelhanos ; já agora com a restauração , e separação , em  
 que nos achamos , pela Misericordia de Deos, ficaremos ven-  
 civelmente culpados , se desprezarmos a obrigação , que nos  
 corre a todos de remediar , remover , ou repellir a gravissima  
 injuria , que padece nossa santa Regra , contravindo-se-lhe  
 hum ponto tão effencial , como certamente he o de se não ele-  
 gerem os Prelados immediatos na fôrma , que ella ordena.  
 Este he o negocio , que todos devemos solicitar com ancia ,  
 para que se não diga pelo mundo judicioso , que já nos des-  
 pedimos do bom nome , e ainda da consciencia , não observando a  
 Regra naquella perfeição primitiva , com que N. Santa Re-  
 formadora no-la propôz , para a guardarmos com a possivel  
 exacção. Se neste particular se não puzerem as providencias ,  
 que pede a sua importancia , ou se não occurrer a propulsar ,  
 os gravissimos inconvenientes , a que se expõem as eleiçoens  
 dos nossos Prelados immediatos nos Capitulos Gerdes , certa-  
 mente nos expomos tambem , a que se julgue de nós talvez  
 peyor , que de outros , cujos procedimentos Capitulares mais  
 servem ao escandalo , que á edificacão. Temos opportunida-  
 de , para emendar as Leys do governo , e estabelecer outras

Tom. III. Ff ij de



Anno  
1642.Anno  
1642.

de novo, que se conformem com a Regra, que he a alma do Estado Religioso. Por conta da separação, que temos de Castella, o Illustrissimo Vice-Colleytor não deixará de concorrer com a sua authoridade, para esta nova reforma das nossas Constituições; porque estando já inteirado sufficientemente do verdadeiro estado dellas neste particular, o zelo do mayor augmento da Religião, e Observancia da sua Regra, o porâ na precisa obrigação de authorizar tudo desorte, que fiquemos seguros na permanencia, e vá crescendo esta Provincia em mayor perfeição do Estado primitivo, que professa. Isto he, o que por agora se me offerece propôr com sinceridade assim á censura dos que melhor o entenderem, como aos zelozos do mayor bem, e credito da Religião. E se nisto mesmo, que tenho dito, para desfazer as nuvens, soasse alguma voz com apparencias de tempestade, e cuja aspereza offenda o veneravel respeito de nossos Prelados, ma desculpará com elles, e com os interessados S. Pedro Damiaão nas seguintes palavras de hum Carta, que escrevêo aos Clêros: *Parcite procacibus labiis, dilectissimi, & si quâ asperiori in vos, falsugine scaturire conspicitis, non in me, sed in vosmet potius redarguite, quia scribere compulsistis.*

S. Petr.  
Dam. lib. 5.  
epist. 13. ad  
Cleros.

237 Esta era em summa a materia do Papel, que se entregou ao Padre Frey Pedro de Jesus, e o Vice-Colleytor ( depois de o ter visto ) mandou, que se lesse em Capitulo, e á vista delle se pacificassem os escrúpulos, e percaucionassem os inconvenientes, que pelo tempo adiante podiaõ prejudicar não pouco á Religião, se se desprezassem. Mas, como o mayor desses mesmos inconvenientes era o gravissimo damno, que o Auctor do di-

to Papel fazia á toda a Religião, fautorizando com elle contra a páz, e bom governo, que estava santa, e doutamente estabelecido pelos antigos, e primitivos Padres Legisladores nossos, a quem gravemente offendia; pareceo necessario lancar mão do Conselho do Sabio, e responder de hum vez ao estulto, para que do silencio não tomasse novos motivos de gloriar-se vaãmente, persuadindo-se, que era Sabio na sua mesma estulticia; e com esta falla per-

Proverb. 26.  
5.



Anno 1642. persuasão levasse adiante o erro, contaminando o Corpo da Religião com Dógmataõ perniciosos, e perjuiciães a toda ella. Assim o fizeraõ os Prelados pela pena do Padre Prior dos Remedios de Lisbõa, Frey Sebastião da Conceição, na doutissima Apologia, que já pomos substanciada no Capitulo, que se segue.

## CAPITULO XXV.

*Dá-se huma compendiosa noticia da Reposta, que o Padre Frey Sebastião da Conceição dêo ao Papel antecedente, por ordem, e mandado particular do Capitulo.*

238 **O** Brigados já a fazer memoria da convincente Reposta, que o Veneravel, e douto Padre Frey Sebastião da Conceição, em nome dos mais Prelados da Ordem, dêo ao Papel mencionado, não podemos deixar de romper naquella justo sentimento, que ainda nos acompanha, de que nesta nossa Religião Carmelitana Reformada, Máy de tantos Prophétas, se levantasse hum, que, arrogando a

si falsamente este titulo, se atrevesse a publicar em nome do Senhor ( não o sendo ) aquelles sonhos, ou doutrinas mentirozas, que, em observancia das Leys da Historia, referimos no Capitulo antecedente. Quando o Seraphico Doutor S. Boaventura vio, que Jeremias se queixava no seu tempo, de que os proprios Cidadãos de Jérusalem, a titulo de Prophétas, semeávaõ doutrinas falsas contra a santidade da Ley de Deos, disse ( como para consolá-lo ) que ainda que na Igreja Cathólica fosse necessario haver estes perniciosos Dogmatistas, perversores da paz, e socego dos Feis; sempre comtudo a Providencia Divina acudira paternalmente com o remedio, provenindo na mesma Igreja, ou Jérusalem militante, quem refutasse a falsidade daquelles Dógmataõ, e mostrasse com evidencia as verdades, que nos deixáraõ estabelecidas os primeiros Fundadores da nossa Fé. Ora esta mesma Providencia, que Deos tem com a sua Igreja universal, dando-lhe santissimos, e doutissimos Varoens, que a defendão em todos os tempos das doutrinas perigosas, que espalhaõ

Anno 1642.

Jerem. 23.  
15. 16.

D. Bonavet.  
in Apolog.  
pauper.

Anno 1642. palhaõ os prevaricadores da sua Ley ; vemos tambem agora usada com a nossa Reforma , pondo-lhe nesta Provincia de Portugal hum Filho taõ douto, e zeloso , que, com o grande cabedal de suas muitas letras , e prudentissimos dictames , desafrontasse toda a Religiao daquellas injurias imposturas , com que o Auctor do Papel referido a quiz , e pertendeo calumniar , semeando , como Propheta falso , doutrinas muito damnosas á paz , e boa economia , em que a puzeraõ os seus primeiros Pays , e Fundadores. Referiremos a douta Apologia ( ainda que summariamente ) pela mesma ordem , com que a escreveu o seu sapientissimo Auctor , para que a clareza aju-

de no methodo á doutrina.

239 Começava , pois , o Anno 1642. doutissimo , e zelosissimo Padre a provar no 2.º. da sua Apologia , que as eleicoens dos Prelados ( especialmente locaes ) naõ saõ , nem foraõ nunca inválidas , pelo motivo de serem em damno de terceiros. E que , quando o fossem , estava já sufficientemente derogado esse direito pelos Breves , que para este effeito nos indultáraõ os supremos Oraculos da Igreja ; os quaes , precedendo justa causa , pódem licitamente tirar aos Religiosos qualquer acção , que por Direito lhes pertença , para elegerem nos Conventos os seus Prelados , sem nisso lhes fazerem aggravo , nem prejuizo , que seja de alguma consideração.

240 *Esta verdade he taõ irrefragavel ( diz o Padre ) que de estabelecer , ou afirmar o contrario , se seguiria temerariamente o errõ de condenar por injustas , e inválidas as Leys santas das sagradas Religioens de S. Francisco , Santo Agostinho , S. Bernardo , e de outras , que ordenaõ , e mandaõ eleger os seus Prelados nos Capitulos Geraes , Provincias , ou Definitorios , e naõ nos Conventos , em que o haõ de ser os ditos Prelados ; os quaes todos se elegem na Companhia de Jesus pelo seu Reverendissimo Geral , e na Religiao dos Brúnos pelo Prior da Gram Cartúxa , que tambem he Geral da mesma Ordem ; sem que atéqui houvesse em nenhuma dellas quem duvidasse , de que justissimamente lho podiaõ conceder os Summos Pontifices , que lhes approváraõ as Leys ;*

*Leys, em cuja virtude fizeraõ sempre por este modo as eleições.*

Anno  
1642.

241

Alem disto, seria tambem condenar o universal uso da Igreja Catholica, em cujas Cathedraes não he o Clero, o que elege os seus Prelados, ou Bispos; senão, que os Principes Soberanos os apresentaõ ao Papa, e este os confirma. Sendo a razão fundamental de tudo; porque o Summo Pontifice, assim como tem supremo poder legislativo, dado por Christo, sem dependencia dos subditos; assim pôde commetter a eleição de quaesquer Prelados a quem lhe parecer, sem que por isto faça á alguém injuria, ou aggravo, que seja consideravel. Desorte, que he plano em Direito, e Sentença de todos os Doutores Catholicos, que até o Papa pôde nomear, e eleger Successor, que presida na Igreja, depois da sua morte, como fez S. Pedro a S. Clemente, e se collige do Decreto de Graciano, e o provaõ largamente o Cardeal Caetano, Victoria, e communmente outros, que cita, e segue Sebastião Cesar na primeira Parte da Ecclesiastica Jerarchia.

Anno  
1642.

242

Deste mesmo poder supremo, e eléctivo dos Prelados da Igreja sem dependencia dos subditos, nasceo o ordenarem os Summos Pontifices diversas Leys em ordem às eleições dos ditos Prelados; porque houve tempos, em que os Povos elegiaõ os seus Bispos: em outros os Cleros das Igrejas: em outros os Bispos visinhos; e agora o mesmo Summo Pontifice os elege, e confirma, commettendo a sua nomeação aos Principes da Christandade respectivamente nos seus Dominios. Donde se segue, em ordem aos mais Prelados, poderem dispor os memos Supremos Pastores, como lhes parecer mais conforme ao bom governo da Igreja, e Religioens, sem fazerem injuria, nem prejuizo de consideração aos Subditos, ou violentarem-lhes algum direito, porque lhes pertençaõ as taes eleições.

Cap. si trans-  
itus 10. dist.  
79. & Cap. si  
Petrus 1.  
caus. 8. q. 1.  
Caet. tract.  
1. de potest.  
Papae. Se-  
bast. Cef. 1.  
p. de Ecclef.  
Hierarc.  
disp. 1. de  
Roman. Pó-  
tific. §. 2. u.  
7. 3. §. 5. n. 4.  
Victor. in po-  
ster. ref. de  
potest. Ec-  
cles. num.  
23.

243

E pelo que respeita aos Religiosos, dá-se, além da sobredita razão, o especial motivo de ter o Summo Pontifice sobre elles, não só o poder de jurisdição (como nos outros feis) senão tambem o dominativo, por causa da profissão, que immediatamente lhe fazem todos os Regulares, como ensina o Doutor Angélico, e he commun. Assim como tambem o he,



# 232 LIVRO SETTIMO

Anno  
1642.

Anno  
1642.

Sanch. l. 6.  
Decalogo.  
C. 12. n. 6.  
Moljn. tom.  
4. disp. 2. n.  
7. & DD.  
com.

o he, que de terem os Capitulos Gerães das Religioens, os Gerães, e mais Prelados dellas este dominio nos seus Subditos, podem perdoar as injurias, que se fazem a effes seus mesmos Subditos, ainda contradizendo-o elles; sem que obste o direito, que estes tem, para pedir, e procurar satisfacção, como dizem Sanches, e outros, que segue, e refere Molina, e universalmente os Doutores. Não he logo absurdo, mas muito conforme com a razão, e com a justiça, que o Summo Pontifice, e os Prelados Superiores das Religioens, dentro, e fora dos seus Capitulos Gerães, fação, e estabeleção Leys, porque tirem qualquer direito, que tivessem os Religiosos para elegerem Prelados em os Conventos (havendo para isso justa causa) sem lhes fazerem injuria. E isto só pela razão do poder dominativo, que tem sobre elles; e tambem por haverem renunciado na profissão das ditas Leys toda a acção, que tivêraõ, ou podiaõ ter ás taes eleições por Direito commum, o qual, nesta parte, não os pôde, nem deve favorecer, como he constante entre os Doutores.

244 Deste fundamento, universalmente posto para todas as Religioens, se segue particularmente em a nossa de Carmelitas Descalços, que quando os Summos Pontifices mandão, e ordenão nos seus Breves, que as eleições de nossos Prelados se fação todas em o Capitulo Geral da Ordem, tirão effectivamente, por força do poder dominativo, qualquer direito, que os Religiosos Conventuães tivessem a eleger os immediatos nos seus proprios Conventos; sem que para isto seja necessario, que nos mesmos Breves, e suas não obstantias, se faça especial memoria do prejuizo, se algum padecem em os privarem do direito á eleger effes mesmos Prelados. E a razão vem a ser esta: porque então se podem, e devem interpretar os Rescriptos, ou Breves Apostólicos sem prejuizo de terceiro, quando nas palavras desses mesmos Breves, ou Rescriptos se acha, ou comprehende alguma dítvida, e não contém clausula, que expressamente o derogue, como diz Sanches, fundado na Ley 1. 2. Siquis à Principe, ff. ne quid in loco publico. Logo, quando não ha dítvida nas palavras do Breve, mas antes, que claramente dispõem em prejuizo de terceiro (como o pôde fazer o Pontifice, segundo affirma o mes-

Sanch. ubi  
sup.

mo,

Anno  
1642.Anno  
1642.

mo Sanches) havemos de entender, que quiz expressamente revogar esse direito de terceiro, sem lhe causar prejuizo algum nessa revogação, que faz. Esta consequencia he certa, como diz o já referido Sanches; porque de outra sorte não teria o tal Breve aquelle completo effeito, que o mesmo Pontifice desejou, que tivesse, quando se resolveo a conceder a graça, que lhe supplicáraõ.

245 A vista, pois, desta verdade, sem controversia recebida dos Doutores, vejamos, se nos Breves, em que se mandaõ fazer as eleições dos nossos Prelados no Capitulo Geral, se contêm clausulas, que sufficientemente deroguem qualquer direito, que os Religiosos presumão ter no particular das ditas eleições. Mas, antes de o ver, supponhamos primeiramente, que o Rescripto do Papa, ou se oppõem, e deroga as futuras Concessões dos Principes; ou he somente contra alguma Ley, ou Estatuto, que simplesmente ordena o contrario do que se concede nesse mesmo Rescripto. Neste segundo caso, diz Molina, que se o tal Rescripto for sem notavel prejuizo de terceiro, nem ainda em geral he necessaria clausula alguma derogatoria dessa mesma Ley: mas se com effeito prejudicar notavelmente a terceiro, bastará, para que o Rescripto seja valioso, que nelle se ponha a clausula geral: Non obstantibus legibus, seu juribus contrarium statuentibus. No primeiro caso, porém, em que o Rescripto se passa, não só contra a Ley, que deroga as futuras Concessões dos Principes; senão, que tambem he em notavel detrimento do Principe, República, ou de algum outro terceiro (qualquer, que elle for) que então he indispensavelmente necessaria clausula, que especialmente revogue aquella Ley, dizendo: Non obstanti tali lege in contrarium lata; porque de outra sorte seria inválido, ou de nenhum effeito esse tal Rescripto. Mas, que ainda neste mesmo caso seria sufficiente a clausula geral, em que se dissesse: Non obstantibus quibuscumque juribus in contrarium, etiam si de illis esset facienda specialis mentio. Isto supposto.

Molin. de  
just. & jur.  
tom. 1. disp.  
173. n. 23.

246 Vejaõ-se agora os Breves de Sixto V, e de Clemente VIII (pelos quaes se nos mandaõ fazer em Capitulo Geral todas as eleições de Prelados Superiores, e inferiores, na

Tom. III.

Gg

forma,

Anno  
1642.Anno  
1642.

forma, que dispõem as Constituições novamente emendadas) e acharse-hão clausulas, assim em geral, como especialmente de rogatorias de todas as Leys, Constituições Apostólicas, e Estatutos confirmados pelos Summos Pontifices, ainda que fosse preciso fazer de tudo particular lembrança, porque por aquella vez o ha por derogado. Bem se segue logo, que bastão as clausulas, que se contêm nos ditos Breves, para derogar qualquer direito, que os Religiosos tivessem a eleger os Prelados immediatos nos Conventos respectivos, e fosse a concessão de os eleger pelo Capitulo Geral em prejuizo seu; porque para derogar a hum, e a outro são sufficientissimas as clausulas geraes; ainda quando fossem necessarias as particulares, para que tivesse vigor essa tal revogação, como nos disse o citada Molina. E dizer, que as taes clausulas derogatorias de nenhuma forte comprehendem a dita concessão de eleger os Prelados em Capitulo Geral, não tem, nem pôde ter subsistencia, por mais, que lha pertenda fundamentar o Padre adverso em muitas partes do seu Papel; porque além de ser doutrina commua, tirada da Ley Tali Scriptura, §. finali ff. de legatis 1., que a clausula, posta no fim, se refere a tudo, que fica precedente; não ha razão, para que digamos, nem diga o mesmo Papelista, que essas clausulas revogatorias cahem sobre outras Concessões, que nos ditos Breves se facultão aos Descalços; e não comprehendão a de eleger todos os Prelados em Capitulo Geral, conforme as suas Constituições novamente emendadas. E senão diga-nos o mesmo Padre, que razão ha, para que essas clausulas revogatorias devão cahir, ou comprehender a humas, e não a outras Concessões, e então cuidaremos no como lhe havemos de desfazer essas nevoas, que tanto lhe cegaão os olhos, para não ver, nem assentir à verdade; porque no seu Papel não nos põem, nem traz argumento, que a offusque, ou de tanto peso, que nos opprima, e a que seja necessario responder.

247 Depois de estabelecer, que as eleições dos Prelados, assim Locaes, como Superiores, não são nulas; por serem feitas em damno de terceiro; e que quando o fossem, estava o direito d'elle sufficientemente dero-



Anno  
1642.Anno  
1642.

derogado pelos Breves Apostólicos, que dedúz; passa o doutíssimo Apologista a mostrar no 2. deste seu Defensorio, que eleger os Prelados em Capitulo Geral, não he contra a Regra primitiva dos Carmelitas Descalços: e que, quando o fosse, não se segue, serem nulas as ditas eleições, feitas por virtude dos Breves Apostólicos, concedidos á mesma Reforma. O que discorre na seguinte formalidade:

248 No Capitulo primeiro da Regra Primitiva Carmelitana se acha posto este preceito: *Illud imprimis statuimus, ut unum ex vobis habeatis Priorem, qui ex unanimi, omnium que assensu, vel majoris, & sanioris partis ad hoc officium eligatur, cui obedientiam promittat quilibet aliorum &c.* Quer agora o nosso Adversario no seu Papel, que estas palavras da Regra se não entendaõ do Prior Geral da Ordem, por dous fundamentos. Primeiro; porque he impossivel moralmente, concorrerem todos os Religiosos para esta eleição. Segundo; porque estaria neste ponto relaxada a dita Regra; pois a eleição do Geral do Carmo, assim Observante, como Reformado, sempre se fez nos Capitulos Gerães, e não ha Breve, que dê licença para isso. Daqui se infere, que se deve entender o dito Capitulo da Regra de só a eleição dos Priores Conventuaes nos seus Mosteiros respectivos: e pelo conseguinte deseja provar, que he contra a Regra a tal eleição dos Prelados immediatos, feita nos Capitulos Gerães, ou Provinciães, e não em os seus Conventos: reprehendendo de caminho aos doutos Padres Frey Thomás de Jesus, e Frey Francisco de Santo Elias, que explicáraõ nos seus Commentarios o dito Capitulo da Regra Primitiva de só a eleição do Prior Geral da Ordem.

249 Mas não obstante este seu dizer, por certo, e indubitavel temos, que o referido Capitulo da Regra Carmelitana se ha, e deve entender da eleição do Prior Geral. E isto, não só, porque esta ha sido a commum intelligencia de toda a Religião; mas tambem, e muito mais, porque assim se cõlhe evidentemente do contexto da mesma Regra, que diz; que ao que se eleger promettaõ todos obediencia: *Ad hoc Offici-*

Anno  
1642.Anno  
1642.

ficiam eligatur, cui Obedientiam promittat quilibet aliorum. E quem não vê, que o Prior, á que se faz promessa, e pro-  
fissão de Obediencia, não he o local do Convento, senão o  
Geral de toda a Ordem? Deste, pois, se deve entender o  
dito Capitulo da Regra, e não daquelles, visto não se lhes  
prometter a obediencia, que manda, e prescreve a mesma Re-  
gra. De mais, que Santo Alberto, Patriarcha Jerosolimi-  
tano, e Legislador nosso, quando fez a Regra da Religião,  
deo-a a S. Brocardo, e aos outros Religiosos, que moravaõ  
no Monte Carmelo, como se diz no Proêmio della: Dilectis  
in Christo filiis Brocardo, & cæteris fratribus Eremiticis,  
qui sub ejus obedientia juxta fontem Eliæ in Monte Car-  
meli morantur, in Domino salutem, & sancti spiritus bene-  
dictionem. Leaõ-se as Historias da Ordem, e achar-se-ha  
nellas, que o dito S. Brocardo de tal modo era entã Prior  
dos Religiosos, que viviaõ no Carmelo, que juntamente era  
Geral de toda a Religião; como o forãõ tambem depois al-  
guns outros seus successores; e o são ainda hoje em França  
o Prior da Gram Cartúxa, em Hespanha o de Lupiãna dos  
Eremitas de S. Jerônimo, e em Portugal o de Santa Ma-  
ria de Alcobaça dos Monges de S. Bernardo, o de Santa  
Cruz de Coimbra dos Cônegos Regrantes de Santo Agosti-  
nho, e o de Thomar da Ordem de N. Senhor Jesu Chri-  
sto; os quaes todos são Gerães de suas Religioens, e junta-  
mente Prelados immediatos de particulares Conventos. Man-  
dando, pois, o Legislador, que a eleição de Prior se fizesse  
por unanime consentimento de todos os Religiosos, do Geral,  
e não do Conventual, se deve entender o mencionado Capi-  
tulo da Regra, sendo, como era, o Prelado Supremo de toda  
a Religião. Nisto conveyo sempre esta, e testificação os gravís-  
simos Padres Frey Joã Baptista Lezana, e Frey Thomás  
de Jesus, provando com evidentissimas razoes, e authorida-  
des, que deste, e não de outro modo se devem interpretar as  
palavras do dito Capitulo da Regra; porque aliás se haviãõ  
de estender a todos os Conventos, se se houvessem de enten-  
der da eleição dos Priores locaes, e não do Geral precisa-  
mente.

Lez. tom. 4.  
Relect. prova  
lidit. cujusd.  
Cap. & elect.  
dub. 8. n. 73.  
Thom. a Jes.  
in Reg. com.  
3. p. glos. 1.

250 A vista, pois, de tudo isto, já consta clara, e ter-

Anno  
1642.Anno  
1642.

e terminantissimamente o como se deve responder aos fundamentos, com que pretende convencer pela parte contraria o Papelista. Ao primeiro consta; porque não era impossivel, nem difficuloso, ajuntarem-se os Monges do Carmelo ( a quem se commettia a eleição do Prior Geral ) para a fazerem pelo modo, que lhes prescrevia a Regra; pois, sendo o tal eleito por elles Prior daquelle mesmo Convento, ficava-o tambem sendo Geral de toda a Religião. Ao segundo consta assim mesmo evidentissimamente; porque suppondo ( como devemos suppor de certo ) que, pela repetida invasão dos Barbaros, se destruiu, e arruinou totalmente a Casa do Sagrado Monte ( que era a cabeça de toda a Ordem ) não tem lugar o tal Capitulo da Regra, em que se manda eleger o Prior Geral pela mayor parte daquelles Conventuães. Ainda que tambem se pôde dizer, que dado, e supposto, que a Regra mandasse, que o Prior Geral fosse eleito por todos os Religiosos da Ordem, ou pela mayor parte delles ( como se costumou a principio em algumas Religioens, especialmente na de S. Francisco ) não he contra a mesma Regra o ser eleito em Capitulo Geral. E a razão he clara; porque a Religião toda se compromette nesse tal Capitulo, para que em nome seu eleja o que lhe parecer mais a proposito para o Generalato; mandando cada Provincia o seu Provincial, e mais dous Sócios, ou Procuradores, com todas as vòzes para o dito effeito: como quem sabe, que, o que estes elegem, he o mesmo, que elege-lo toda a Provincia, ou Religião, conforme a bem trevia, e sabida Regra de Direito: Quod quis per alium facit, ipse facere dicitur. Logo sempre se verifica, que o Prior Geral he eleito por toda a Ordem ex unanimi, omnium que assensu, vel majoris, & sanioris partis; porque, como diz o Texto allegado à margem: Parvi enim refert an ipse Ordo elegerit, an is, cui Ordo negotium dedit. De tudo isto se infere, que se alguma eleição houvesse de ser contra a Regra Primitiva, seria sem dúvida a do Prelado Supremo de toda a Ordem; pois se mandava então fazer, não pelo Capitulo Geral, porque ainda não havia uso delle; mas sim pelos Religiosos, que moravaõ no Monte Carmelo. Se, pois, esta eleição não he contra a Regra, muito menos o deve ser a dos Prelados Conventuães,

Leg. Illud  
supra §. Si  
Decuriones,  
fi. quod cu-  
juscumque  
diversitatis  
nom.



Anno  
1642.Anno  
1642.

ventuões, feita em Capitulo Geral, visto não fallar delles essa mesma Regra, como se tem provado atéqui.

251 Bem verdade he, que o nosso Adversario constantemente nega, que haja, ou possa haver tal Compromisso na Religião. Mas, para que lhe conste, que falla sem fundamento, mostrar-lhe-hemos agora com alguns, que effectivamente ha esse Compromisso, que tanto cuidado lhe dá, para o desterrar totalmente da Ordem. Ora ouça-nos. He sem dítvida, que cada Provincia manda ao Capitulo Geral os seus Provinciães com dous Procuradores, e lhes dá poderes, para elegerem em seu nome os Prelados, e fazerem o mais, que for, e lhes parecer conveniente á Religião. Isto, e nada mais; he comprometterem-se os Religiosos, como dizem communmente os Doutores: logo na nossa Religião ha Compromisso. E que isto o possa ella fazer, e com effecto o faça, está claro; porque assim o Pontifice, como o Capitulo Geral, por força do poder dominativo, que ambos tem sobre os Religiosos, podem constituir Ley, pela qual obriguem a esses mesmos Religiosos a comprometterem o direito, que lhes assiste a todos, para elegerem os seus Prelados: e se he certo, que ha na Religião esta Ley do Capitulo Geral, confirmada por authoridade Pontificia, como não pôde negar o nosso Adversario; bem se segue, que não só he possível, mas que ha com effecto na Religião hum Compromisso de todos os Religiosos, para elegerem em nome delles os Prelados em Capitulo Geral.

Const. 3.ª p.  
Cap. 4.ª n. 8.

252 Nem obsta o Capitulo: Quia propter, de Electione, em que tanto confia o Padre adverso no seu Papel; porque lhe respondemos, que aquelle Texto falla somente da eleição de Compromisso voluntario, pelo qual os Eleitores, ou immediatamente antes, ou nesse mesmo acto Capitular, convêm, e se compromettem em outros, para que fação em seu nome a dita eleição. Porém no nosso caso não he assim; porque o Compromisso, que fazem os Religiosos, para que em nome seu eleja o Capitulo Geral todos os Prelados da Ordem, já lhes não he livre, nem voluntario; porque em virtude da profissão, que fizêrao, desorte se obrigárao á Ley, que ordena esse tal Compromisso, que de nenhum modo lhes fica liberdade, para  
o revo-

Anno 1642. o revogar, ou deixarem de se comprometter no Capitulo Geral, por meyo dos Procuradores, destinados pela dita Ley. Anno 1642.

253 Mas, quando o nosso contrario não queira com esta doutrina socegar ainda o seu escrupulo, quizeramos empenhar de novo a sua bondade, para que nos dêsse a razão, que tem em dizer, que na eleição do Prior Geral desorte se compromettem as Provincias, e Conventos de toda a Ordem, que, por força deste Compromisso, fica válida, firme, e canonica a dita eleição; e o não haõ de ficar tambem as dos Priores Provinciaes, e Immediatos; nem se haõ de comprometter para ellas essas mesmas Provincias, e Conventos, por meyo dos Procuradores, que mandaõ ao Capitulo Geral? Se as Leys, que professamos, e os Breves Pontifícios igualmente dispõem, que se elejaõ em Capitulo Geral assim huns, como outros Prelados; que razão ha para que se possaõ, e devaõ comprometter os Religiosos, para a eleição de hum Prior Geral, e não para a dos Provinciaes, e Immediatos? Ora, em quanto não der a disparidade (no que ficamos certos) tenha o Padre adverso a docilidade de querer persuadir-se com a mente commua da Religião, que nem humas, nem outras eleições são contra a Regra Primitiva Carmelitana, ainda no caso, que ella as concedesse a todos, e a cada hum dos Religiosos em particular; porque com effeito se compromettem em virtude das Leys, e Breves Apostólicos, por meyo dos seus Procuradores, não menos, que para a eleição do Prior Geral, para a dos Provinciaes, e Immediatos, como lhe temos mostrado atéqui.

254 Mas, porque ainda assim se poderá queixar, ou desvanecer, de que lhe não respondemos a todas as miudezas, com que pomposamente quer fazer plausivel o seu Papel entre os ignorantes, saiba por ultimo com os doutos, que ainda concedendo-lhe nõs, que as eleições, feitas fora dos Conventos, e em os Capitulos Geraes, são directamente contra a Regra Primitiva, nem por isso se devem considerar nullas; supposto mandarem-se fazer pelos Breves Pontifícios em Capitulo Geral, e conforme as Constituições novamente emendadas. E se quizer saber a razão disto, torne a ler o que já se lhe disse acima, e verá, que quando os Breves do Pontifice, em casos particulares, concedem por palavras expressas algu-  
ma

Anno  
1642.Anno  
1642.

ma cousa, que seja contra Ley, Direito, ou Concilio, não he necessaria clausula especialmente revogatoria do tal Concilio, Direito, ou Ley; se não, que basta, que conste evidentemente da vontade do Papa naquelle caso, para ficar tudo derogado, e firme o que concede nos ditos Breves. Lêa agora os que nos facultarão os Pontifices, que acima lhe nomeámos, e verá expressa, e manifestada sufficientemente a sua vontade, mandando claramente nesses mesmos Breves, que as eleições de Geral, Definidores, Provinciales, e Priores, se fação em Capitulo Geral, e na forma, que dispõem as Leys ultimamente emendadas; que vem a ser as mesmas, de que usa, e por onde se governa presentemente a Religião. Claro está logo, que fica derogado o ponto da Regra, caso, que concedámos, que ella mandava fazer as eleições por votos de todos os Religiosos particulares dos Conventos, como pretende persuadir o Padre adversario na sua tal, ou qual Allegação.

255 Nem contra isto vem, o recommendarem muito os Pontifices nos seus Breves, que se observe exactamente a Regra Primitiva; porque havemos de dizer, que a recommenda em tudo, o que elle expressamente pelo seu Breve não deroga. Antes bem daqui se segue, que a quiz revogar naquelle ponto; porque tendo actual noticia della (como se vê na recommendação, que faz da sua observancia) ainda contudo isso determina expressamente, que se faça o contrario nas eleições. Isto he: que se elejão os Prelados Conventuaes no Capitulo Geral, contra o que a Regra manda, segundo quer persuadir-se o nosso adversario. E quando o Pontifice manda, ou dispõem contra alguma Ley, de que tem actual, e expressa noticia, he visto, quere-la revogar, como consta de huma decisão de Bonifacio VIII in Cap. Licet Romanus, de constitutionibus in 6; com a qual facilmente se responde a tudo, o que neste ponto trabalha por dar a entender o Papellista adverso no seu tão solemne Tractado.

256 Continuando o Sapientissimo Apologista na refutação dos fundamentos, que se allegão pela parte contraria, entra, no 2. 3. da sua douta Apologia, a provar com



Anno  
1642.

com evidencia , que as eleições dos Prelados de nossa Religião , como presente-mente se fazem em ella , não são , nem foraõ nunca inválidas , pelo motivo de se di-

zer , que encontraõ o Direi- Anno  
to Commum , e o do Sagra- 1642.  
do Concilio de Trento.

E a razão he ( diz elle ) porque esses Canones , que mandavaõ eleger os Prelados nas suas proprias Igrejas , e Conventos , não estaõ recebidos , nem se guardaõ universalmente em todas as partes ; pois vemos , que as eleições dos Bispos já se não fazem hoje em suas proprias Cathedraes pelo Clero dellas , como algum dia se costumava , e queria o Direito. E descendo ao particular das Religioens , e ao que usaõ communmente , dizemos , que tambem se não observaõ esses Canones ; pois vemos , que na da Cartuxa , e Companhia de Jesus , os seus Reverendissimos Gerães são , os que por si mesmos fazem as eleições : e na de S. Francisco , Eremitas de Santo Agostinho , Benedictina , Cisterciense , Carmelitana Observante , e algumas outras , tambem consta que não elegem os Prelados Locaes nos seus Conventos , senaõ em os Capitulos Provinciães , ou Definitorios , que convocaõ , para este effeito. Bem se prova logo , que já estaõ abolidos na mayor parte da Igreja esses Canones , que ordenavaõ se elegessem os Prelados della nos seus Conventos , Dioceses , ou Cathedraes : e consequentemente se ha , e deve dizer , que já hoje não obriga o tal Direito ; porque a Ley , que não está recebida da mayor parte dos Subditos , não lhes he , nem fica obligatoria , como ensina Santo Thomás , e se prova do Texto in Lege , De quibus 32. ff. de Legibus , o qual citaõ , explanãõ , e seguem Fillino , Navarro , Covarruvias , e outros muitos , que se podem ver nelles. E se nestas Sagradas Religioens não estaõ em uso , nem se observaõ esses Canones , de que tanto fia , e que taõ pomposamente allega o Padre adverso ; porque o haõ de estar , e observar na nossa ? Se ellas fazem as eleições de todos os Prelados immediatos sem dependência dos votos Conventuaes , deduzindo-as ao Capitulo Geral , ou Definitorio ; sem que por este motivo sejam nullas , não obstante o Direito em contrario : que razão ha , ou pode

D. Thom. t.  
2. q. 96. art.  
6. & 2. 2. q.  
147. art. 3.  
Filin. n. 13.  
confid. 2.  
Navarr. in  
Man. Cap.  
25. n. 4.  
Covar. lib. 2.  
var. resolur.  
Cap. 16. n. 6.

Anno  
1642.Anno  
1642.

haver entre nós , para que se não observe o mesmo dictame? Ou , porque hão de ser inválidas estas nossas eleições , e o não hão de ser as daquellas sagradas Familias , se , como nós , as fazem nos seus Capitulos Provinciães , e Definitorios? Ora assentemos , que humas , e outras são Canonicas ; e que o Papelista procure outra verêda , para se sahir melhor do seu empenho ; porque por este caminho , que tomou , certamente vai errado , e correndo sem consideração a grande precipicio.

257 Nem se livrará delle , ainda quando lhe concederamos , que esses Canones , que allega , estão universalmente recebidos ; porque já lhe dissemos mais de humas vezes , que pelos Breves , que benignamente nos facultárao os Summos Pontifices , sufficientemente fica derogado esse tal Direito Commum , mandando por expressas palavras , que fizessemos as eleições de cada hum dos Prelados no Capitulo Geral de toda a Ordem. E a razão vem a ser a mesma , que demos acima ; porque quando o Papa concede algum caso particular , e que elle sabe , que he contra Direito , se ha , e deve entender , que o deroga , ainda que não ponha clausula especial , por onde faça delle clara , e expressa menção. Assim o ensina , e defende o Padre Soares , fundado no já allegado Capitulo , Licet Romanus Pontifex , de Constitutionibus in 6. E o Doutissimo Lezana accrescenta ( sobre o referido ) que este modo de eleger nos Capitulos Gerães , além de estar estabelecido pelos Pontifices , he mais conforme com a razão , por conta dos gravissimos inconvenientes , que encontra a experiencia nas eleições , que se fazem , e fazião pelos votos de todos os Religiosos nos seus mesmos Conventos. E que por esta causa disse o Sapientissimo Soares , que não sem particular Providencia de Deos , e especial inspiração do Espirito Santo , fora introduzido por S. Ignacio na Companhia de Jesus o modo , que hoje observão estes Padres na eleição dos seus Prelados : porque para ellas não concorrem os votos dos particulares ; senão , que o seu Reverendissimo Geral provê , e elege , como lhe parece , nos mais benemeritos das Provincias.

258 Mas , para que o nosso Antagonista se persuada com mais evidencia na futilidade dos seus fundamentos , saiba , que este mesmo caso , que nos controverte , já foy movido em Juizo

Soar. de  
Leg. Cap. 14  
n. 2. & 5.Lezan. tom.  
4. sum. re-  
lect. pro va-  
lid cujusd.  
Cap. dub. 8.  
n. 78.Soar. de Re-  
lig. tract. 10.  
lib. 10. Cap.  
3. num. 5.

# CAPITULO XXV. 243

Anno 1642. Juizo contradictorio, pelos Padres Carmelitas Observantes de huma das Provincias de Castella. Lêa ao gravissimo Lezana, que o refere, e achará, que sendo tractado este ponto na Curia Romana, e em presenca de Urbano VIII, por ordem sua pronunciára o Eminentissimo Cardeal Ginetto Sen-  
 Anno 1642. tença definitiva a favor das eleicoens, que se tinham feito no Capitulo Provincial da dita Provincia; porque se querião, e pertendião anullar, por isso mesmo, que se haviaõ feito nesse tal Capitulo, solicitando os oppositores, que se deviaõ fazer pelos votos dos Conventos. E se este caso se julgou assim, e o approvou o mencionado Pontifice, dando por boas as eleicoens daquelle Capitulo, visto serem feitas por huma antiga Constituição da Ordem, confirmada por Clemente VIII, como diz o mesmo Lezana; que razão ha de haver, para que as eleicoens dos nossos Capitulos Gerdes não sejam tambem legitimas, e canonicas, sendo feitas, não só por Constituiçoens, approvadas por tres Summos Pontifices; mas por Breves, em que elles expressamente as mandaõ fazer nos ditos Capitulos Gerdes, como temos mostrado atéqui?

259 Parece, que este só Arêsto bastava, para estabelecimento do que vamos discorrendo; e juntamente para fechar de todo a boca ao nosso Adversario, em materia, que atrevidamente disputa a sua Mãe a Religião. Mas, como ainda nos allega duas auctoridades do Concilio de Trento, precisamos nos vamos a mostrar-lhe tambem neste ponto a sua allucinação: Quoniam ( diz o Concilio ) non ignorat Sancta Synodus, quantum ex Monasteriis pie institutis, & recte administratis, in Ecclesia Dei splendoris, atque utilitatis oriatur: hoc decreto præcipit, ut omnes Regulares tam viri, quàm mulieres, ad Regulæ, quàm professi sunt, præscriptam vitam instituant, & componant. Sendo pois ( diz o Padre adverso ) contra a Regra, que as eleicoens dos Prelados immediatos se fação em Capitulo Geral, segue-se, por boa consequencia, serem tambem contra esta sagrada determinação do Concilio Tridentino; visto não haver Breve, que o derogue expressamente, como era necessario, e se tem já persuadido em muitos lugares deste Papel.

Trident de Regular. Sess. 25. G. 1.

260 Respondemos a isto, que já lhe provámos superabundantemente.  
 Tom. III. Hh ij dante.



Anno  
1642.Anno  
1642.

dantemente, não serem as ditas eleições contra a Regra Primitiva. Agora, porém, accrescentamos, que ainda dado, que o fossem, não encontrão em cousa alguma ao allegado Decreto do Concilio; porque este falla somente da observancia da Regra, que olha aos costumes, e não ás eleições, e governo especial de cada Religião: e muito mais, sendo elle disposto, e ordenado por Breves Apostólicos, como he, e foy sempre o nosso.

Trident.  
Cap. 6. Sess.  
25. de Regular.

261 O segundo lugar do Concilio he do Capitulo 6. da mesma Sessão 25 de Regularibus, aonde se diz assim: Nec in posterum liceat, Provinciales, aut Abbates, aut alios quoscunque Titulares ad effectum electionis faciendæ constituere, aut voces, & suffragia absentium supplere. Si verò contra hujus decreti constitutionem aliquis electus fuerit, electio irrita sit. Neste Decreto, considera nosso Adversario, haver dous preceitos distinctos. Hum, para que ninguem constitua Prelados, para fazer eleições. Outro, para que se não possam supprir os votos dos ausentes. Ambas estas cousas (accrescenta o Padre) tem violado os, que em nossa Religião fizerao, e sustentao o dito modo de eleger; pois escolhem, para a eleição dos Prioros, ao Geral, Definidores, Provincial, e mais dous Sócios, que leva consigo da Provincia: e já se vê, que com isto offendem tambem o segundo preceito do Concilio; porque somente com aquelles poucos supprem os votos de todos os mais Religiosos, que, por faltarem, ficam sendo nullas as taes eleições, e os sobreditos Eleitores incorrendo nas penas, que o mesmo Concilio lhes impõem, de inhabilidade para todos os officios, cargos, e occupaçoens da Ordem dalli por diante, como consta do referido Capitulo da dita Sessão.

262 Não negamos o facto; mas dizemos, que não he contra o Concilio; porque este não prohibe mandar Sócios, ou Procuradores aos Capitulos Geraes, para que em nome das Provincias façao as eleições dos Prelados dellas, como consta de huma Declaração dos Eminentissimos Cardedes, que refere Prospero Farinácio, e anda impressa no volume do mesmo Sagrado Concilio. O que este determina, e ordena naquelle Capitulo, he, que não sejaõ admittidos a votar os Provinciales, Abba-

# CAPITULO XXV. 245

Anno  
1642.

*Abbaes, Priores, ou quaesquer outros Titulares, que por Ley não são vogaes, nem constituidos Procuradores, para votar nas eleições, como consta de outra Declaração. Se he, que não queiramos dizer com Rodriguez, que o Concilio procurou neste Decreto tirar o costume, que antigamente havia em algumas Religioens, em que se usava, faltando alguns Vogaes em Capitulo, nomear o Presidente delle outros em seu lugar, o qual podia ser occasião de más eleições. Sendo, pois, isto assim (como tambem dizem Bordôno, Miranda, e Lezâna) não he contra o Tridentino, nem contra Direito commum, fazerem-se as eleições de todos os Prelados da Ordem em Capitulo Geral; e, muito menos, mandarem a elle as Provincias os seus Procuradores, como falsamente intenta persuadir o Padre adverso, entendendo sinistramente as palavras do Concilio, segundo plenamente se tem evidenciado.*

Anno  
1642.

Rodrig.  
tom. 2. 99.  
Regul. q. 51  
art. 6. & in  
summ. tom.  
1. Cap. 102.  
n. 10. Bor-  
don. Ref.  
26. num. 6.  
Mirand. 2.  
tom. Man.  
Prelat. q.  
23. art. 7.

263 Como o Auctor; que aqui se impugna, pretendia provar nelle, que as eleições dos Priores, feitas em nosso Capitulo Geral, não eraõ, nem foraõ nunca Canónicas, por se fazerem (conforme as Constituições da Religião) com só onze votos; mandando os Summos Pontífices Sixto V, e Clemente VIII nos seus Breves, que votassem nellas todos os Vogaes do Capitulo; procura o Padre Frey Sebastião, no 2. 4. desta sua Apologia, desvanecer tambem este motivo; mostrando com sólidos fundamentos, que, ainda na supposição de só os ditos onze votos, não são nullas, nem encontraõ os

Breves Pontíficios as ditas eleições. E a razão, em que se funda, he; porque Clemente VIII mandára depois reformar as ditas Constituições da Ordem; e que, em virtude dellas, assim emendadas, se elegessem dalli por diante todos os Prelados; e como na reforma dessas mesmas Constituições se prescreviaõ, para eleger, os ditos onze votos, ficavaõ sendo válidas, e canónicas as taes eleições, visto serem feitas muito conformemente com a vontade dos Summos Pontífices, que assim as mandavaõ fazer. Esta he, em summa, a materia deste parágrafo, que não referimos aqui com toda a sua amplidaõ, por



Anno  
1642.

Const. 3. p.  
Cap. 2.  
num. 1.

por nos parecer, que delle se não póde tirar doutrina alguma, que possa servir nos tempos presentes; porque o estado do governo tomou outra mudança na Religião; pois já hoje se não fazem as eleições dos Prelados (ou sejam Superiores, ou locaes) senão por votos de todo o Capitulo Geral, conforme as Constituições ultimamente reformadas, e confirmadas por N. muito Santo Padre Alexandre VII a 3. de Julho de 1658, no quarto anno de seu Pontificado.

264 Mas, estando ainda nas primeiras Constituições,

entra o Sapiientissimo Apologista no 2. 5. e 6. a provar com evidencia ao Auditor contrario, que não são injustas, nem irracionaveis por nenhum dos motivos, que allega no seu Papel. E assim, deixados os mais, por ficarem sufficientemente refutados em toda esta Apologia, mostra efficazmente a justiça, e bondade dessas mesmas Leys, pela Santidade, e Sabedoria dos Legisladores, e outros Prelados, que governarão a Descalcêz até o tempo, em que se movera esta controversia.

Anno  
1642.

*Cousa escandalosa, e excesso de liberdade he ( prosegue o Padre Frey Sebastião ) que hum Carmelita Descalço tivesse boca, para dizer, que os primeiros Legisladores de nossa Refôrma, affectando ambições de governo, não somente usurpassem o poder, que não tinham, nem lhes fora concedido pelos Pontifices; mas que, usando mal delle, fizessem Leys injustas, e irracionaveis, em ordem às eleições. Ora ponhamos-lhe á vista dos olhos em primeiro lugar a N. Padre S. João da Cruz. Bem notoria he a Santidade, e profunda Sabedoria, com que este glorioso Primitivo ajudou a N. Santissima Matriarcha, quando lançou os primeiros fundamentos a esta Santa Refôrma Carmelitana. Os milagres, que obrou, e os livros, que escreveu, são os melhores, e mais elegantes Panegyristas das suas muitas letras, e celestiaes virtudes. Este, pois, tão insigne, tão Sabio, e tão Santo Varão foy hum dos principaes, que porcurarão, que as eleições de todos os Prelados se fizessem nos Capitulos Geraes; porque fora sempre dictame seu, que de serem feitas nos Conventos,*  
por



Anno  
1642.Anno  
1642.Fr. Josep.  
de Jef. Mar.  
Vida de S.  
João de  
Cr. 1.3. C. 1.  
pag. 716.

por votos particulares dos Religiosos, se seguiaõ innumera-  
veis inconvenientes á mais perfeita observancia de huma Re-  
ligião. Congregando-se em Almodovar, no anno de 1583, o  
segundo Capitulo Provincial da Descalcêz ( sujeita ainda ao  
Geral da Observancia ) diz o Padre Historiador Frey Joseph  
de Jesu Maria, que entre as muitas cousas, que N. Santo  
Padre propuzêra, respectivas á mayor perfeição da Refôrma,  
fora a grande conveniencia, que havia, em que as elei-  
çoens se fizessem todas no Capitulo. No terceiro, que se  
celebrou a 18. de Outubro de 1585. em S. Pedro de Pastra-  
na, diz o mesmo Historiador, que N. Padre S. João  
da Cruz, sendo Vigario Provincial de Andaluzia, ajudára  
muito ao Padre Dória nas difficuldades, que a principio te-  
ve este modo de governo. Fazendo-se finalmente huma Junta  
Geral dos Primitivos Prelados da Refôrma no Convento de  
Madrid aos 18. de Junho de 1588, continúa o dito Histo-  
riador em dizer, que N. Santo Padre fora hum dos que pri-  
meiro começáraõ a executar o Breve de Sixto V, que se-  
parava a Descalcêz da Observancia, e mandava, que as elei-  
çoens dos Prelados se fizessem nos Capitulos Gerâes de toda  
a Congregação.

265 Alem deste Santissimo Padre, o que mais concorreo,  
para que se plantásse no campo da Refôrma este modo de ele-  
ger todos os Prelados nos Capitulos Gerâes, foy o Venera-  
vel Padre Frey Nicoláo de Jesu Maria Dória. Era este in-  
signe Varão Genovêz por nascimento, e da nobilissima Casa  
daquelle Appellido. Tomou o habito de nossa Refôrma com  
grande exemplo, e edificação de toda a Hespanha, e Italia;  
porque assim nesta, como naquella, eraõ plausivelmente conhe-  
cidas as suas muitas letras, e particular valimento como pru-  
dente, e Catholico Rey D. Filippe II. Foy tão Santo, e  
observante de todas as obrigaçoens, que professára na Reli-  
gião, que sendo Geral della, e importunado huma vêz por  
seus companheiros, que ceásse ( por haver feito grande jor-  
nada ) respondeo: Nô, Padres, ó morir, ó ajustar con la  
Regla. La piedad en el Prelado es buena para los demás,  
nó para si: cenen VV. Reverencias, que yó ayunarè por to-  
dos. Era de tão grande talento, e literatura, que os ma-  
yores

Chronie.  
Ger. tom.  
2.1.8. Cap. 8  
num. 5.

Anno  
1642.

Anno  
1642.

Chronic.  
Ger. ibid.  
num. 11.

yores homens daquelle seculo o respeitavaõ, como a Varaõ de differente esphera. Havendo-se chamado a Madrid, por ordem de Filippe II, os mayores, e melhores Cathedraicos das Universidades de Hespanha, para resolver certa materia grave (a que tambem concorreo N. Veneravel Padre, sendo entãõ Geral da Ordem) o Doutor Sahagun, Lente de Prima em Canones, quando voltou a Salamanca, disse publicamente aos seus Ouvintes: Vengo, Señores, de ver, y oír el mayor hombre, que tiene el mundo, que es el General de los Carmelitas Descalzos. O mesmo conceito fizeraõ os outros gravissimos, e doutissimos sujeitos, como se pôde ver no 2. Tomo de nossas Chronicas Gerâes. Este Varaõ, pois, taõ Sabio, e taõ Santo, foy huma das Pedras fundamentaes de nossa Refôrma, e que lhe deo, e alcançou da Sé Apostolica o modo, com que se governa na vida commua, e em materia de eleiçoens. As Leys, que as determinaõ, elle as fez, e alcançou de Clemente VIII a sua confirmação.

269 Os Veneraveis Padres Frey Antonio de Jesus, e Frey Elias de S. Martinho, tambem foraõ dos que concorreraõ, para a factura das ditas Leys. Aquelle era homem de taõ grande espirito, e virtude, que mereceo por ella ser a segunda Pedra fundamental da Refôrma. E este foy taõ Santo, taõ Sabio, e taõ prudente, que, depois de a governar seis annos, como Prelado, e Suprema Cabeça, passou a Visitador Apostolico da Religiosissima Familia dos Trinitarios Descalços, dando-lhes as Leys, com que hoje se governaõ, e resplandecem taõ edificativamente entre os Sagrados Institutos, que ennobrecem a Igreja Catholica. Assistiraõ outrosim à construcção das ditas Leys de nossa Refôrma o Padre Frey Thomás de Jesus, cuja erudição, e espirito claramente mostraõ os livros, que escrevêo, e o muito, que trabalhou nas partes do Nôrte contra os Hereges, que infestavaõ com as suas falsas doutrinas aquella Regiaõ: O Padre Frey Fernando de Santa Maria, Fundador da nossa Congregação de Italia, tres vezes Preposito Geral della, e taõ venerado, e applaudido por suas muitas letras, e Santidade, que era tido por Oráculo da Sabedoria, e da virtude: O Veneravel Frey Pedro da Madre de Deos, tambem dos Erectores da dita Congre-

Anno 1642. gregação, e tão douto, e Santo, que basta dizer, que foy Pregador de tres Pontifices: que entrou por Confessor dos dous Conclâves na eleição de Leão XI, e de Paulo V, que lhe offereceo o Capello, e elle o rejeitou por humildade, e total desapego das honras deste mundo, ainda que tão sagradas, e eminentes. Anno 1642.

267 Finalmente, fora dos mencionados sujeitos, assistirão também á consulta, e approvação das nossas Constituições os Veneraveis Padres Frey Domingos de Jesu Maria, e Frey Agostinho dos Reys. Aquelle de tão rara Santidade, e tão conhecido em toda a Castella, Italia, e Alemanha, que se espera brevemente a sua Beatificação. Este tão douto, que, depois de ler Theologia muitos annos na Ordem, substituiu a Cadeira publica desta Sciencia na Universidade de Alcalá: tão prudente, que occupou as mayores Prelazias da Religião: tão Santo, que assim em vida, como depois de morto, obrou Deos por elle todas aquellas maravilhas, que se podem ler no terceiro Tomo de nossas Chronicas.

Estes, pois, e outros muitos, que não referimos por brevidade, forão os prudentissimos, e Santissimos Varoens, que concorrerão para a consulta, e construcção das Leys, que ordenão, se fação as eleições de todos os Prelados da Ordem nos Capitulos Gerdes. E daqui se segue, que se pela Santidade, e Sabedoria dos Legisladores, se deve colligir a bondade, e Santidade das Leys; bem podemos inferir esta nas que em a Refórma determinão o governo, e modo de eleger os Prelados; pois consta claramente das virtudes, letras, e espirito de todos aquelles, que as fizeram, e compaginarão, como temos referido. E não somente faz aggravo manifesto aos ditos Legisladores quem se atreve a dizer, que são injustas, e irracionaveis as mesmas Leys; senão, que também o faz á Divina Providencia, em julgar, que havia de permittir, que tão Santos, e tão doutos Varoens fizessem humas Leys contra a razão, e contra a justiça; sendo ellas, como forão, legitimos partos de tão ferventes Orações, e fundamento de huma Refórma, que Christo, e sua Santissima Mãe, por meyo de sua Serva, e querida Esposa Santa Teresa, levantou na Igreja, para gloria sua, e tanta edificação dos Fieis. E de



Anno  
1642.Anno  
1642.

mais, que, a ser verdadeira a doutrina contraria, seguiu-se della todos estes absurdos: Que não havia em nossa Reforma legitimos Prelados: Que não havia obediencia, nem era huma das Religioens approvadas pela S<sup>e</sup> Apostolica. Que fossem illegitimos os Prelados, he evidente; porque se pertende provar a nullidade das suas eleicoens. Que não houvesse obediencia, e consequentemente, que a Reforma não fosse verdadeira Religiao, tambem se segue, huma vez, que não ha Prelados nella, que sejam canonicamente eleitos; porque sem cabeça não ha membros, que constituão hum verdadeiro Corpo mystico, qual he o das Religioens, approvadas pela Igreja. Todos estes absurdos, e não poucos outros, que logo mostraremos, se seguem, por legitimas consequencias, da doutrina, que procura introduzir nos animos sinceros dos Religiosos o Padre adverso. Agora, que isto seja erro, não sómente temerario, mas tambem escandaloso, Schismatico, proximo a heresia, e gravemente infamatorio, offensivo, e injurioso a toda a Reforma, e seus Prelados, hiremos nós mostrando com evidencia pelos seguintes Discursos.

### He erro temerario.

269 Para provar este, devemos primeiramente suppôr com Santo Thomás, e outros muitos Theólogos, que a proposição temeraria he aquella, que em materia grave, e de costumes, se aparta, sem sufficiente fundamento da razão, nem auctoridade, da universal, e unanime Sentença dos Doutores. Isto supposto, he sem dvida, que a doutrina do nosso Adversario he, não sómente em materia grave, mas gravissima, e de costumes; pois vemos, que se segue della (segundo disse-mos acima) que a nossa Reforma não he verdadeira Religiao, approvada pelos Summos Pontifices: Que não tem legitimos Prelados: Que os Capitulos Geraes, e Provinciães, não são canonicamente feitos: Que as profissoens dos Religiosos não são válidas; nem as Leys, e preceitos da Religiao rigorosamente obligatorios: Que não haja nella Obediencia Religiosa, nem Regular observancia, com outras muitas cousas, que legitimamente se podem inferir da dita contraria doutrina, bem opostas

D. Thom. 2.  
2. q. 11. art.  
1. & 2.  
Bañhes ibi  
art. 2. §. 2.  
Soar. de Fid.  
di/p. 9. Sess.  
2. Turre-  
crem. in  
sum. lib.  
4. p. 2. Cap.  
8. & seq. Ca-  
str. de just.  
punit. hære-  
tic. Cap. 3.  
Canol. lib. 12  
Cap. 4. &  
alii.

postas todas aos bons costumes de huma Reforma tão douta, tão santa, tão observante, e edificativa.

Anno 1642. 270 Nem as razoes, com que o Auêtor adverso nos quer Anno 1642.

fundamentar a sua doutrina, são de tanto peso, que possam contraminar, ou desfazer esta nossa resolução; porque, além do que fica ponderado em toda esta Apologia, dizemos agora de mais a mais: que dado, e não concedido, que os seus fundamentos tivessem especulativamente alguma probabilidade, para convencer, que os Breves Pontificios, em cuja virtude se fizêrao as Constituições, e se elegem os Prelados em Capitulo Geral, são nulos, e obrépticos, pelos motivos, que allega no seu Papel; ainda assim com tudo isto (concedido por agora debdamente) dizemos, que he falsa a dita sua doutrina. E a razão he; porque a Sentença commua de todos os Doutores Clasicos affirma, como certissimo, que o erro commum, titulo colorado, e putativo, que provem de legitimo Superior, que o pôde conferir, dá jurisdição, e faz válido tudo quanto se obra, não só no foro interno, e voluntario, mas tambem no externo, e contencioso. Assim o testefica o Sapiientissimo Sanches, allegando para isto alguns Textos de hum, e outro Direito, Canónico, e Cesáreo. Sendo pois certo (na supposição, que levamos) que os Gremiães do Capitulo Geral tivêrao erro commum, titulo colorado, e putativo, dado pelos Breves de tão legitimo Superior, como he o Papa; bem se segue, que são válidas as eleições, que se fizêrao, e fazem sempre nos Capitulos Geraes, por virtude da dita Concessão Apostolica. Que tivessem o tal erro, e o dito titulo, para fazerem essas eleições, se prova com evidencia de ignorarem invencivelmente a invalidade dos Breves Pontificios, nem se persuadirem, que a havia nelles; por se não ter controvertido, nem entrado atégora em dúvida na Religião huma tal materia, como esta. Não são logo mais, que huns paralogismos, ou argumentos falsos, e apparentes, os fundamentos, com que o Auêtor adverso pretende provar no seu Papel, não só a nullidade das eleições, mas tambem a obrépção, e subrépção daquelles Indultos Pontificios, por onde ellas se firmárao, e estabelecêrao na Religião. Logo tem commettido nesta parte aquelle grande erro, a que os Douto-

Sanch. de  
Matrim.lib.  
3. disp. 22.  
n. 5.



Anno  
1642.Anno  
1642.

tores merecidamente dão o titulo de temeridade censuravel, e reprehensivel; visto faltarem-lhe as razoes sólidas fundamentaes, e verdadeiras, em que firme, auctorize, e estabeleça a sua Proposição.

271 Nem, para vindicar, ou sustentar esta, lhe val o dizer, que o Capitulo Geral, em ordem ás eleições, não tem mais, que jurisdição delegada, á qual não pôde, nem deve favorecer o erro commun, titulo colorado, e putativo, como sentem alguns Auctores. Não val, digo, esta resposta; porque além de ser a Sentença contraria a mais verdadeira, e a mais commua, como prova Sanches; he falso dizer, que a jurisdição, que os Pontifices, pelos seus Breves Apostólicos, concedem ao Capitulo Geral, para a eleição de todos os Prelados da Ordem, seja delegada. E a razão he; porque aquella jurisdição, que se concede por alguns privilegios com firmeza, e segurança perpetua, não he delegada, senão ordinaria, como afirma, e prova doutissimamente o Padre Frey Manoel Rodriguez, referindo a Glossa, a Bartholo, Baldo; Panormitano, Navarro, e outros. Logo he futil, e sem apparencia de fundamento, ou razão provavel, este primeiro effugio de nosso Adversario.

Roztom. 1  
Question.  
Regular.  
q. 17. art.  
11.

272 Da mesma farinha he o, em que diz, que se aos Padres Gremides do Capitulo Geral, não só na construcção das Leys, mas nas eleições, assistio de alguma forte o erro commun, não fora provavel, inculpavel, e invencivel (como era necessario, que fosse) se não crasso, supino, malicioso, e affectado, que invalida tudo. Esta resposta (como digo) além de ter o mesmo fundamento, que a antecedente, he de mais a mais insolentissima, e contém huma especie de temeridade muito affrontosa, e offensiva a Padres tão religiosos, tão graves, tão doutos, e tão Santos, como forão os, que fizeram as ditas Leys, e eleições no Capitulo Geral; porque julga temeraria, e inofficiosamente, que elles obrarão naquelles Actos Capitulares com má fé, e contra os Breves Pontificios, e suas proprias consciencias. E isto sabendo elles muito bem, como doutos, que erão, que de hum tal procedimento se haviaão de seguir tantos absurdos, e inconvenientes, totalmente destruidores daquella mesma Reforma, cujo esplendor, e observancia



Anno  
1642.

cia procuravaõ adiantar com tão religioso , e incansavel zelo.

273 Mas demos , que essa má fê se achasse em algum , ou Anno  
1642. alguns dos Capitulos Gerdes ( o que ainda isto negamos ) co-

mo he possivel , que a pudesse haver em tantos , quantos se tem celebrado no decurso de sessenta annos , successivamente continuados , assistindo a todos elles os homens mais graves em letras , e Santidade , que teve a Refôrma nos seus primeiros principios ? Por nenhum logô se pôde , nem deve dizer , que as eleiçãoens forão nullas ; ainda no caso , que admittamos na especulação a invalidade dos Breves , pelos motivos , que lhe oppõem o Auçtorda doutrina contraria. Mas antes ( se bem advertirmos ) daqui mesmo se segue humarazaõ terminantissima , para convencer a materia , que vamos impugnando , e discorrendo.

274 He certo ( segundo affirmão Soares , Fagundes , e Lezana ) que , para se prescrever contra qualquer Direito humano positivo , basta o costume de quarenta annos em contrario. E se ha sessenta , que os nossos Capitulos Gerdes fazem as eleiçãoens de todos os Prelados immediatos , como consta da Bulla de Sixto V , em que lhes dá este Pontifice plena , e absoluta jurisdição , para fazerem as ditas eleiçãoens ; que razãõ ha , ou pôde haver , para que hum costume tão diuturno , com bõa fê , titulo colorado , e putativo dos Breves Apostólicos , não tenha prevalecido contra elles ; ainda no caso , que concederamos a sua obrépção , e subrêpção , por não tererem as clausulas , que deseja o Auçtor adversario , para poderem produzir o seu proprio , innato , e legitimo effeito ?

Soar. de Les  
gib. lib. 7.  
Cap. 18, n.  
12. Facund.  
de just. lib.  
2. Cap. 15.  
n. 66. Le-  
zan. in  
Summ.  
verb. Leges  
Regul. n.  
54.

275 Além de què , este costume de eleger os Prelados em Capitulo Geral foy introduzido , sabendo , e consentindo o Papa , de quem depende o valor do Direito positivo Ecclesiastico ; pois vemos , que Sixto V concedeo o Breve para as ditas eleiçãoens , e os seus Successores Clemente VIII , e Paulo V o forão Apostolicamente confirmando por outras Bullas , que fizeraõ expedir para este effeito. Urbano VIII , e Innocencio X indultaraõ tambem a esta nossa Provincia de S. Filippe a faculdade de eleger os seus Prelados no Capitulo Provincial , visto não haver recurso a Castella , por causa da justissima Acclamação do Senhor Rey D. Joaõ o IV de felicissima memoria , sabendo muito bem , que este era o modo  
de

Anno  
1642.D. Thom.  
1. 2. q. 97.  
art. 3. ad 3.  
Soar. de  
Leg. lib. 7.  
Cap. 18. n.  
17.Anno  
1642.

de eleger, que se observava em toda a Reforma, desde que ella se vio constituida em membro separado do Corpo da Religião. Veja-se agora a Santo Thomás, a quem cita, e segue Soares com outros muitos, e achar-se-ha, que, para que o costume introduza Ley contra qualquer Direito positivo (sabendo, e consentindo o Pontifice) basta ainda menos tempo que o de dez annos. Logo, se ha mais de sessenta, que os Summos Pontifices vêm, e consentem, que os nossos Capitulos Gerdes fação as eleiçoens de todos os Prelados da Reforma; como se pôde dizer, que o tal costume não tem prevalecido contra qualquer Direito Commum, ou particular, em que pûderá fundar-se o que presumem ter os Religiosos, para eleger nos seus Conventos com total independencia do Capitulo Geral de toda a Religião. O certo he, que se formos apertando mais este ponto, havemos de achar a Sentença commua dos Doutores, que nos diga, que quando o Pontifice sabe, e consente, que se faça algum acto, que tem impedimento por Direito humano, se presume que seriamente quer dispensar notal impedimento juridico; e que fica valioso tudo, quanto se obrou naquelle particular com só a dissimulação, e taciturnidade do Pontifice. Supposto, pois, a de tantos, no espaço de sessenta annos, em que, sabendo, e callando elles, se tem feito as eleiçoens de todos os Prelados no Capitulo Geral; bem se infere, que foy o seu animo quererem dispensar, e abrogar aquelles mesmos Direitos, que podiaõ invalidar, e obstar ás ditas eleiçoens. E não presumir nos Pontifices este animo, seria aggravo muito injurioso á sua Suprema Authoridade; pois neste caso se lhes imputava o infame desdouro de querer, que fossem nullas todas as eleiçoens; sendo isto em grave detrimento dos bons costumes, e observancia Regular, que depende da legitimidade dos Breves, como tantas, e tão repetidas vezes temos evidenciado em toda esta Apologia.

276 Eis aqui o fundamento da razão, em que firma, e sustenta o Auctor adverso a sua doutrina, levando-a contra a commum torrente dos Doutores mais classicos: por cuja causa merecidamente lhe damos a censura de erro temerario, offensivo dos bons costumes em materia de Religião. Mas, para que vejamos tambem a auctoridade, que tem a dita doutrina, estabelecen-



Anno  
1642.Anno  
1642.

lecendo-se contra a de tantos, e tão graves Theólogos da Reforma ( quaes forão todos aquelles Prelados, que, pelo tempo de sessenta annos, assistirão com voto nos Capitulos Geraes ) repare-se bem nas Cadeiras de Philosophia, e Theologia, em que lêo o Auçtor contrario. Sejaõ testemunhas oculares os seus mesmos Mestres, e Condiscipulos; os quaes dirão certamente todos, que mal soube dispôr hum argumento em forma naquelles oito annos, que estudou nos Collegios. E que este, tão mal instruido na literatura, se atreva, e precipite agora a opinar, e escrever semelhante doutrina contra tantos homens doutos, notando-os ao mesmo tempo de ignorantes, e tão ambiciosos, que usurpaõ para si com violencia, e tyrannia o poder, que não tem, nem lhe fora já mais concedido por Indulto Apostólico? Quem não poderá julgar, á vista de huma impostura tão calumniosa, que he nimiamente atrevido, e a sua doutrina sobre todo o encarecimento temeraria? pois em materia tão grave, e tão séria, e sem fundamento algum da razão, nem auçtoridade, que mereça este nome, se apárta do commun sentimento da Religião, e de todos os homens sabios, Santos, e zelosos, que por espaço de sessenta annos houve em nossa Sagrada Reforma. Santo Thomás affirma, que a temeridade nasce da soberba; porque com ella deixa hum de se governar pela razão, por se guiar pelo appetite, desprezando aquella louvavel sujeição, que se ha de ter ás Sentenças, e pareceres dos nossos Mayores, que devemos respeitar, como a Oráculos. E acha-se este respeito no Auçtor contrario? Nada menos se acha; porque levado da sua grande paixão, e desprezando vilmente os diçtames Santos, e prudentissimos sentimentos do Commun da Religião, e seus Primitivos Padres, se atreveo este filho abortivo a publicar contra elles huma tal doutrina, que por isso mesmo, que he destituída de fundamentos sólidos, e daquella auçtoridade, que devia ser sufficiente, para concluir em materia tão grave, não pôde fugir á censura de temeraria, e á de

D. Thom. 2.  
2. q. 33. art.  
3. ad 2.

Erro escandaloso.

277 Depois de suppôr o Exímio Soares, que a proposição, ou doutrina escandalosa he aquella, que põem ao proximo em

Soar. de Fid.  
lib. 1. disp.  
19. n. 19.

occa-



Anno  
1642.Anno  
1642.

ocasião de ruina espirital, accrescenta, que pôde dar-se este escandalo na materia de todas as virtudes. Isto supposto, facilmente se deixa ver, quão escandalosa seja a doutrina do Papel, que impugnamos; pois por ella, quanto he de si, aparta o Auçtor aos Religiosos daquelle respeito, e veneração, que devem ter aos seus Prelados, e Legisladores, dizendo delles, que são, e forão ambiciosos, por arrogarem a si o poder, que lhes não competia: que fizeraõ Leys injustas, e irracionaveis, sendo tudo huma mera impostura, e evidente falsidade, como temos mostrado atéqui. Alem disto, aparta tambem aos mesmos Religiosos da estimação, e observancia das Leys, que professáraõ; pois diz, que não são legitimas, e verdadeiras, senão hum aggregado de violencias, executadas contra toda a razão, e prudencia, tão necessaria no estabelecimento das mesmas Leys. Aparta finalmente, e destrõe toda a observancia Regular da Reforma; pois quer, e pretende persuadir a todos os Religiosos filhos seus, que o governo immediato dos Prelados não he legitimo governo: e que por isso não obrigaõ os seus preceitos, nem são válidas as profissoens. E o que mais he para escandalizar, que se attribue, com muito fundamento, ao Auçtor desta doutrina a que se tem divulgado pela Religião: Que se hum Religioso fugir della, não he verdadeiramente Apóstata, nem incorre realmente na Excommunhaõ, que contra os taes se tem fulminado pelos Cânones, e Constituiçoens Apostólicas. Que dictame, pois, e que doutrina mais escandalosa, e de mayor ruina espirital para os Religiosos, do que esta?

278 Mas demos, que por huns taes motivos não fosse a dita doutrina escandalosa: quem duvida, que ainda neste caso, negado, bastava só o dizer, como diz, que os Prelados immediatos não são verdadeiros, para que merecesse a censura de escandalosissima? O erro commum, e titulo colorádo, he provavel, que só dá jurisdição a respeito daquelles Subditos, que ignoraõ a nullidade do tal titulo, como tem a Glossa, Navarro, Silvestre, e outros muitos Doutores. E se os que assentarem nesta probabilidade, pertendida pelo Auçtor contrario, e quizerem persuadir-se com elle, que os Prelados immediatos da Religião não são verdadeiros Prelados; he certo, que

Glos. Cap.  
ad proband.  
de Sent. &  
rejudic. Na-  
vat. in Sum.  
Cap. 9. Sil-  
vestr. verb.  
Confessor.  
1. q. 28. n.  
25.

Anno  
1642.Anno  
1642.

que tambem teráõ por provavel , que os taes não tem jurisdição alguma sobre elles , e consequentemente , que os não obrigão os seus preceitos , e obediencias , nem he válida cousa alguma do seu governo. E que materia mais prejudicial para a Refórma ? Que mayor ruina espiritual para os Religiosos della ? Que escandalo para os seculares , que tiverem noticia desta divisaõ , ou diversidade de pareceres ? E ainda no foro externo ( conforme a mesma doutrina ) poderão os Subditos pôr excepçoens aos seus Prelados immediatos , de que não podem castigar-lhes os excessos , por falta de jurisdição competente , para esse effeito. E que mayor confusaõ ? Tudo seriaõ embarços ; tudo desordens ; tudo perturbaçoens ; tudo Babylonias ; tudo hum inferno. E á vista destes absurdos , e inconvenientes , tão contrarios á paz , e uniaõ Religiosa , quem duvidará , que a doutrina , que os causa , merece justissimamente a censura de escandalosa ? He escandalosissima , e ainda provaremos , que he

Erro Schismático em materia de Religiaõ.

279 Ainda que o Schisma , propriamente fallando , se verifique sòmente daquella , que divide os membros do Corpo da Universal Igreja entre si , e a sua Cabeça , que he o Papa ; tambem he certo , que se pôde dár ( posto , que com menos propriedade ) em o que , com a sua doutrina , divide os de alguma particular Congregaçaõ , e os sepára daquella louvavel uniformidade , e bõa harmonia , que devem ter com a Cabeça , que os domina , e governa , por virtude da sua Superioridade. Assim o ensina com o Angélico Doutor o Exímio Soares , trazendo em confirmaçaõ aquelle lugar de S. Paulo aos de Corinto: Et non sint in vobis Schismata. Appliquemos agora esta doutrina á presente , que censuramos , e ver-se-ha , como lhe vem de molde a censura de Schismatica , em materia de Religiaõ. He sem dúvida , que , ou se considere a uniaõ em respeito da que deve ter o Convento , e os Religiosos delle com o seu Prelado immediato ; ou se tome naquelle sentido , em que a Religiaõ toda deve estar unida com os Prelados Superiores ; sempre se verifica , que em ambas as consideraçoens he a doutrina contraria causadora de divisaõ , e verdadeiro Schisma.

Soar. de Fid.  
tract. de cha-  
rit. disp. 12.  
Sect. 1. n. 9.

Anno 1642. 280 Em quanto ao primeiro sentido , consta com toda a evidencia ; pois huma , e muitas vezes affirma o Auçtor ad- Anno 1642. verso , que o Prelado immediato não he verdadeiro Prelado , nem legitima Cabeça do seu Convento. Nelle he certo , que ha muitos Religiosos ( e são os mais ) que tem esta doutrina por verdadeiramente falsa , e ha outros tambem , que a tem na realidade por verdadeira. Eis-aqui divididos os membros entre si , e da sua Cabeça , qual he o Prelado immediato ; e pelo consequente hum real , e verdadeiro Schisma. E a razão he ; porque se o Schisma , com toda a propriedade em materia de Fé , se dá naquelles , que não tem , nem julgaõ ao Papa por Vigario de Christo na terra , e Cabeça visivel da Igreja ; e com esta falsa crença se apartaõ , e dividem della , e dos verdadeiros fieis , que crêm , e confessão o contrario ; tambem se pôde , e deve dizer , que em materia de Religião se- rá Schismatico na realidade o que se divide , e se aparta da sua Cabeça ( qual he o Prelado local ) com a falsa apprehensão , de que o não he legitimamente seu : e juntamente se aparta de todos aquelles fieis Religiosos , que com a sua doutrina da Religião , e obsequioso respeito ás suas Leys , veneraõ , e reconhecem o Prelado immediato por sua legitima Cabeça , que domina , governa , e ordena todas aquellas operaçoens , que lhe sujeitáraõ pela profissão. Verificando-se , pois , tudo isto no Auçtor , que tem semeado esta Cizania na Religião com a sua falsa doutrina ; bem se pôde dizer , que he Schismatica , como causadora , que he , de tantas divisoens , e discordias , quantos são os Conventos , que ha na Reforma ; porque a todos vay contaminando funesta , e lastimosamente com esta sua pestilencial , e contagiosa infecção.

281 Tambem no segundo sentido he Schismatica a dita doutrina , e ainda mais pernicioso , que no primeiro , pelos mayores , e mais irreparaveis damnos , que causa no Corpõ da Religião , destruindo , e despedaçando o bem Commum della com a desunião , que pertende introduzir em todos os membros , e as suas Supremas Cabeças ; pois diz , que não ha verdadeiros Prelados Superiores : que não ha Capitulo Geral verdadeiro , nem verdadeiras Leys , que são as ligaduras da Religião : em fim outros , muitos absurdos , que affirma , e se se- guem